

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**Mulheres atletas da potencialização muscular e a
construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo**

Angelita Alice Jaeger

**Porto Alegre
2009**



Angelita Alice Jaeger

Mulheres atletas da potencialização muscular e a
construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo

Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora:
Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre
2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE

J22m Jaeger, Angelita Alice

Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo. / Angelita Alice Jaeger. - Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

237 f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2009.

1. Fisiculturismo. 2. Mulheres. 3. Corpo. 4. Gênero. I. Título. II. Goellner, Silvana Vilodre, orientadora.

CDU: 159.937.5

Angelita Alice Jaeger

Mulheres atletas da potencialização muscular e a
construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Paula Botelho Gomes (FCD/UP)

Profa. Dra. Dagmar Esterman Meyer (PPGE/UFRGS)

Prof. Dr. Alex Branco Fraga (PPGCMH/UFRGS)

Profa. Dra. Maria Simone Schwengber (EF/UNIJUÍ)

Orientadora – Profa Dra. Silvana Vilodre Goellner (PPGCMH/UFRGS)

Dedico esta tese ao Mariano Simonetti,
que viveu comigo cada detalhe da sua produção,
apoiando-me antes mesmo de eu ingressar no doutoramento, e que,
no trajeto, partilhou comigo todas as delícias e agruras das escolhas que fiz.
Para você, o meu agradecimento e amor!

Agradecimentos

À orientadora e querida amiga Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner, pela acolhida intelectual, cultural e afetiva com que me recebeu nestes quatro anos, por confiar nas minhas possibilidades, me deixar caminhar livremente e também por me apresentar um modo instigante e criativo de pensar, pesquisar e escrever. Fico muito orgulhosa e sou profundamente grata por ter sido sua orientanda e por termos partilhado tantos momentos alegres e inesquecíveis. Espero que continuemos a repeti-los e renová-los frequentemente.

Às professoras Dra. Paula Botelho Gomes e Dra. Paula Silva, pela atenção e o carinho com que me receberam em Portugal. Quero que saibam que esse período que passei na Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade do Porto foi a experiência mais marcante da minha vida. Certamente, o vínculo de estudos e amizades não se encerrou naquele período, e o considero apenas como um ponto de partida para futuras parcerias e aprendizagens.

Às Professoras Dra. Paula Botelho Gomes, Dra. Dagmar E. Meyer, Dra. Simone Schwengber e ao Prof. Dr. Alex Branco Fraga, por aceitarem participar da análise desta tese, sobretudo, à Dagmar e ao Alex, pelas respeitosas, oportunas e criativas contribuições quando da qualificação do projeto.

Aos colegas do grupo de estudos do GRECCO, em especial, à querida amiga Márcia, pelas inúmeras conversações em caminhadas, telefonemas, jantares e vinhos, quando misturávamos a tese e a vida.

Aos/às meus/minhas colegas do Departamento de Métodos e Técnicas Desportivas do CEFD/UFSM, por apoiarem e aprovarem o meu afastamento das atividades docentes, especialmente, à Universidade Federal de Santa Maria, que me concedeu bolsa de estudos para qualificação, e à CAPES, que me apoiou financeiramente para eu fazer um Estágio de Doutorado no Exterior.

À atleta Silvia Finocchi, que gentilmente aceitou ser entrevistada, disponibilizando-me informações e registros de sua experiência que foram centrais nesta pesquisa.

À Lene Belon, que fez uma criteriosa correção e adequação gramatical desta investigação.

Às amigas, amigos e, sobretudo, às famílias Jaeger e Simonetti, que me acompanharam neste período, acolhendo-me com afeto e incentivando-me a conviver, ainda que temporariamente, com a quase insuportável solidão que a escrita de uma tese exige.

Não considero necessário saber exatamente quem sou. O que constitui o interesse principal da vida e do trabalho é o que eles lhe permitem tornar-se algo diferente do que você era no início.

Se, ao começar um livro, você já soubesse o que irá dizer no final, acredita que teria coragem de escrevê-lo? O que vale para a escrita e a relação amorosa, vale também para a vida. Só vale a pena na medida em que se ignora como terminará.

(Michel Foucault, 2004).

RESUMO

A vertente feminina do fisiculturismo despontou nos anos 1980. Desde aquela época, vem se constituindo, afirmando e atualizando a produção dessa modalidade, que se multiplica e se reinventa para manter-se viva e pulsante no campo esportivo. Instrumentalizada pelos Estudos Feministas, Estudos de Gênero e Estudos Culturais, interessou-me analisar discursos produzidos no interior do fisiculturismo acerca da produção dos corpos das atletas, atentando para as representações construídas sobre suas arquiteturas corporais. A fim de concretizar esta investigação, produzi fontes de pesquisa na forma de textos e imagens colhidos em diferentes artefatos culturais, analisando-os inspirada na perspectiva proposta pela análise de discurso foucaultiana. Assim, aponto no passado e no presente as condições de emergência do músculo espetáculo, assinalando a posição de sujeito ocupada pelas mulheres nesse cenário. Analiso discursos que produziram conexões entre a matematização do músculo e os ajustes produzidos entre os corpos femininos e o campo esportivo, apontando as diferentes arquiteturas corporais buscadas nessas disputas, nas quatro modalidades que compõem o fisiculturismo feminino, a saber: *physique/culturismo*, *figure/body fitness*, *fitness/miss fitness*, *toned figure/wellness*. Destaco os modos como as atletas gerenciam o seu cotidiano para marcar nos seus corpos as exigências desse esporte, descrevendo as formas de exhibir os corpos femininos nas competições. Por fim, examino o forte investimento que as atletas fazem para representar em seus corpos uma dada feminilidade e indico que seus corpos produzem feminilidades no plural. Produzir essa escultura de enunciados e organizá-los de modo a fazer sentido e ter certa coerência foi para mim o grande desafio desta tese.

ABSTRACT

Bodybuilding emerged in the 80's, and since then the production of this modality has been constituted, affirmed, and updated. It has both multiplied and reinvented itself to keep alive and pulsing in the sports field. Using tools from Feminist Studies, Gender Studies and Cultural Studies, I have been interested in analyzing discourses produced in bodybuilding about the production of bodies of female athletes, regarding the representations constructed about their body architectures. In order to do so, I have produced research sources in the form of texts and images collected from different cultural artifacts, analyzing them according to the Foucauldian discourse analysis. I have pointed out, both in the past and in the present, the conditions of emergence of “show” muscles, highlighting the subject position occupied by women in this scenery. I have analyzed discourses that have produced connections between the measurement of muscles and the adjustments produced between female bodies and the sports field, pointing out different body architectures desired in those competitions, in four modalities: physique, figure/body fitness, fitness/miss fitness, and toned figure/wellness. I have also highlighted the way the athletes manage their daily lives to signal in their bodies the sport requirements, describing the ways female bodies are shown in the competitions. I have examined the great investments made by athletes to represent certain femininity in their bodies, and I have pointed out that these bodies produce multiple femininities. Producing this sculpture of utterances and organizing them so that they can make sense and have certain coherence has been the great challenge of this thesis.

Lista de Imagens

Imagem 1 - Cathy LeFrancais – capa.....	x
Imagens 2 – Capas de livros fontes de pesquisa.....	53
Imagens 3 – Capas de livros fontes de pesquisa.....	54
Imagem 4 – Capa de revista fonte de pesquisa.....	56
Imagens 5 – Capas de revistas fontes de pesquisa.....	58
Imagem 6 – <i>Site</i> fonte de pesquisa.....	63
Imagem 7 - <i>Site</i> de Andréa Carvalho.....	64
Imagem 8 - Karla Nelsen e Joanne Lee.....	69
Imagens 9 - Sandwina (esquerda) e Vulcana (direita).....	74
Imagem 10 – Frank Zane, Christine Zane e Arnold Schwarzenegger.....	78
Imagem 11 - Hippolyte Triat.....	80
Imagens 12 – Frank Saldo: autor e obra.....	81
Imagem 13 – Eugene Sandow.....	84
Imagem 14 - Lysa Lion.....	87
Imagem 15 - Cláudia Francis.....	89
Imagem 16 - Andréa Carvalho.....	89
Imagem 17 - Rachel McLinsh em 1980.....	93
Imagem 18 - Íris Kyle - Ms. Olympia de 2008.....	93
Imagem 19 - Cory Everson.....	99
Imagem 20 - Bev Francis.....	102
Imagem 21 - Lenda Murray.....	105
Imagem 22 – 20% less 100% BETTER.....	108
Imagem 23 - Andréa Carvalho 2005.....	110
Imagem 24 - Andréa Carvalho 2007.....	110
Imagem 25 - Ângela Debatin.....	116
Imagem 26 - Larissa Cunha.....	116
Imagem 27 - Silvia Finocchi.....	122
Imagem 28 - Juliana Malacarne.....	122
Imagem 29 - Loana Muttoni.....	127

Imagem 30 - Gal Ferreira.....	127
Imagem 31 - Agatha Fernandes	131
Imagem 32 - Renata Guaraciaba.....	131
Imagens 33 - Juliana Malacarne em período de férias e em competição.....	135
Imagens 34 - Sessões de treinamento de Juliana Malacarne.....	137
Imagem 35 – Registro de um momento da preparação de Cláudia Peçanha.....	147
Imagens 36 - Claudia Peçanha em diferentes fases do treinamento.....	150
Imagens 37 - Silvia Finocchi em momento de sessão de treinamento.....	151
Imagem 38 - Andréa Carvalho.....	159
Imagem 39 - Silvia Finocchi.....	165
Imagem 40 - Andréa Carvalho.....	165
Imagem 41 - Campeonato da NABBA/Internacional na categoria Figure II.....	174
Imagens 42 – As fases do quarto de voltas.....	180
Imagens 43 – Ângela Debatin exibindo a teatralização das gestualidades.....	186
Imagens 44 - Andréa Carvalho exibindo-se em diferentes campeonatos.....	191
Imagens 45 – Exibição da coreografia de Loana Muttoni.....	194
Imagem 46 - Loana Muttoni.....	199
Imagem 47 - Silvia Finocchi.....	199
Imagem 48 - Luciane Vieira, Flavia Crissos e Andréa Carvalho.....	201
Imagem 49 - Exibição das atletas da modalidade <i>wellness</i>	203
Imagem 50 - Larissa Cunha – disputando campeonato mundial.....	204
Imagem 51 - Iara, Patrícia, Renata e Roberta.....	204
Imagem 52 - Diana Monteiro – Preparando-se para um campeonato.....	209
Imagens 53 – Os cuidados com a maquiagem das atletas.....	210
Imagens 54 – A produção dos cabelos das atletas.....	212
Imagens 55 - Silvia Finocchi e o investimento na tonalização do corpo.....	214
Imagem 56 – A tonalização dos corpos de Larissa Reis e Juliana Malacarne.....	214
Imagens 57 – A preparação das unhas das atletas.....	215
Imagem 58 – Os adereços utilizados por Cathy LeFrancais e Betty Adkins.....	216
Imagens 59 – O requinte dos trajes utilizados pelas atletas para a exibição	218
Imagens 60 - Tatuagens que marcam os corpos de algumas atletas.....	221
Imagens 61 – As gestualidades utilizadas pelas atletas na exibição.....	223

SUMÁRIO

1. A constituição do estudo	10
1.1.Prólogo.....	11
1.2.As conversações entre textos e imagens e a constituição do objeto de estudo.....	13
1.3.Os desassossegadores modos de olhar a pesquisa.....	23
1.4.Na transversalidade dos discursos e das representações.....	26
1.5.Imbricações entre gênero, corpo e esporte.....	34
1.6.Rachando palavras e imagens para fazer ver o enunciável e o visível.....	44
1.7.A produção das fontes de pesquisa.....	49
2.Uma escultura de enunciados sobre a potencialização muscular feminina no fisiculturismo	67
2.1.A espetacularização da potencialização muscular.....	68
2.2.A matematização do músculo e os ajustamentos entre corpo e esporte.....	92
2.3.As arquiteturas corporais.....	115
2.4.O gerenciamento cotidiano do corpo.....	136
2.5.A teatralização das gestualidades.....	173
2.6.As feminilidades produzidas no fisiculturismo.....	203
2.7. Epílogo	226
3. Referências	228

1. A constituição do estudo

1.1 Prólogo

Os corpos são gestualidades conformadas e transgressoras, cuja educação integra a construção do humano. Atravessam tempos e culturas, movimentam o imaginário e fazem pulsar diferentes rituais e simbologias. Revelam o tempo onde foram produzidos, reconstróem o passado da mesma maneira com que projetam o futuro (Silvana Goellner¹, 2008, p. 01).

A emergência do fisiculturismo possui uma história marcada por invisibilidades, suspeições, disputas e tensões que o constituem como um esporte amado, admirado e desejado, mas também rejeitado, ignorado e excluído. Culturalmente e socialmente distante dos louros olímpicos e dos lugares nobres - embora diferentes investidas tenham sido empreendidas para inseri-lo nesses espaços -, o fisiculturismo cria estratégias de visibilidade², se multiplica e se reinventa para manter-se vivo e pulsante no campo esportivo. Este é uma instância que, cada vez mais, se vale da tecnologia para produzir e visibilizar em escala global mais um fascinante espetáculo, do qual o próprio fisiculturismo ainda não conseguiu autorização para participar. Nesse contexto, desponta, nos anos de 1980, a vertente feminina desse esporte, que desde aquela época vem se constituindo, se afirmando e atualizando a produção do próprio campo esportivo. Considerando essas questões, organizei esta tese em dois eixos, assim constituídos:

No primeiro eixo, apresento a “A Constituição do Estudo”, assinalando que as atletas da potencialização muscular romperam e rompem determinadas fronteiras culturais, adentram em um espaço esportivo marcadamente masculino e aí disputam competições em que o volume, a definição e a simetria muscular dos seus corpos são avaliados, assim como nas competições masculinas. Instrumentalizada pelos Estudos Feministas, Estudos de Gênero e pelos Estudos Culturais, interessou-me analisar discursos produzidos no interior do fisiculturismo acerca da produção dos corpos das atletas, atentando para as representações construídas sobre as suas arquiteturas corporais. A fim de concretizar esta investigação, produzi fontes de pesquisa na forma de textos e imagens colhidos em diferentes artefatos

¹ Sempre que um/a autor/a for citado/a pela primeira vez no texto, utilizarei o seu nome completo, com o propósito de marcar politicamente a sua inscrição no trabalho, visto que as normas da ABNT não visibilizam o lugar que o/a autor/a assume na ordem do gênero. Essa estratégia foi utilizada por Márcia Luiza Figueira (2008) e Maria Simone Schwengber (2006) em suas teses de doutoramento, a quem peço licença para incorporá-la ao meu trabalho.

² Exemplo disso são as inúmeras páginas pessoais dos/as atletas, sua participação em comunidades virtuais e o alimento diário dos *sites* da Federação e Confederação, com direito à transmissão de competições internacionais.

culturais, analisando-os inspirada na perspectiva proposta pela análise de discurso foucaultiana.

O segundo eixo, “Uma escultura de enunciados³ sobre a potencialização muscular feminina no fisiculturismo”, está constituído de acordo com o meu modo de olhar para as fontes, atravessado pelas condições de possibilidade que me permitiram ver algumas coisas e outras não, rachando algumas palavras e imagens para delas extrair o enunciável e o visível. A partir de cintilações e reverberações, foi possível produzir as formações discursivas que me possibilitaram falar sobre a inserção das mulheres em um esporte no qual os homens são maioria. Examinando os discursos que produzem e são produzidos no fisiculturismo, atentei para o modo como operam esses discursos na produção dos corpos das atletas da potencialização muscular e para as representações que marcam as suas distintas arquiteturas corporais.

Aponto, no passado e no presente, as condições de emergência do músculo espetáculo, assinalando a posição de sujeito ocupada pelas mulheres nesse cenário. Analiso discursos que produziram conexões entre a matematização do músculo e os ajustes produzidos entre os corpos femininos e o campo esportivo, apontando para as diferentes arquiteturas corporais que advêm dessas disputas e resultam nas quatro modalidades que compõem o esporte, a saber: *physique/culturismo*, *figure/body fitness*, *fitness/miss fitness*, *toned figure/wellness*. Destaco os modos que as atletas gerenciam o seu cotidiano para marcar nos seus corpos as exigências desse esporte e narro os modos de exhibir os corpos femininos nas competições. Por fim, examino o forte investimento que as atletas fazem para representar em seus corpos uma dada feminilidade e indico que seus corpos produzem feminilidades no plural. Produzir essa escultura de enunciados e organizá-los de modo a fazer sentido e ter certa coerência foram para mim os grandes desafios desta tese.

Sugiro às/aos leitoras/es que mergulhem no texto, deixando-se capturar por aquilo que vi e li nas imagens e palavras sobre as quais me debrucei, produzindo um discurso marcado pelo meu modo de olhar, entre tantos outros possíveis, ou que se deixem interpelar somente pelos fragmentos de dizibilidades e de visibilidades que colhi nas fontes de pesquisa e cuidadosamente reproduzi neste trabalho. Produza você, leitora ou leitor, as suas próprias conversações e faça emergir um novo discurso, que pode ser feito apenas de imagens, a partir

³ A ideia de produzir uma escultura de enunciados emergiu em meio à leitura que fiz de um dos estudos de Gilles Deleuze (2006) sobre as noções do visível e do enunciável produzidas por Michel Foucault no livro *Arqueologias do Saber*. Pensar numa escultura de enunciados representou, para mim, seguir pequenas pistas e vestígios deixados em discursos, observando como as visibilidades e as dizibilidades se atraíam em torno de determinados sentidos, como indicavam regularidades, afirmavam significados e sugeriam dissonâncias.

das palavras ou dessas misturas, em torno da constituição das mulheres atletas da potencialização muscular.

1.2 As conversações entre textos e imagens e a constituição do objeto de estudo

[...] ao escrever e ao pensar, nos separamos de nós mesmos, de nossas origens, de nossas heranças, morremos um pouco; nesse mesmo instante, aparecemos, damos a ver, colocamos fugidia luz sobre algo que nos preocupa, sobre algo que dói em nossa época, sobre algo que é belo nestes tempos e paragens e talvez não esteja sendo suficientemente dito (Rosa Maria Bueno Fischer, 2005, p. 131).

A ideia de escrever sobre algo que “dói”, seja “belo” e não tenha sido “suficientemente dito” é fascinante e pareceu-me pertinente para situar a constituição do corpo como meu objeto de estudo, tema que ocupa lugar central nas minhas preocupações há mais ou menos duas décadas. Nesse tempo, participei academicamente das discussões que foram travadas em torno do corpo e experimentei pessoalmente algumas das prescrições investidas sobre ele.

Embora não seja minha intenção alcançar a origem dos meus investimentos no corpo, creio ser importante, neste momento, registrar algum ponto que tenha marcado de maneira indelével o meu emaranhado de lembranças por ele protagonizado. Em meio a diferentes fragmentos, lampejos e emoções, o instantâneo mais vivo que guardo comigo é o de um pequeno texto⁴ sobre o corpo que escrevi no início dos anos 1990. Esse episódio marcou a minha memória, e aquele tempo produziu um desejo, uma paixão e uma escolha: estudar a temática do corpo. É a isso que tenho me dedicado desde então⁵.

⁴Trabalho realizado no curso de Licenciatura em Educação Física, intitulado “O (des)conhecimento do corpo”. Ao mencionar essa remota lembrança, não pretendo chegar às origens de meu interesse nos estudos do corpo, mas sim registrar um evento que marcou e, de algum modo, constituiu e constitui desde então os meus interesses acadêmicos.

⁵ Em 1997, defendi a dissertação de Mestrado intitulada *Representações corporais de crianças e de adolescentes em situação de rua*. Na última década, orientei investigações que analisavam diferentes corpos. Estes são alguns dos trabalhos: a) Representações de gênero que constroem os corpos das meninas do Lar de Joaquina (2006); b) Produção científica e representações sociais de corpo: reflexões a partir da *Revista Kinesis* (2006); c) Representações sociais de corpos de adolescentes em conflito com a lei (2004); d) “Vivemos num mundo diferente”: reflexões acerca da corporeidade das crianças e dos adolescentes em situação de rua (2002); e) Dançando a corporeidade da criança com Síndrome de Down (2002); f) A representação de pais e mães sobre a corporeidade do filho com Síndrome de Down (2001).

Outro momento marcante e diretamente envolvido com a produção desta tese aconteceu quando cursei disciplinas⁶ que entendiam ser o corpo uma construção, um projeto inacabado e suscetível às diferentes inscrições do tempo e do lugar em que se constituía. Essa perspectiva me pareceu ousada e instigante. Ousada porque falava na produção situada de corpos que assumiam a provisoriedade e a mutabilidade como traços protagonistas da sua constituição. Instigante porque permitia rejeitar a fixidez, as certezas e as verdades científicas tão apregoadas na ciência moderna, acolhendo as dúvidas e a inquietude comuns aos estudos acadêmicos.

Naquelas aulas, fui capturada pelas infinitas possibilidades de pensar o corpo como uma construção social, cultural, histórica e política incompleta, como um construto em que, quanto mais se investe, mais distante sua perfeição se mostra. Inscreve-se nessa perspectiva a impossibilidade de ignorar que “a instabilidade e a transitoriedade se transformaram em marcas do nosso tempo”, como propõe Guacira Louro (2003, p. 41), e que, por isso mesmo, aparecem gravadas nos próprios corpos. Afinal, como ensina Goellner (2003b), a provisoriedade e a mutabilidade marcam os corpos e fazem deles um registro cultural e histórico de cada sociedade, denotando os discursos e as representações que os constituem e que são por eles constituídos.

Esse modo de olhar e compreender os corpos acena para novas possibilidades de estudos e reflexões, conduzindo os meus interesses e olhares para corpos sobre os quais eu ainda não havia me dedicado a estudar, a pensar e a analisar. Foi nesse contexto que passei a me interessar pela produção dos corpos femininos. Os escritos de Carmen Soares (2002, 2003, 2005), Silvana Goellner (2001, 2003, 2004) e Denise Sant’anna (2000, 2001, 2003) acentuaram minhas inquietações, acenando para diferentes e múltiplos corpos, dando a impressão de que “o conhecimento do corpo é infundável, e os que buscam apreendê-lo têm a impressão de caminhar sempre no escuro” (Dagonet apud Sant’anna, 2001, p.79).

Esse referencial ajudou-me a entender que “um corpo não é apenas um corpo”, (Goellner, 2003b, p. 29), ou seja, um corpo não é só aquilo que dele aprendemos em desbotadas aulas de ciências, onde “cabeça”, “tronco” e “membros” eram termos chamados para naturalizá-lo e inscrevê-lo nos códigos da biologia. Muito mais do que isso, acentua a autora, “não são as semelhanças biológicas que definem o corpo, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem”. A possibilidade de pensar, entender e

⁶ As disciplinas foram ministradas pela Prof^ª Silvana Goellner. No primeiro semestre de 2004, cursei “História do Corpo” e, no segundo, fiz um “Seminário Avançado Sobre o Corpo”. O conjunto de textos que estudamos impactou profundamente no meu modo de ver, pensar e escrever sobre o corpo. Dentre esses textos, destaco “A produção cultural do corpo” (Goellner, 2003) como um dos mais marcantes.

estudar o corpo não como um dado exclusivamente biológico, mas como uma construção situada num tempo e espaço, produzida em meio a diferentes interesses me capturou. Interpelada pelos estudos do corpo e mergulhada em discussões e pensamentos, recolhi ideias e fragmentos dos temas que discutíamos em aula e elaborei um projeto intitulado “Corpos Femininos: da sombra à visibilidade”, com o qual ingressei no doutoramento, momento em que academicamente esta tese passa a ser gestada.

As leituras, discussões e reflexões sobre a temática do corpo foram movimentadas nas disciplinas que cursei no Programa de Pós-Graduação em Educação⁷, onde uma aproximação dos Estudos Feministas e dos Estudos de Gênero, discutidos na perspectiva pós-estruturalista, constituiu-se em motivação suficientemente provocativa para abrir diversas e diferentes portas, lançando novos modos de olhar ao tema que eu me propunha a estudar. Além disso, um grupo de estudos⁸ de que participei na Escola de Educação Física, constituído a partir da estruturação de uma linha temática dedicada a estudar a “generificação dos corpos no esporte”⁹, foi outro espaço produtivo para minhas reflexões. Esses foram lugares de desestabilização das ideias, da emergência de novas problemáticas, da aprendizagem de outros modos de ver, pensar e pesquisar.

Ao participar das aulas e discussões nesses diferentes espaços, aprendi que a elaboração de um projeto de pesquisa implica, como aponta Marisa Vorraber Costa (2005, p. 200), sobretudo, “perder-se, embrenhar-se em tramas e teias de pensamento que, ao invés de nos indicarem rotas seguras, capturam-nos e enleiam-nos em circuitos aparentemente inescapáveis”. Interpelada e seduzida pelas teorias e autores que apóiam as perspectivas discutidas naqueles espaços, percebi que a movimentação que eu fazia de livro em livro, de texto em texto, de autor em autor, exigia intensos mergulhos num aporte teórico que, para mim, ainda era novo e desafiador. Simultaneamente, fascinava-me e amedrontava-me a imperiosa necessidade de colocar em funcionamento uma outra “máquina de pensar, de significar, de analisar, de desejar, de atribuir e produzir sentidos, de interrogar em que sentido há sentidos” (Sandra Corazza, 2002, p. 111). Nessa ambiência turbulenta, os estudos do corpo e os estudos de gênero inspirados na perspectiva pós-estruturalista constituíam a ancoragem

⁷ Cursei três disciplinas que foram imprescindíveis aos modos de olhar que inscrevo nesta tese: (1) Discutindo a fabricação do corpo e a regulamentação da vida a partir dos estudos do Michel Foucault; (2) Corpo, Saúde e Educação: olhares desde os estudos de gênero e culturais; (3) Pesquisas pós-estruturalistas em Educação e Saúde: olhar metodológico.

⁸ GRECCO - Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo, organizado pela Prof^a. Silvana Goellner e Alex Fraga, discutindo, entre outros temas, “A generificação dos corpos nas práticas corporais e esportivizadas”.

⁹ Projeto de pesquisa que congrega as investigações desenvolvidas no mestrado e no doutorado, orientados pela Prof^a Silvana Goellner no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

em que me apoiava; desse lugar, investia na produção de um objeto de estudo centrado nos “corpos, gênero, mulheres e esporte”, inclinandome a investigar a potencialização muscular feminina.

Reverberava em mim o alerta expresso por Dagmar Meyer (2006): “as nossas escolhas não são fortuitas, pois nada é escolhido impunemente”¹⁰. Essas palavras produziram ecos no trabalho sobre o qual me debruçava, levando-me a perguntar por que, entre tantas questões possíveis, me interessava estudar a constituição das atletas da potencialização muscular. Embora seja difícil precisar quando comecei a olhar com mais atenção para essa temática, lembro que uma das primeiras vezes em que fiquei inquieta com os corpos musculosos femininos foi ainda em 2004, quando, ao ministrar aula¹¹ em que discutia representações de corpo, levei aos/as alunos/as algumas imagens de homens e mulheres em que se evidenciava a multiplicidade dos seus corpos. Algumas das imagens inquietavam-me pela singularidade do volume muscular dos corpos potencializados. O espanto, o desconforto e a admiração tomaram conta dos/as alunos/as também, e o som que sobrevinha das suas discussões convergia para a ideia de que aqueles corpos musculosos não pareciam naturais; sobretudo, os corpos femininos incomodavam, visto que não pareciam ser corpos de mulheres. Os contornos volumosos dos corpos masculinos também produziam desassossego, porém o tom das manifestações era de admiração, enquanto que os corpos das mulheres produziam rejeição.

Passado algum tempo, em meio às leituras e reflexões sobre mulheres e esportes na perspectiva dos Estudos de Gênero, emergiu a discussão sobre o lugar ocupado no esporte por essas mulheres que investem na potencialização muscular. Encontrei em Silvana Goellner e Alex Fraga (2004) uma instigante discussão sobre as mulheres que permanecem nas zonas de sombra no campo esportivo. Argumentavam que, em diferentes momentos, muitas mulheres foram invisibilizadas nos registros históricos das práticas corporais e esportivas, exemplificando essa situação ao apresentar Sandwina, uma mulher que vivia da exposição da sua força muscular nos primeiros anos do século XX. Naquela época, tornou-se conhecida ao superar Eugene Sandow, o homem mais forte do mundo, em um desafio de força, levantando sobre sua cabeça um peso de 300 libras. Apesar da vitória, Sandwina obteve pouco reconhecimento, e muitos vestígios da sua presença foram apagados ou silenciados em

¹⁰ Anotação de uma fala de Dagmar Meyer, proferida na arguição do projeto de dissertação de Priscila Gomes Dornelles (2006).

¹¹ Aulas de Antropologia do Movimento, ministradas por mim no curso de Licenciatura em Educação Física, no Centro de Educação Física e Desportos, na Universidade Federal de Santa Maria.

registros históricos, o que não aconteceu com Sandow¹². Apontam a autora e o autor que corpos como o de Sandwina são deixados nas zonas de sombra porque “são considerados desviantes do que se queria naturalizar como inerente ao feminino. [São corpos que] desestabilizam as imagens construídas para estabilizar e assegurar um jeito feminino de ser e se comportar” (p. 80).

Seduzida por essa perspectiva, vasculhei livros, revistas e *sites* para ajustar o foco do estudo. Uma obra, intitulada “*Modern Amazons*” (Bill Dobbins, 2002), marcou meu olhar. Em suas páginas, me surpreendi com um diverso e perturbador número de imagens de mulheres que possuíam os músculos dos seus corpos potencializados. Explorando os diferentes volumes musculares e a multiplicidade de cores e contornos corporais, o autor/fotógrafo registrava esses corpos mostrando-os em distintos cenários e posições, evidenciando detalhes anatômicos ou expondo os corpos em sua totalidade. A visualização dessas imagens me causou impacto e produziu diferentes sentimentos naqueles minutos em que fiquei admirando as imagens, sentindo-me tocada de diferentes modos. As composições fotográficas criavam diferentes imagens, jogando com a erotização de corpos femininos musculosos, colocando em tensão a polarização masculino/feminino e questionando determinadas representações de feminilidade. Alguns olhares poderiam dizer que essas mulheres eram ousadas, outros, que eram aberrações humanas, e outros, ainda, que elas borravam fronteiras de gênero e instituíam novas feminilidades. Em outras palavras, era possível dizer que essas imagens enunciavam a multiplicidade dos corpos. Entre eles, alguns representavam a construção social da normalidade e a perfeição, porém outros escapavam dessas regras, forçavam e rompiam limites, ousando propor diferentes arquiteturas corporais.

Gostaria de registrar que, nestes quatro anos em que me dediquei a estudar os corpos femininos potencializados, fui inquirida várias vezes acerca desse tema. Ao comunicá-lo aos diferentes sujeitos sociais, tornou-se para mim repetitiva a manifestação de estranhamento envolvendo a mim e ao tema. Especificamente, perguntavam-me que interesses me moviam a estudar o fisiculturismo feminino. Nessa interrogação, emergiam enunciados múltiplos, envolvendo desde questões relacionadas à possibilidade de eu ter sido, ser ou desejar me tornar uma fisiculturista, até expressões de reprovação e estranheza em relação ao estudo, pois esse tema não parecia ser legítimo a ponto de ser estudado na academia. Ao mesmo tempo, alguns sujeitos manifestavam certo interesse, inquirindo-me sobre a construção do trabalho; principalmente, queriam saber se eu conhecia alguma mulher que tinha esculpido um corpo

¹² Há vários *sites* sobre Eugene Sandow na Internet e suas imagens aparecem em grande parte dos artigos e livros publicados sobre o tema. www.sandowmuseum.com; *Jornal de Musculação e Fitness*, entre outros.

tão perturbador. Quando havia condições, eu mostrava algumas imagens que eu havia garimpado e o fazia para observar as manifestações de meu/minha interlocutor/a. Nesses momentos, eu percebia que a imagem se constituía num acontecimento, no sentido foucaultiano, materializando-se nas mãos de quem a olhava, capturando o indivíduo, paralisando-o e produzindo certa estupefação, mistura de atração, curiosidade e rejeição.

Parece-me que esses episódios constituídos em torno de diferentes representações produzidas pelas imagens de mulheres que potencializam os músculos ganham sentido na explicação de Goellner (2003a, p. 30) quando diz:

As imagens adquirem significados não apenas pelo que exibem, mas pelo que em nós reverbera no momento em que somos chamados a observá-las. Pelo que já é por nós conhecido e pelo que, do universo imagético, já está incorporado em nós. Afinal, as imagens não são apenas observadas por nossos olhos. Elas invadem nossos sentidos e deixam marcas no nosso corpo.

Envolvida pelas imagens de exuberância e excesso e pelas inspirações produzidas em meio aos aportes teóricos, garimpei em bibliotecas, livrarias, bancas de revistas e jornais e na Internet diferentes artefatos culturais que produzissem alguma referência ao tema, com o propósito de recolher informações, reportagens, imagens, figuras, textos, enfim, qualquer material que pudesse agregar saberes à temática em estudo. Percebi que não só as imagens que registravam os corpos femininos potencializados constituíam-se em instigantes fontes de estudo, mas também que os discursos que circulavam nos textos produzidos do interior do fisiculturismo acenavam com enunciados instigantes. Atraída pelas perspectivas que se desenhavam no horizonte, empreendi nesta tese um grande esforço intelectual e, ao posicionar-me neste lugar de “aprendiz”, encontrei nas palavras de Dagmar Meyer e Rosangela Soares (2005, p. 30) um conforto. As autoras assinalam que os lugares onde nos posicionamos quando pensamos, falamos e escrevemos são “móveis e instáveis, uma vez que se delineiam pela tessitura entre referenciais teóricos e interesses políticos, exigências acadêmicas e emoções”.

O imbricamento entre as dizibilidades e as visibilidades e a possibilidade de examinar discursos complementares, descontínuos, afirmativos, dissonantes e atualizados capturaram-me e desafiaram-me a focalizar um tema. Sobretudo, era preciso formular uma questão, uma pergunta, um problema que emergisse do desassossego produzido diante do aporte teórico e das escolhas feitas no vasculhar das possíveis fontes de estudo. Conforme Corazza (2002, p. 119), “o problema de pesquisa não é descoberto, mas engendrado. Ele nasce desses atos de

rebeldia e insubmissão, das pequenas revoltas com o instituído e aceito, do desassossego em face das verdades tramadas, e onde nos tramamos”. Nesse contexto de dúvidas e escolhas, aos abandonos e acolhimentos, meu projeto de tese foi construído, com a intenção de “analisar os discursos que instituem as representações de corpos das mulheres que investem na potencialização muscular”¹³.

No que se refere ao projeto, os pareceres¹⁴ de Dagmar Meyer e Alex Fraga sobre o estudo ajudaram-me a ajustar o rumo desta investigação. Meyer auxiliou-me a centrar o olhar na produção dos corpos no campo do esporte que privilegia a potencialização do músculo, sugerindo, ainda, que o modo de olhar para esse objeto buscasse apoio na análise de discurso de inspiração foucaultiana. Fraga apontou, entre outros aspectos, a força das imagens no trabalho, chamando a atenção para as “composições visuais, nesses corpos que são verdadeiras instalações artísticas”, e assinalando que as imagens vão muito além e são muito mais do que meros instantâneos que afirmam e reafirmam visualmente aquilo que eu pretendia abordar. Essas sugestões trouxeram contribuições ao estudo e constituíram-se para mim num denso desafio, que decidi então acolher.

Aproximando-me de Foucault (2005) e prestando atenção ao *diz-se*, como ele sugere, pouco a pouco, senti-me capturada pelos murmúrios de uma época – murmúrios que insistentemente colocam o corpo na centralidade da cultura contemporânea, cercado-o de tal modo que parece não haver possibilidades de fuga, nem sequer de resistência às insistentes intervenções corporais. São impressões primeiras que se desvanecem no ar ao tomarmos como referência a construção cultural e histórica do corpo. Isso implica considerar que homens e mulheres não são meros receptáculos prisioneiros de uma insidiosa força do tempo e do lugar, mas vale observar que há tensões nesses espaços e possibilidades de conflitos, lutas e negociações entre as instâncias e os sujeitos. Sobretudo, é preciso levar em conta que a multiplicidade é possível “tanto porque a cultura é um campo político como o corpo, ele próprio é uma unidade biopolítica” (GOELLNER, 2003, p. 39).

Escolhido o tema de pesquisa, foi tomando volume, nas minhas reflexões, uma intensa insatisfação com a amplitude sugerida pela noção de “mulheres que investem na potencialização muscular”. Ao focalizar essa questão, concluí que tal denominação não

¹³ O projeto intitulado “Mulheres artesãs da potencialização muscular” foi qualificado em junho de 2006.

¹⁴ As avaliações e sugestões dos pareceristas foram gravadas em fita K7 e depois transcritas literalmente. O avaliador Alex Fraga entregou-me em mãos um parecer escrito. Desses documentos, colhi diversas sugestões e as incorporei ao trabalho. Agradeço aos pareceristas pelas valiosas contribuições.

atendia às peculiaridades das mulheres que eu investigava¹⁵, ou seja, mulheres que se constituem em atletas com o propósito de participar de competições esportivas onde o alvo da disputa é o volume, a simetria e a definição muscular. Em outras palavras, é o músculo tonificado, desenhado, visibilizado que assume o centro do espetáculo, das intervenções realizadas no corpo para exibi-lo em eventos de fisiculturismo¹⁶. Esse esporte, na vertente das mulheres, possui quatro modalidades¹⁷ de disputas, que se distinguem em relação aos investimentos na preparação dos corpos, na produção das arquiteturas corporais e nos modos de teatralizar as gestualidades para exibir os contornos corporais. Objetivando imbricar essas mulheres e esse esporte num sentido que satisfaça as exigências deste trabalho, sinto-me autorizada a nomeá-las “atletas da potencialização muscular”.

No espaço acadêmico brasileiro, há poucos trabalhos sobre esse tema. Em uma ampla busca, deparei-me com duas teses de doutoramento que discutiam aspectos pertinentes ao campo esportivo. César Sabino (2002, 2004) caracteriza a produção do fisiculturismo no Rio de Janeiro, focalizando o consumo de esteróides anabolizantes nesse esporte. Já Adriana Estevão (2005) centrou suas atenções nas narrativas de cinco mulheres atletas de fisiculturismo, acompanhando-as, dialogando com elas e analisando como produzem seus corpos e as implicações dessa produção em suas vidas. Entretanto, Jean Jacques Courtine (1995, p. 83) foi um dos primeiros a ter as suas críticas ao *bodybuilding* – respeitando a expressão utilizada pelo autor – publicadas no país. Em seu artigo, o autor assinala que as competições nada mais são do que “duelos de imagens sem contato nem violência, puras lutas da aparência”. A partir de uma perspectiva histórica, aborda as relações produzidas entre a constituição da sociedade norte-americana e a produção das musculaturas hipertrofiadas. Apoiado nessa e em outras reflexões, Fraga (2000, 2001) aponta a difícil incorporação do músculo hipertrofiado na sociedade contemporânea, chamando a atenção para as relações

¹⁵ Não me interessavam as mulheres que praticam, ainda que diariamente, exercícios físicos para potencializar os músculos, assim como meu olhar não buscava focalizar atletas de diferentes modalidades que, sob a intervenção de uma fascinante e complexa maquinaria técnico-científica, produzem a potencialização dos seus corpos para jogar, saltar, dançar, nadar, etc.

¹⁶ Considero que a denominação “fisiculturismo” advém da tradução da expressão “*bodybuilding*”, internacionalmente usada; no Brasil, foi vinculada aos corpos extremamente musculosos. Como o esporte possui quatro modalidades de competição feminina, onde circulam corpos com diferentes volumes e desenhos musculares, produzi a expressão “atletas da potencialização muscular”, pensando que ela pode contemplar essa multiplicidade de corpos que constitui o esporte, assim como pode remeter às mulheres que, como artesãs, constroem seus corpos para competir. Ao mesmo tempo, utilizarei o termo “fisiculturismo”, como fizeram César Sabino (2004) e Adriana Estevão (2005) em suas teses, para referir-me à modalidade esportiva. Todavia, a respeito da denominação, sugiro a leitura do artigo de Jean Jacques Courtine (1995) que consta na bibliografia.

¹⁷ Essas denominações dizem respeito à nomenclatura utilizada pela Federação Brasileira de Musculação (NABBA Brasil) e pela Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação (CBCM), respectivamente: *physique/culturismo*, *figure/body fitness*, *fitness/miss fitness*, *toned figure/wellness*. Priorizo na tese o uso das expressões produzidas pela primeira, considerando o volume de fontes advindos dela. A partir daqui, passo a utilizar as siglas correspondentes às instituições que organizam o fisiculturismo no Brasil.

entre consumo, dor e prazer na produção desses corpos, cujas singularidades indicam os espaços sociais e culturais em que foram e são produzidos. Ao mesmo tempo, diz que não há limites para as intervenções que os sujeitos estão dispostos a fazer em seus corpos e que, em meio a relações de poder, eles marcam na própria pele as suas identidades, ainda que provisoriamente constituídas.

Nesta investigação, acolho esses diferentes modos de olhar, pensar e analisar a produção da potencialização muscular no fisiculturismo. Trago também as reflexões de Anne Bolin (2001, p. 147), que indica ser o corpo da mulher que compete no fisiculturismo uma rebelião contra a visão que coloca a biologia no centro das diferenças masculinas e femininas, apontando ainda que esse corpo “contribui para alargar a redefinição de masculinidade e feminilidade corrente em sociedade”.

Diante dos distintos modos de olhar para os corpos produzidos no fisiculturismo, apoiiei-me nos Estudos Feministas e de Gênero e nos Estudos Culturais, inspirados na perspectiva pós-estruturalista de Michel Foucault, especialmente imbricados nas questões afetas à produção dos discursos. As conversações entre os aportes teóricos e as fontes de pesquisa que produzia a partir dos artefatos culturais possibilitaram-me apontar as seguintes questões: que discursos constituem e são constituídos no fisiculturismo? Que representações são produzidas e produzem a construção das arquiteturas corporais femininas? Que singularidades marcam esses corpos femininos potencializados?

Aproximando textos e imagens para fazer ver o enunciável e o visível, produzi, em meio a essas conversações, a proposição central desta investigação, que pode ser assim sintetizada: conhecer e analisar discursos e representações constituídos e constituintes dos corpos das atletas da potencialização muscular produzidos, reproduzidos e atualizados no fisiculturismo¹⁸.

Com a investigação centrada nesse foco, duas questões, entre tantas outras, instigaram-me e fizeram com que me sentisse duplamente desafiada. A primeira delas, porém não a mais importante, refere-se a centralizar o olhar numa modalidade esportiva que, na hierarquia do esporte moderno, parece ocupar os seus porões, os espaços de pouca luz e reduzida visibilidade. O fisiculturismo é um esporte marcado pela controvérsia, seja pelos volumosos corpos que os/as atletas constroem, seja pelos usos que fazem de substâncias químicas para potencializar a musculatura, reduzir a gordura do corpo e definir os contornos musculares. A

¹⁸ Esta investigação constitui parte do projeto de pesquisa intitulado “Mulheres atletas: o esporte como um espaço de visibilidade feminina”, coordenado pela Profa. Dra. Silvana Goellner, aprovado e registrado no Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o número 2007711.

segunda questão diz respeito a focalizar a potencialização muscular feminina numa prática esportiva historicamente construída e culturalmente posicionada como uma modalidade fortemente marcada pela presença masculina, visto que um corpo musculoso representava e ainda representa, em muitos espaços e lugares sociais, uma prerrogativa da masculinidade. Desconstruir essas noções e contar histórias posicionando as mulheres como personagem central no espaço esportivo do fisiculturismo é o que me proponho a fazer nesta tese.

Tomo como ponto de referência os efeitos que as imagens da potencialização muscular feminina produziram e produzem em diferentes sujeitos sociais. A imersão nas visibilidades e dizibilidades produzidas do interior do fisiculturismo possibilitou-me perceber que outros discursos são produzidos e produzem esse esporte, os quais se constituem em modos diferenciados de ver essa prática corporal daqueles que circulam fora dos espaços esportivos. Assim, o fisiculturismo, como também outros esportes, é uma modalidade marcada por diferentes discursos e representações. Nesse sentido, afasto-me dos discursos que representam as arquiteturas corporais femininas potencializadas como abjetas, anormais, monstruosas, entre outras adjetivações, e aproximo-me daqueles que apontam serem esses os corpos que essa modalidade exige, analisando-os a partir das representações produzidas na intimidade desse campo esportivo. Desejo, com esta tese, produzir um discurso sobre os discursos que circulam no esporte, percorrendo as suas linhas de conexão, buscando suas regularidades, (re)afirmações e dissonâncias.

Examinar as múltiplas vozes e imagens que produzem as mulheres nesse contexto pode colaborar para desnaturalizar e desestabilizar práticas e discursos que ainda hoje estão a prescrever e a controlar os seus gestos, comportamentos, a entonação da sua voz, as vestimentas que cobrem seu corpo, seus pensamentos. Além disso, acredito que dar visibilidade às mulheres que investem na potencialização muscular é uma das possibilidades de apontar que o corpo é um rascunho, um projeto, uma arquitetura provisória e maleável na qual inscrevemos aquilo que nos captura e subjetiva, ainda que momentaneamente, num determinado tempo e lugar. Olhando a multiplicidade de corpos produzidos no fisiculturismo feminino, percebemos que não há corpos iguais, assim como não há uma essência feminina ou uma forma única de viver a feminilidade. Penso que esta pesquisa aponta para a multiplicidade dos esportes, dos corpos, das mulheres e das feminilidades construídos em diferentes espaços sociais e culturais, consoante aos discursos que marcam as singularidades de cada época.

Por fim, fazer emergir na Educação Física discussões e reflexões sobre situações limite produzidas a partir da intervenção de um profissional desse campo de atuação

possibilita dialogar sobre e com a própria formação e atuação profissionais, envolvendo aspectos éticos e políticos que ainda se mostram carentes de discussão na Educação Física brasileira.

1.3. Os desassossegadores modos de olhar a pesquisa

Mas o que me move e me apaixona, hoje, é a convicção de que estamos começando a trilhar novos e diferentes caminhos, e que estes podem nos levar a descobrir espaços cotidianos de luta na produção de significados distintos daqueles que vêm nos aprisionando, há séculos, em uma naturalizada concepção unitária do mundo e da vida (Marisa Vorraber Costa, 2002, p. 14).

As palavras acima reverberaram em mim, acompanhando-me no trajeto desta investigação, pontuado aqui e ali pela inquietude na construção da temática escolhida. Guardo comigo a percepção de que o percurso traçado na elaboração desta tese foi para mim o caminho possível de ser trilhado, singular naquilo que aprendi e construí ao percorrê-lo.

Ao aproximar-me das perspectivas que envolvem os Estudos Feministas, de Gênero e Culturais produzidos na interface com a vertente pós-estruturalista de Michel Foucault, percebi as implicações políticas desses campos, em meio aos quais rejeito a neutralidade científica e assumo que o conhecimento envolve relações de poder. Problematizar verdades naturalizadas e duvidar dos olhares que focalizam origens, linearidades, totalidades, essencialismos e universalismos sinalizam as opções teórico-políticas. A perspectiva que engendra o tema instigou-me a assumir, desde as primeiras páginas desta pesquisa, que o conhecimento é interessado, parcial, provisório e situado¹⁹.

Na Educação Física/Ciências do Esporte²⁰, investigações ancoradas nesses aportes ainda aparecem timidamente e, muitas vezes, são produzidas em meio a investimentos particulares, ou seja, ocorrem quando profissionais da área buscam aprofundar seus estudos em outros campos e, pela aproximação interessada, encontram, principalmente na área da Educação, um fecundo apoio para problematizar os seus temas de estudo. Essas perspectivas teóricas, quando inscritas, escritas e discutidas no interior da EF/CE, podem desacomodar e pôr sob tensão questões que emergem do próprio campo. Nesse movimento, novos espaços

¹⁹ Anotações de aula ministrada pela Profª Dagmar E. Meyer na disciplina “Pesquisas pós-estruturalistas e saúde: olhar metodológico”, em 28/04/2006.

²⁰ A partir deste momento, vou usar abreviações para falar da Educação Física/Ciências do Esporte: EF/CE.

políticos podem ser produzidos, e novos sujeitos emergem, desarticulando e transformando arranjos político-epistemológicos instalados há décadas. Os efeitos produzidos pelos aportes pós-estruturalistas também podem instituir outras possibilidades para pesquisar, abrindo novos espaços e modos de olhar para as questões afetas às práticas corporais e esportivas.

Os territórios conceituais dos quais me aproximei desassossegaram-me completamente. Lembrei-me das palavras de Meyer e Soares (2005), que advertem acerca dos lugares a que os questionamentos que produzimos em nossas pesquisas podem nos levar. Destacam as autoras que eles podem nos desafiar a embarcar em viagens que poderão nos conduzir a lugares e situações mais ou menos conhecidos, “outras vezes, [podem] borrar, completamente, aquilo que aprendemos, até então, a conhecer, pensar, dizer e viver” (p. 31). É nesse outro lugar que me posicionei e me posiciono ao mergulhar nesta investigação, abandonando as certezas e as verdades imutáveis e assumindo os riscos e as delícias de dialogar e inspirar-me em outros modos de olhar o objeto de estudo. Constituídos em meio a inquietações, interpelações, incertezas e acolhimentos, os caminhos apontam para outros modos de pensar, fazer e escrever a pesquisa. Nesse sentido, esta tese está marcada pelas “minhas convicções teóricas e políticas, bem como [pela] forma como me posiciono como pesquisadora” (COSTA, 2002, p. 151). Enfim, os modos de olhar e fazer pesquisa estão implicados com a nossa própria vida e dizem daquilo que vamo-nos tornando pelo caminho, cujo percurso não trilhamos sós, mas sim acompanhados de autores e autoras com quem vamos dialogando, articulando e divergindo, incorporando e descartando ao produzir o trabalho investigativo. Rosa Bueno Fischer resume:

Na constituição de um objeto de pesquisa, não só o tema que nos atrai e fascina, que nos inquieta e nos faz decidir que “vamos estudar isto”, desenha-se como algo pouco claro, cheio de incertezas e de certa forma “sujo”; assim também o são os autores e conceitos que nos vão interpelando, acenando-nos como possibilidade de caminho para pensar (2006, p. XX).

Algumas das teorias, ideias e conceitos nos seduzem e nos convencem da sua produtividade, e tal qual um/a trabalhador/a decidimos utilizá-los como ferramentas que movimentam as nossas dúvidas e suspeitas e engendram as nossas questões problemáticas; apropriamo-nos dessas mesmas ferramentas para lançar luz sobre o objeto de estudo, para que tenhamos as lentes necessárias para analisá-lo. Corazza (2002, p. 19) diz que, “a nosso modo e com os nossos limites”, devemos nos apropriar dos aportes teóricos, estabelecer

interlocuções, aproximar conceitos, buscar conexões e descartar as ferramentas que nos parecem inúteis naquele momento.

Disposta a enfrentar esses desafios, encontrei acolhida nas palavras de Costa (2002a), que acenava com a possibilidade de abrir frestas, mesmo que sejam pequenas brechas ou minúsculas saídas, para “escapar das grades totalizantes e homogeneizadoras das grandes metanarrativas²¹ e buscar possibilidades para a singularização” (p.19). Penso que o caminho que trilhei no doutoramento se constituiu num evento singular, um acontecimento na minha vida que, antes de tudo, me transformou. Considero que as perspectivas teóricas ancoradas na lógica binária²² das narrativas mestras correntes na EF/CE, em que confortavelmente me apoiava, já não oferecem mais as ferramentas necessárias aos questionamentos que ora engendo, assim como não encontram mais ressonâncias nas análises que busco elaborar. Tampouco poderão vir a ser um lugar a que eu queira retornar.

Ao aproximar-me de alguns estudos pós-estruturalistas e buscar inspiração nos escritos foucaultianos, também eu mudei. Estou diferente daquilo que fui, do que estou sendo e daquilo que me tornarei; afinal, não me parece ser possível produzir descolamentos entre aquilo que estou lendo, pensando, incorporando e me tornando. Talvez o elemento-chave mais difícil dessa construção tenha sido explicitado por Foucault, nas palavras retomadas por Corazza (2002, p. 107) quando diz: “o difícil mesmo é sair-se do que se é, para criar outros possíveis de ser”. A construção do processo investigativo significou para mim, desde os pequenos nós tramados no início até o desenho que esta tese assume hoje, um grande esforço intelectual. Conhecendo minhas limitações, lutei para me descolar daquilo que fui e para assumir outras possibilidades de ser, pensar, analisar e escrever.

Nas leituras de Louro (2002), Silva (2001) e Meyer (2000), entendi que a linguagem institui um modo de conhecer. Nesse enfoque, há um convite e, ao mesmo tempo, uma exigência de que novas palavras sejam garimpadas para que tenhamos as ferramentas linguísticas necessárias para produzir uma escrita mais generosa e convidativa. Rejeitar a produção dos essencialismos presentes na linguagem imperativa e mergulhar na construção de sintaxes mais abertas, sugestivas, talvez polissêmicas, pareceu-me ser um instigante caminho a trilhar. A possibilidade de pensar e aprender a operar de maneira aditiva e multiplicativa, e não mais excludente, reducionista e polarizada, capturou-me. Ao mesmo tempo em que me

²¹ Conforme Silva (2000, p. 78), as metanarrativas dizem respeito à crítica pós-moderna elaborada por Jean-François Lyotard a “qualquer sistema teórico ou filosófico com pretensões de fornecer descrições ou explicações abrangentes e totalizantes do mundo ou da vida social”.

²² Para Derrida, “grande arte do pensamento filosófico ocidental organiza-se em torno de oposições binárias tais como natureza/cultura, escrita/voz, masculino/feminino, nos quais um dos termos é privilegiado relativamente ao outro” (SILVA, 2000, p. 85).

lançava na produção desse modo de olhar, pensar e escrever esta investigação, desacomodava-me conviver com as inseguranças, as dúvidas e as provisórias que também estão no centro dos estudos pós-estruturalistas. Nesse trajeto, encontrei nas palavras de Foucault um conforto e um lugar, ainda que instável, para momentaneamente deixar-me ficar. Diz ele: “é o que somos – os conflitos, as tensões, as angústias que nos atravessam – que, finalmente, é o solo, não ousou dizer sólido, pois por definição ele é minado, perigoso, o solo sobre o qual eu me desloco” (FOUCAULT, 2003, p. 230). É nesse lugar que busco me posicionar.

A aproximação dos campos de saber que apóiam esta investigação não é obra do acaso, mas ancora-se numa assunção explicitada por Corazza (2002, p. 121), que diz: “o ferramental teórico da teorização social contemporânea é, sem dúvida, mestiço”. Sensível a essas possibilidades e buscando incorporá-las ao trabalho investigativo, aponto alguns conceitos-chave que constituíram as ferramentas teóricas com as quais aprendi e estou aprendendo a operar, produzindo e movimentando as articulações que elaboro nesta investigação. Delicadamente, colhi alguns conceitos-chave que, articulados às noções de outros/as autores/as, me possibilitaram fazer circular neste trabalho noções de discursos, enunciados, representações, construção dos corpos, feminilidades, masculinidades, entre outras que foram chamadas ao texto para aproximar e dialogar com as fontes de pesquisa, tendo a possibilidade de emergir quando o texto assim o desejar. É nessa perspectiva que inscrevo esta tese, tomando-a como uma pequena ousadia, um avesso que emerge num campo do saber que, geralmente, privilegia o estudo do rendimento nos esportes masculinos inscritos nos mais altos postos da hierarquia olímpica.

1.4 Na transversalidade dos discursos e das representações

A aproximação de alguns temas discutidos na vastíssima obra de Michel Foucault constituiu-se para mim num intrincado desafio, mergulhado em descobertas, surpresas, interpelações e seduções. Entre as múltiplas possibilidades que Foucault nos oferece, interessou-me aquelas apresentadas nos livros *A arqueologia do saber* (2005) e *A ordem dos discursos* (1996), onde esmiúça a sua noção de discurso. Desde as primeiras páginas, descarta a busca pelas origens, influências, linearidades, conteúdos ocultos, intenções dissimuladas. Diz ele que está tudo ali na evidência do próprio discurso, na superfície daquilo que nos é

familiar. Em seu trabalho investigativo, gostaria de mostrar que os discursos produzidos num gesto de escrita, na articulação de uma palavra, não associam nem confrontam realidade e língua, léxico e experiência; tampouco dizem respeito aos conjuntos de signos, remetendo a conteúdos, representações e estruturas fixas disso ou daquilo. Antes de tudo, Foucault (1996, p. 20) aponta que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

Para Rosa Fischer (2001), o conceito de enunciado parece sintetizar o que o autor propõe na construção daquilo que se poderia chamar de “teoria dos discursos”, visto que o enunciado aparece toda vez que Foucault pretende falar de discursos. Um enunciado não é uma palavra, uma frase, uma proposição ou uma imagem; um enunciado emerge na transversalidade das frases, proposições, atos de linguagem e visualidades.

Importa considerar que, para Foucault (2005, p. 98), o enunciado não é uma unidade ou uma estrutura, mas sim uma função de existência, “[...] uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço”. O autor assinala que, embora os discursos sejam constituídos de signos, eles fazem “mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (p. 55). Esse algo a mais que Foucault menciona sugere que, além de designar coisas, objetos, pessoas, mundo, os discursos também criam coisas, produzem novos objetos; enfim, formam “sistematicamente os objetos de que falam” (SILVA, 2001, p. 43).

Os discursos também podem ser entendidos como um “conjunto de enunciados, na medida em que se apóiam na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2005, p.132). Em outras palavras, a formação discursiva organiza, de certo modo, um emaranhado de enunciados dispersos. O autor sugere que uma formação discursiva ou um sistema de formação deve ser compreendido como:

...um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou tal objeto, para que empregue tal ou tal enunciação, para que utilize tal ou tal conceito, para que organize tal ou tal estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade em sua prática (2005, p. 82/83).

Os discursos são, antes de tudo, práticas sociais que envolvem relações de poder produzidas nos diferentes campos do saber e nas diferentes instâncias sociais. Como práticas

sociais, os enunciados produzem posições de sujeito, e desses lugares os indivíduos produzem suas experiências e as formas através das quais se reconhecem como sujeitos. Essas reflexões possibilitaram-me compreender que as enunciações dizem respeito a tempos e lugares específicos, cujos discursos instituem as posições de sujeito que as mulheres fisiculturistas ocupam no esporte e fora dele, mas também esses enunciados classificam, hierarquizam, nomeiam, excluem, julgam, visibilizam e marcam os corpos de diferentes modos e nas distintas instâncias sociais.

Produzidos num determinado campo do saber, articulando diferentes saberes e obedecendo a regras de funcionamento comum, “os discursos produzem uma *verdade* sobre os sujeitos [...] resultam num *saber* [...] traduzem-se em hierarquias que são atribuídas aos sujeitos e que são, muitas vezes, assumidas pelos sujeitos” (LOURO, 2003, p.47). A produção enunciativa dos sujeitos é explicitada por Celi Pinto (1989, p.27) quando diz

Os discursos estão intimamente ligados à questão da constituição do sujeito social. Se o social é significado e os indivíduos envolvidos no processo de significação também o são, isto resulta numa consideração fundamental: os sujeitos sociais não são causas, não são origens, mas são efeitos discursivos.

Para Foucault (2005), todos os sujeitos estão imersos num campo discursivo que é constituído em meio a relações de poder e saber, mutuamente implicadas. Os discursos instituem o que os sujeitos dizem, como dizem e em que condições podem dizer. Nesse sentido, colocam em funcionamento os efeitos de poder os quais atravessam enunciados, falas, visibilidades, textos, imagens, sons que constituem discursos, práticas sociais e representações que estão permanentemente produzindo, reproduzindo e atualizando essas disputas. Nas palavras do autor,

O discurso [...] aparece como um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (FOUCAULT, 2005, p. 136/137).

Para o autor, o poder, antes de ser algo que se possui, é algo que se exerce constantemente, pois, em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem as distintas instâncias sociais. Considerando que o poder é exercido, é interessante assinalar que não é algo que se possa dividir entre aqueles que

o detêm e aqueles que a ele são submetidos. O poder é aqui entendido como algo que circula; não é local, mas sim difuso.

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer a sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 2004b p.183).

Com isso, pude perceber que o poder está em toda parte, visto que advém de todos os lugares; mais ainda, considerando-se que não há sujeitos fora do poder, pode-se dizer que alguns sujeitos são mais bem posicionados do que outros, alguns se reconhecem ao serem representados em certos discursos, enquanto que outros não o são ou são em parte. Numa pluralidade de discursos, importa observar quem pode dizer o quê, ou seja, que sujeitos são autorizados a falar e sobre o que falam. Foucault (1996, p. 09) alerta: “qualquer um, enfim, não pode dizer qualquer coisa” e em qualquer lugar.

Aproximo-me, mais uma vez, de Michel Foucault (2004b), observando que, além da resistência às investidas do poder, também é preciso olhar atentamente para os efeitos de poder, uma vez que ele também é produtivo. Tomo emprestadas algumas palavras de Louro quando diz: “o outro sobre o qual a relação de poder é exercida é um outro que se mantém, até o final, como um sujeito de ação, o outro responde, reage, contesta, aceita, etc.” (2002, p. 17). Diante dessas múltiplas possibilidades, penso nas mulheres foco deste estudo, que, simultaneamente, borram as fronteiras dos discursos que historicamente instituíam limites ao volume muscular feminino, ampliando e colocando em questão essas linhas limítrofes. Elas ultrapassam e instituem outras possibilidades de produção dos seus corpos, multiplicando os enunciados produzidos acerca do corpo feminino hipertrofiado. Não há um discurso único, mas sim diferentes enunciados que interpelam e posicionam as mulheres, ainda que momentaneamente, numa grande taxionomia da potencialização muscular.

Acredito que uma investigação detalhada e atenta possibilita descobrir que, em cenários diversos, mulheres ousaram resistir, criaram outros espaços, novas brechas, caminhos alternativos para viver a pluralidade de identidades, construindo outras maneiras e possibilidades de serem mulheres, reproduzindo e produzindo outras posições de sujeito ou projetando novas identidades. Quando Stuart Hall nos fala das identidades, insistindo na sua constituição temporária, assinala que

A identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam... à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL 2003, p. 12 e 13).

Daí emerge a dinamicidade e a circularidade da cultura vivida na contemporaneidade, lugar da pluralidade e das identidades momentâneas. Nesse sentido, importa multiplicar olhares, sugerindo desconfiar de discursos totalizantes que buscam reduzir a pluralidade ao singular e a provisoriedade à fixidez. Um modo de olhar mais atento voltado aos diferentes espaços sociais e culturais percebe a pluralidade das identidades. O esporte é mais um espaço em que se constroem mulheres com diferentes tintas, matizes, preocupações, histórias, desejos, sonhos, ou seja, com diferentes identidades.

O processo de atribuição de identidades e apegos momentâneos acontece num contexto cultural de disputas, de jogos de poder que envolvem classificar, julgar, nomear e posicionar as identidades de mulheres e de homens. Assim, as identidades estão sempre implicadas num processo de diferenciação, sofrendo oscilações e embates vividos na cultura. Há situações em que algumas identidades têm privilégios, legitimidade e autoridade, enquanto outras são representadas como desviantes, ilegítimas, dissonantes. Tal reflexão fez-me pensar na reduzida visibilidade das mulheres atletas da potencialização muscular e no alargamento das identidades e possibilidades corporais produzido por essas mulheres. Hall (2003, p. 13) afirma que o sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos, “identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.

Vivendo os tempos da rapidez, da multiplicidade, das discontinuidades, das rupturas e dos deslocamentos, não podemos conceber identidades fixas, imutáveis, permanentes. Nossos dias não permitem tais possibilidades, e “essa mutabilidade progressiva cada vez mais nos condiciona e metamorfoseia todos os aspectos da nossa vida, sobretudo nosso corpo” (Edvaldo Couto, 2007, p. 41). Hall (2003) pontua que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado; a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. A identidade é uma atribuição cultural, sendo nomeada, elaborada, constituída em meio às práticas sociais, permeadas por relações que envolvem exercícios de poder.

Articulando-se em variadas combinações, as identidades de gênero, raça, classe, sexualidade, religião, nacionalidade são – todas – constituídas por (e constituíntes de) redes de poder. Não há identidade fora do poder, todas o exercitam e, simultaneamente, todas sofrem sua ação. As identidades fazem parte dos jogos políticos, ou melhor, as identidades se fazem em meio a relações políticas (LOURO, 2000, p.68).

Examinando essas questões, Silva (2000) chama a atenção para a representação, uma vez que é através dela que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poderes. Silva diz que quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidades. Assim, desafiei-me a compreender o conceito de representação, que tem importância central nesta investigação. Percorrendo enunciados e sentidos que atravessam a produção dos corpos das atletas do fisiculturismo, aponto as representações desses corpos nesse campo esportivo brasileiro.

É na aproximação entre os Estudos Culturais e as teorizações de Michel Foucault que emerge a noção de representação que interessa ao estudo. Tomando-se a indissociabilidade e o imbricamento entre discursos, práticas sociais e relações de poder, conforme descreve Foucault, a análise cultural vai inscrever os seus interesses e, mais especificamente, a noção de representação. Fischer (2006, p.90) aponta que a noção de discurso tem maior amplitude do que o conceito de representação, sublinhando que “o conceito de discurso inclui o de representação”, pois “[...] os enunciados de um discurso são tecidos também de representações sobre um determinado objeto desse discurso”.

Para melhor compreender as relações que envolvem a análise cultural e a construção discursiva da realidade, apóio-me também nos estudos de Silva (2001, p. 42). Segundo ele, ambas as perspectivas centram suas atenções na análise de “instâncias e formas sociais que são construídas discursiva e linguisticamente” e postas em circulação na sociedade. Hall (1997) e Silva (2001) sublinham que a “virada cultural” e a “virada linguística”, respectivamente, se constituem em movimentos imbricados na produção de um modo de pensar a centralidade da cultura e da linguagem na constituição dos sujeitos e da vida em sociedade. A virada linguística precedeu as mudanças no campo conceitual ao deslocar a atenção da suposição usual do senso comum de que as coisas, objetos, pessoas, o mundo têm uma existência objetiva, pronta e fixa, antes mesmo de serem significados pelos sujeitos, para a noção de que a linguagem constitui os objetos e o mundo (Du Gay citado por Hall, 1997). A partir de um sistema de significação, a linguagem lhes dá sentido e os diferencia dos demais

objetos, coisas, identidades, sujeitos. Nessa perspectiva, “a linguagem é o *locus* de produção dos sentidos que são partilhados na cultura” (MEYER, 2000, p. 57).

A centralidade da linguagem que germina nos estudos pós-estruturalistas tem profunda acolhida nos Estudos Culturais, ligando-se intimamente essa compreensão da linguagem à virada cultural, conforme explica Hall (1997, p. 29): “a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre para dar significados às coisas”. Ao ser incorporada aos Estudos Culturais, essa noção de linguagem é ampliada para o conjunto da vida social. As práticas econômicas, sociais e políticas são tomadas como práticas discursivamente constituídas. Em arranjos culturais específicos, essa construção de significados nos possibilita considerar determinadas práticas sociais adequadas, necessárias, injustas ou excludentes. Em outras palavras, a cultura é tomada como “um campo de luta em torno da construção e imposição de significados sobre o mundo social” (SILVA, 2001, p. 14).

Acolher essa abordagem implica considerar que a cultura não é imutável, fixa e acabada, mas sim que ela se constitui e é constituída em meio a relações de poder e gera efeitos de poder. Entre disputas e negociações, diferentes forças lutam para fazer valer alguns significados sobre outros, ou seja, enquanto alguns discursos são tomados como indicadores da vida social, outros são descartados; há, ainda, aqueles que são atualizados, os silenciados, os esquecidos, os ignorados. Importa sublinhar que o esporte não está isolado dessas questões, sendo ele também uma prática social que envolve fundamentalmente disputas políticas, relacionadas com imposição de significados, construção de representações e produção de identidades, as quais vão muito além das questões afetas aos patrocínios e desempenhos de atletas no campo esportivo (Márcia Figueira, 2008).

Silva (2001) salienta que sujeitos e grupos sociais se posicionam e são diferentemente posicionados; é desse lugar que lutam para fazer valer os significados do seu próprio grupo sobre os significados dos outros grupos sociais, ou então os seus significados sobre os significados de outros sujeitos, instituindo diferentes posições de sujeito no exercício de diferentes relações de poder. Silva argumenta que “os significados, os sentidos recebidos, a matéria significante, o material cultural são, sempre, embora às vezes de forma desajeitada, oblíqua, submetidos a um novo trabalho, a uma nova atividade de significação” (SILVA, 2001, p. 19/20). Ao mergulhar nas investigações foucaultianas e observar que o seu trabalho insidia sobre as formas como os objetos são construídos por meio de sistemas de significação, o autor conclui: “poder-se-ia dizer que as investigações de Foucault estão todas centradas na questão da representação” (p.45).

A perspectiva teórica que apóia a noção de representação com a qual opero nesta pesquisa afasta-se dos aportes que consideram a representação um conjunto de conceitos, proposições ou explicações sobre a realidade²³, produzidas em meio a explicações cognitivistas e psicologicistas que buscavam fixar e fechar num estereótipo, reflexo, ideia, os significados que constituem objetos, palavras, sentimentos, gestos, sujeitos, mundo. Tomo como bússola desta investigação a ideia de representação que funciona como um sistema de significados produzidos na cultura através da linguagem e em meio a relações de poder, compreensão essa que atravessa os estudos de Tomas Tadeu da Silva (2000, 2001, 2005), Dagmar Meyer (2000), Stuart Hall (2003) e Kathryn Woodward (2005), entre outros. Em seus escritos, esses/as estudiosos/as assumem a indeterminação, a instabilidade e a ambiguidade da linguagem na construção dos significados na vida dos sujeitos.

Entendida como um sistema linguístico e cultural, a representação é arbitrária, indeterminada e vinculada às relações de poder, dado que sua produção envolve “o poder de nomear, de descrever, de classificar, de identificar, de diferenciar – o poder de definir, enfim, quem está incluído e quem está excluído de quais grupos/posições sociais” (MEYER, 2000, p. 58). Nesse sentido, as representações constituem-se num intenso campo de batalhas em cujas disputas são decididos os significados que devem prevalecer e aqueles que devem silenciar num determinado tempo e lugar. Com o propósito de captar as representações produzidas sobre os corpos das mulheres atletas da potencialização muscular, interessa ainda para esta tese chamar atenção ao sentido elástico que Silva atribui aos discursos e representações. Nas suas palavras,

No caso específico da noção de representações, são as práticas discursivas (num sentido alargado, para incluir imagens e outras formas de representação visual) que se tornam o centro da análise: ao longo da formação social existem conjuntos diversos de representações, chamados discursos, alguns dos quais são especificamente – mas nunca exclusivamente - visuais (SILVA, 2001, p. 43).

Desafiei-me a apropriar-me da noção de representação acima e a utilizá-la como uma ferramenta analítica para compreender as matizes de sentidos e significados que são produzidas e que produzem o corpo de atletas mulheres que investem na potencialização muscular. Representações que são percebidas quando focalizamos os discursos que emergem dos textos e imagens que circulam no fisiculturismo. Ao operacionalizar esse conceito,

²³ Perspectiva apresentada por Celso Pereira de Sá em “*Núcleo central das representações sociais*”, Petrópolis: Vozes, 1996.

percebi que as representações de corpo produzidas nesse esporte são múltiplas, envolvendo relações de poder e associadas à generificação dos corpos femininos no esporte. Considerando que o fisiculturismo é um campo esportivo em que a matematização e a visibilidade da musculatura corporal assumem a cena central, torna-se necessário apontar mais alguns elementos dos aportes teóricos que ancoram este trabalho, agora acerca da vinculação entre as relações de gênero e a produção dos corpos em curso no esporte.

1.5. Imbricações entre gênero, corpo e esporte

A Educação Física/Ciências do Esporte têm percebido, na última década, que os Estudos Feministas e os Estudos de Gênero se constituem em instigantes campos de saber²⁴, marcadamente produtivos para analisar os discursos e as práticas sociais que são produzidos e que produzem a generificação dos corpos, atentando para as relações negociadas ao longo do tempo entre mulheres, homens e esportes. Há séculos o esporte seduz diferentes sociedades e culturas. Mobilizando e mobilizado por interesses diversos, cada vez mais, atrai crianças, jovens, adultos e idosos, que respondem de diferentes maneiras aos seus apelos, constituintes e constituídos em meio às relações de poder produzidas entre: federações, clubes esportivos, patrocinadores, laboratórios farmacêuticos, corporações midiáticas, etc.

Nas suas múltiplas possibilidades, o esporte constitui as nossas vidas, razão pela qual nos propomos a pensá-lo como um espaço plural e multifacetário, um “fenômeno social (...) que desperta o nosso interesse, mobilizando paixões, evocando sentimentos, criando representações de corpo e saúde, enfim, convocando nossa imediata participação” (GOELLNER, 2004, p. 361). Constituído como um espaço de disputas que envolvem distintas relações de poder, o esporte emerge como um campo repleto de ambigüidades – um campo que, desde o século passado, fascina e, ao mesmo tempo, desassossega homens e mulheres, movimentando representações de feminilidade e masculinidade, seduzindo e desafiando os limites histórica e culturalmente constituídos, considerando a fisiologia e a anatomia dos corpos (GOELLNER, 2003b).

²⁴ Vale destacar que tanto os Estudos Feministas quanto os Estudos de Gênero produziram diferentes modos de pensar e analisar as relações constituídas entre homens e mulheres em sociedade. Não há um pensamento uníssono, uma vez que ambos lidam com a pluralidade e a dinamicidade em suas produções, aprendendo a lidar com as incertezas e os questionamentos que emergem dos próprios campos (LOURO, 2002).

O esporte é produzido e se produz como uma instância que, assim como outras, fabrica sujeitos mulheres e sujeitos homens. Conforme Louro (2004, p. 25), “[...] essas instâncias, práticas ou espaços sociais são *generificados* – produzem-se, ou engendram-se, a partir das relações de gênero”. Ann Hall (2005) aponta ser o esporte um espaço político e, especialmente, um lugar de resistência e de transformação das relações de gênero. Todavia, a assunção de que o esporte poderia ser um espaço de visibilidades e conquistas femininas, de lutas pela igualdade de condições entre mulheres e homens, nem sempre foi consenso entre os estudos do esporte e os Estudos Feministas. Houve um longo, sinuoso e árduo caminho para chegar até aqui, e tal trajeto não se encerra agora – talvez sutilmente aponte algum traçado possível entre as diferentes direções que se podem trilhar.

Paula Silva *et al* (2005) apontam que há fortes indícios da centralidade do corpo feminino entre os temas de maior interesse dos Estudos Feministas. No entanto, a produção dos corpos no esporte parecia ser ignorada nessas discussões, rejeitando-se ainda qualquer possibilidade de ser o esporte um potencial espaço de lutas e conquistas femininas. Salienta-se a mútua rejeição entre o feminismo e o esporte: de um lado, o feminismo desconsiderava a posição social e cultural destacada ocupada pelo esporte; de outro, o esporte parecia esquecer a generificação das suas instituições e práticas.

Sem o propósito de elaborar uma narrativa histórica em torno da complexa relação produzida entre os feminismos e os esportes²⁵, destaco, dentre muitos, os estudos de Ann Hall (1990, 2005), os quais sublinham que apenas nos anos de 1980 as lentes dos Estudos Feministas se direcionaram para o esporte, produzindo críticas e apontando-o como uma instituição sexista, dominada pelos homens e onde a masculinidade se impunha. Enunciava-se, assim, a colisão de valores produzidos naquela instituição com o que preconizavam as bandeiras feministas. Na ótica feminista, a competição acirrada, a valorização exacerbada das habilidades esportivas, a hierarquia, a centralidade da vitória, o cultivo da agressividade e os comportamentos violentos atribuídos ao esporte faziam dele um espaço “brutal, perigoso e tudo menos humano” (HALL, 1990, p. 239).

Quando produz suas críticas às relações entre feminismos e a instituição esportiva, a autora chama a atenção para o fato de que as feministas não podem esquecer que, embora as mulheres tenham conquistado uma maior inserção no esporte de alto rendimento, ainda a grande maioria delas, em diferentes idades, não tem acesso à ampla gama de possibilidades de

²⁵ Para conhecer e discutir essas questões, consultar: MESSNER, Michael; SABO, Donald; (Orgs.). Sport, men, and the gender order: critical feminist perspectives. USA: Human Kinetics, 1990; BIRREL, Susan; COLE, Cheryl. (Orgs.) Women, sport, and culture. USA: Human Kinetics, 1994. MARKULA, Pirkko (Orga.). Feminist sport studies: sharing experiences of joy and pain. USA: State University of New York Press, 2005.

prática esportiva. Segundo a autora, “as feministas não podem fechar os olhos para o fato de que a brincadeira, o jogo e esporte são aspectos altamente institucionalizados na nossa cultura e que auxiliam na manutenção da hegemonia masculina”²⁶ (HALL, 1990, p. 239). Por fim, Hall diz que sua dedicação ao estudo das mulheres e do esporte foi acompanhada pela defesa da inclusão do esporte na agenda feminista e que, do mesmo modo, procurou assegurar que o feminismo fosse muito mais do que apenas um dos tantos enfoques do esporte (HALL, 2005).

A rejeição mútua entre o esporte e os Estudos Feministas parece ter se desvanecido e embaralhado num horizonte passado, uma vez que, nas duas últimas décadas, os Estudos Feministas focalizados em mulheres e em suas relações com o esporte foram suficientemente substanciais para assegurar a inequívoca importância do gênero como uma categoria de análise, como apontam McKay, Messner & Sabo²⁷ (2000). A multiplicação desses estudos, pesquisas e publicações indica que o esporte se constitui numa instância privilegiada para perscrutar as relações de gênero (SABO, 2002; ADELMAN, 2003; GOELLNER, 2001, 2003, 2007), apontando, entre outras questões, que “que as práticas esportivas são historicamente produzidas, socialmente construídas e culturalmente definidas” (HALL, 2005, p. 53).

No Brasil, o gênero é mencionado em estudos da EF/CE desde a década de 80, mas muitos dos conceitos utilizados são atravessados por “confusões de ordem epistemológica, analítica, conceitual e política” (GOELLNER, 2005, p. 208). Em outras palavras: ainda é comum encontrar estudos que utilizam a expressão “gênero” quando buscam indicar apenas o sexo dos sujeitos da pesquisa. Equívocos como esses, apesar de tudo, sugerem que o gênero penetrou nos estudos da EF/CE; sobretudo, indicam que é imprescindível discutir, em todas as esferas da área, as implicações epistemológicas e políticas que emergem com os Estudos Feministas e de Gênero. A noção de gênero que atualmente ancora muitos dos estudos produzidos nessa área privilegia “analisar a construção social do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos, em meio a relações sociais de poder” (LOURO, 2002, p.15) .

Ao incorporar a ideia de poder, noção produzida por Michel Foucault (2004b), a autora sublinha que a sua circularidade e o seu funcionamento em rede permitem disputas e negociações entre os sujeitos, cuja categoria central é assumida pelo discurso. Desperta, nessas intrincadas relações, a assunção de que as distinções entre mulheres e homens não são

²⁶ Tradução livre.

²⁷ Esses autores analisam a generificação dos corpos masculinos no esporte, buscando uma aproximação com os Estudos Feministas; questionam a sociologia do esporte, que aponta a dominação masculina nesse espaço, e objetivam relacionar os estudos de gênero e esporte com outros marcadores sociais, como: raça, etnia, classe e orientação sexual.

naturalmente dadas, mas discursivamente construídas (LOURO, 2002). Nesse sentido, o conceito de gênero emergiu para desestabilizar as diferenças instituídas entre mulheres e homens, cuja justificativa se apoiava na distinção biológica dos sexos. Ao desacomodar essa noção, os Estudos de Gênero apontam que tais diferenças operam como efeitos da construção social, cultural e discursiva das desigualdades entre mulheres e homens. Meyer (2004) destaca a centralidade que a linguagem assumiu e assume nos processos de constituição de sujeitos femininos e masculinos, sinalizando as possibilidades de problematização que o conceito de gênero aciona e nos permite operar. Tomando um lugar central nesta tese, gênero

[...] remete a todas as formas de construção social, cultural e lingüística implicadas com processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e nomeando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos que instituem essas distinções – biológicas, comportamentais e psíquicas – percebidas entre homens e mulheres (MEYER, 2004, p. 15).

A pesquisadora sugere alguns pressupostos apoiados na perspectiva pós-estruturalista para investigar as questões de gênero, constituindo-os em sinalizadores desse olhar. São eles: (a) assumir que as diferenças entre mulheres e homens são construídas social, cultural e discursivamente; (b) problematizar as relações de poder em que essas diferenças são produzidas, vividas e legitimadas; (c) explorar o caráter relacional do conceito de gênero; (d) fissurar as homogeneidades e os essencialismos contidos nos termos “mulher” e “homem” e suas conexões; (e) operar com a pluralidade, a conflitualidade e a provisoriedade do viver e definir o gênero em diferentes tempos e lugares.

Nessas ideias, circulam enunciados que apontam a construção contínua e inacabada dos sujeitos mulheres e homens, o rompimento da polarização entre feminino e masculino e a generificação das instituições sociais. Em síntese: não nascemos mulheres e homens, mas nos tornamos sujeitos de gênero através de práticas sociais feminilizantes e masculinizantes, constituídas em meio àquilo que valoriza, deseja, rejeita e silencia determinada época acerca dos modos de constituir sujeitos mulheres e sujeitos homens. Essas intervenções nos modos de educar os sujeitos são acentuadamente culturais e implicam considerar que não há uma mulher e um homem universais, mas sim que cada um traz em seu corpo as marcas do tempo e do lugar em que viveu e vive. A cultura opera produzindo diferenças entre homens e mulheres, mas também entre as mulheres e entre os homens. Assim, mulheres e homens não são frutos de uma configuração anatômica e fisiológica que os diferencia, hierarquiza e

posiciona em condições diferentes e desiguais. Essa lógica, que propunha o posicionamento em pólos opostos, ruiu, juntamente com os dualismos que sustentavam as relações binárias produzidas na modernidade, como, por exemplo: natureza/cultura, corpo/mente, racionalidade/irracionalidade, entre outras (GOELLNER, 2007).

Os Estudos de Gênero apontaram e apontam que os sujeitos se constituem em mútua relação, nas quais há múltiplas possibilidades e arranjos sociais envolvendo outros marcadores, como: raça, classe, nacionalidade, traços físicos, etnia, sexualidade, entre outros. Essas intrincadas relações estão inscritas em diferentes instâncias sociais, seja a família, a escola, a comunidade, a justiça ou a instituição esportiva, foco central deste trabalho. Em suma: as relações de gênero produzem e são produzidas no interior dessas instâncias, através de um processo lento, contínuo e inesgotável, inscrevendo as distintas marcas sociais nos corpos dos sujeitos mulheres e homens (LOURO, 2002, 2004a).

A inexorável conexão entre corpo e gênero é partilhada pelas autoras acima mencionadas e também por outras estudiosas, como Linda Nicholson (2000) e Silvana Goellner (2001, 2003a, 2007). Afinal, é no corpo que os traços marcantes dos gêneros – também da raça, etnia, sexualidade, etc. - são inscritos, multiplicados, embaralhados, atualizados, criados e ressignificados, indicando que cada corpo é único e singular em meio à multiplicidade de sujeitos mulheres e homens. Nicholson (2000, p. 15) defende que

A população humana difere, dentro de si mesma, não só em termos das expectativas sociais sobre como pensamos, sentimos e agimos; há também diferenças nos modos como entendemos o corpo. Consequentemente, precisamos entender as variações sociais na distinção masculino/feminino como relacionadas a diferenças que vão “até o fundo” – aquelas diferenças ligadas não só aos fenômenos limitados que muitas associamos ao “gênero” (isto é, a estereótipos culturais de personalidade e comportamento), mas também a formas culturalmente variadas de se entender o corpo.

Goellner (2003b) posiciona o corpo na centralidade da nossa cultura, apontando a sua construção cultural, histórica e discursiva. Chama a atenção não só para as inscrições que assinalam no corpo o tempo e o lugar em que foi produzido, mas também por que considerá-lo a partir dessa perspectiva possibilita colocar em questão os modos de ver o corpo considerando-se a naturalização das suas diferenças e semelhanças, justificadas, explicadas, nomeadas e hierarquizadas à luz da biologia. Embora a autora não negue a constituição biológica do corpo, retira dela a “centralidade na definição do que seja um corpo”, assim esse campo do saber não é tomado como o definidor “dos lugares atribuídos aos diferentes corpos em diferentes espaços sociais” (p. 31). Assumir o corpo como uma construção marcada pela

história, cultura e linguagem inaugura possibilidades de pensá-lo como um projeto que se produz e é produzido de modo impreciso, indefinido e inacabado, indicando que os corpos são provisórios e mutáveis, que renovam e ampliam as representações e os significados que instituem, reproduzem e atualizam em determinada cultura.

O corpo vivido como um acessório do sujeito e um maleável artefato da presença humana, conforme apontado por David Le Breton (2003), sugere que a anatomia não é mais um destino, mas sim uma matéria-prima a redefinir, a ser submetida ao *design*²⁸ do momento, criando uma identidade provisória mais favorável, visto que, mudando-se o corpo, se busca mudar de vida. O autor aponta distintas intervenções no corpo, passando pela cirúrgica para a mudança de sexo, o *body building*²⁹, a *body art*³⁰ e as diferentes marcas corporais, como: tatuagem, *piercing*, escarificação, laceração, perfurações, suspensões, implantes e tantos outros modos de atuar no corpo e modificá-lo, tornando-o um objeto de projeção de uma identidade individual.

Essas diferentes arquiteturas corporais assinalam uma época que rejeita noções polarizadas e fixas do mundo e da vida e também indicam a emergência de novos sujeitos, novas identidades e novas possibilidades corporais. Estamos vivendo aquilo que Silva (1999, p. 07) considerou um “tempo de deliciosos cruzamentos de fronteiras, de um fascinante processo de hibridização de identidades”. Trata-se de uma época de misturas e possibilidades, mas também de lutas e disputas entre sujeitos e grupos para fazer valer os seus discursos, práticas e representações. O corpo não escapa desses conflitos, tomado como o lugar de inscrição e singularização de mulheres e homens. Essas batalhas atravessam o corpo e nele também se manifestam, uma vez que “o corpo é um espaço-tempo que tudo atesta” (SOARES, 2003, p. 15). Interessa nesta tese considerar que tanto os corpos quanto as identidades não são produtos prontos e acabados, estando sempre em um contínuo movimento de construção, envolvendo práticas de significação que são imprevisíveis, incertas e indeterminadas (SILVA, 1999).

Considerando a exaustiva publicidade e a multiplicação dos discursos em torno do corpo, não há como negar a força da sua penetração nas várias esferas sociais, cujos enunciados, imagens e representações circulam e transbordam em espaços do nosso cotidiano.

²⁸ Podemos compreender o termo “*design*” como o padrão, o modelo de referência, com medidas e peso determinados.

²⁹ *Body building* está traduzido nesta tese como fisiculturismo.

³⁰ A *body art* é uma crítica, pelo corpo, às condições da existência. Oscila, de acordo com os artistas e as performances, entre a radicalidade do ataque direto à carne por um exercício de crueldade de si e a conduta simbólica de uma vontade de perturbar um auditório, de romper a segurança do espetáculo. As performances questionam com força a identidade sexual, os limites corporais, a resistência física, as relações homem-mulher, a sexualidade, o pudor, a dor, a morte, a relação com os objetos, etc. (Le Breton, 2003, p. 44).

Ao mesmo tempo e do mesmo modo, não se pode negar que o corpo também é um território de resistências, onde emergem diferentes manifestações, desejos, marcas, identidades, feminilidades e masculinidades. Inspiro-me em Foucault (2004b, p. 27) quando diz que...

Pensamos em todo o caso que o corpo tem apenas as leis da fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, de repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais, simultaneamente ele cria resistências. [...] nada no homem [e na mulher] – nem no seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens [e mulheres] e se reconhecer neles[as] (p. 27).

Assim como a cultura, o corpo também é mutável e traz na sua constituição a inconstância, a incompletude e a fluidez. Em outras palavras, “os corpos são significados pela cultura e são continuamente por ela alterados” (LOURO, 2001, p. 14). Tal como ocorre na cultura, os corpos de mulheres e homens também são diferentemente e diversamente produzidos e representados no esporte, da mesma forma que ambos são posicionados e se posicionam diferentemente nas distintas instâncias sociais.

Com o foco na posição ocupada pelas mulheres na instituição esportiva, é inegável que muitas proibições, dificuldades e barreiras que atravessaram a inserção feminina no esporte mudaram no decorrer do século XX; algumas foram descartadas, outras foram esquecidas e silenciadas. Entretanto, alguns desses cerceamentos voltam atualizados, renovados e incorporados por novas interdições, dúvidas e questionamentos que põem sob suspeição a participação das mulheres nas diferentes posições e instâncias que constituem a instituição esportiva. Essas suspeições podem produzir a permanência, o fortalecimento e a emergência de novas assimetrias entre homens e mulheres nesse campo. E mais: as desigualdades não são sempre as mesmas; elas são provisórias e se transformam, assumindo os contornos e os interesses de cada tempo e lugar. Se, em 1896, as mulheres³¹ foram impedidas de participar nos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, hoje elas competem na maioria das modalidades esportivas, porém ainda não foi na última Olimpíada, realizada em Pequim, que elas puderam disputar a modalidade boxe (CRUZ, SILVA, BOTELHO-GOMES, 2006). Porém, muitas mulheres ousaram e ousam romper com as barreiras que foram e ainda são erguidas com vistas a impedir a sua plena e irrestrita adesão ao campo esportivo. Isso se dá principalmente em esportes e funções socialmente construídos como um espaço marcadamente masculino.

³¹ Barão de Coubertin era contrário à participação feminina nos Jogos Olímpicos por considerar que as mulheres poderiam vulgarizar esse terreno, tão recheado de honras e conquistas (GOLLNER, 2006).

Para ilustrar essa situação, recorro a uma pesquisa produzida por Figueira (2008), na qual investiga como a mulher se produz como sujeito *skatista*, atentando também para as representações de gênero que circulam nesse esporte. Suas análises apontam que as mulheres elaboram estratégias de visibilidade para se posicionarem como sujeitos que disputam espaços num esporte fortemente marcado pela presença masculina, acenando para a generificação dos corpos nesse esporte, cujas representações buscam marcar nos corpos das mulheres uma feminilidade normalizada. Exemplos como esse emergem no cenário esportivo em profusão, apontando que a inserção das mulheres nesse território tem se constituído por um conjunto de avanços, retrocessos, desobediências e ousadias. Paula Silva *et al* (2006) destacam que as mulheres correm determinados riscos ao investir na prática esportiva, pois,

se a mulher apresenta as formas dominantes de feminilidade, nem tão pouco se espera que pratique desporto, mas, se praticar, espera-se que o faça numa actividade desportiva tradicionalmente considerada como feminina. Neste cenário, enquanto a sua feminilidade permanece inquestionável, alguns homens, e mulheres também, olham para estas desportistas como praticantes inferiores (p. 01).

Diferentes posicionamentos acerca da participação feminina marcaram e marcam o esporte, sendo reproduzidos, instituídos e atualizados constantemente. Miriam Adelman (2006) indica que o território das práticas corporais e esportivas é um campo sensível e produtivo para ser inquirido acerca das mudanças nas representações de gênero. Esses movimentos podem ser observados numa cultura que se encontra em transição, revelando a emergência de condições “mais” igualitárias entre homens e mulheres. Entretanto, não podemos nos enganar e pensar que os limites entre os sexos foram implodidos, que eles são inexistentes. Atualmente, apesar de as mulheres praticarem e competirem em quase todas as modalidades esportivas, a grande maioria dos esportes ainda é disputada entre indivíduos do sexo feminino ou do sexo masculino. Outra questão que merece atenção foi levantada por Goellner (2004), referindo-se ao escasso número de mulheres em funções que envolvem treinamento, preparação física de atletas/equipes e setores de organização e direção esportivas. Também é inexpressiva a participação de mulheres em equipes de arbitragem, na mídia esportiva, entre outros.

Adelman (2003) acredita que a maior dificuldade enfrentada pelas mulheres para conquistar um lugar no mundo esportivo está na “força normatizadora dos conceitos de

feminilidade construída... como uma estética da limitação”³². Apoiando-se em Helen Lenskyl (1986 citado por ADELMAN, 2003, p. 448), argumenta também que a presença das mulheres no campo esportivo questionava a generificação dos corpos ao desvincular habilidades esportivas e a subordinação feminina tradicional, pois o esporte mostrava-se como uma promissora instância em que a igualdade entre os sexos era possível. “O esporte, ao minimizar as diferenças socialmente construídas entre os sexos, revelava o caráter tênue das bases biológicas de tais diferenças; portanto, constituía uma ameaça séria ao mito da fragilidade feminina” (p. 447).

Goellner (2004) aproxima-se dessa ideia ao sustentar que o esporte tem movimentado representações de feminilidade e masculinidade, seduzindo e desafiando os limites que historicamente foram estabelecidos quando se consideram o corpo e o sexo de homens e mulheres. Se, nos rastros da história do esporte, encontramos vestígios que sugeriam aos homens as práticas corporais que solicitassem força, velocidade, resistência e potencialização muscular, para as mulheres, indicavam-se práticas que exercitassem a flexibilidade, agilidade, leveza e suavidade nos gestos corporais. Adelman (2006) aponta que o esporte é constituído como um espaço de lutas e conflitos intensos em torno do que pode ou deve fazer um “corpo masculino” e um “corpo feminino”, uma vez que esse campo também produz e faz circular determinadas representações de masculinidade e feminilidade que são inscritas nos corpos, marcando a pele e os modos de viver de homens e mulheres. “Essas marcas produzem efeitos e, não raras vezes, são reclamadas para justificar a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas” (GOELLNER, 2007, p. 184). Por outro lado, essas mesmas marcas podem ser convocadas para excluir, proibir ou silenciar mulheres que ousaram ou desejaram investir em práticas e/ou funções desportivas que historicamente não lhes foram indicadas e que talvez hoje, em muitas culturas, ainda não o sejam. Ao mesmo tempo, não há como negar que “o esporte feminino no novo milênio está rompendo fronteiras físicas do passado e produzindo novas identidades culturais e esportivas”³³ (Jennifer Hargreaves, 2000, p.03).

Aqui, recorro às reflexões de Louro (2003) quando aponta que os lugares ocupados pelas culturas, corpos e gêneros “podem se mover” – nenhuma posição ocupada é estável. Talvez tenhamos que admitir que os limites entre os lugares e os sujeitos estejam se

³² Susan Brownmiller é autora da ideia da “estética da limitação”, dizendo que as mulheres ainda buscam a feminilidade valorizada pela cultura, pois essa é a via de acesso mais importante para ser aceita e para o sucesso em sociedade. “Essa feminilidade é produzida através da aceitação de restrições, da limitação da visão, da escolha de uma rota indireta; é uma estética forte que se constrói em cima do reconhecimento da falta do poder; é uma estratégia de sobrevivência baseada em concessões e restrições” (Adelman, 2003, p. 451).

³³ Tradução livre.

“desvanecendo”. A autora vai além ao sugerir que precisamos considerar a possibilidade de que “a não-nitidez e a ambiguidade” que marcam os corpos de alguns sujeitos de gênero sejam uma escolha de mulheres e homens com o propósito de “embaralhar possíveis definições de masculinidade e feminilidade” (p. 49). Afinal, não há um único modo de ser mulher e ser homem, de viver a feminilidade e a masculinidade, assim como não há uma essência feminina, tampouco uma masculina. Há, sim, modos diversos e múltiplos de viver a feminilidade e a masculinidade, de representá-las e ressaltar suas singularidades, assinaladas nos próprios corpos. Assumir esse conjunto de enunciados implica considerar que é no âmbito das relações sociais que os sujeitos mulheres e homens se constroem mutuamente, construção essa que não é acabada, nem homogênea, tampouco progressiva e, muito menos, harmoniosa. Diferentes discursos circulam, disputam espaços, interpelam e posicionam os sujeitos mulheres e homens, generificando-os ao inscrever em seus corpos as feminilidades e as masculinidades – provisórias, mutantes, ambíguas, dissonantes, ousadas e desconcertantes.

Mesmo assumindo a produção de sujeitos e a pluralidade das formas das feminilidades e masculinidades, a generificação dos corpos envolve relações de poder, cujo efeito se “expressa através da construção de diferentes tipos de masculinidades e feminilidades, alguns/mas dominantes e outras/os subordinados” (Donald Sabo, 2002, p. 42). Isso significa dizer que algumas feminilidades e masculinidades, às vezes, valem mais e, outras, valem menos, envolvendo as posições que as representações ocupam em determinados arranjos de poder. Nessa perspectiva, o gênero assume uma dimensão política e, como categoria de análise, possibilita criar fissuras, abrir brechas e borrar as fronteiras produzidas entre aquilo que foi enunciado como feminino e como masculino, marcadamente no campo das práticas corporais e esportivas.

Pensar nessas questões, pôr sob tensão a centralidade masculina no campo esportivo, desenvolver estratégias de ampliação da participação feminina nos vários setores esportivos e assumir que o esporte se constitui num importante campo de visibilidade para as mulheres são necessidades que emergem das discussões que envolvem a mulher e o esporte, quando focalizados na perspectiva dos Estudos Feministas e de Gênero. O olhar atento denuncia que o esporte é um território generificado “não porque [é] generificado em sua essência, mas porque são construções culturais às quais se agregam discursos, valores e práticas que acabam marcando nos corpos representações de feminilidades e masculinidades”, alerta Figueira (2008, p. 223).

1.6. Rachando palavras e imagens para fazer ver o enunciável e o visível

Esta tese focaliza a conversação entre imagens e textos, entre visibilidades e dizibilidades, entre o visível e o enunciável. Inspirei-me na instigante analogia sobre texto e imagem elaborada por Milton J. de Almeida (2002, p. xv) ao indagar “o que se vê quando se olha um texto, quando se olha uma imagem”. Reproduzo a reflexão do autor por entender que a supressão de fragmentos pode resultar em mutilações imperdoáveis. Nas suas palavras:

O olhar começa a ler o texto, o olhar começa a ver a imagem, o texto diz, a imagem mostra. O texto principia a conduzir o olhar em seu trajeto da esquerda para a direita, em seu grafismo ordenado, em suas linhas horizontais que começam a completar as páginas. Um texto revela-se pouco a pouco, acumulando sentidos trazidos pelas palavras, pela sintaxe. A forma texto é também a forma de pensar o que o texto diz. Os significados das palavras são também os significados de como elas se mostram. Então também se vê um texto. Um texto é uma imagem.

A imagem – uma gravura, uma pintura, uma fotografia – revela-se de uma só vez. Permite que o olhar, delimitado somente pelas bordas, comece a vê-la a partir de qualquer ponto, vagueie por ela em diferentes direções, permaneça onde quiser, imagine. A forma imagem, com suas linhas, superfícies, perspectivas, manchas, é também a forma de pensar o que a imagem mostra. Os significados das imagens são também os significados de como elas se mostram. E aí as imagens tornam-se signos. Então, também se lê uma imagem. Uma imagem é um texto.

Essa noção, que discursivamente posiciona lado a lado imagem e texto, borrando as fronteiras que poderiam polarizá-los ou hierarquizá-los, constitui e centraliza as análises produzidas nesta tese. Almeida (2002) sugere que, apesar de texto e imagem possuírem suas particularidades, também apresentam semelhanças, atravessamentos e imbricamentos. Dessa “mistura”, podem emergir outras possibilidades ainda não faladas, talvez perdidas ou não imaginadas. Tanto a imagem quanto o texto exigem mais do que uma passagem rápida do olhar, requerem uma demora, um deixar-se ficar aqui e ali, mesmo que momentaneamente. Isso não para capturar algo que esteja mais profundo, silencioso, invisível, mas sim para captar aquilo que está na própria superfície e nos toca e reverbera de modo tão único e circunstancial.

Penso que hoje já não é mais possível desconsiderar o lugar central ocupado pelo visual na nossa cultura e, fundamentalmente, eu não poderia ignorar o apelo que produz a imagem da arquitetura corporal feminina levada ao máximo da sua potencialização muscular. Afinal, o meu interesse em pesquisar essa temática advém, em parte, dos efeitos que as

imagens de mulheres fisiculturistas produziram nas leituras e reflexões que eu elaborava quando rascunhava um projeto em torno das questões que envolviam as mulheres e o esporte. Concordo com Nicholas Mirzoeff (2003, p. 17) quando assinala que a sociedade pós-moderna se caracteriza por ser ocularcêntrica, visto que “agora a experiência humana é mais visual e está mais visualizada do que antes”, pois interagimos cada vez mais com experiências visuais totalmente construídas. Há uma infinidade “de tecnologias visuais³⁴” que nos fazem ter a impressão de viver em constante vigilância, tal é a invasão dos aparatos visuais na nossa vida, seja na rua, no supermercado, no caixa eletrônico, no portão da nossa residência e até no interior da nossa casa. Se constantemente somos olhados, simultaneamente também olhamos e com avidez consumimos as imagens veiculadas na televisão, nos filmes, em DVDs, na utilização cotidiana da Internet, e ainda carregamos um celular com câmera fotográfica, pois sempre é possível capturar uma imagem inusitada que brevemente será postada numa comunidade virtual para que outros também possam olhá-la. Em síntese, “a vida moderna se desenvolve nas lentes (...) e o visual não é uma mera parte da vida cotidiana, senão a vida cotidiana em si mesma”³⁵ (Mirzoeff, 2003, p.17). Estamos cercados de diferentes tipos de imagens veiculadas nos mais diferentes artefatos, seja nos programas de televisão, nas fotografias dos jornais e revistas, nas propagandas, no cinema, nas pinturas, na Internet. Enfim, há múltiplas possibilidades que oferecem ao nosso olhar diferentes modos de “traduzir o mundo em termos visuais. Mas esta tradução, mesmo através de fotografia, nunca é inocente. Estas imagens nunca são janelas transparentes para o mundo. Elas [...] apresentam o mundo de formas bem particulares³⁶” (Gillian Rose, 2001, p. 06).

Essa proposição possibilitou-me compreender que as imagens ou visualidades também são tomadas como práticas sociais discursivamente e linguisticamente construídas. Mais do que signos, símbolos ou conjunto de sinais, as imagens criam sentidos, acionam desejos, instituem representações que envolvem relações de poder e enunciam posições de sujeitos. Considerar que as imagens não são nada inocentes implica assumir que elas instituem modos específicos de ver o mundo, trazendo inscritas, em suas formas, traços, cores, luzes e sombras, representações políticas, sociais e culturais que falam de uma época e de um dado lugar. Rose (2001, p. 12) assinala que o exame apurado das imagens possibilita analisar concepções particulares acerca de temas, como “classe, gênero, raça, sexualidade, capacidade física, etc”. Para exemplificar, recorro à investigação onde Goellner (2003a) analisa as imagens dos

³⁴ Expressão utilizada por Gillian Rose (2001).

³⁵ Tradução livre.

³⁶ Tradução livre

corpos femininos veiculadas na Revista *Educação Physica*, publicada entre os anos 1932 e 1945. Suas análises apontam que a revista instituiu modos de educar os corpos femininos e masculinos; sobretudo, a autora destaca que “ser bela, maternal e feminina” constituía as representações hegemônicas construídas acerca das mulheres naquela época.

Nesse sentido, importa destacar que as imagens produzem efeitos toda vez em que são examinadas. Isso implica considerar que olhamos as imagens de determinados modos, enquanto que outras possibilidades de vê-las nos escapam. John Berger (1999) alerta que, apesar de toda imagem incorporar um modo ver, sendo detalhadamente produzida para que seja olhada de certa maneira, a nossa apreciação traz incrustado um modo particular de vê-la. Isso porque “a imagem é, pois, tanto do ponto de vista do seu autor quanto do seu espectador, um fenômeno ligado à imaginação” (Jaques Aumont, 2006, p. 90). Quando olhamos uma imagem, ela penetra no nosso corpo, invade os nossos sentidos, dialoga com as nossas memórias, produz sentimentos e sensações, constituindo representações que também nos constituem.

Desse modo, cabe olhar para as imagens como um “texto a ser lido, imaginado, observado, reconstruído no seu significado” (GOELLNER e MELLO, 2001, p. 122), pois, cada vez que olhamos para uma mesma imagem, podemos vê-la de diferentes modos. Exemplo disso é o meu modo de olhar para as imagens das mulheres que potencializam os seus músculos, que foi se transformando no decorrer da produção do estudo. Se, no início da pesquisa, eu ficava fascinada e boquiaberta com alguns dos corpos fotografados por Bill Dobbins, hoje essas imagens não me surpreendem do mesmo jeito e não produzem os mesmos impactos. Como lembra Rose (2001, p. 07), “as imagens funcionam ao produzirem efeitos toda vez que são examinadas”. Ao analisar textos e imagens produzidas no fisiculturismo, percebi que as representações falam das arquiteturas corporais que estão ajustadas ao esporte, e esses corpos são assim produzidos porque o esporte assim os produz.

Admito, juntamente com Rose (2001), que as imagens podem ser poderosas e sedutoras por elas mesmas, seja nas suas cores, tamanhos, texturas, ângulos, registrando o inusitado, o familiar, o afetivo, o instantâneo, entre outros. Contudo, mais do que estudar imagens, interessava-me aproximar textos e imagens e fazer com que, dessas conversações, emergissem diálogos complementares, perturbadores, dissonantes, afirmativos e questionadores – “as imagens podem ser um recurso produtivo que reafirma, amplia e/ou fixa os enunciados escritos ou podem atuar como um outro texto” (Simone Schwengber, 2006, p. 49). Centrei meu olhar nessas conversações para chamar ao texto alguns conceitos que engendraram as questões centrais que atravessam esta tese, criando as condições de

possibilidades para eu produzir uma escultura de enunciados com o exame das dizibilidades e visibilidades que constituem o material empírico sobre o qual me debrucei. Nesse sentido, utilizar “as imagens como fonte de pesquisa não significa utilizá-las como mera ilustração. (...) Antes, é na recorrência a imagem como um texto que se amplia a possibilidade de movimentar uma tensão entre diferentes fontes/testemunhos, (...) sentidos e significados” (GOELLNER e MELLO, 2001, p. 122). Para analisar imagens e entender como elas operam, é preciso considerar que

Uma imagem pode ter seus *próprios efeitos visuais* (então é importante examinar cuidadosamente as imagens); estes efeitos, através de *modos de ver* mobilizados pela imagem, são cruciais na produção e reprodução de visões de *diferença social*; mas estes efeitos sempre se intersectam com o *contexto social de seu visualizar* e as *visualidades que os espectadores trazem ao seu visualizar*³⁷ (ROSE, 2001, p. 09).

Os estudos de Fischer (2006, 2005), Rose (2001) e Schwengber (2006) apontam a possibilidade de utilizar a análise enunciativa teorizada por Michel Foucault (2005) para fazer ver, nos discursos que atravessam as imagens e os textos, aquilo que foi possível enunciar e visibilizar numa determinada época. Para Fischer (2001, p. 204), “as coisas ditas [e as visualidades] são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo”. Naquele momento, perguntava-me: como reconhecer um enunciado? É Foucault (2005, p. 122) quem sugere que, para captar um enunciado, “é necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo [uma vez que] o nível enunciativo se esboça em sua própria proximidade”. Em síntese, não há enunciados ocultos, porém eles também podem não ser visíveis. O olhar atento e meticuloso é que segue vestígios e rastros deixados pelos materiais (textos e imagens), cujos sentidos se repetem, constituindo e reafirmando significações.

Gilles Deleuze (2006, p. 60) comenta que “Foucault deixava-se fascinar tanto pelo que via como pelo que ouvia ou lia”, tanto que propõe que a sua arqueologia seja entendida como um “arquivo audiovisual”, uma vez que é nas conversações entre a voz e os olhos que ele aponta a emergência dos enunciados. Porém, chama a atenção para o fato de que, assim como os enunciados não representam falas, frases e proposições,

³⁷ Tradução livre; itálico do autor.

As visibilidades [também] não são formas de objetos, nem mesmo formas que se revelariam ao contato com a luz e com a coisa, mas formas de luminosidade, criadas pela própria luz e que deixam as coisas e os objetos subsistirem apenas como relâmpagos, reverberações, cintilações. (...) *Abrir* as palavras, as frases e proposições, *abrir* as qualidades, as coisas e os objetos: (...) É preciso extrair das palavras e da língua os enunciados correspondentes a cada estrato e a seus limiares, mas também extrair das coisas e da vista as possibilidades, as “evidências” próprias a cada estrato (Deleuze, 2006, p. 62).

Desse modo de olhar, aprendi com Deleuze (2006, p. 75) que é preciso rachar as palavras e as coisas para extrair o enunciável e o visível dos textos e das imagens. Deleuze alerta que estes não são redutíveis um ao outro, mas que estão em “constantes entrecruzamentos”, em que palavras e imagens se “insinuam uma na outra” e os enunciados e as visibilidades disputam espaços, “se combatem e se capturam constituindo cada vez a ‘verdade’”. Essas reflexões fizeram-me considerar que, nesta tese, “o enunciado comporta duas dimensões: uma dizível e outra visível”, conforme a proposição de Schwengber (2006, p. 48).

A análise das fontes desta pesquisa ancora-se nas conversações produzidas entre o falar e o ver e, dessa aproximação, busca fazer emergir algumas linhas de conexões, mas também rupturas ou atravessamentos para fazer ver as enunciações. Deleuze (2006, p.68) sublinha que “cada formação histórica vê e faz ver tudo o que pode, em função de suas condições de visibilidade, assim como diz tudo o que pode, em função de suas condições de enunciado”. Com essa reflexão, entendo que tanto as imagens quanto os textos dizem de um determinado tempo e espaço em que foi possível enunciar desse modo e não de outro. Em síntese, esses artefatos enunciam as circunstâncias de sua produção, narrando as histórias de sua época. Assim, os discursos e as representações produzidos na forma de dizibilidades e visibilidades acerca da potencialização muscular feminina enunciam as condições de produção desses corpos tanto no passado quanto no presente, possibilitando ver as permanências, descontinuidades e reafirmações produzidas em cada época e lugar.

Para centralizar o olhar nessas questões e não em outras, aprendi com Rose (2001) que os significados de uma imagem são produzidos no imbricamento de três instâncias: os espaços de produção da imagem, o espaço da imagem em si e os espaços em que a imagem é visualizada pelos diversos públicos. Essas instâncias ainda são atravessadas por três modalidades que as constituem, a saber: a modalidade tecnológica, que diz respeito aos aparatos utilizados para fazer ver as imagens; a composicional, que se refere ao conteúdo, às cores e posicionamentos em uso numa imagem; e, por fim, a modalidade social, que envolve

“uma cadeia de relações, instituições e práticas econômicas, sociais e políticas que cercam uma imagem e através da qual é vista e empregada” (p. 11).

Levando em consideração as distintas metodologias propostas pela autora para a análise de materiais visuais, aproximo-me daquela que está ancorada na análise de discurso foucaultiana, especificamente, a perspectiva que a autora aponta constituir-se em uma

[...] forma de análise de discurso [que] tende a dar bem mais atenção à noção de discurso enquanto articulada através de vários tipos de imagem visual e textos verbais do que as práticas vinculadas a discursos específicos. [Essa perspectiva] está mais preocupada com o discurso, as formações discursivas e sua produtividade³⁸ (ROSE, 2001, p. 140).

Especificamente, essa vertente de análise privilegia o exame da imagem em si, assim como está mais preocupada com o enfoque composicional e com a modalidade social que envolve o território da imagem, sugerindo que presta meticulosa atenção aos efeitos das imagens e dos textos. Tomar como método de análise o caminho proposto por Rose (2001) não foi uma escolha aleatória, mas interessada. Sobretudo, considerei o foco desta investigação e o percurso de construção do objeto de pesquisa, uma vez que as imagens já dividiam a cena central com os textos, o que foi reafirmando-se no decorrer da produção das fontes desta investigação.

Decidida a analisar discursos, escolhi como fontes os textos e as imagens, pois ambos são construções discursivas que interpelam os sujeitos, capturando-os e fazendo deles sujeitos desses discursos e representações e de tantos outros. Em síntese, Rose (2001) propõe um caminho já demarcado que será por mim seguido em partes e percorrido do meu modo. Tomo a sua proposição como uma inspiração e um apoio àquilo que pretendo elaborar, pois, como assinala Costa (2002, p. 151), tanto o percurso investigativo quanto as análises produzidas “advêm das minhas convicções teóricas e políticas, bem como da forma como me posiciono como pesquisadora”. No meu caso, uma pesquisadora aprendiz desse modo de olhar, pensar e construir o tema em análise.

1.7 A produção das fontes de pesquisa

³⁸ Tradução livre. A autora propõe ainda uma “Análise de discurso II”, que “tende a dar mais atenção às práticas das instituições do que às imagens visuais e aos textos verbais” (ROSE, 2001, p. 140).

Interpelada pela perspectiva teórica em que escolhi me deixar ficar e seduzida pela temática que me propunha a estudar, investi na produção das fontes deste estudo, empenhando-me na busca de vestígios, traços e pegadas para produzir o material empírico sobre o qual desejava me debruçar. Para que a investigação germinasse, me propus, inicialmente, a considerar como uma possível fonte qualquer texto e imagem, ou seja, qualquer artefato cultural produzido sobre o fisiculturismo e, mais atentamente, em torno da potencialização muscular feminina. Tal procedimento apoiou-se em Costa (2002, p. 151), quando lembra que nenhum dado ou dúvida qualquer deve ser descartado “sem antes perscrutarem-se cuidadosamente várias possibilidades de conectá-los com aquilo que se deseja investigar”. A operacionalização da investigação exigia, sobretudo, considerar que os artefatos culturais a serem analisados não estão aí dados e prontos para se falar. Ao contrário, é preciso produzir as fontes, dialogar com elas, perguntar-lhes acerca do tema, enfim, fazê-las falar. Essa noção apóia-se em Goellner (2007a, p.21), cujos argumentos apontam que

(...) um documento, uma imagem, um artefato não são fontes históricas em si. O(a) pesquisador(a) é que lhe atribui significado a partir das questões que levanta para pesquisar, das indagações que faz sobre esse documento, da trama a partir da qual o documento é engendrado e sobre o qual ele pode falar. O documento é uma fonte porque alguém lhe conferiu voz.

Com essa prerrogativa metodológica a incitar-me e considerando que “o discurso é um padrão coerente de enunciados que existe numa variedade de arquivos e sítios³⁹”, as fontes desta pesquisa são marcadamente ecléticas. Segundo as afirmações de Rose (2001, p. 143), é “a intertextualidade do discurso [que] exige esse ecletismo”, cuja composição começa com aquelas fontes chave que, inicialmente, sugerem um caminho a ser percorrido, e nelas ainda encontramos outras tantas referências que podem ser buscadas para constituir o material empírico a ser analisado. Assim, além dos textos e imagens, foi possível posicionar também a entrevista e as observações de campeonatos como fontes para a análise.

Os meus movimentos iniciais constituíram-se na consulta à biblioteca da Escola de Educação Física da UFRGS para identificar livros e artigos que abordassem o tema que me interessava. Também percorri espaços de vendas de revistas, como bancas e sebos, buscando antigos e atuais exemplares de revistas que focalizassem o fisiculturismo, e recorri à Internet para identificar *sites* que apresentavam informações relacionadas à potencialização muscular feminina.

³⁹ Nicholas Green (1990), citado por Gillian Rose (2001, p. 143).

Seguir diferentes pistas e indícios advindos de múltiplos artefatos culturais criou as condições de possibilidade para a produção de uma investigação marcada pela diversidade de fontes. Vale lembrar que, quando olhamos as nossas fontes de pesquisa, estamos olhando de uma perspectiva teórica que nos possibilita ver de determinada maneira e não de outra. Por fim, lembro as palavras de Corazza (2002, p. 124), que me fizeram perceber que “somos escolhidos/as pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentido; e que também nos significou, nos subjetivou, nos (as)sujeitou”.

Considerando essas questões, descrevo as fontes que produzi pelo caminho desta investigação, nomeando o artefato cultural e, quando possível, as seções, as reportagens, as dicas, as entrevistas, os campeonatos e os *links* de onde colhi os textos e as imagens que deram voz às minhas questões e análises.

a) Livros publicados:

Ao buscar livros acerca da temática desta pesquisa, percebi que as obras que abordavam a potencialização muscular eram de autoria masculina e, na sua maioria, endereçadas aos homens. De um modo geral, privilegiavam a descrição de aspectos fisiológicos e a prescrição de sessões de treinamento de musculação. Quando endereçadas aos homens, não havia tal explicitação no título da obra, nem mesmo nos seus capítulos, visto que o endereçamento se produzia nas imagens que ilustravam as capas, exibindo corpos masculinos se exercitando, fazendo poses para tornar visíveis os seus músculos inflados ou apenas insinuando volumosos contornos corporais. Ao mesmo tempo, observei que, quando um livro abordava a potencialização muscular feminina, exibia-a já no título e também nas cores e nas imagens das mulheres, que apareciam em poses não para fazer o músculo saltar, mas apenas insinuar moderados contornos musculares, conforme apontam estes materiais:

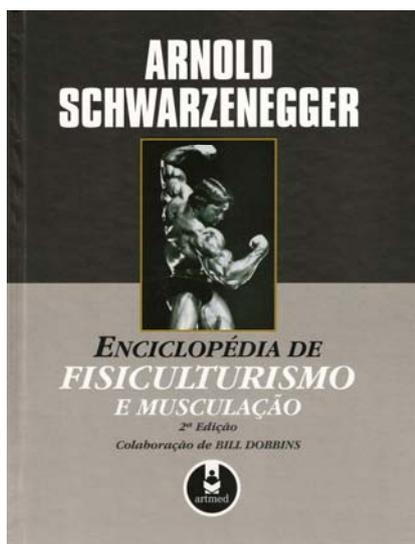


Imagens 2 – Capas de livros fontes de pesquisa

Observei nessas capas de livros⁴⁰ que, quando se trata da potencialização muscular masculina, não há necessidade de gravar em palavras o endereçamento, pois os homens são tomados como referentes nessa modalidade esportiva, enquanto que, quando uma obra privilegia as mulheres, é preciso nomeá-las, não só com palavras na capa, mas também em imagens e cores. Todavia, vale apontar que os autores mencionam que, apesar das diferenças anatômicas e fisiológicas, o treinamento para homens e mulheres é semelhante; o que produz as especificidades entre as/os praticantes e/ou atletas são os contornos corporais que cada homem ou mulher deseja produzir em seu corpo. O fisiculturismo como um esporte aparece timidamente nessas produções, especificamente o feminino é mencionado por Guedes (2005) nas páginas iniciais do seu livro, que exibe uma fotografia de Cory Everson, uma das fisiculturistas americanas que marcaram esse esporte ao misturar músculos bem delineados com uma toailete sofisticada que inscrevia no seu corpo uma feminilidade normalizada.

Se essas obras me possibilitaram conhecer o contexto que envolve o treinamento para a produção de corpos muscularmente potencializados, os dois livros apresentados abaixo foram centrais na produção de linhas de conexão, dispersão e afirmação entre os discursos que constituem o fisiculturismo como uma modalidade esportiva.

⁴⁰ Os livros *Técnicas de execução de exercícios* (2002) e *Musculação para mulheres* (2003) são de autoria de Waldemar Guimarães Neto. O livro *Musculação: estética e saúde feminina* (2005) é de autoria de Dilmar Pinto Guedes. Todas as obras foram publicadas pela Editora Phorte.



Imagens 3 – Capas de livros fontes de pesquisa

A *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*, de Arnold Schwarzenegger (2006), traduzida e publicada no Brasil em 2001 e em 2006, estava na sua quarta reimpressão. Em um único volume de 800 páginas, o autor produz uma narrativa acerca da emergência do fisiculturismo. A enciclopédia é atravessada pela profusão de mais de quinhentas imagens, a maior parte delas do próprio Schwarzenegger, mostrando corpos em exercício ou fazendo as poses clássicas do fisiculturismo. Apesar das escassas referências às mulheres, o autor produz um discurso endereçado aos homens e às mulheres que desejam constituírem-se atletas dessa modalidade esportiva. Os métodos de construção das arquiteturas corporais ajustadas a esse esporte, os cuidados na produção e exibição do corpo, as estratégias de preparação para a competição, a escolha dos alimentos que auxiliam na potencialização dos corpos, as dietas, a escolha do traje e da música para a exibição e a tonalização da pele são apresentados. Essa análise permitiu-me conhecer, desde o seu interior, a meticulosa produção dos corpos dos/as atletas do fisiculturismo.

O livro *Modern Amazons* constituiu-se numa fonte instigante na temática de estudo. A obra apresenta um conjunto de 112 imagens em que atletas mulheres das diferentes modalidades do fisiculturismo expõem seu corpo em poses que nada lembram o esporte, constituindo-se em modos múltiplos de visibilizar os corpos, ou partes deles, explorando ângulos, cores, luzes e sombras. Além desse, Dobbins publicou outro livro⁴¹ focalizando a

⁴¹ *The women: Photographs of the top of female bodybuilders* (1994).

mesma temática e possui um *site*⁴² onde oferece acesso a uma galeria que exhibe e vende imagens na forma de fotografias ou vídeos de mulheres atletas do *fitness*, *figure* e do *physique*. Nesses artefatos, o fotógrafo explora os contornos corporais das atletas, privilegiando a representação da erotização do músculo, fotografando-as em cenários e gestos diversos e, muitas vezes, centralizando seu olhar sobre o corpo nu, que é exibido em posições e modos diversos. Penso que essa nudez, que se mostra múltipla e algumas vezes íntima, fez com que, ao pé da página, o autor deixasse registrada, em pequenas letras, a advertência de que o *site* não possui conteúdo adulto, ou seja, pornográfico.

A relação da obras de Schwarzenegger e Dobbins não se apóia apenas no fato de ambos discursivamente produzirem seus modos de ver e representar o fisiculturismo, os quais se constituem em olhares diversos ao significá-lo. A aproximação que aponto refere-se à colaboração do fotógrafo Dobbins na enciclopédia de Schwarzenegger – sua participação está inscrita na capa da obra. Surpreendeu-me o fato de que a colaboração de um fotógrafo reconhecido pelas imagens que produz dos corpos femininos potencializados não tenha deixado registrada, nesse artefato, a inscrição mais singular e forte do seu trabalho, uma vez que as imagens publicadas de sua autoria são de atletas homens. Em síntese, entre as quinhentas fotografias que fazem volume na obra de Schwarzenegger, apenas uma delas põe em cena uma mulher⁴³, e essa imagem não é da autoria de Bill Dobbins. Ainda assim, aproximar esses dois artefatos e mergulhar nos seus discursos possibilitou-me entender que posições de sujeito ocupam as atletas nesse esporte e de que modos estão sendo e podem ser representados os seus corpos.

b) Revistas:

Através desses artefatos, conheci registros do cotidiano do fisiculturismo em nível internacional, com a *Musclemag International*, e, principalmente, no nacional, com o *Jornal de Musculação e Fitness*⁴⁴.

⁴² Disponível em: www.billdobbins.com, que oferece a www.billdobbins.com/index-com.html, onde possui inúmeros perfis de mulheres com “corpos macios e músculos sexy” e comercializa as imagens, há ainda um segundo *site*, www.billdobbins.net, em que comercializa imagens de atletas de fisiculturismo com uma visão artística e erótica da nudez. Em ambos os espaços, é possível comprar o acesso, fazer *download* e imprimir imagens que são restritas aos internautas pagantes.

⁴³ A fotografia de George Geenwood é de 1970 e registra Frank Zane, o vencedor do Mister Universo Amador, e Arnold Schwarzenegger, que venceu o Mister Universo Profissional; entre eles, a vencedora do Miss Biquíni, Christine Zane. Essa imagem será analisada no enunciado intitulado “A espetacularização da potencialização muscular”.

⁴⁴ A partir deste momento, para me referir ao *Jornal de Musculação e Fitness*, utilizo a abreviação JMF.

A primeira delas constituiu-se num único exemplar que adquiri numa banca de revistas, assim que decidi focalizar a potencialização muscular feminina. Esquadrinhando esse artefato, aproximei-me do tema ao seguir os rastros apontados nos discursos que reafirmavam ser esse esporte marcadamente masculino.

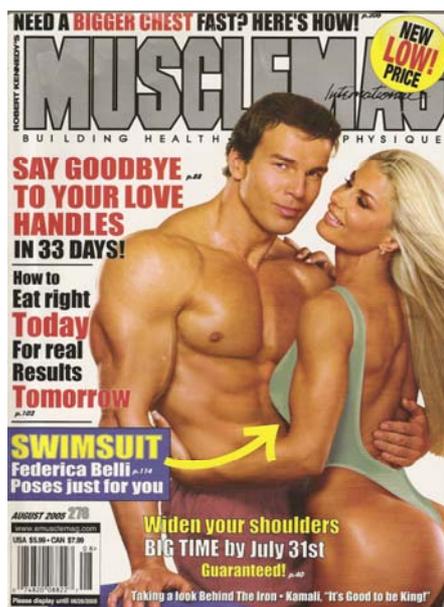


Imagem 4 – Capa de revista fonte de pesquisa

A imagem da capa já representava a quem e de que modo se endereçava a revista: os contornos corporais são volumosos no homem e comedidos na mulher; o corpo dela está voltado para ele, e é ele que olha para o espectador. Isso enunciava que a publicação falava de atletas homens para homens atletas, ou seja, eles eram os sujeitos dos discursos que circulavam na revista. Entre programas de treinamento para potencializar rapidamente o abdômen, alimentação correta para o fisiculturista, os perigos das pílulas de bronzeamento, publicidade de suplementação alimentar, cremes para depilação, gel para ereção, entre outros temas, deparei-me com uma matéria que analisava o Ms. International 2005, uma competição entre as principais atletas da modalidade *physique* americana, promovida por Arnold Schwarzenegger. Nessa reportagem, Garry Bartlett comentava as arquiteturas corporais das atletas e discutia a determinação da International Federation of Body Building⁴⁵, que exigia que todas as atletas do fisiculturismo diminuíssem em 20% o seu volume muscular. A partir

⁴⁵ A partir deste momento, para me referir à International Federation of Body Building, utilizo a abreviação IFBB.

dessa fonte, aponteí diferentes pistas, tracei direções e busquei perceber espaços de visibilidade, como as mulheres atletas começavam a aparecer e de que modo eram enunciadas, o que delas se falava e como elas se posicionavam. Essa revista apresentou-me o cenário americano das competições profissionais realizadas naquela época, e também foi a partir dela que passei a conhecer e a identificar as atletas profissionais posicionadas no centro do espetáculo contemporâneo.

O *Jornal de Musculação e Fitness*⁴⁶ foi uma das fontes mais instigantes no decorrer de toda a elaboração da pesquisa, uma vez que, através dela, acompanhei desde o início de 2005 a afirmação e a ampliação do fisiculturismo no Brasil, assim como a participação brasileira no exterior. Ao todo, foram 17 exemplares analisados, e deles extraí enunciados dispersos, repetidos, articulados, reunidos em torno de sentidos singulares. A revista é produzida pela Federação Brasileira de Musculação – Nabba Brasil, e está no seu XIV ano de publicação, no número 73. Nasceu em 1978 como um boletim informativo da Federação Paulista de Musculação, com algumas páginas datilografadas tratando de questões relacionadas com treinamento, nutrição esportiva, resultados de competições e notícias em geral, acompanhadas pela colagem de algumas imagens. Esse boletim era fotocopiado e distribuído gratuitamente. Em 1993, tornou-se o *Jornal da Musculação*, reproduzido em preto e branco em papel jornal e com poucas páginas. Em 2002, já em formato de revista, atingia a tiragem de 60.000 exemplares, quando não foi mais possível distribuí-lo gratuitamente. Desde aquela época, tornou-se uma publicação paga e passou por períodos difíceis, com poucos patrocinadores, dificuldades de distribuição, entre outros⁴⁷. Atualmente, está com 165 páginas e em um momento de expansão. Por ser um dos títulos de maior vendagem de determinada distribuidora no Brasil, o JMF continuará sendo comercializado via assinatura e em bancas, mas também passará a ser disponibilizado em supermercados⁴⁸.

⁴⁶ O JMF também possui uma *homepage*, que pode ser acessada por meio do endereço www.jmfbrasil.com.br; algumas reportagens podem ser lidas. Privilegiei a revista na produção das fontes de pesquisa, pois o seu conteúdo não é disponibilizado integralmente no ambiente virtual.

⁴⁷ Essa narrativa acerca da produção da revista foi contada por Eugênio Koprowsky, um dos seus criadores. Fonte: JMF, p. 15-16, n. 56, 2005.

⁴⁸ Informações colhidas no editorial assinado por Walter Novaes, editor responsável pela publicação desde 2002. Fonte: JMF, p. 09, n. 73, 2008.



Imagens 5 – Capas de revistas fontes de pesquisa

Nas duas capas reproduzidas, enunciam-se as transformações pelas quais a revista passou nesse tempo. A da esquerda registra a primeira revista, que comprei em 2005, e traz as imagens de Patrícia Mello e Charles Mário; a da direita é a última revista de 2008 e reproduz as imagens de Dora Rodrigues e Samoel Oliveira. Percebi que essas imagens deixam vestígios sobre os modos de exibir os corpos das/os atletas, mas também apontam para os contornos corporais que representaram e representam distintos momentos esportivos. A partir dessas e de tantas outras imagens, entendi que há modos diversos de representar os corpos, o que implica considerar que os corpos carregam as marcas do seu tempo e das circunstâncias em que foram produzidos.

Ao examinar os exemplares da revista, interessaram-me as temáticas que apareciam com regularidade; entre elas, destaco: os grandes musculadores do passado, debate antidoping, programas de treinamento, notícias dos campeonatos de fisiculturismo masculino profissional, registros imagéticos e comentários das competições nos Estados. Também havia alguns temas eventuais que compuseram as fontes de pesquisa, como: nutrição esportiva e algumas narrativas de biografias de atletas campeãs, entre outros. Além disso, o JMF é recheado de propagandas voltadas, principalmente, para o uso de suplementos alimentares.

Centralizando o olhar nos textos e imagens, notei que alguns sujeitos estão mais autorizados a ensinar a intervir nos corpos do que outros; alguns têm mais espaço e falam mais vezes, e outros, menos. Entre esses sujeitos, estão ex-atletas e atletas experientes,

preparadores de atletas, *personal trainers*, professores de educação física, dirigentes do fisiculturismo, nutricionistas, médicos, entre outros, advindos de diferentes áreas do saber. Os discursos produzidos em torno do treinamento esportivo e da produção do volume muscular, da propensão genética inscrita nos corpos, dos perigos e implicações no uso das substâncias químicas, aparecem como temáticas discursivamente produzidas pelos homens. Já as mulheres aparecem autorizadas a assinar as reportagens relacionadas com nutrição, suplementação alimentar e importância da dieta; elas colaboram enviando receitas de baixo teor calórico. Mulheres também assinam matérias acerca da história do fisiculturismo e seus protagonistas masculinos, e algumas delas são visibilizadas em função do registro da sua trajetória de vida como atletas. Em síntese, os discursos masculinos estão fortemente marcados pela prescrição de um complexo conjunto de estratégias e investimentos para atingir a performance esportiva, enquanto que os femininos estão mais voltados às questões que envolvem a alimentação e narram as histórias de vida das atletas⁴⁹. Mergulhar no JMF representou, para mim, olhar para o fisiculturismo a partir das suas próprias entranhas, percebendo as circunstâncias de sua produção e perscrutando, em diferentes direções, os efeitos produzidos pelos textos e imagens que circulam nessa publicação.

c) Sites das instituições representativas do fisiculturismo

A Internet mostrou-se, desde o início desta investigação, como um instigante e produtivo artefato de consulta. Navegando em diferentes *homepages*, encontrei *links* que multiplicavam as possibilidades de produzir fontes de pesquisa. Nessa busca, destaco os *sites* da Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação⁵⁰ e da Nabba Brasil. Ambas abririam as portas de um território esportivo por mim ainda não visitado e permitiram-me conhecer e entender a organização do fisiculturismo no país, assim como recolher fragmentos dispersos em textos e imagens acerca da construção desse esporte no Brasil.

⁴⁹ Muitas narrativas femininas estão marcadas pela enunciação de que a adesão ao fisiculturismo mudou suas vidas. Veja os exemplos: “A musculação mudou a minha vida” (JMF, n. 68, p. 68-69, 2007), artigo em que Sheila Vieira conta que, por muitos anos, foi atleta de Luta Olímpica e, ao ser diagnosticada com sérios problemas de coluna, passou por cirurgia e foi obrigada a abandonar o esporte. Encontrou na musculação a reabilitação do seu corpo e depois, no fisiculturismo, diz que renasceu como atleta; “Thaís Oshita, uma atleta pela saúde” (JMF, n. 71, p. 10-12, 2008) conta a história da atleta que passou por um período de obesidade e diferentes doenças a ela associadas, quando, em 2006, conheceu Silvia Finocchi. Encantada com os contornos desta atleta, Thaís decidiu investir “no treinamento pesado de musculação” e tornou-se atleta da modalidade *figure*.

⁵⁰ A partir deste momento, quando me referir à Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação, utilizarei a abreviatura CBCM.

Navegar no *site* da CBCM possibilitou-me acessar a IFBB⁵¹ e nesses sites colhi as regras que orientam as competições das diferentes modalidades que compõem o fisiculturismo na atualidade. Por meio do último, cheguei ao Hall of fame, onde encontrei fragmentos de biografias e imagens de algumas mulheres atletas que inauguraram a inserção feminina no fisiculturismo contemporâneo, o que me possibilitou traçar pontos nodais de significados que se reafirmavam e apontavam as relações e os ajustes produzidos entre os corpos femininos e esse esporte. Desses espaços virtuais, fui reconhecendo as atletas que romperam com determinadas representações de corpo e produziram outros modos possíveis de se ser. Nesses quatro anos em que acompanhei o *site* da CBCM, pouca coisa mudou. Há discursos sobre o *doping* e as substâncias proibidas, regras das competições, corpo federativo, entre outras. As informações dificilmente são atualizadas, e o *site* constitui-se numa ferramenta de acesso institucional, uma vez que apresenta um possível calendário das competições anuais, reproduz listas de convocação de atletas para determinadas competições, assim como disponibiliza tabelas com os resultados das principais competições em que suas/seus filiadas/os participaram. Não foi uma fonte que me mobilizou para uma exploração meticulosa, todavia, a partir dela produzi articulações promissoras.

Se o *site* da CBCM apresentava informações restritas, o da Nabba Brasil constituiu-se em uma das fontes privilegiadas desta pesquisa. Além do diálogo que havia com o *Jornal de Musculação e Fitness*, o *site* era dinâmico, apresentando dados constantemente atualizados, trazendo comentários e imagens recentes dos campeonatos e das participações dos/as atletas em competições no Brasil e no exterior. Essa dinamicidade exigia que eu fizesse acessos frequentes para acompanhar as constantes notícias, que me informavam acerca da contextualização do esporte no país. Nesses quatro anos, o *layout* da *homepage* passou por três mudanças, mas alguns temas continuaram sendo reafirmados com os mesmos textos, por exemplo: regras das competições e a refutação ao *doping*. Já outras tantas questões traziam novas possibilidades a serem examinadas. Refiro-me às dicas de arbitragem, às informações sobre os eventos e, principalmente, às imagens das atletas registradas nos campeonatos, que constituíram os focos centrais de muitas análises que produzi.

Além disso, a Nabba Brasil disponibilizava e disponibiliza espaços para as/os atletas hospedarem seus *links*, que são constantemente alimentados com as mais diferentes imagens, tanto aquelas capturadas em plena disputa no palco, quanto as que visibilizavam os bastidores

⁵¹ A IFBB foi formada em 1946 pelos irmãos Ben e Joe Weider, com o objetivo de estruturar o esporte nos Estados Unidos da América. Atualmente, possui 183 países afiliados e participa de diferentes instituições esportivas, dispersas pelos quatro continentes. Disponível em: www.ifbb.com, capturado em 30/12/2008.

dos eventos, as fases de preparação das/os atletas, seus treinamentos, produções em estúdio, etc. As incursões frequentes que eu fazia ao *site*, articuladas aos textos e imagens publicados no JMF, possibilitaram-me conhecer as atletas, identificá-las e registrar, numa teia de pistas e vestígios, alguns recortes da vida esportiva de algumas delas. Acompanhar essas pegadas e examinar meticulosamente seus efeitos constituiu-se num grande desafio, uma vez que é preciso ficar atenta não só às regularidades visíveis, àquilo que insistentemente é dito e visto, mas também às invisibilidades. Como lembra Rose (2001, p. 157/158), “as ausências podem ser tão produtivas quanto a designação explícita; a invisibilidade pode ter efeitos tão poderosos quanto a visibilidade”.

d) Sites do fisiculturismo internacional e brasileiro

Nos *sites*⁵² *Fitness model world* e *Hall of fame*, da IFBB, *Bodybuilding*, *Ironman magazine* e *Hard fitness online magazine*, capturei diversas e diferentes pistas acerca da participação das mulheres na constituição e ampliação do fisiculturismo. Os dois primeiros privilegiam a memórias das atletas, registrando em pequenas biografias, com textos e imagens, alguns fatos e eventos marcantes na relação das atletas com esse esporte. O último privilegia a circulação de artigos de mulheres e homens, tematizando questões relacionadas ao esporte e fazendo circular informações sobre treinamento, dietas, nutrição esportiva. Também há espaço para os internautas trocarem informações sobre seus treinos e demais atividades relacionadas ao fisiculturismo. Nos últimos, há informações sobre as principais competições ocorridas nos EUA, todas elas registradas com inúmeras imagens, mostrando não só o momento da exibição individual, como também a apresentação coletiva e os confrontos entre as atletas. Nesses espaços virtuais, encontrei registros de atletas brasileiras participando de disputas naquele país, entre elas, Andréa Carvalho, Juliana Malacarne, Gal Ferreira, Larissa Reis, Patrícia Mello, Loana Muttoni, Mônica Martin e Ângela Debatin.

No contexto brasileiro, aponto as *homepages* do *Bodybuilding Brasil*⁵³ e do *Female Muscle Show*⁵⁴, que se constituíram em destacados espaços de busca e identificação das atletas que, tanto hoje quanto ontem, produziram e produzem o fisiculturismo no país.

Ao acessar o menu de opções do primeiro *site*, interessou-me colher notícias do esporte no país e no exterior, acessar *links* de registros de atletas mulheres, capturar as

⁵²Disponíveis em: www.fitnessmodelworld.com; www.ifbb.com/halloffame/; www.bodybuilding.com; www.hardfitness.com/ <http://contests.ironmanmagazine.com>

⁵³Disponível em: www.bodybuildingbrazil.com

⁵⁴Disponível em: www.femalemuscleshow.uaivip.com.br

entrevistas realizadas com as atletas, calendários de eventos, resultados de competições mundiais e nacionais e copiar fotografias e vídeos de competições diversas. Por meio desse site, identifiquei atletas, sua imagem e os campeonatos disputados, o que se constituiu em pistas para eu buscar novas fontes em torno de suas biografias. Ao intensificar essas buscas, uma espécie de quebra-cabeças estava em construção, uma vez que eu passava a identificar a modalidade que a atleta disputava, o vínculo com uma das instituições que representam o esporte no país e que lugar ocupava na hierarquia esportiva; assim, colhia pequenos fragmentos acerca da sua participação e protagonismos esportivos. As entrevistas de algumas atletas também foram importantes fontes de exame, como uma reportagem especial elaborada como um “Diário do Culturismo”, de autoria da atleta Claudia Peçanha. Este material foi privilegiado para as análises que produzi, visto que a atleta produzia registros pessoais em torno de sua preparação para a participação em campeonato estadual, nacional e latino-americano.

O site *Female Muscle Show* assume o propósito de divulgar os eventos que acontecem no país e no exterior, com vistas a promover as atletas do fisiculturismo nacional e internacional, divulgando “o universo das mulheres mais belas do planeta”; pretende também comercializar imagens materializadas em vídeo ou fotografias dessas atletas. Embora o site tenha pretensões de divulgar o que acontece no esporte no Brasil e no exterior, isso não se concretiza em suas páginas, uma vez que a centralidade dos discursos nele veiculados está nas mulheres atletas de fisiculturismo, nas modalidades *bodybuilders (physique)*, *figure* e *fitness*. Vale destacar que, para cada modalidade, foram construídas galerias específicas para as atletas nacionais e outra para as internacionais, sendo as primeiras privilegiadas na produção das fontes deste estudo. Cada galeria é alimentada pelos materiais enviados pelas próprias atletas, que indicam se será de livre ou restrito acesso.

Nessa galeria, há *links* de 24 atletas; nas do *figure*, há 30, e, no *fitness*, 24. As atletas que possuem o seu nome numa caixa azul, identificado logo abaixo da sua imagem, permitem o acesso aos seus dados privados, como o endereço eletrônico e o acesso ao perfil do *Orkut*. Algumas indicam a sua página pessoal e informam os títulos conquistados em eventos esportivos. Ainda disponibilizam um conjunto de imagens que podem ser aumentadas e examinadas em seus detalhes, visibilizando as suas performances em campeonatos, fotografias de estúdio e acesso aos vídeos hospedados no *youtube*. No entanto, grande parte das atletas somente disponibiliza a sua imagem, impedindo o acesso público aos demais dados. Ao entrar na galeria da modalidade *physique*, por exemplo, visualizamos a seguinte configuração:

[Home] [Forum] [Email] [Updates]

FEMALE MUSCLE SHOW
<http://www.femalemuscleshow.uaivip.com.br>

- Fitness - Figure - Bodybuilding -

Visite a nossa área de compras na seção shopping. Sempre um nova novidade e novos produtos para você no mundo das Bodybuilders Nacionais

Novidades!
 Clique aqui e saiba mais sobre as incríveis novidades que o Female Muscle Show preparou para vocês na seção de compras. Desta vez você não tem como não completar a sua coleção!!!

Enquete
 O que você acha a respeito das mulheres que praticam bodybuilding? Dê a sua opinião votando na nossa enquete. Clique aqui e participe!

Sign my Guestbook
 BRAVENET Guestbooks

Inscruva-se em FMS PREVIEW

Seu email Visitar Grupos Entre outros!

Powered by Yahoo!

DiretórioMuscular

Buscar

Microsoft Internet Explorer

Ana Cláudia Pires
 Angela Debatin
 Monica Martin

Karina Nascimento
 Simone Souza
 Danusa Marques

Roberta Tolh
 Valéria Cordeiro
 Saniara Benzaquen

Bianca
 Marcia Benito
 Larissa Cunha

Imagem 6 – Site fonte de pesquisa

A partir dessas imagens, naveguei por inúmeras páginas e perfis, garimpando, quando possível, o enunciável e o visível produzidos por cada uma delas. Embora esse *site* indique em um *link* a possibilidade de compra de fotografias e vídeos das atletas, em contato via correspondência eletrônica com *Elfo webmaster*, fui informada de que somente atletas internacionais disponibilizam materiais para venda e de que essa não é uma prática disseminada entre as atletas que competem no Brasil. Por fim, esse *site*, no menu da página

inicial, indica mais possibilidades do que efetivamente oferece no seu conteúdo de navegação. Contudo, não há como negar que, por meio dele, encontrei pistas que, ao serem perseguidas, me levaram até as páginas pessoais de muitas atletas, nas quais encontrei todo um conjunto de enunciados a serem examinados, tendo em vista a multiplicidade de palavras e imagens disponibilizadas para acesso livre e, como também descobri, com um conteúdo para acesso privado.

e) Homepages das atletas e comunidades virtuais

A Internet constituiu-se em um dos espaços receptivos aos discursos das atletas de fisiculturismo, território em que elas são sujeitos dos próprios discursos, produzindo-os e sendo por eles produzidas. Utilizando palavras e, principalmente, imagens, elas fazem do *site* um espaço de registro da sua atuação esportiva e um lugar de divulgação e promoção do seu trabalho, uma vez que muitas delas atuam também como *personal trainers*. Observemos um exemplo:



Imagem 7 - Site de Andréa Carvalho.
Disponível em www.andreacarvalho.com.br capturado em 05/06/2008.

Nas suas *homepages*⁵⁵, as atletas registram a sua própria voz ao assumirem a primeira pessoa para se constituírem como autoras dos registros que falam de suas vidas, produzindo significados e representações centralizados na construção e no aprimoramento do corpo atlético, assim como no gerenciamento do cotidiano da vida de atleta. Através de sua biografia, informam os campeonatos em que participaram e seus patrocinadores, apresentam fotos e vídeos, oferecem endereço e telefone para contatos profissionais, indicam treinamentos, dietas, cuidados com a alimentação, pele, cabelos, entre outros. Os *sites* pessoais também são interessantes artefatos de análise, porque não só fazem circular imagens que registram os eventos esportivos disputados pelas atletas, como também possuem fotografias do cotidiano delas; há também fotos produzidas em estúdio, onde o corpo é visualizado em posições e gestualidades que transbordam os limites do fisiculturismo. Entre os *sites*⁵⁶ pessoais das atletas brasileiras, há dois que, além de registrar a biografia de mulheres que estão treinando e atuando profissionalmente nos Estados Unidos, também disponibilizam às/aos internautas a compra, via cartão de crédito, do acesso a imagens em fotografias e vídeos que privilegiam a erotização dos corpos⁵⁷.

As atletas falam de sua intimidade em entrevistas publicadas em *sites*⁵⁸, fazendo circular informações sobre o fisiculturismo e, principalmente, marcando com os seus protagonismos a história do esporte. Também muitas delas possuem perfis e comunidades de fãs no *site* de relacionamentos *orkut*⁵⁹ e vídeos hospedados no *youtube*, onde registram episódios da sua preparação, como sessões de treinamento para determinado evento e também algumas apresentações realizadas nas competições. Nesses espaços, quando possível, ainda recebem elogios em relação aos seus corpos e suas performances em campeonatos. Em síntese, para o fisiculturismo, a Internet se constituiu e constitui num espaço privilegiado de enunciação e, nesse sentido, um território fértil para a produção das fontes de pesquisa desta tese.

⁵⁵Disponíveis em: www.andreacarvalho.com.br/; www.normafitness.com.br/; www.moniamartin.net/; www.julianamalacarne.com.br/; www.loanamuttoni.com.br/; www.valeriaaprobato.com/; www.rosanamueller.com/; www.patriciamello.com/; www.larissacunha.com.br/; www.angeladebatin.com/; www.dalvaniza.com/; www.larissareis.com.br/index.php; www.andressavieira.com.br/;

⁵⁶ Disponíveis em: www.moniamartin.net/; www.larissa-reis.com/.

⁵⁷ A produção da erotização da potencialização muscular feminina é um tema instigante que escapa ao espaço esportivo e, por isso, não constitui os enunciados analisados nesta tese; porém é questão sobre a qual futuramente pretendo me debruçar.

⁵⁸ Disponíveis em: www.bodybuildingbrazil.com/; www.diariodoculturismo.com/; www.fisiculturismo.com/; www.hardfitness.com/; www.fibofoto.com/; www.amg-lite.com

⁵⁹ Silvia Finocchi, no decorrer da entrevista, mencionou que possuía três comunidades de fãs no *Orkut*, com mais de mil admiradores/as em cada uma delas.

g) Entrevista e observação de campeonatos:

Embora as fontes colhidas em publicações e nos espaços virtuais tenham se constituído em um farto material de pesquisa, considereei que, para marcá-las pelo ecletismo, como sugere Rose (2001), ainda seria necessário um contato concreto com esse campo esportivo. Assim, assisti a dois campeonatos em nível estadual e, em um deles, entrevistei Silvia Finocchi.

O 13º Mister Pelotas de Culturismo ficou marcado como o primeiro campeonato a que assisti. Foi realizado na cidade de Pelotas/RS, em 07 de abril de 2008, e promovido pela Fênix Academia. O evento reuniu um pequeno público, formado de familiares, amigos, atletas, curiosos e admiradores do esporte para assistir às competições femininas e masculinas. Primeiramente, disputaram as mulheres – três atletas de duas categorias. Uma delas apresentou-se na categoria especial, pois possuía problemas auditivos, e as outras duas concorreram na *figure*. Os/as espectadores/as aplaudiram e manifestaram-se incentivando ora uma, ora outra atleta. A campeã da noite foi aquela que possuía a arquitetura corporal com os contornos mais evidentes, com a musculatura volumosa e completamente definida.

Silvia Finocchi foi a convidada especial desse evento e fez um apresentação *show* que empolgou todos os/as participantes. No mesmo dia, fiz uma entrevista com esta atleta, abordando sua biografia esportiva, os discursos que circulam no esporte e sua posição como atleta da modalidade *figure*. A entrevista foi gravada em fita cassete e posteriormente transcrita, seguindo os pressupostos metodológicos utilizados pelo Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul⁶⁰.

O segundo evento que observei, o Campeonato Gaúcho de Fisiculturismo, aconteceu na cidade de São Leopoldo/RS, em 19 de setembro de 2008. O evento contou com um bom público, visto que o auditório em que foi promovido estava lotado de atletas, familiares, amigos, entre outros que torciam e se pronunciavam sobre os corpos e as exhibições das/os atletas. Houve uma atleta na modalidade *physique* – embora a Nabba Brasil não estimule competições nessa modalidade, os campeonatos podem adequar as normas às exigências e possibilidades de cada evento – que mobilizou a plateia, tendo em vista as manifestações diante de sua exibição. A outra disputa feminina foi na modalidade *figure* e envolveu três

⁶⁰ A entrevista passou primeiramente pela transcrição; num segundo momento, fiz a conferência de fidelidade entre o que estava gravado e o escrito; após, o material passou pela fase do copidesque, que atribui ao depoimento oral uma forma escrita, porém sem modificar o conteúdo da entrevista. Por fim, houve a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da Carta de Cessão de Direitos Autorais, que permite ao Centro de Memória do Esporte divulgar a entrevista para fins culturais e científicos.

atletas, as quais fizeram uma apresentação exibindo o quarto de voltas e algumas poses solicitadas pela equipe de arbitragem. Num segundo momento, cada uma apresentou a sua coreografia individual; por fim, houve um momento de confronto em que era solicitado o grupo muscular a ser exibido, e cada uma delas escolhia a gestualidade que mais a favorecia.

Inspirada em Gillian Rose (2001), me propus a examinar meticulosamente cada fonte de pesquisa, buscando olhá-la de diferentes perspectivas, rastreando vestígios deixados nos textos e imagens que marcaram e marcam os discursos colhidos para a análise. Busquei captar os efeitos desses discursos, observando os sujeitos dessas vozes e o contexto de produção dos enunciados. Anotei regularidades e busquei atentar para a complexidade, a complementaridade, as dissonâncias e as afirmações produzidas nesses materiais. Por fim, deixei-me mobilizar pelas palavras de Costa (2002, p. 151) quando assinala: “seja um bom detetive e esteja atento às suas intuições [e considere que] bons estudos frequentemente estão associados a inesperadas sacações”.

Finalmente, importa destacar que algumas fontes foram mais produtivas do que outras – algumas, visitei mais vezes, e outras, menos. Algumas possibilitaram maiores conversações e atravessamentos, outras não foram aqui detalhadas pelo fato de serem pontuais e constituírem-se complementares ou justapostas aos enunciados que emergiram nos artefatos aqui descritos. Minuciosamente, atentei às barulhentas manifestações de algumas fontes, mergulhei nos instigantes silêncios que encontrava aqui e ali acerca da potencialização muscular feminina e observei atentamente a secundarização dessas mulheres nos discursos produzidos em alguns artefatos culturais. Assim, convido você, leitor ou leitura, a acompanhar, no próximo eixo, a escultura de enunciados que produzi acerca da potencialização muscular feminina.

**2. Uma escultura de enunciados acerca da potencialização
muscular feminina no fisiculturismo**

2.1. A espetacularização do músculo



Imagem 8 - Karla Nelsen e Joanne Lee
Extraída do livro *Modern Amazon* (DOBBINS, s/d, p. 15)

Historicizar a constituição da espetacularização do músculo é o que move o propósito deste conjunto de enunciados, que começa exibindo a potencialização muscular feminina numa imagem produzida em preto e branco, uma mistura que amplia os efeitos da sua espetacularização, uma vez que coloca em cena um jogo de luz e sombra, que sobre a pele faz o músculo criar contornos singulares e aparecer diante dos nossos olhos. A nudez desses corpos em ação delinea traços que lembram ambiguidades, em parte desfeitas pela intimidade que o próprio nu também revela. É a visibilidade do seio que indica ser uma delas uma mulher. Mas, e o/a outro/a? Com a curiosidade aguçada, busco suas identidades, pois me incomoda não saber o lugar em que estão posicionados e se posicionam tais sujeitos. Afinal, as análises também são situadas, e, como pesquisadora, olho para o meu objeto de estudo de um determinado lugar. Nesse contexto, mesmo assumindo a mutação dos sujeitos, das

identidades e dos seus corpos, vale considerar que há pontos de apego identitários, ainda que eles sejam móveis e provisórios, como destaca Hall (2003, p. 21): “a identidade muda de acordo com a forma com que o sujeito é interpelado ou representado”.

No caso dessa imagem, múltiplas interrogações emergem acerca não só das identidades das personagens, mas também das volumosas arquiteturas corporais, da gestualidade produzida e do contexto de elaboração e escolha da cena projetada. Ao mesmo tempo, vale ressaltar os efeitos que uma imagem como essa produz nos nossos sentimentos, valores, hábitos, modos de ver e representações e os significados que faz emergir. Pensando em identificar os sujeitos da imagem, recorro à obra de Bill Dobbins (s/d) e encontro nas páginas finais uma exígua biografia de cada uma delas, que fala dos campeonatos e dos diversos títulos e classificações que Karla Nelsen (esquerda) e Joanne Lee (direita) disputaram e conquistaram em sua vida profissional. Em síntese, a imagem fala de duas mulheres.

Karla e Joanne construíram corpos que destoam das representações que marcaram e marcam na aparência da mulher a constituição de uma feminilidade normalizada, produzida em meio a atributos que historicamente, culturalmente e discursivamente são inscritos nos corpos femininos, tais como: “graciosidade, a harmonia das formas, a beleza, a sensualidade e a delicadeza” (GOELLNER, 2003a, p. 04). Ao mesmo tempo, a visibilidade dessas exuberantes arquiteturas corporais indica que a sua construção foi produzida em meio aos discursos que constituíam o fisiculturismo nos anos de 1990. Discursos que operavam indicando e reafirmando a necessidade de as atletas experimentarem em seus corpos a possibilidade de crescer e crescer cada vez mais. Se, em algumas instâncias, esses corpos foram e ainda são tomados como dissonantes, confusos e ambíguos, em outras, eles representavam e representam a incorporação de uma arquitetura corporal desejada, a máxima perfeição que uma atleta pode artesanalmente construir com o seu próprio corpo.

Os diferentes modos de olhar a potencialização muscular feminina sugerem que o corpo é uma construção histórica, social e cultural marcada por múltiplos discursos e intervenções, os quais operam no sentido de produzir corpos disciplinados, educados e ajustados⁶¹, em qualquer instância social e mesmo no campo esportivo. A produção desses corpos em ambos os espaços envolve relações de poder, que classificam, hierarquizam, nomeiam e identificam esses corpos. Se, no espaço do fisiculturismo, os corpos superlativos representam o sucesso de um intenso investimento e esquadramento na preparação de

⁶¹ A discussão acerca desse tema está ampliada no próximo enunciado, intitulado “A matematização do músculo e os ajustamentos entre corpo e esporte”.

anatomias volumosas, fora do esporte, eles desassossegam representações de feminilidade normalizada, uma vez que propõem outros modos de pensar, ver e ser mulher, razão pela qual inquietam, fascinam e seduzem homens e mulheres. A imagem de duas mulheres que levaram a potencialização muscular ao seu limite produz efeitos com diferentes tonalidades, seja de estupefação, ocultamento, rejeição ou anormalização, entre outros. Em suma, essas mulheres desassossegaram os meus modos de ver, pensar, constituir e representar os corpos femininos. Cláudio Nunes e Silvana Goellner sugerem que

A potencialização do corpo e sua exposição performática produzem efeitos concretos na construção de nossa subjetividade, na forma como nos tornamos sujeitos de nossas práticas e das práticas alheias. Na forma, também, como percebemos nossas eficiências e deficiências mensuradas na contemporaneidade, através de nossas anatomias e contornos corporais (2007, p. 55).

Essa perspectiva chama a atenção para as reverberações que produzimos sobre os corpos dos outros, como também para aquelas que nos fazem pensar e projetar acerca de nós mesmos ao olharmos para uma determinada imagem, envolvendo nossos sentimentos, nossas práticas concretas e as representações que elaboramos e desejamos para os nossos corpos. Rosa Fischer (2006) sugere que imagem, texto e som constroem significados que estão explícitos na própria criação artística, cujo efeito está no convite que nos é endereçado pela obra, com o propósito de nos fazer apreciá-la. Explica a autora:

Se fecharmos os olhos, diante delas, perceberemos o quanto o ato de ver nos remete a uma série de lembranças, desejos, sentimentos, como se aquela pintura ou escultura [ou imagem], por exemplo, nos olhasse, nos perseguisse, nos provocasse, nos constituísse também, produzisse algo em nós. Essa relação única do sujeito com aquilo que olha é certamente plena de elementos culturais e sociais (FISCHER, 2006, p. 11 e 12).

A autora aponta que diferentes artefatos culturais – “filmes, pinturas, esculturas, peças de teatro, programas de televisão, [fotografias]” – tocam os nossos sentimentos e nos mobilizam, na medida em que “é possível enxergar ali muito do que somos (ou do que não somos), do que negamos ou daquilo que acreditamos, ou ainda do que aprendemos a desejar ou a rejeitar ou simplesmente a apreciar”. Sintetiza Fischer (2006, p. 12) que ,de modo mais ou menos intenso, “nós sempre estamos um pouco naquelas imagens”.

A potencialização muscular captura os olhares dos sujeitos, tanto no passado quanto no presente, e mobiliza-nos naquilo que possui de ambíguo, inquietante, dissonante e surpreendente. Olhar uma imagem ou um corpo de homem ou de mulher que levou a sua

musculatura ao máximo do desenvolvimento marca a nossa memória e toca as nossas convicções, dúvidas e aspirações. Esses rastros parecem constituir-se naquilo que Foucault (2004a) chamou de acontecimento. Vejamos nas suas palavras:

Certamente o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade do corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material (p. 57/58).

Foucault instigou-me a tomar as reverberações e os efeitos produzidos pelas arquiteturas corporais fartamente muscularizadas como um acontecimento. Para contextualizar aquilo que venho entendendo desse modo de olhar, apresento abaixo o registro de um pequeno episódio que me foi narrado, no decorrer de uma entrevista, por uma atleta de *figure* sobre a repercussão de uma caminhada até um supermercado em que ela e outra atleta, campeã da modalidade, fizeram em uma cidade, produzindo efeitos avassaladores e até cômicos por onde passavam.

Silvia: Porque a gente vê quando sai por aí! Nossa, é um alvoroço. A turma toda para para olhar.

Taís: A gente foi no mercado, e um cara ligou para o meu celular, meu carro tem a minha logomarca e o celular. Um cara ligou querendo saber quem ela era e falar com ela (Silvia), porque ele nunca tinha visto uma mulher tão linda.

Silvia: Ele disse para mim que eu era uma visão, que eu não existia. Eu disse: claro que eu existo. E ele respondeu: eu preciso te tocar.

Taís: Sem contar que um outro, quando ela passou na frente dele, ele deixou cair nos pés o cigarro que estava na boca.

Analisando esse episódio, penso que o acontecimento não se apoia na materialidade desse exuberante corpo, mas sim nos rastros que ele deixa. Foucault (2004a, p.26), em outro momento de *A ordem dos discursos*, lança mais uma pista quando aponta que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento da sua volta”. Esse *insight* me fez compreender que o corpo feminino potencializado repercute e produz diferentes reverberações nas pessoas que o veem. No registro acima, sobressaem representações associadas à beleza, mas não uma beleza comum, normalizada, cotidianamente encontrada em qualquer lugar, visível num programa de televisão, numa novela e na capa de uma revista qualquer. A beleza da atleta parece vir de um outro lugar, produzida na esfera do fantástico, do inverossímil, cuja visualidade parece ser irreal. Para trazê-la à materialidade, esse belo corpo reclama o toque,

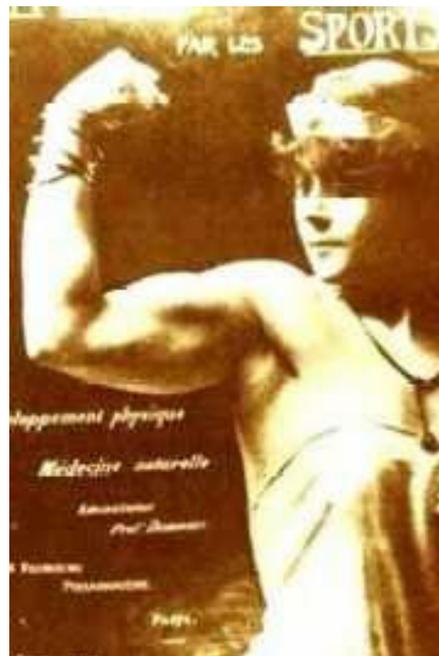
cuja intimidade poderá torná-lo magicamente real, atestar a sua constituição de carne/músculos e ossos, prova irrefutável da sua existência.

Essas manifestações públicas e masculinas de fascínio e estupefação, sejam elas ditas ou dramatizadas, foram tomadas pelas atletas como uma representação do reconhecimento do empenho, esforço e dedicação cotidianos, investidos na construção da arquitetura corporal, cujos contornos resultam de muita disciplina e abnegações de diversas ordens, principalmente, alimentares, éticas e sociais – como veremos adiante.

Nesse momento, vale destacar que os corpos potencializados, tanto hoje quanto ontem, produziram e produzem diferentes efeitos. Se rememorarmos o passado, veremos que, em diferentes momentos da história ocidental, homens e mulheres surpreenderam plateias exibindo ousadas demonstrações de força e controle muscular. Raros estudos⁶² indicam que, desde o século XVI, as mulheres faziam demonstrações públicas de agilidade e força muscular, produzindo espanto e admiração nos espectadores ao voar em trapézios transportando pesadas esferas de ferro em seus cabelos, ao parar cavalos em disparada, levantar carros e pessoas, suspender homens nos ombros, quebrar pregos e dobrar barras de ferro. Sobretudo, essas mulheres produziam impactos ao desafiar homens que assistiam ao espetáculo a realizarem a mesma atividade. A sucumbência masculina produzia a glória feminina (Angelita Jaeger, 2007). Apesar dos escassos registros daquele tempo, muitas mulheres destacaram-se com ousadas proezas na demonstração de sua força muscular, “na passagem do século XIX para o XX”, entre as quais, destacam-se Sandwina, Athelda, Minerva, Athleta, Gertrudes Leandros, Madame Montagna, Vulcana, Lilian Leitzel, Louise Armando, Mademoiselle Aini, Miss Herta, Madame Stark, Elvira Sansoni, entre outras” (Silvana Goellner e Alex Fraga, 2004, p. 78).

As imagens abaixo remetem aos espetáculos que aconteciam por volta de 1900, em mais de 2.000 teatros espalhados pelos EUA e Canadá. Somente em Nova York, em torno de meio milhão de pessoas comprava ingressos para assistir aos espetáculos semanais (Ian Todd, 1991). Montados como *shows* de variedades, buscavam distrair os/as espectadores/as com entretenimento, humor e fantasia. Como um dos divertimentos, apresentavam-se mulheres como Sandwina e Vulcana, que produziam impactos na plateia ao demonstrarem as suas audaciosas e destemidas manifestações de força muscular.

⁶² Atualmente, a Internet tornou-se o espaço mais acessível e democrático de consultas sobre esse tema, hospedando *sites* que reúnem materiais diversos (reportagens, imagens, notas, etc.) produzidos sobre a questão. Uma longa e minuciosa busca pode nos brindar com informações preciosas de páginas biográficas, no meu caso, sobre mulheres e suas proezas de força e volume muscular. Veja alguns *sites*: <http://www.geocities.com/vulcanahome/links.htm> capturado em 15/01/2007; www.fsclub.com/strength/steel-e.shtml capturado em 06/10/2006.



Imagens 9 - Sandwina (esquerda) e Vulcana (direita)
Disponíveis em: www.fscclub.com/strength/steel-e.shtml, capturadas em 06/10/2006.

A repercussão desses eventos e as impactantes demonstrações de vigor físico também estampavam as páginas de publicações esportivas, garantindo notoriedade e reconhecimento às/aos suas/seus protagonistas. As *strongwomen*, ou mulheres forçadas, tinham um espaço privilegiado na revista *Police Gazette*⁶³, que publicava textos e fotografias sobre as proezas dessas mulheres. Esse veículo também alimentava disputas entre os promotores das demonstrações, conferindo títulos e troféus pela divulgação dessas práticas. Essas iniciativas multiplicavam o interesse das mulheres por tais façanhas e, ao mesmo tempo, colaboraram na profissionalização das mulheres forçadas, promovendo a disseminação de ousadias femininas em diferentes países.

Como vemos, parece que a demonstração da potencialização muscular seduziu e seduz homens e mulheres há muito tempo. Vale ressaltar que as práticas corporais e esportivas, muitas delas milenares, exigiram de múltiplos modos o fortalecimento muscular dos corpos de homens e mulheres, produzidos nas diversas possibilidades de movimento. Em diferentes

⁶³ A revista *The National Police Gazette* foi fundada em 1845. Embora focalizasse temáticas políticas, logo se transformou numa revista de variedades, publicando acontecimentos relacionados a mortes, contravenções e notícias esportivas. Na época, teve grande repercussão devido às minuciosas gravuras e às fotografias que publicava. Com o passar do tempo, as imagens de prostitutas, dançarinas e *strippers* fizeram com que a revista fosse considerada obscena. Disponível em: <http://policegazette.us>, capturado em 15/10/2006.

sociedades e culturas, determinadas condições produziram a emergência de corpos que investiam na força e no volume muscular, assumindo múltiplos significados e sendo posicionados em lugares destacados. Importa sublinhar que, embora muitas mulheres tenham vivido como profissionais da força, esculpindo e expondo seus volumosos corpos entre os séculos XIX e XX, muitas delas estão silenciadas e invisibilizadas em muitas fontes⁶⁴, cujos textos e imagens sugerem uma narrativa histórica que centraliza a produção do músculo, assim como sua espetacularização, no homem.

Exemplo disso é o *Jornal de Musculação e Fitness*, uma das fontes desta pesquisa, onde encontrei uma série de reportagens intituladas “Grandes musculadores do passado”⁶⁵, cujo propósito era elaborar uma narrativa acerca da construção do fisiculturismo, associando os protagonistas aos seus marcantes feitos. A série apresenta os sujeitos e aponta a sua contribuição ao campo, classificando-os e posicionando-os na versão histórica que se produz sobre o esporte. Nas 17 seções que analisei, há um investimento maior nos feitos de Eugen Sandow, apontado como o precursor da modalidade. Também alguns atletas aparecem com reportagens individuais, como é o caso de Bob Hoffman, John Grimek, Steve Reeves e Reg Park. Também muitos outros protagonistas circulam e aparecem aqui e ali em diferentes fragmentos das reportagens: Hippolyte Triat, Louis Attila, Max Sick, Arthur Saxon, George Ulrich, Alan Mead, Monte Saldo, Otto Arco, Hermann Goerner, Oscar Hilgenfeldt, Charles Atlas e Sigmund Klein, entre outros.

Acompanhei essas matérias com grande expectativa, pois, num momento ou noutro, as mulheres protagonistas deveriam aparecer, visto que há fontes – embora escassas – acerca dos seus feitos. Com o passar do tempo, percebia que essa narrativa histórica do fisiculturismo contava a sua versão a partir das referências e protagonismos masculinos, esquecendo a participação e a ousadia de muitas mulheres nesse campo. Considerando ainda um estudo que elaborei e outros tantos que li acerca da atuação das mulheres na produção do fisiculturismo, entrei em contato com a pessoa responsável pela redação e publicação daquela seção na revista e perguntei sobre os motivos que a levaram a ignorar a participação feminina na constituição do esporte. A resposta eletrônica da redatora Anna Maria Garcia indicava:

⁶⁴ Foram vasculhados o *Jornal de Musculação e Fitness* (ns. 57 a 61); *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação* (Arnold Schwarzenegger, 2006); www.sandowmuseum.com; www.sandowplus.co.uk; www.nabba.com.br; www.cbcm.com.br.

⁶⁵ O primeiro exemplar que apresentou a seção dos “Grandes musculadores do passado” foi o de n. 57, de 2005, com matéria intitulada “Os precursores de Sandow (séc. XIX)”. Atualmente, a série continua com a seção e está no capítulo XVII, com “Reg Park -1ª. Parte” (n. 73, 2008), apontando que ainda não chegou ao final.

Nos esportes de força (básico, supino, braço de ferro, musculação), elas hoje têm projeção, mas é claro que sempre existiram mulheres capacitadas nessa e em todas as outras áreas, só que ficaram anônimas. E assim, você pode apenas supor, seguir rastros tênues que logo adiante se apagam... é difícil recompor a história das mulheres fortes, sem nome, que atuavam nos circos e espetáculos de *vaudeville* no final do século XIX e possivelmente muito antes. No Brasil, então, até saber a história dos levantadores e modeladores homens fica difícil, imagine as mulheres. Nem as fontes antigas são confiáveis, como os tablóides da época. Essas informações precisam ser cruzadas com outras fontes.

Fonte: Anna Maria Garcia – e.mail recebido em 13/10/2007.

Esse excerto instigou-me a aproximar os tempos históricos daqueles protagonismos masculinos e dos femininos apontados nos estudos de Jaeger (2007) e de Goellner e Fraga (2004), nos quais se percebe que dizem de uma mesma época e lugar. Entretanto, ao calar as ousadias e as personagens femininas e acentuar as produções masculinas, as fontes sugerem que o esporte resulta exclusivamente do investimento do homem na potencialização muscular. Há um silenciamento quanto à participação feminina e uma acentuada e detalhada visibilidade das proezas e feitos masculinos, cujas imagens jorram em profusão nos diferentes artefatos vasculhados, tanto no material impresso quanto no espaço eletrônico.

Em um dos seus estudos, Goellner (2004) sugere que essa fraca visibilidade feminina, em oposição à intensa promoção da visibilidade masculina, em algumas práticas corporais e esportivas não pode ser tomada como uma ausência das mulheres nesses espaços. Diz a autora:

muitas delas foram tornadas invisíveis por conta de uma narrativa histórica, cinematográfica, iconográfica e documental que, ao referendar a representação hegemonicamente construída do esporte como um exercício de masculinidade, deixa nas zonas sombrias corpos e comportamentos que poderiam desagregar o que culturalmente se convencionou agregar e estabilizar (GOELLNER, 2004, p. 364).

Mas não é somente o JMF que acentua a produção masculina do músculo. A construção do fisiculturismo como um lugar de homens e para homens também se observa em diversos *sites* e, de modo contundente, na *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*, de autoria de Arnold Schwarzenegger (2006). O que capturou o meu olhar nesta obra não foi a promoção e a exagerada exposição que o autor faz da sua vida como fisiculturista, mas a posição de sujeito negada às mulheres atletas, o que marca todo o volume. Afinal, uma enciclopédia é uma obra que tem a pretensão de abranger um conjunto de saberes de um

determinado campo⁶⁶, no caso, o fisiculturismo, o que, no meu modo de ver, implica posicionar como sujeitos esportivos os homens e as mulheres. Como um vulto quase indecifrável, as mulheres aparecem na *Enciclopédia* em dois breves momentos: primeiro, quando o autor produz em duas páginas a sua noção de “fisiculturismo feminino”, afirmando que “as mulheres possuem os mesmos músculos que os homens e devem ser livres para desenvolvê-los como desejarem, [todavia] o aspecto mais significativo do fisiculturismo para as mulheres é a sua influência na saúde e na aptidão física” (p. 45); depois, ainda mais brevemente, quando indica não ter um treinamento específico para as mulheres, pois elas devem treinar como os homens, visto que “suas células não sabem que vocês são mulheres” (p. 83).

Mais uma pista a ser adicionada à visibilidade sombria das mulheres no fisiculturismo refere-se à colaboração do fotógrafo Bill Dobbins, mencionado já na capa da *Enciclopédia*. Considerando que esse profissional reside nos Estados Unidos, onde publicou um livro e construiu um *site*, ambos centralizados nas fotografias que produz de mulheres atletas da potencialização muscular, esperava que, das quinhentas fotografias que fazem volume na obra de Schwarzenegger, algumas delas representassem as mulheres. Isso porque um dos colaboradores é mundialmente reconhecido pelas fotografias que produziu e produz de mulheres atletas do fisiculturismo em suas distintas modalidades. Entretanto, surpreendentemente, apenas uma das imagens reproduzidas na enciclopédia põe em cena uma mulher, cujo posicionamento e apoio está entre dois homens⁶⁷.

⁶⁶ “Enciclopédia”, conforme o *Dicionário Aurélio*, é “qualquer obra que abrange todos os ramos do conhecimento; indivíduo de vastos conhecimentos, de muito saber, enciclopédia viva”.

⁶⁷ A fotografia de George Geenwood é de 1970 e registra Frank Zane, o vencedor do Mister Universo Amador, e Arnold Schwarzenegger, que venceu o Mister Universo Profissional; entre eles, está a vencedora do Miss Biquíni, Christine Zane.

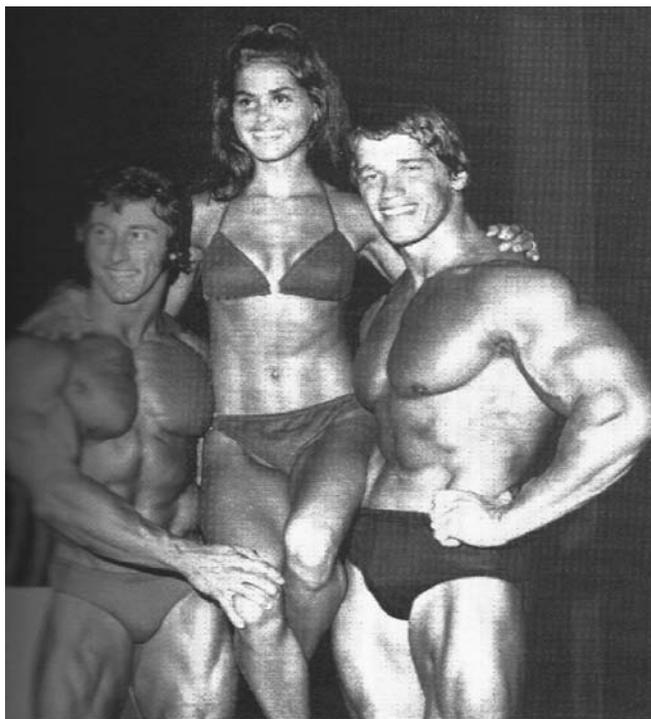


Imagem 10 – Frank Zane, Christine Zane e Arnold Schwarzenegger
Reproduzida da *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*, p. 25, 2006.

Ao olhar essa imagem, fico com a impressão de que, embora a mulher seja o centro da fotografia, parece que é para as laterais, para os volumosos corpos masculinos que o meu olhar é atraído. Há um contraste entre a delicadeza do corpo feminino e a robustez dos corpos masculinos, e a atleta parece traçar uma tênue linha entre os corpos dos homens. Ao mesmo tempo, desconfio que Christine esteja apoiada em um suporte ou pedestal, pois se ergue tal qual um troféu entre os dois homens e sua altura lhe permite ficar acima de Frank e Arnold, mas neles está apoiada. Frank ainda pousa a mão sobre o joelho de Christine, sugerindo certa intimidade, o que, ao que tudo indica, está autorizada pelo sobrenome Zane que ambos assinam.

Entretanto, a espetacularização do músculo não é efeito exclusivo das proezas e ousadas masculinas. Ao analisar as fontes de pesquisa, fiquei com a suspeita de que tanto a constituição da “pose” quanto a popularização do uso de “imagens” criaram novas possibilidades ao fisiculturismo, ampliando as suas condições de popularização e inserção social. A pose emerge como o lugar em que o músculo definitivamente ganha espaço, volume e visibilidade. A educação das gestualidades permite aos sujeitos fazer seus músculos aparecerem cada vez mais, instituindo as disputas entre os corpos e esportivizando o músculo de modo a posicionar as arquiteturas corporais potencializadas no centro das performances

públicas. Tais possibilidades levam-me à segunda produção, que consiste na constituição da imagem como um artefato que possibilita não só capturar os contornos de um corpo em intensa contração muscular, como também reproduzir em série esse evento, personagem, corpo e músculos. Alan Corbin (1991, p. 425) indica que a pose para um registro fotográfico nada mais é do que a “teatralização das atitudes, dos gestos e das expressões faciais” que invadem a vida cotidiana e impõem novas normas gestuais, ao mesmo tempo em que ensinam homens e mulheres a olhar para o próprio corpo e para o corpo do outro. Aproveitando a sedução que esse novo artefato produzia, alguns atletas do fisiculturismo produziam e comercializavam amplamente as imagens dos seus corpos potencializados. Tomada como uma ferramenta usada na tentativa de promover e popularizar façanhas individuais, de certo modo, a imagem também fazia circular noções sobre o fisiculturismo em diferentes espaços e instâncias sociais.

Na transição do século XIX ao XX, houve um amplo contexto de mudanças sociais, culturais e econômicas que repercutiram nas representações de corpo. Manuela Hasse (2003) assinala que, naquela época, entrava em cena uma nova sensibilidade, que se constituía, de um lado, na condenação dos excessos e, de outro, no aprimoramento nas técnicas de intervenção e educação dos corpos. Nesse sentido, as práticas corporais são convocadas a produzir o embelezamento dos corpos de homens e mulheres, colocando em cena um saber que buscava produzir a verticalidade dos corpos, resultando também no crescimento do volume corporal. Ombros mais estendidos acabam projetando o busto/peito para o alto e à frente, realçando as anatomias. Assim, exercícios localizados são indicados para “corrigir o porte da cabeça, o apoio das pernas, o desenvolvimento do torso” (VIGARELLO, 2006, p. 111).

Considerando essas ideias, aponto que houve uma série de condições que possibilitaram a emergência de corpos robustos, vigorosos e potencializados. Porém insisto que possivelmente o músculo tenha assumido um lugar central em meio à produção da cena esportiva com o advento da construção da pose inspirada na estatuária grega; associada a essa estratégia, os atletas utilizavam a imagem para propagar e popularizar o esporte. Penso que é preciso considerar que o uso de imagens dos corpos muscularmente potencializados teve e ainda tem importância crucial na divulgação e popularização do esporte, cujas imagens foram fácil e abundantemente encontradas nos artefatos investigados. Schwarzenegger, entre outros, traz para o esporte essa encenação da gestualidade e aponta que o “fisiculturismo é um esporte, mas também é um teatro” (2006, p. 568). Assinala que o/a atleta precisa conhecer

intimamente o detalhamento do seu corpo para colocar-se no centro do palco e, sob os holofotes, exibir os seus melhores ângulos. Ensina o fisiculturista:

Posar pode ser uma ferramenta para chamar a atenção para os seus pontos fortes e para esconder as suas fraquezas. Você pode escolher poses que são criativas em dois níveis, tornando-as tão estéticas e dramáticas quanto possível, quase uma dança; e manipulando o foco da atenção dos juízes de modo que eles notem o que você quer realçar e ignorem o que você quer que eles ignorem.

Fonte: Arnold Schwarzenegger. Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação. 2006, p. 568.

Como vemos, é na arte de teatralizar as gestualidades e as aparências que o fisiculturismo indica sustentar-se. A habilidade de mostrar os músculos em frágeis segundos de contração, enrijecimento e petrificação não é uma invenção contemporânea, remontando ao século XIX e tendo no francês Hippolyte Triat (1813-1881) um dos protagonistas da sua invenção, conforme sugere um excerto pinçado dos artefatos culturais examinados. Veja:

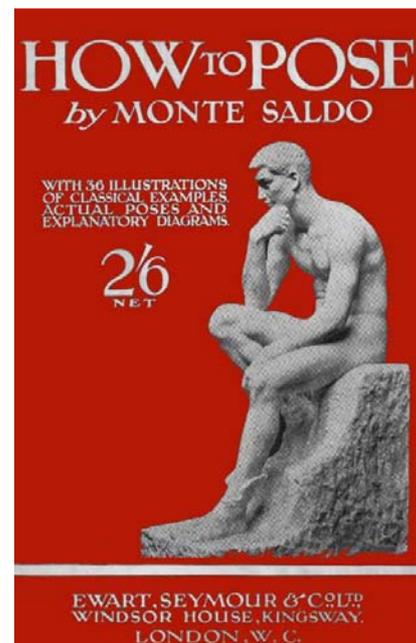
Triat logo seria atraído pelas luzes do palco. Ali, seu número de maior sucesso por uma década foi mostrar, com arte e conhecimento, a sua musculatura nas tradicionais poses que destacam suas formas e relevos. O público daquela época estava habituado a ver lutadores e homens fortes, mas nunca tinham visto um show onde os próprios músculos eram o espetáculo.

Fonte: Anna Maria Garcia - Músculos e definição sem drogas, com força e saúde. "Seção grandes musculadores do passado". Publicado no JMF, n. 60, p. 20, 2005.



Imagem 11 - Hippolyte Triat, publicada no JMF, n. 60, p. 20, 2005.

Na época, parecia ainda não existir uma pedagogização da gestualidade da pose produzida no e para o esporte; desconfio que ela ainda não se constituía como tal, visto que os espetáculos privilegiavam a força e o controle muscular exaustivamente treinados e apresentados em feiras, teatros, exposições e *music halls*. Embora em 1830 Triat tenha impactado a sua plateia com inusitadas formas de fazer ver seus músculos potencializados, Monte Saldo é apontado como o precursor da pedagogia da pose ao publicar, em 1914, um livro cujo foco insidia sobre o ensino da arte de posar. Intitulado *How to pose*, teve uma boa repercussão no “desenvolvimento das poses atléticas, estéticas e musculares” (JMF, n. 61, p. 74, 2006). Abaixo, as imagens do autor e sua obra.



Imagens 12 – Frank Saldo; autor e obra.
Disponíveis em <http://www.maxalding.co.uk> e no JMF, n. 61, p. 73, 2006.

Como vemos na capa do livro (imagem da esquerda), Monte Saldo inspirou-se na estatuária grega para sugerir posições corporais que produzissem efeitos para melhor intumescer o músculo, facilitando e intensificando a sua visualização. Minuciosamente, apontou erros na posição de pés, mãos, pescoço, tronco, abdome, costelas, tórax, pernas, etc., ensinando ao atleta cada ínfimo detalhe para produtivamente se posicionar. Enfim, como nos alerta Soares (2003, p. 16), “para ser exibido, o corpo precisa ser educado”.

O porte forte e vigoroso de Monte Saldo (imagem da direita) era resultado de seus conhecimentos e suas experiências de treinamento⁶⁸. Montou, juntamente com seu irmão Frank Saldo, a dupla *Montague Brothers*, sendo o responsável pela elaboração e apresentação de um esquete que marcou época na Londres de 1906. A apresentação estava centralizada em dois atletas que apareciam em cena com o corpo coberto de uma pintura branca, sugerindo uma duplicação da estatuária grega e produzindo a seguinte dramatização, reproduzida aqui no fragmento que recortei do JMF:

No palco, uma estátua de frente para a outra, refletida de costas no espelho. O escultor comemora a conclusão de sua obra-prima tomando um copo de vinho e adormece, enquanto a iluminação focaliza a estátua e seu reflexo, que inacreditavelmente mudaram para outra pose clássica. Isto se repete várias vezes, até que, separadamente, a estátua e seu reflexo fazem uma série de poses diferentes e a plateia se dá conta de que eram dois atletas.

Fonte: Anna Maria Garcia - Músculos e definição sem drogas, com força e saúde.
“Seção grandes musculadores do passado”. JMF, n. 61, p. 73/74, 2006.

Essa dramatização teve um grande impacto nas exibições dos *strongman* e marcou a história do fisiculturismo, diz David Webster (1976)⁶⁹. Chamados de “Escultores de sonhos”, os irmãos surpreenderam a plateia ao surgirem com seus corpos torneados tais quais estátuas gregas esculpidas em mármore do mais alvo branco e, simultaneamente, marcaram época ao utilizarem o artifício da maquiagem corporal e do efeito do espelho como foco de uma apresentação corporal. Esse pequeno esquete inaugura o investimento na produção dos corpos para posicioná-los no centro do espetáculo, sugerindo que os olhares não buscavam mais com extrema avidez as inusitadas estratégias de demonstração de força muscular; agora, o que vale é a criatividade para capturar o olhar que incide sobre a própria hipertrofia muscular. Schwarzenegger (2006) comenta que a apresentação de corpos cada vez mais belos, com desenhos musculares equilibrados, proporcionais e extremamente definidos, gerou a possibilidade de comparar esses corpos. Homens como Sigmund Klein, Eugene Sandow e

⁶⁸ Monte Saldo juntou o dinheiro que ganhou em turnês europeias apresentando-se como um *strongman* e criou o curso Maxaldo (juntando os ensinamentos de Maxick e as suas experiências) de cultura física, desenvolvendo-o em sua escola e estruturando-o para ser comercializado por meio de correspondência.

⁶⁹ David Webster publicou um livro intitulado *Bodybuilding an Illustrated History* (1976), que se tornou uma das principais referências do tema em circuito mundial. Entretanto, há muito tempo esgotado, hoje é objeto de desejo ou de posse de colecionadores do tema. Em pesquisa no Brasil, não encontrei o livro em nenhuma biblioteca ou sebo, nem em qualquer outra forma de consulta. Entretanto, o autor é citado como fonte de consulta da série de reportagens do JM&F, assim como é mencionado no *site* <http://www.maxalding.co.uk>, capturado em 25/11/2007.

Bernarr Macfadden⁷⁰ investiram em treinamentos específicos para potencializar seus corpos, tornando-se os próprios disseminadores dos seus métodos, publicando livros e também abrindo suas próprias academias.

Nesse espaço, paulatinamente, vai saindo de cena a habilidade corporal para assumir o centro do palco o músculo potencializado. Ao que tudo indica, esse período foi apenas um rascunho daquilo que se constituiria a espetacularização muscular na atualidade. Entretanto, penso que o músculo não ocuparia o lugar central que hoje assume, sem o investimento na popularização dos corpos potencializados através da proliferação do uso de suas imagens. Em outras palavras, não se trata de um fenômeno exclusivamente contemporâneo, tampouco de invenção de Arnold Schwarzenegger, muito menos da indústria cinematográfica de Hollywood. O uso de imagens de corpos potencializados advém ainda dos tempos de Eugen Sandow (1867-1925), considerado no meio esportivo como uma referência atemporal na construção artesanal dos desenhos musculares. Seu corpo apresentava proporções e contornos admiráveis para a época, o que lhe rendeu o título de “primeiro *Bodybuilder* moderno”, servindo de modelo para a confecção da “estatueta [que] é a premiação da famosa competição do Mr. Olympia” (JMF, n. 57, p. 72, 2005).

Conhecido em países europeus e nos Estados Unidos pelas suas demonstrações de força e pela sua arquitetura corporal, Sandow era personagem principal em diferentes espetáculos, feiras, teatros, *music-halls*, etc. Inspirava-se na estatuária grega para fazer suas posições de demonstração de força e poses para fotografias e até hoje é lembrado por muitos fisiculturistas como o ícone precursor da simetria e do volume muscular produzido “sem drogas, com força e saúde” (JMF, p. 72, n. 57, 2005). Sua biografia é fartamente documentada, e as imagens têm um amplo espaço na sua carreira profissional, pois, além de viajar para exhibir-se, Sandow⁷¹ tinha o próprio corpo como uma prova viva do funcionamento dos métodos e equipamentos de treinamento corporal que criava e/ou adaptava.

Para apontar a importância que os feitos de Sandow ainda hoje assumem para aqueles que cultivam o esporte, selecionei dois fragmentos escritos em duas de suas biografias,

⁷⁰ Bernarr Macfadden (1868-1955) foi um *bodybuilder* e empresário americano que se envolveu em diferentes atividades que incentivavam a prática de exercícios físicos: promoveu eventos esportivos, criou e comercializou equipamentos e métodos de exercitação física, fundou Institutos de saúde e investiu no mercado editorial por meio de revistas que faziam circular informações e notícias do mundo do *bodybuilding* e afins.

⁷¹ Eugen Sandow também é apontado como o responsável pela introdução da cultura física na sociedade vitoriana, proprietário de centros de cultura física, precursor do marketing moderno e do ensino por correspondência, amigo de reis e da alta sociedade, filantropo, polido, cortês e educado.

reproduzidos e endossados pelo *Jornal de Musculação e Fitness*, e capturei uma das imagens que, entre outras, ilustram efusivamente a reportagem. Observe:

Sandow também mostrou que não havia razão para que estátuas clássicas, de 2000 anos atrás, fossem mais magníficas do que o corpo vivo de um homem. Ele provou isto nos palcos do mundo e tanto homens como mulheres, igualmente, admiraram seu físico como se ele fosse uma obra de arte... e realmente era. E ainda é, pois permanece nas imagens que podem ser vistas por nós no século XXI. (A vida de Eugen Sandow - Christian Anderson).

A perfeição física de Sandow jamais foi colocada em dúvida. Ele veio para representar tudo o que havia de melhor em questão de muscularidade e beleza masculina. Tornou-se um modelo para outros tentarem rivalizar e foi aceito na época como o mais perfeito corpo humano masculino que jamais pisara a terra. (Sandow the magnificent – David L. Chapman).

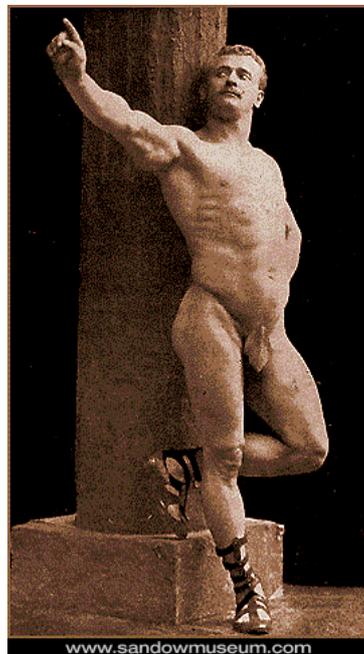


Imagem 13 – Eugene Sandow

Fonte: Anna Maria Garcia. Eugen Sandow: Músculos e definição sem drogas, com força e saúde. “Seção grandes musculadores do passado”. Publicado no JMF, n. 58, p. 71, 2005.

Eugen Sandow serviu de modelo para inúmeros escultores e fotógrafos da sua época, e uma série de instantâneos em que usava sandálias gregas e apenas uma folha de parreira para cobrir o sexo correu o mundo. Este, entre outros acontecimentos, fez do seu corpo um objeto de admiração e desejo de homens e mulheres e também abriu portas para que o atleta utilizasse a imagem desse “corpo perfeito” não só para a exibição pública, mas também para estampar o rótulo de embalagens de chocolates e cigarros vendidos sob seus auspícios. Sobretudo, sua imagem foi difundida em revistas⁷² e livros⁷³ que escreveu e ilustrou com fotografias suas de página inteira. Por fim, Sandow descobriu os benefícios da autopromoção advinda do uso de cartões de visita e cartões postais que divulgavam os seus negócios, autorizados pelas imagens do seu corpo. Desde essa época, além das feiras, circos e teatros, a

⁷² Em 1898, Sandow lançou nos EUA a revista *Physical Culture*, que no ano seguinte passou a intitular-se *Sandow Magazin*, tornando-se um sucesso de vendas na época. Fonte: JMF, p. 54, n. 62/2006.

⁷³ Destacam-se: *Sandow's System of Physical Training* (1894); *Bodybuilding Man in the Making* (1904); *Strength and Health – How disease may be successfully combated by physical culture* (1906).

fotografia também passou a ser um modo de exibição e espetacularização dos corpos muscularmente potencializados, “uma vez que se apresenta também, como possibilidade de contemplação estética do corpo, antes restrita à pintura e à escultura” (GOELLNER e MELLO, 2001, p. 123).

Pouco mais de um século separa-nos daquele tempo, mas as estratégias utilizadas por Sandow e seus seguidores continuam a ser reproduzidas e atualizadas no esporte. Mais vivas do que nunca, as imagens continuam a promover os/as atletas no fisiculturismo, e seu uso está cada vez mais frenético. Isso fica evidente nas palavras de Alex Fraga (2000, p. 138), que aponta: “entre tantas atividades esportivas, uma em especial vai depender ‘visceralmente’ da exposição da imagem para se efetivar como uma modalidade: o fisiculturismo”.

Esquadrinhando-se a versão narrada por Anna Maria K. Garcia no *Jornal de Musculação e Fitness* e aquela produzida por Arnold Schwarzenegger na *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*, observa-se que o uso de imagens, em especial da fotografia, foi um recurso material intensivamente utilizado, a ponto de as fotografias serem tomadas como referência para classificar atletas para participarem de competições de fisiculturismo entre os anos de 1934 e 1948. O fragmento a seguir apresenta um modo de contar essa história:

[Em 1934] o julgamento passou a ser feito através de fotografias enviadas na inscrição, de frente-lados-costas e algumas poses musculares. Assim, de centenas de inscrições sobravam 12 candidatos, que eram convidados a competir no show das finais de cada ano.

Fonte: Anna Maria Garcia. As grandes competições.
“Seção grandes musculadores do passado”. Publicada no JMF, n. 64, p. 80, 2006.

Como vimos até agora, a relação do fisiculturismo com a imagem é antiga e íntima. Entretanto, as pistas mostram essa aproximação entre os atletas homens do esporte e a documentação em imagens de suas proezas. No que diz respeito às mulheres, ainda há escassos indícios imagéticos de sua potencialização muscular e das suas ousadas exibições de força no final do século XIX e na primeira metade do século XX. Parece haver um espaço vazio na documentação iconográfica, possivelmente ainda pouco investigada, nos caminhos percorridos pelas mulheres forçadas que adquiriram certa notoriedade até 1950 e aquelas que decidiram participar das primeiras competições em que se mensurava o volume muscular, três décadas depois. Há um interstício temporal nas fontes que colhi nas inúmeras buscas que realizei, o que aponta para as discontinuidades e inconstâncias, até mesmo rupturas no investimento feminino na potencialização muscular. Se, na primeira metade do século

passado, as mulheres exibiam modos criativos e audaciosos para demonstrar a sua força e ousadia, no final do século XX, o seu próprio corpo potencializado assume o centro do espetáculo.

Anne Bolin (2001) aponta que o interesse das mulheres na construção da potencialização muscular foi possível a partir da introdução do treinamento de resistência para mulheres atletas nos anos 1950, da visibilidade e ações do movimento feminista dos anos 1960 e da explosão do *fitness* nos anos 1970. Esses eventos também produziram as condições necessárias à organização de competições de fisiculturismo feminino, sendo que a primeira delas teria acontecido em 1975. Entretanto, não é objetivo do trabalho fazer uma narrativa histórica linear sobre as lutas e conquistas femininas no esporte. Interessa-me apontar, neste momento, uma nova relação que se interpõe, mais uma vez, entre a imagem e a espetacularização do músculo, agora numa versão contemporânea, mais sofisticada e centralizada na mulher.

Se, no século passado, o corpo volumoso masculino tomava conta do espetáculo da potencialização, no final do século XX e início do XXI, sugiro que este lugar também esteja sendo ocupado pelos musculosos corpos femininos. Com isso, não quero dizer que os homens deixaram de intervir e aprimorar as suas musculaturas, mas sim que homens e mulheres que potencializam os seus corpos dividem a cena, capturando os olhares públicos. A exacerbação dessas musculaturas mobiliza-nos de um modo mais intenso, mexendo com algumas representações que pensávamos serem fixas e imutáveis, especialmente aquelas que dizem respeito às representações de feminilidade e às diferentes possibilidades de pensar e tornar-se mulher.

A emergência das competições de fisiculturismo feminino foi marcada pela participação de algumas mulheres; entre elas, está Lysa Lion⁷⁴, a vencedora do primeiro IFBB Women's World Pro Bodybuilding Championship, realizado em Los Angeles no mês de junho de 1979. Sua vitória anunciou diferentes possibilidades profissionais e fez dela uma espécie de relações-públicas do esporte. Os contornos do seu corpo e suas lutas pelo esporte, ainda em fase de germinação para as mulheres, fizeram estampar a sua imagem em publicações esportivas de diferentes países. Lysa foi convidada a participar de muitos programas de televisão para falar sobre sua prática esportiva e pretendia explorar o

⁷⁴ Lysa também foi responsável pela combinação da exibição de músculos com os movimentos rítmicos, características ainda atuais das competições de fisiculturismo feminino. Em 1981, lançou um livro em que abordava o treinamento com pesos para mulheres. Também foi a primeira *bodybuilder* a estampar as páginas da revista *Playboy* em um ensaio sensual. Disponível em: <http://www.ifbb.com/halloffame/2000/lyon.htm> capturado em 05/03/2008.

fisiculturismo feminino como um espaço artístico, posicionando-o como uma delicada arte. Talvez tenha sido esse desejo que a levou a posar nua em 1982 para um dos mais expoentes fotógrafos daquela década, Robert Mapplethorpe⁷⁵. Mostrada em imagens feitas em preto e branco, Lysa é fotografada completamente nua, visibilizada em instantâneos que privilegiavam distintas poses, ângulos e focos do seu corpo torneado. Observemos uma dessas fotografias:



Imagem 14 - Lysa Lion.

Disponível em: <http://www.iol.ie/~webfoto/maple7j.htm> capturado em 15/05/2008.

Essa imagem chamou a minha atenção pela força que o corpo potencializado adquiriu, um corpo cujos contornos impressionam e marcam e olhar. O corpo por si só basta – ele mostra e atesta o suficiente. Afinal, é o músculo hipertrofiado que deseja ser admirado num corpo de mulher. A face, esse pedaço do corpo que um dia foi minuciosamente esquadrinhado para identificar potenciais perigos e lugar de suspeições e ameaças⁷⁶, que hoje é detalhadamente vasculhado na busca de qualquer indício que possa revelar os mais íntimos sentimentos, constantemente modificado, adornado, pintado, ressaltado, alisado,

⁷⁵ Biografia e trabalhos selecionados disponíveis em: <http://www.mapplethorpe.org>, capturado em 15/05/2008.

⁷⁶ Acerca desse tema, ver: COURTINE, JJ; VIGARELLO, G. Identificar: traços, indícios, suspeitas. In: História do corpo 3 – As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.

rejuvenescido, enfim, lugar de reconhecimento e identificação pessoal, foi, na imagem de Lysa Lion, visceralmente apagada e silenciada por um leve tecido que a encobre totalmente e desce pelo seu corpo nu. A face encoberta, a leveza do tecido e a ambiguidade da pose constituem um ousado jogo – os braços volumosos milimetricamente posicionados para fazer os bíceps aparecerem, os seios sob, um jogo de luz e sombra, ora aparecem, ora tenuemente se escondem, e a delicada posição do pé esquerdo em uma semi-ponta que brandamente toca o chão sugerem o que Lysa sintetizou em uma de suas entrevistas. Disse ela: “a mulher pode ser forte, musculosa e ao mesmo tempo feminina” (BOLIN, 2001, p 149). Essa fala, pronunciada há quase três décadas, mantém-se fortemente atualizada, ainda que consideremos a multiplicação das possibilidades de investimentos no corpo, a popularização da potencialização muscular feminina, a diversificação e a complexificação na produção e uso de imagens e de outros artefatos que produzem saberes, práticas e modos de intervir e educar os corpos e, no seu limite, espetacularizá-los.

Em um dos seus estudos, Vigarello (2008, p. 480) narra o lento processo de constituição do mundo esportivo num espetáculo, cujo investimento não se deu sem envolver “uma sutil dosagem de fascinação pela *performance*, de investimento identitário, de invenção de mercado”. Nesse contexto, também entra em cena a espetacularização dos corpos femininos, em que o esporte é apenas mais uma instância cultural a produzir discursos e a educar a exibição dos corpos com o propósito de atrair sobre si os olhares dos outros. Nas palavras de Goellner (2003, p. 1):

[O esporte] constitui-se com uma instância pedagógica de modo a produzir corpos cuja espetacularização se dá pela exibição de performances cada vez mais aprimoradas, seja pela construção de corpos comumente identificados como perfeitos, ou ainda pela associação de sua prática com a aquisição de saúde e beleza. Se traduz num espaço de afirmação de um corpo minuciosamente construído e também desejado, dado as representações positivas que a ele se acoplam quando são ressaltadas a sua beleza, potência, plasticidade, produtividade e exuberância.

Essas instigantes reflexões mobilizam-me a pensar nas relações produzidas entre as mulheres fisiculturistas e a espetacularização que se constitui na inabalável relação entre seus corpos e seu esporte. Analisando as fontes de pesquisa, percebo ainda a mistura dessas relações com aquelas que espetacularizam o corpo, também o transformando num produto de mercado. Joga-se “com sua faceta ‘excitante’ para poder melhor ‘vendê-la’, transformando a imagem em mercado” (VIGARELLO, 2008, p. 466), o que indica que algumas estratégias movimentam aquilo que Courtine (1995) nomeou, algum tempo atrás, “músculo-espetáculo”.

A seguir, apresento duas imagens selecionadas do material empírico que considere pertinentes para pensar essas questões.

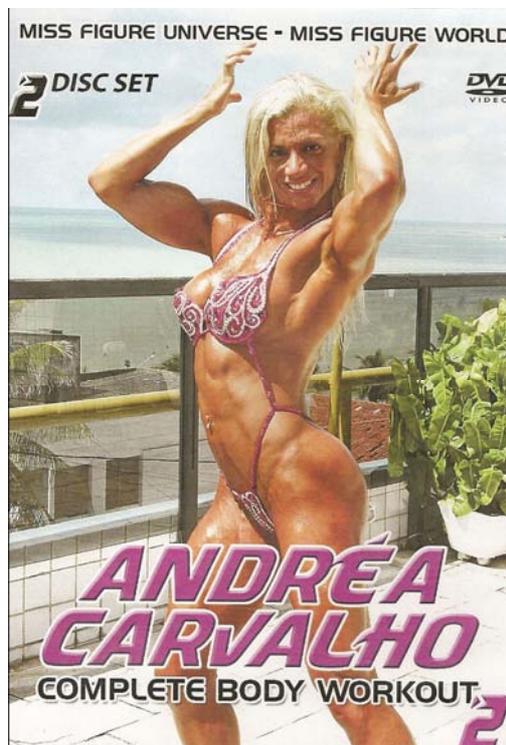
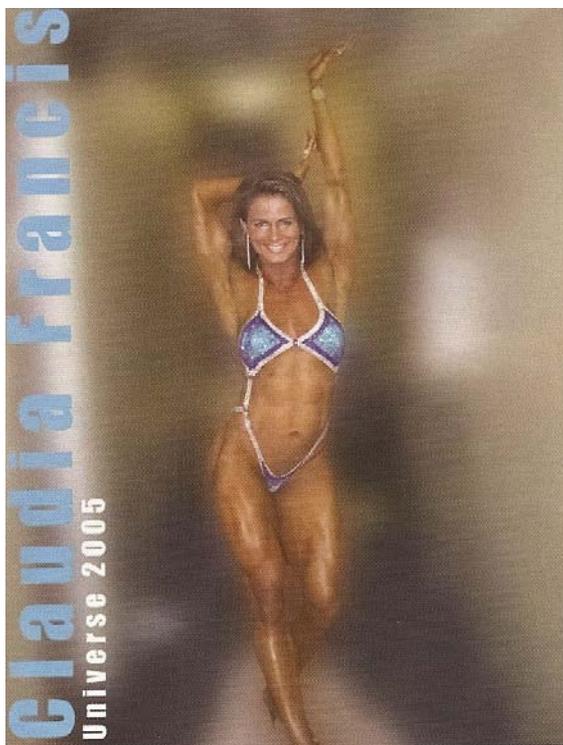


Imagem 15 - Cláudia Francis.
Publicada no JMF, n. 61, p. 42, 2006.

Imagem 16 - Andréa Carvalho.
Reproduzida a partir da capa do seu DVD/ 2007.

As imagens das atletas da modalidade *figure* filiadas à Nabba Brasil constituem-se em produtos, embora diferenciados, elaborados para a comercialização pública. No primeiro caso (imagem da esquerda), foi publicado no JMF a pedido da atleta Claudia Francis, um anúncio de página inteira em que oferece suas fotografias⁷⁷ com dedicatória e autógrafo aos seus fãs e admiradores do esporte. Com essa estratégia, pretendia reunir dinheiro para custear a sua participação no campeonato mundial da Nabba, na Inglaterra. Autorizando esse procedimento, o JMF apoia e justifica a comercialização da imagem da atleta, cuja estratégia é comum nos EUA. Se lá é uma atividade comum, por que aqui não poderia fazer parte das estratégias individuais de financiamento do esporte?

⁷⁷ Claudia foi vice-campeã da World NABBA 2005 na categoria *Figure 1*. Ao oferecer suas fotos na revista, informava que “as fotos serão enviadas pelo correio ao endereço de quem adquirir, com meus agradecimentos. Preço: R\$ 5,00 – 1 foto colorida autografada 10X15. Conto com o apoio de vocês. Um abraço, Claudia Francis. (JMF, n. 61, p. 42, 2006). Cláudia estampou capa do JMF, N. 62, 2006 vestindo o mesmo biquíni e adereços visualizados na imagem e descritos acima.

Claudia foi apontada como uma das grandes promessas do esporte no país, repercussão da sua sensual apresentação no World NABBA 2005, cativando a plateia já na sua primeira participação em um campeonato internacional. As fotos reproduzidas na revista apresentam a atleta alta, magra e bronzada, com uma leve maquiagem, fartos cabelos castanhos, escovados e soltos; as unhas longas estão revestidas por uma delicada tonalidade clara de verniz. A atleta aparece vestida com um biquíni na cor azul brilhante, cujas peças diminutas estão contornadas e ligadas por uma estreita borda prateada, contrastando com a pele morena de Claudia. Longos brincos de *strass* e braceletes do mesmo material completam a produção. Guardo a suspeita de que essas imagens focalizam menos o detalhe do músculo hipertrofiado e mais o corpo de mulher esculturalmente torneado, parecendo não haver músculos a mais, nem músculos a menos. Como cenário de fundo, observamos apenas difusas luzes e sombras em tonalidades que circulam entre pérola, dourado e cobre; o matizado de cores borra a linha divisória entre corpo e fundo e tenuemente esconde e confunde os limites do corpo e do espaço em que está posicionado. Esse jogo de efeitos e cores faz ressaltar os sinuosos contornos corporais. A espetacularização aqui não está nas marcas do excesso muscular, visto que nesse corpo o músculo não desestabiliza, nem põe em suspeição a feminilidade normalizada; aqui o que arrebatava o olhar é a imagem do corpo escultural de Claudia Francis. Talvez um corpo que esteja posicionado no íntimo dos desejos de muitas mulheres, nem tão forte, nem tão fraco; nem musculoso, nem flácido; nem viril, nem frágil. Enfim, um corpo harmonioso que não deixa dúvidas sobre a sua feminilidade normalizada.

A outra imagem (direita) reproduz a capa frontal de um DVD duplo, o segundo lançado por Andréa Carvalho⁷⁸ em 2007, contendo registros de sessões de treinamento, algumas competições internacionais em que participou no ano de 2005, acompanhamento ao vivo de um ensaio fotográfico e galeria de fotos. Apontada como uma “Super-Star do *Figure Internacional*”⁷⁹, após vencer pela segunda vez o Overall⁸⁰ do NABBA Universe, Andréa investe na comercialização não só da sua imagem, mas também do seu árduo processo de treinamento. Na capa do artefato, toma lugar central o corpo da atleta, *milimetricamente*

⁷⁸ Andréa Carvalho é filiada à NABBA/Brasil e começou a competir em 2002, quando venceu o “Campeonato Novos de São Paulo”; naquele mesmo ano, foi campeã Overall do “Campeonato Paulista”. Desde então, não parou de acumular vitórias, e seu último desafio foi vencer o *Figure II* no Universe NABBA/2007, ocorrido na Inglaterra; primeiramente, competiu com sua colega Silvia Finocchi numa acirrada disputa e depois conquistou o Overall, derrotando a irlandesa Malika Zitouni, vencedora da *Figure I*.

⁷⁹ Andréa Carvalho é apontada como uma Super-Star do esporte em nível internacional na sua modalidade na capa do *Jornal de Musculação & Fitness*, n. 70, 2008. No exemplar seguinte, ela escreve ao Sr. Eugênio Koprowsky para dizer que ficou lisonjeada com o título que a revista lhe confere e agradece à Fepam/NABBA por todo o apoio que até então recebeu (JMF, p. 24, n. 71, 2008).

⁸⁰ O Overall é uma disputa entre as vencedoras das categorias *Figure I* e *Figure II*, sendo considerada a maior vitória de um campeonato.

entalhado, produzido para vencer acirradas disputas, como foi o caso da competição do World NABBA 2005, sediado na cidade de Natal, em solo brasileiro, onde se tornou vencedora pela primeira vez do Overall, voltando a conquistar o título em 2007.

O corpo em pose clássica do fisiculturismo, braços erguidos, semi-flexionados e em contração, faz aparecer os precisos desenhos musculares. Parece ser possível nomear cada pequeno músculo, que ganha visibilidade individual nesse corpo projetado para produzir efeitos, um corpo cuja anatomia propõe outra matemática das formas. Ora são os bíceps que chamam o olhar, ora são os sulcos que individualizam as porções do músculo abdominal, ora são as finas e sinuosas linhas dos vasos sanguíneos que percorrem cada centímetro corporal. Nesse detalhamento, sobressai a hipertrofia muscular, pressupondo que esse corpo foi alvo de um investimento intenso, trabalho duplo que exige um rigoroso e preciso controle alimentar com o específico propósito de apagar a gordura para fazer o músculo potencializado aparecer. A pele bronzeada e brilhosa contrasta não só com o cabelo louro platinado, como também com o minúsculo biquíni rosa *pink*, com detalhes em prata e delicadamente bordado, que veste o corpo nas exposições em que participa. Unhas longas e pintadas com uma tonalidade clara, *piercing* no umbigo, brincos e uma maquiagem suave compõem a cosmetologização do corpo.

Andréa e Claudia artesanalmente construíram os seus corpos, mas as escolhas no modo de mostrá-los operam diferentemente sobre eles. O primeiro fica tenuemente desfocado para acentuar a sinuosidade e a beleza da perfeição corporal, enquanto que o segundo investe no detalhamento da musculatura, que chama a atenção para a produção do corpo da atleta. Enfim, é preciso concordar com Susan Sontag (2006, p. 30): “as imagens paralisam. As imagens anestesiavam. [...] chocam na proporção em que mostram algo novo”, mexendo com os nossos sentidos, desejos e convicções.

É nessa direção que operam as imagens dos corpos de Claudia e Andréa. Como tantas outras imagens, elas aprisionam, ainda que momentaneamente, o nosso olhar. Assim como ocorre com outras atletas do esporte, esse corpo é um acontecimento e, por onde passa e onde aparece, deixa um rastro de distintas representações. Se, por um lado, produz incômodos e repulsas, por outro, também aciona desejos e admirações. Todavia, considerando que vivemos uma época de tirania da aparência (SOARES, 2003), sob a moral da boa forma (GOLDERNBERG & RAMOS, 2002), em que a visibilidade do corpo é insustentável (SANT’ANNA, 2003) e os artefatos culturais investem na espetacularização dos corpos femininos (GOELLNER, 2003), por que essas arquiteturas corporais potencializadas ainda nos seduzem?

Encontrei, num dos tantos trabalhos de Denise Sant'anna (2002, p. 28), uma inspiradora sugestão. Escreve a autora que, apesar de o corpo ter assumido um lugar de culto e cuidados na sociedade contemporânea, “nem sempre a diferença corporal é bem aceita e respeitada, especialmente quando ela foge dos padrões valorizados pelos meios de comunicação de massa”. Essas palavras instigam-me a pensar que algumas atletas de fisiculturismo não possuem o modelo imperativo de corpo em voga na atualidade. Elas extrapolam, avançam as fronteiras, ampliam os limites e indicam o quão são elásticas as possibilidades do corpo e do esporte. Penso ainda que essas distintas e movimentadas relações produzidas discursivamente criaram e criam as condições de enunciação do “corpo espetáculo”, uma vez que as produções humanas são datadas e produzidas pelo conjunto das dizibilidades e visibilidades que emergem numa determinada época, cujas práticas discursivas constituem os objetos de que falam, tornando-os verdade, nomeando-os, julgando-os, produzindo-os (FOUCAULT, 2005).

As análises elaboradas sob este enunciado apontam que a produção da espetacularização dos corpos femininos envolve fascínios e interesses que atravessam, constituem e transformam o esporte e o próprio corpo – como veremos no próximo enunciado. Ao mesmo tempo, a construção da potencialização muscular feminina indica que os corpos escapam aos limites construídos culturalmente e, dessa perspectiva, ampliam e multiplicam os modos de pensar, produzir e viver as mutações que desejam marcar.

2.2. A matematização do músculo e os ajustamentos entre corpo e esporte

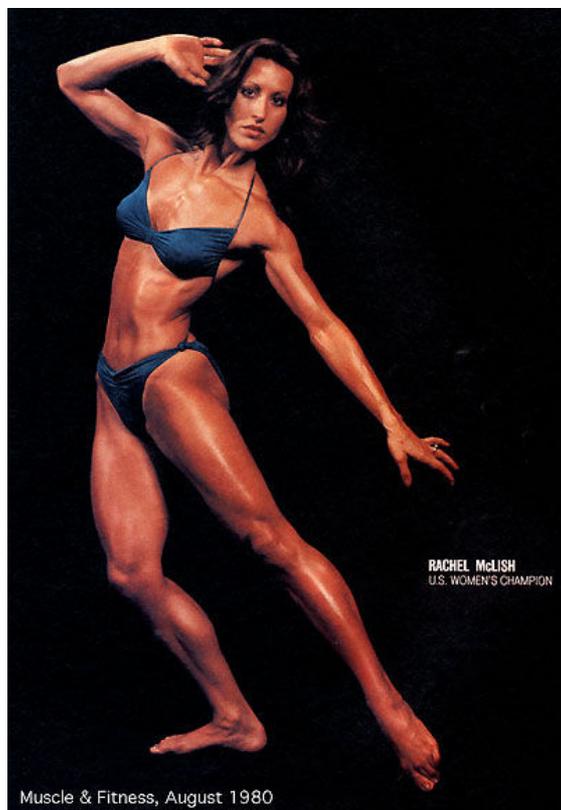


Imagem 17 - Rachel McLinsh em 1980
Disponível em: www.fitnessmodelworld.com
Capturada em 15/08/2008

Imagem 18 - Íris Kyle - Ms. Olympia de 2008
Disponível em: www.hardfitness.com
Capturada em 30/09/2008

As medidas do músculo constituíam e constituem o centro dos interesses e dos olhares nas competições de fisiculturismo. Assim como o esporte, foram paulatinamente ampliando as possibilidades de participação de homens e mulheres, e os seus lugares de inserção, os corpos produzidos nessa modalidade, também foram crescendo. As negociações e os ajustes produzidos entre os corpos e o esporte constituem-se no foco central deste enunciado, que olha, sobretudo, para os efeitos produzidos pelo crescimento muscular dos corpos femininos, acompanhados por polêmicas e suspeições acerca de sua participação no fisiculturismo. Assim, modificaram-se e modificam-se tanto o esporte quanto os corpos que ele espetaculariza. Essas mutações entre o corpo e o esporte podem ser entendidas a partir da perspectiva sustentada por (VIGARELLO, 2008, p. 466) quando sugere que “[o esporte] joga com o *show*, com a apresentação do espetáculo contemporâneo, até transformar a sua prática, seus dispositivos e seus regulamentos”. Entendo que essa proposição pode ser visualizada nas

imagens das duas atletas, que denunciam na própria carne as mutações que envolveram e envolvem o corpo e o fisiculturismo. São imagens que enunciam corpos diferentes, épocas distintas e esporte em constante transformação.

Ao discutir essa questão, também me inspiro em Soares (2006, p. 75), cujos estudos abordam as implicações da medida na produção de estratégias de intervenção nos corpos, assinalando que “é possível pensar que a medida compõe mais seguidamente os horizontes imediatos de onde se podem apreciar os objetivos e os resultados de muitas intervenções no corpo”. Assim, discutir a matematização do músculo, suas verberações no esporte e os ajustes produzidos pelo esporte no corpo é o propósito deste enunciado.

Imagens, biografias, comentários e fragmentos de narrativas circulam em diferentes páginas da Internet, contando versões sobre a emergência do fisiculturismo e apontando as protagonistas de sua história, entre as quais, estão Rachel McLinsh⁸¹ e Íris Kyle⁸². Rachel rompeu barreiras erguidas para a mulher e mudou o rumo da potencialização muscular feminina, marcando com seu feito a história do esporte ao vencer, em 1980, o primeiro Ms. Olympia⁸³, ocorrido na Filadélfia/EUA. Íris sugere, com seu corpo, que os limites das intervenções que ele suporta são constantemente ampliados, revistos e ultrapassados. Seu corpo desassossega noções que fixaram num passado não tão distante o que é ser mulher; seus músculos apontam para múltiplas possibilidades de produzir e viver as feminilidades.

Ao escolher as imagens dessas duas mulheres atletas, não o fiz exclusivamente para, mais uma vez, contar a história das vencedoras, pois, se essa fosse a minha intenção, outras⁸⁴

⁸¹ Rachel McLinsh foi a primeira campeã do Ms. Olympia, em 1980. A atleta ocupa desde 1999 um lugar no Hall of Fame da International Federation of Body Building. Rachel competiu em 1981, ficando em segundo lugar, e em 1982 venceu novamente a disputa. Depois disso, abandonou as competições, mas ainda posou para capas de revistas, como a *Muscle and Fitness*, por mais de uma década. Disponível em: www.ifbb.com/halloffame/1999/mclish.htm, capturado em 23/05/3006.

⁸² Íris Kyle venceu o Ms. Olympia pela primeira vez em 2001; em 2002 e 2003, ficou em segundo lugar; em 2004, venceu novamente; em 2005, ficou em segundo lugar e, desde 2006, quando conquistou o primeiro lugar, não o abandonou mais. Disponível em: <http://contests.ironmanmagazine.com>, capturado em 11/08/2008 e 26/12/2008.

⁸³ O Ms. Olympia foi criado em 1980 por George Snyder e organizado pela IFBB. Para participar da competição, as mulheres enviaram um currículo, acompanhado de fotografias de corpo inteiro. Snyder escolhia aquelas que, sob o seu modo de olhar, eram potenciais modelos para os produtos do mercado *fitness*. Desde 1982, as competições passaram a ser promovidas pelos irmãos Weider, e o evento agigantou-se. Atualmente, o Olympia Weekend reúne competições de fisiculturismo masculino e feminino em todas as suas modalidades e também disputas que envolvem lutas e levantamentos de peso. Fontes: Disponíveis em: www.mrolympia.com/2008/event-schedule.htm; www.bodybuilding.com/fun/weik24.htm, capturados em 16/08/2008.

⁸⁴ As vencedoras do Ms. Olympia são: Rachel McLinsh (1980 e 1982), Lyke Elomaa (1981), Carla Dunlap (1983), Cory Everson (1984 até 1989), Lenda Murray (1990 até 1995, 2002 e 2003); Kim Chizevsky (1996 – 1999). No campeonato de 2000, houve uma divisão do *bodybuilding* em *heavyweight* e *lightweight*, em que sucessivamente venceram: Valentinha Chepiga e Adrulla Blanchette (2000); Íris Kyle e Juliette Bergmann (2001); Lenda Murray e Juliette Bergmann (2002 e 2003); Íris Kyle e Dayana Cadeau (2004). Em 2005, a

tantas poderiam estampar aquela página. Eu as escolhi com o propósito de visibilizar, lado a lado, duas arquiteturas corporais femininas que, em épocas diferenciadas, representaram e representam o corpo produzido e desejado no fisiculturismo. Essas imagens assinalam, sobretudo, que “a história das mulheres passa pela história dos seus corpos” (Mary del Priore, 2000, p. 13) – e no esporte isso não é diferente. Isso me inspira a pensar que a história das mulheres no fisiculturismo também é constituída pelos ajustes que o esporte imprimiu no corpo feminino e, simultaneamente, os ajustes que os corpos femininos produziram no esporte⁸⁵.

Discutir os ajustes que corpo e esporte produziram reciprocamente é o propósito que move este enunciado. As imagens que abrem a temática sugerem que está tudo ali, como diria Foucault (2005), na superficialidade da própria pele – corpos alvos, com diferentes investimentos, respondem às circunstâncias e às condições de cada época. Em síntese: a matematização do músculo e a gestualidade constituíram e ainda constituem a centralidade do fisiculturismo. No entanto, muitas polêmicas emergiram em meio à produção do volume muscular, as quais incidiam e incidem sobre o esporte, transformando-o e também alterando as arquiteturas corporais. Essas duplas mutações produziram as quatro modalidades que compõem o esporte na atualidade, lembrando: *physique, figure, fitness, toned*⁸⁶.

As primeiras competições de fisiculturismo feminino foram protagonizadas nos Estados Unidos ainda na década de 1970 e chegaram ao auge nas duas décadas seguintes. Bolin (2001) aponta que alguns eventos acionaram o interesse feminino pelo esporte. Entre eles, destaca-se a reintrodução do treinamento de resistência na preparação de atletas mulheres na década de 1950 e a emergência do movimento feminista na década seguinte. Esse processo culmina com a explosão da indústria do *fitness* em 1970, oferecendo espaços preparados especialmente para receber as mulheres que queriam se exercitar. Nancy Théberge (1994) sublinha que, nessa época, o movimento *fitness* teve as mulheres como

divisão foi suprimida, tendo em vista a determinação de diminuir em 20% o volume muscular de todas as atletas. Yaxeni Oriquen (2005); Iris Kyle (2006, 2007, 2008). Disponível em: <http://contests.ironmanmagazine.com>.

⁸⁵ Gostaria de ressaltar que essas implicações entre corpo e esporte também valem para fazer uma análise da história dos homens nesse campo, visto que os corpos masculinos também se modificaram e foram modificados no fisiculturismo. Para se ter uma idéia das mutações que sofreram, basta comparar os corpos de Eugene Sandow, Arnold Schwarzenegger e Ronnie Coleman, ícones atemporais do fisiculturismo masculino que produziram arquiteturas corporais marcadamente diferentes. Se aproximarmos o primeiro e o último, veremos que Sandow fica diminuto diante do corpo gigante de Coleman. Trata-se de corpos diferentes, porque produzidos em meio a um complexo conjunto de técnicas, cuidados e investimentos de distintas ordens, marcas dos tempos, do envolvimento de distintos poderes-saberes que atuaram e atuam na produção desses e de tantos outros/as atletas.

⁸⁶ Objetivando deixar o texto mais fluente e considerando a clara distinção entre as expressões utilizadas para nomear as quatro modalidades do fisiculturismo, a partir deste momento, faço uso das denominações em curso na NABBA-Brasil, a saber: *physique, figure, fitness, toned*. Porém, destaco que elas possuem os seus equivalentes na CBCM, já mencionados no texto.

alvo de suas campanhas. Ao se promoverem produtos, colocavam-se em cena mulheres fazendo algum exercício ou atividade física, focalizando sua atratividade sexual e ignorando qualquer relação possível, por exemplo, com a ampliação da participação feminina no esporte.

Essa época também produziu Jane Fonda e os seus vídeos, em que aparece protagonizando e ensinando exercícios que poderiam ser realizados por “qualquer mulher” no conforto da sua casa, exercícios que deixariam as mulheres com um corpo tonificado e flexível. É desse tempo também o método de exercícios físicos marcadamente aeróbicos, projetado e disseminado por Kenneth Cooper. Pode-se dizer que esse foi um período em que “maximizar a performance atlética em busca da ‘hipersaúde’ foi uma das tantas metas da emergente comunidade aeróbica – ‘oxigenar’ os corpos parecia ser a grande luta política” (Fraga, 2005, p.57). Tal representação emerge do corpo longilíneo, magro e levemente musculoso de Rachel McLinsh, cuja vitória no primeiro Ms. Olympia se deu, segundo Matt Weik (2006), pelo seu corpo representar um potencial modelo para os produtos do mercado *fitness*.

Bill Dobbins (2003) conta que 21 mulheres participaram dessa competição, realizada na Filadélfia. Embora não fosse uma disputa de beleza, movimentava o evento certa estupefação que corria de boca em boca, repetindo e reafirmando a inacreditável beleza de todas as atletas. Fotógrafo e admirador das mulheres fisiculturistas, o autor sublinha:

É, na verdade, todas eram bonitas. Em roupa de passeio, saltos altos, maquiadas, penteadas e resplandcentes, era difícil imaginar que aquelas mesmas mulheres tinham sido frequentemente acusadas de ser masculinas, andróginas ou mesmo grotescas. Elas não eram nada disso. Elas estavam esplêndidas⁸⁷ (DOBBINS, 2003, p.01).

Analisar a imagem de Rachel faz-me supor que, nas primeiras competições do Ms. Olympia, se valorizava uma arquitetura corporal que, comparada com os atuais corpos, se constituía timidamente muscularizada. A teatralização da gestualidade deixava ver os tênues contornos musculares do corpo potencializado de Rachel, os quais, aos olhares contemporâneos, possivelmente não representariam inquietações nem produziriam suspeições. A arquitetura desse corpo parece representar uma dada fragilidade quando comparado ao corpo de Íris Kyle, construído em meio às múltiplas possibilidades de intervenção no corpo, as quais se tornaram possíveis quase três décadas depois. Apesar de a arquitetura corporal de Rachel guardar vestígios que remetem à representação do sexo belo ou frágil, cujas

⁸⁷ Tradução livre.

denominações por muito tempo estiveram vinculadas às imagens que a nossa sociedade produziu sobre o corpo feminino, sobre sua beleza e saúde (DEL PRIORE, 2000), aponto também que esses contornos corporais representaram um corpo em mutação para uma sociedade também em transição, uma vez que os árbitros ainda apontaram que ela parecia ser um pouco mais elegante do que as outras atletas e, ao mesmo tempo, a qualidade da sua potencialização muscular era evidente (DOBBINS, 2003).

Del Priore (2000) aponta que, nas três últimas décadas, o corpo feminino passou por uma “revolução silenciosa”, e a pílula anticoncepcional ocupou lugar central nessa transformação. Ao desvincular sexo de maternidade, a mulher passou a explorar a sua sexualidade, a escolher melhor os seus parceiros e a viver em posições mais igualitárias com eles. É nesse contexto que vimos também acontecer mutações em relação aos discursos e às práticas corporais. O que se observou, entre os anos 70 e 80 do século passado, foi uma alteração nos discursos, cujo foco estava na relação linear entre exercícios intensos, o aumento na capacidade cardiovascular e a saúde, deslizando para exercícios com peso, potencialização muscular, beleza e saúde. Sobre as representações que atravessam a produção do corpo feminino, Del Priore (2000, p. 11) compara o tempo de outrora e o atual e sintetiza: “nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho”.

As mudanças que ocorreram nos discursos e práticas acerca da potencialização muscular de mulheres e homens nas últimas décadas foram analisadas por Courtine (1995, p.84), que apontou que nessa época se forjou na sociedade americana um culto à “aparência do corpo”, cuja sustentação é feita por uma “indústria, um mercado e um conjunto de práticas de massa”. A década de 1980 foi marcada pela proliferação de produtos direcionados ao “mercado do músculo”: diversidade de exercícios, recursos ergogênicos, sofisticados aparelhos de musculação, suplementos nutricionais, métodos de treinamento, revistas especializadas, dietas nutricionais e roupas específicas colaboraram para movimentar e expandir esse mercado. Além disso, os aparelhos de musculação, acompanhados de toda essa parafernália, ultrapassaram as fronteiras das academias de ginástica para ocupar os espaços privados da residência familiar. O autor sugere que nenhum grupo incorporou com tal precisão as práticas e os discursos daquele tempo como os “*yuppies*: os jovens profissionais urbanos” que, sedentos pelo sucesso em suas carreiras, suavam nas academias e instituíam o músculo como um modo de vida. Para o autor,

As práticas e as representações do corpo na sociedade de consumo de massa são, assim, atravessadas por estratégias multiformes da relação dos fluxos,

das matérias, das energias a incorporar, a canalizar, a eliminar. Cada indivíduo torna-se, então, o gestor de seu próprio corpo (COURTINE, 1995, p, 86).

As possibilidades de gerenciamento da multiplicação dos recursos e dos modos de intervir nos corpos produziram mulheres e homens cada vez mais musculosas/os, fortes e rápidas/os. Esse incremento impregnou o esporte e passou a ser ampla e indiscriminadamente utilizado.

As competições de fisiculturismo ampliavam-se, e o número de atletas crescia na mesma medida em que aumentava o volume da potencialização muscular feminina. Embora o esporte fosse praticado pelos homens desde a década de 1940⁸⁸ no Brasil, somente nos anos 80 o país passou a sediar eventos internacionais. É no final dessa década que as mulheres⁸⁹ passam a integrar as disputas. Infelizmente, as fontes de pesquisa que vasculhei apontam escassos registros acerca das brasileiras protagonistas do esporte, o que me impossibilita de centrar-me no contexto esportivo brasileiro para descrever os caminhos que a matematização do músculo foi construindo no decorrer da história do esporte. Ainda é preciso fazê-lo utilizando como fonte de pesquisa os corpos produzidos em solo americano.

Focalizar o fisiculturismo feminino produzido nos anos 80 significa falar, principalmente, de Cory Everson, cujo corpo marcou a década, constituindo-se numa das protagonistas desse esporte, até hoje lembrada pelas atletas e por elas posicionada como um ícone de referência em termos de muscularidade e manutenção do padrão de feminilidade convencional e normalizado pelos discursos que o produzem. “A Cory Everson é a minha musa inspiradora”, contou-me a atleta brasileira de *figure* Silvia Finocchi quando a entrevistei. Justificou sua escolha apontando que Cory não produziu um corpo exageradamente musculoso para aquela época, visto que manteve os seus contornos musculares, enquanto outras os faziam crescer desmesuradamente. Cada pequeno feixe de fibras era visibilizado nos desenhos que os músculos produziam sob a pele levemente bronzeada de Cory. Cada milímetro do seu corpo denunciava um meticuloso investimento corporal, e o que aparecia sob a epiderme em nada lembrava as representações que

⁸⁸ A Associação Cristã de Moços organizou, em 1945, o primeiro torneio de modelagem, e, em 1947, ocorreu o primeiro campeonato brasileiro de musculação. Em 1963, foi fundada a Federação Paulista de Culturismo, que passa a trilhar o seu próprio caminho, tornando-se independente dos adeptos do halterofilismo. Em 1978, a Confederação Brasileira de Culturismo é reconhecida no Conselho Nacional de Desportos. Em 1990, a CBC passa a se chamar Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação, com o propósito de disseminar essa prática corporal. Disponível em: www.cbcm.com.br, capturado em 05/05/2005.

⁸⁹ Somente encontrei o nome de Viviane Werneck, apontada como a vencedora da categoria “feminino pesado”, e de Simone Fonseca, vencedora do “feminino leve” no III Campeonato Ibero-Americano e XIV Campeonato Sul-americano de Culturismo, realizado em 1988 na cidade de São Paulo. Fonte: *Revista Mister Vigor*, p. 38, n.20, 1988.

cotidianamente enunciavam as mulheres; a fragilidade era uma característica que parecia não colar no seu corpo. Observemos a imagem que colhi:



Imagem 19 - Cory Everson.

Disponível em: <http://www.bodybuilders.com/cory.htm> capturado em 03/04/2008.

Cory passou a ser reconhecida não só pela sua potencialização muscular, mas também pelos seus belos traços faciais e pela construção da sua coreografia. Na *Revista Músculos & Força*⁹⁰, a imagem da atleta estampava a capa da publicação, e, no editorial, Cory era representada como um “autêntico colírio para os olhos de quem quer que seja, isso é um fato incontestável...”. Na reportagem publicada no interior da revista, chamaram minha atenção os modos de enunciar a vitória da atleta.

⁹⁰ A *Revista Músculos & Força* foi publicada no Brasil na década de 1980. Essa edição era a de n. 11, de agosto de 1988, quando estava no segundo ano de publicação. A revista privilegiava a tradução de artigos publicados em revistas internacionais. O excerto pinçado do editorial foi produzido por Oswaldo Bentini – Diretor de Redação. O outro fragmento foi pinçado de uma das reportagens intitulada: “Cory, outra vez” em referência ao seu tetracampeonato, no Ms. Olympia de 1987.

A linda fisiculturista vem conseguindo quase o impossível, isto é, a cada concurso apresentar-se com melhor plástica e leveza de movimentos que, aliadas a sua exuberante beleza, culminaram por conferir-lhe, com justiça, o título de tetracampeã do Ms. Olympia. (...) Com o transcorrer do verdadeiro show de beleza e delineados músculos, a figura de Cory Everson começou a se impor, não só aos membros do júri, como também e principalmente aos olhos do público. Demonstrando movimentos felinos e diferentes dos da rotina, acabou por conquistar o título.

Fonte: *Revista Músculos e Força*, p. 38-40, agosto de 1988.

Mais do que uma competição em que se avaliavam o volume, a simetria e a definição muscular, valorizava-se naquela época o modo de exibir a potencialização muscular. Em síntese, a atleta “incorporava uma combinação perfeita de simetria, muscularidade e feminilidade” (BOLIN, 2001, p. 149). Cory e tantas outras atletas produziam uma apresentação em que misturavam representações de feminilidade normalizada e o volume muscular. Com essas marcas matizadas, tentavam assegurar aquilo que o músculo poderia desassossegar, uma vez que, potencializado, ele pode sobressair ao olhar.

Bolin (2001) ainda lembra que no ocidente o músculo evoca representações de masculinidade, envolvendo virilidade, força e agressividade. Ao mesmo tempo, Donald Sabo (2002) aponta que a instituição esportiva se constituiu e se constitui como um dos espaços fortemente marcados pela produção da masculinidade, enunciada a partir da virilidade, força e agressividade. Essa duplicidade interpela-me e faz-me pensar que as mulheres adentram um espaço que é duplamente masculinizado. E, nesse caso, será que o músculo estraga a mulher? Essa questão, em muitos espaços, possui alternativas diversas de resposta. Desconfio que muitas delas posicionem a medida do músculo no centro da discussão, uma vez que a relação que envolve mais ou menos volume muscular produz certo fascínio, estupefação, poder, desassossego, rejeição, exclusão; dificilmente marca com a indiferença. Soares (2006, p. 76) aponta que “a medida aparece como categoria fundamental para pensar o corpo. (...) e desde o século XIX [inaugura] um modo de olhar e ao mesmo tempo um modo de intervir, materializando com intensidade, e quase mecanicamente, os processos de conformação dos corpos”.

Desde aquela época até os dias atuais, os centímetros que circunferenciam os grupos musculares e os corpos não só têm sido objeto de curiosidade, discussão e hierarquização nas disputas femininas, como também historicamente geraram dúvidas, pesquisas e suposições na vertente masculina. Por muito tempo, as medidas “exatas ou verdadeiras” do admirado corpo de Eugen Sandow foram alvo de disputas e controvérsias, visto que a multiplicação de mensurações e a incompatibilidade desses números encontrados em documentos, artigos e

biografias do atleta alimentavam as dúvidas. Aparentemente, essas suposições caíram por terra quando foi encontrada uma estátua de Sandow, guardada em algum museu de Londres, cuja produção se deu por meio de uma modelagem ao vivo do atleta, realizada ainda em 1901. Tomada como uma réplica do corpo do atleta, a estátua passou a ocupar o seu lugar nos meios esportivos e finalizou as especulações sobre as suas medidas. Encontrar o “corpo de Sandow decalcado ao vivo em massa de gesso”⁹¹ significou trazer para o presente as representações de um corpo que foi construído, admirado e desejado no passado.

Entretanto, as medidas dos seus contornos musculares, quando comparadas com as de Ronnie Coleman⁹², a exemplo da disputa imaginária que supôs Courtine (1995) entre Charles Atlas e Arnold Schwarzenegger, indicaria que, em ambos os casos, os primeiros deveriam se submeter a um intenso trabalho de musculação para aprimorar os contornos musculares desses corpos ainda inacabados, pois as dimensões masculinas também acompanharam e promoveram a ampliação do próprio esporte. Todavia, parece que não se produzem, na vertente masculina do fisiculturismo, controvérsias e tensões que equivalham aos discursos que circulam no fisiculturismo feminino e às representações que o atravessam.

A década de 1990 foi emblemática para a potencialização muscular feminina. As fontes apontam que o volume muscular de Bev Francis⁹³ causou impacto na época, visto que sua carreira de atleta também estava marcada no seu inquietante corpo, dada a sua participação no filme *Pumping Iron II: The Women*, cujo roteiro misturava documentário e ficção ao mostrar, no cinema, os bastidores e as disputas que constituíam o Ms. Olympia. O início dos anos 90 ficou marcado no fisiculturismo pelas disputas entre Lenda Murray e Bev

⁹¹ A modelagem ao vivo de Sandow foi realizada em 1901, quando ele tinha 34 anos. Durante um mês, houve sessões diárias, em que ele mantinha cada pose com os músculos contraídos durante 15 minutos para que o gesso secasse. A modelagem buscava reproduzir a posição exata de cada músculo potencializado e sustentações de madeira auxiliavam a conter os moldes de cada parte do corpo. Ao final, surgem as medidas reais de Sandow: 1,75m de altura; pescoço: 44,45 cm; peito: 124,46 cm; cintura: 91,44cm; coxas: 63,50 cm; panturrilhas: 44, 45 cm; tornozelos: 22, 86 cm; braço direito superior flexionado: 45,72cm; pulso: 19, 75cm. A estátua foi exibida no Museu de História Natural em Londres e depois foi guardada em depósitos e esquecida. Em anos recentes, ela foi encontrada, recuperada, foi a leilão e consta que Arnold Schwarzenegger a arrematou. (Fragmentos pinçados do JMF, p. 73, n. 59/2005).

⁹² Em uma das vezes em que Ronnie Coleman esteve no Brasil, as medidas divulgadas foram as seguintes: altura: 1,78cm; peso: 150kg; bíceps: 61 cm; peitoral: 148 cm; coxa: 87 cm; panturrilhas: 53 cm; cintura: 79cm, pescoço: 51cm. Fonte: www.movimentomuscular.com.br/, capturado em 20/11/2008.

⁹³ Bev Francis foi uma atleta de *powerlifter* entre 1980-85, sendo nomeada Strongest Woman in History. Em 1983, ela participou do filme *Pumping Iron II: The women*, onde foi registrada a preparação das atletas para a Caesars Palace World Cup Championship. Nesse filme, Bev representava o que poderia ser o extremo desenvolvimento muscular para as mulheres; em contraponto, estava Rachel McLish, representando o espectro da forma feminina. A aparência de Bev Francis acendeu a questão “*How much muscle is too much?*”. A atleta migrou rapidamente para o *bodybuilding* e, em 1990 e 1991, disputou com Lenda Murray o primeiro lugar do Ms. Olympia; em ambas as ocasiões, perdeu e, por fim, acabou retirando-se do esporte. Disponível em: <http://www.ifbb.com/halloffame/2000/francis.htm>, capturado em 28/08/2006.

Francis. Entre os anos de 1987 e 1989, Francis perdeu para Cory Everson, pois seu corpo era apontado como exageradamente musculoso, e venciam as formas mais comedidas de Everson. Bolin (2001) diz que, após três derrotas consecutivas, Francis abrandou o seu volume muscular para o Ms. Olympia de 1990 e, nesse ano, surpreendentemente, perdeu para Murray, porque a última havia produzido contornos musculares mais generosos.

No ano seguinte, em 1991, a atleta Bev intensificou o seu treinamento e apareceu no campeonato com um impressionante volume muscular, indicando que havia fabricado uma arquitetura corporal que parecia ter sido levada ao limite da sua potencialização muscular. Essa mudança foi amplamente noticiada aos que acompanhavam as disputas *in loco* ou assistiam à transmissão do Ms. Olympia, pela primeira vez, televisionada. Entretanto, Bev perdeu novamente para Lenda. Acerca dessa disputa, um pequeno excerto pinçado da biografia que acompanha a imagem de Bev incrustada no *Hall of Fame* da IFBB diz o seguinte:

Em 1991 no Ms. Olympia da IFBB, ela [Bev Francis] apresentou o físico feminino mais musculoso já visto e finalizou uma controversa disputa com Lenda Murray. A fraqueza do físico de Francis esteve em tentar revisar os procedimentos do esporte.

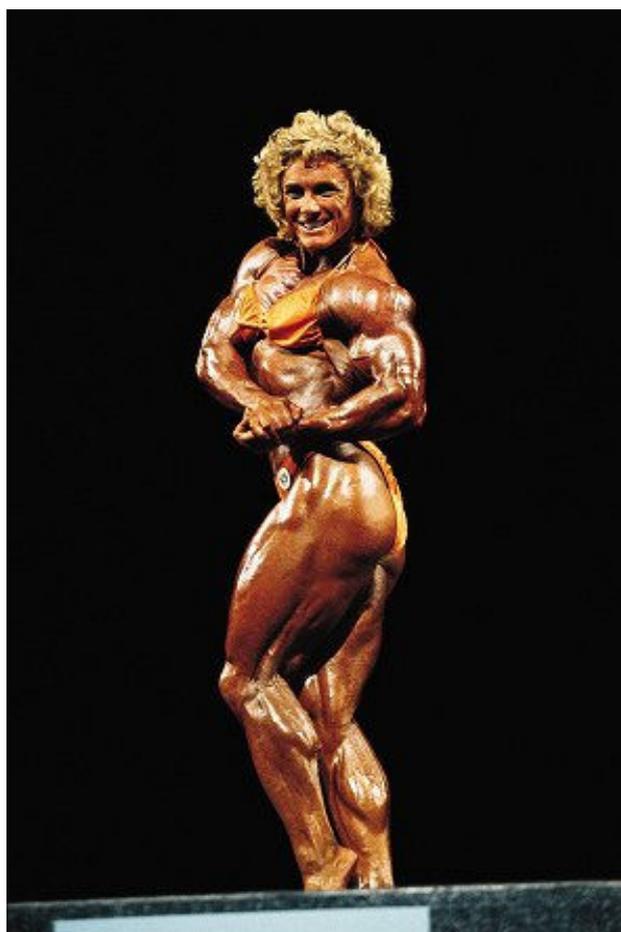


Imagem 20 - Bev Francis.
Disponível em www.ifbb.com/halloffame capturado em 28/08/2006.

Raras são as imagens de Bev Francis disponíveis na rede mundial de computadores. Entre as restritas possibilidades, escolhi essa pelo de fato de marcar a carreira da atleta, uma vez que essa é a imagem que está incrustada no Hall da Fama. Embora a imagem não seja detalhadamente nítida, ainda assim impressiona pelo que mostra da atleta: músculos dos braços, peito e pernas volumosos, estriados e detalhadamente definidos. A potencialização muscular de Bev Francis desassossegou os limites produzidos no interior do próprio campo esportivo.

Ao aproximar as diferentes arquiteturas corporais que foram, paulatinamente, sendo produzidas no fisiculturismo, percebo que os corpos femininos – assim como os masculinos – foram avolumando-se com o passar do tempo. Olhando mais uma vez para as imagens fontes dessas análises, noto que as distintas arquiteturas corporais produzem diferentes representações, indicando que as mutações que o corpo foi sofrendo no esporte, simultaneamente, transformavam também a modalidade esportiva. Todavia, fiquei com a impressão de que Bev Francis transbordou os limites do volume muscular até então pensados, admitidos e aceitos num corpo feminino, mesmo no interior do fisiculturismo. Ao romper com essas fronteiras e fabricar um corpo que abandonava representações padronizadas de feminilidade, a atleta propõe e inscreve nas suas formas corporais a noção central do fisiculturismo, que se resume em crescer e crescer cada vez mais. Bolin (2001) aponta que, nos anos 90, a disseminação e a popularização do uso de esteróides anabolizantes entre homens e mulheres enunciavam que, para o tamanho dos músculos, não havia limites.

Em uma das fontes de pesquisa, encontrei um valioso artigo de Garry Bartlett⁹⁴ (2005), que aponta alguns elementos sobre a questão do volume muscular feminino, com vistas a explicar o que vem acontecendo no esporte há duas décadas. Bartlett sublinha que, no início dos anos 90, as atletas começaram a aparecer com uma muscularidade e medidas nunca antes vistas. Ao privilegiarem o tamanho, outras variáveis importantes foram perdendo espaço – foi o caso das formas, da simetria e do conjunto estético mais “natural”. Ao mesmo tempo, Bartlett indica que as mulheres passaram a investir incessantemente na construção do volume muscular a partir de referências que emergiram em meio aos próprios campeonatos promovidos pela IFBB. Isso ocorria em virtude de as disputas femininas serem julgadas a partir dos mesmos critérios utilizados nos eventos masculinos, produzindo vencedoras que apresentavam a melhor combinação de tamanho e musculatura “rasgada”. Contudo, destaco

⁹⁴ Há 30 anos, o canadense Garry Bartlett fotografa os eventos e os/as atletas do fisiculturismo. É autor de textos sobre essa temática, publicados em várias revistas do mercado editorial; exemplo disso é o artigo em questão, publicado na *MuscleMag*.

que não é possível desconsiderar também a multiplicação dos modos criados para intervir no corpo, a saber: nutrição esportiva, aparelhos para musculação, recursos ergogênicos e métodos de treinamento que multiplicaram as possibilidades de fazer o músculo crescer naquela época. Esse período foi fortemente marcado pelo discurso da masculinização das mulheres, como aponta Garry Bartlett acerca dos anos 90:

O resultado disso foi uma aparência demasiadamente masculina que sacrificava a feminilidade.

Fonte: Gary Bartlett, In: *Musclemag International*, p. 60, aug/2005.

Masculinidade e feminilidade⁹⁵ posicionadas em pólos opostos e aprisionadas a representações fixas e naturalizadas acompanharam e ainda acompanham as mutações que envolvem a musculatura potencializada num corpo de mulher. O que se observa é que, desde Bev Francis, as discussões acerca da medida do músculo se intensificaram e a mensuração passou a representar um perigo que está a espreitar aquelas atletas que trabalham com o máximo do seu volume muscular. Ao aparecer no Ms. Olympia com os músculos hipervolumosos, Francis produziu efeitos sobre a organização da IFBB, que passou a revisar os critérios das disputas para os anos seguintes. Desde então, todas as atletas devem passar por provas classificatórias para poderem disputar o Ms. Olympia; mais ainda, segundo apontou Matt Weik (2003), desde 1992, a equipe de arbitragem foi orientada a mudar a perspectiva dos seus olhares, deixando de valorizar os grandes volumes musculares para centrar o olhar em atletas que exibissem uma aparência mais feminina.

Bev Francis ficou conhecida como a mulher que construiu uma massa muscular que estava à frente do seu tempo (Bolin, 2002). Nos anos de 1990 e 1991⁹⁶, a disputa entre ela e Lenda Murray⁹⁷ marcou o início do domínio da segunda e o abandono do esporte pela primeira. Essas disputas também marcaram, de certo modo, a atualização dos discursos e das práticas que produziam o fisiculturismo, privilegiando nas disputas os corpos que misturassem representações de vigor muscular com as marcas que constituem a feminilidade

⁹⁵ As relações que envolvem o músculo e a suspeição da feminilidade serão discutidas no enunciado intitulado “As feminilidades produzidas no fisiculturismo”.

⁹⁶ Bev Francis já acumulava algumas derrotas para Cory Everson; quando esta abandonou o esporte, tudo indicava que havia chegado a vez de Bev. Entretanto, Lenda Murray, que participava pela primeira vez do Ms. Olympia, assume o primeiro lugar e o mantém por vários anos.

⁹⁷ Lenda Murray venceu o MS. Olympia de 1990 a 1995. Nos dois anos subseqüentes, ficou em segundo lugar. Abandonou as competições por algum tempo e retornou para vencer a competição novamente em 2002 e 2003, levando também o Overall. Em 2004, ficou em segundo lugar e então abandonou as competições. Disponível em: <http://www.bodybuilders.com/murray.htm>, capturado em 10/04/2007.

tradicional, como graça, beleza e delicadeza. Essas relações sugerem que os “os corpos se fazem históricos e situados. Os corpos são ‘datados’, ganham um valor que é sempre transitório e circunstancial. A significação que se lhes atribui é arbitrária, relacional e é, também, disputada” (LOURO, 2004, p. 89).

A renúncia aos generosos contornos de Bev Francis, que produziu um corpo que ousou forçar os limites já bastante alargados para a época no contexto da potencialização muscular feminina, abriu a possibilidade para Lenda Murray ocupar por muitos anos um espaço privilegiado nas competições do fisiculturismo mundial. Considerando as fontes desta investigação, reproduzo abaixo uma imagem de Murray, uma das atletas preferidas por Bill Dobbins para ser fotografada.



Imagem 21 - Lenda Murray.
Disponível em: <http://www.fitnessmodelworld.com> capturado em 20/06/2007.

Com o propósito de evitar o fantasma da masculinização das mulheres, a instituição que legisla o fisiculturismo decidiu inserir nos julgamentos uma mudança do olhar do interior do esporte, sem produzir ações efetivamente restritivas ou de cunho punitivo impingidas legalmente às atletas. Essa mudança no modo de ver, julgar e analisar os corpos

femininos consistia num investimento no enfraquecimento do volume muscular, com vistas ao fortalecimento de uma estética corporal mais próxima do traçado da feminilidade normalizada, como apontam os excertos abaixo.

[Em 1992] eles foram avisados para olhar para competidoras que não eram excessivamente grandes e que elas tivessem uma aparência física mais feminina para vencer neste ano. Depois de todas essas mudanças e controvérsias, Lenda Murray mudou o olhar deles e foi nomeada vencedora.

Disponível em: www.bodybuilding.com/fun/weik24.htm, capturado em 15/08/2008.

Lenda Murray coroa uma nova era do fisiculturismo [...]. Aclamada como a mais bela fisiculturista do mundo, Murray emana uma combinação sem paralelo, de beleza, formas, desenvolvimento e pureza atlética. Ela é uma das mais populares e prósperas fisiculturistas da história.

Disponível em: <http://www.bodybuilders.com/murray.htm>, capturado em 20/08/2008.

Aparentemente, a equipe de arbitragem olhou menos para o volume muscular de Lenda e mais para a sua beleza. Embora eu não tenha encontrado fotografias que registrem a exibição da atleta em 1992, garimpei no *site* de vídeos *youtube* a sua apresentação. Vestindo um biquíni vermelho, seios aumentados com silicone, cabelos presos em um pequeno coque, maquiagem leve e uma gestualidade que acompanhava a música constituíram a exibição da atleta, que marcava a sua apresentação cantando partes da música, deslocando-se pelo palco, lançando olhares sensuais para os espectadores e investindo na teatralização da sua gestualidade – por isso canta, dramatiza e interage com o público. Em cinco minutos de uma coreografia individual, Lenda produz diferentes movimentos, sorri para os espectadores e convida-os a observá-la, misturando movimentos suaves e intensas contrações musculares. Observando a sua imagem, seu corpo e os traços da sua face, percebo que seu conjunto evoca representações que a associam à beleza feminina. Talvez não a alguma das belezas apontadas por Humberto Eco (2004), como a da mulher da época renascentista, quando era privilegiada a alvura da pele, os longos cabelos e o ventre proeminente; tampouco seu corpo representaria a beleza promovida pelo consumo atual, que a cada dia produz um novo modelo. Lenda Murray emerge como um novo arquétipo de beleza; sua arquitetura corporal faz as fronteiras entre as representações fixas de feminino e masculino esfumaçarem-se, pelo menos no fisiculturismo, indicando que elas nada mais são do que construções culturais produzidas por determinados sujeitos em certos contextos históricos. Enfim, ao examinar mais uma vez as fontes de pesquisa, percebo que a beleza das atletas se constituiu num atributo afirmado e reafirmado constantemente e muitas vezes ressaltado para justificar o primeiro lugar ocupado por aquelas que venceram o Ms. Olympia em diferentes edições do evento.

Apesar desse investimento na valorização da beleza das atletas, a década de 90 viu o fisiculturismo feminino definindo, pois, à medida que os músculos se avolumavam, mais um passo era dado na direção do seu desmoronamento. Um dos excertos pinçados de umas das fontes de investigação aponta a crise vivida pelo músculo espetáculo:

A audiência [dos campeonatos] começou a diminuir, a mídia perdeu o interesse, o patrocínio estava ficando difícil e mesmo as nossas revistas de *bodybuilding* cortavam as reportagens.

Fonte: Gary Bartlett, In: *Musclemag International*, p. 60, aug/2005.

A alternativa encontrada pela IFBB no ano de 2000 foi dividir a competição em duas categorias: a *lightweight* e a *heavyweight*. Essa divisão deixou a primeira categoria mais atrativa e com atletas que haviam fabricado arquiteturas corporais mais comedidas, enquanto que, no segundo grupo, ainda circulava acentuadamente entre as mulheres a idéia de construir corpos cada vez mais potencializados, com as estriações musculares cada vez mais evidentes. Quando os dirigentes do esporte perceberam que essa divisão não surtiu o efeito desejado e considerando que a vertente feminina do esporte estava à beira de um colapso por falta de investimentos financeiros, eliminaram essa divisão. A IFBB enviou comunicado em 06 de dezembro de 2004, através de Jim Manion, vice-presidente da divisão profissional da Federação, solicitando que as atletas de *physique*, *figure* e *fitness* diminuíssem em 20% o seu volume muscular. Apesar de indícios apontando que essa determinação foi movida por múltiplos motivos, a instituição que dirige o esporte sugeriu que razões estéticas e preocupações com a saúde das atletas convergiram para a elaboração da restrição. Todavia, circula nos espaços esportivos que essa notificação se estabeleceu com o propósito de diminuir a muscularidade feminina para reverter o desinteresse do público e ainda ampliar o número de atletas praticantes do fisiculturismo. A imagem abaixo apresenta o modo que essa determinação foi enunciada em uma das reportagens publicadas numa revista de circulação internacional, assim intitulada: “20% Less 100% BETTER!”.



Imagem 22 – 20% less 100% BETTER
 Fonte: Gary Bartlett, In: *Musclemag International*, p. 60, Aug/2005.

Os artifícios gráficos exibidos na escrita sugerem que, no fisiculturismo, a potencialização muscular controlada e limitada poderia representar um esporte mais receptivo aos diferentes interesses que o constituem. A escrita *BETTER* em letras maiúsculas “invade os nossos sentidos”, como diz Goellner (2003), captura-nos e reverbera em nosso modo de ver, sugerindo nuances múltiplas ao seu complemento: 20% menor, 100% melhor. Penso que esse texto, acompanhado da imagem das duas mulheres atletas, posiciona essas mulheres em certos lugares no fisiculturismo e, ao mesmo tempo, enuncia que elas podem ficar ainda melhores, mais interessantes, mais bonitas – talvez menos dissonantes dos discursos e das representações que hierarquizam os seus corpos, que as nomeiam e posicionam em lugares fora do centro. A incompletude do discurso sugere uma multiplicidade de possibilidades, deixando espaço para que muitas delas se encaixem e produzam efeitos de acordo com os desejos e o modo de olhar de cada um para o tema.

A notícia da diminuição do volume muscular gerou polêmicas entre as atletas, pois, enquanto algumas apoiam essa limitação, outras a rejeitam, conforme sugerem as fontes:

As que são contra defendem que, independentemente do sexo, o atleta deve sempre tentar alcançar o topo de sua performance, e se isso no fisiculturismo significa extremo desenvolvimento muscular, tal regra vem oferecer enorme obstáculo à superação das performances.

Fonte: Christiano Galbraith - Seção *The Iron News*, JMF, p. 18, n. 58, 2005.

Eu ainda penso que a IFBB não tinha um critério claramente definido, mesmo com a regra dos 20%. Eles fizeram essa regra para tornar o esporte mais aceitável e atrativo para novas competidoras. Competidoras que provavelmente seguirão isso, e agora nós podemos vê-las nas apresentações.

Fonte: Juliana Malcarne – Entrevista – Disponível em: www.hardfitness.com, capturado em 22/10/2007.

Analisando os textos e as imagens, percebo que a determinação para diminuir o volume muscular dos corpos femininos emergiu como uma estratégia comercial montada por aqueles que estruturam o esporte para capturar um maior número de espectadores, sensibilizar patrocinadores, interpelar atletas e ampliar a visibilidade do esporte. Além disso, as atletas questionam a operacionalidade dessa determinação, uma vez que acompanhar e mensurar essa diminuição se mostra quase impossível, visto que a circunferência das atletas não é tomada nas competições, mas sim o peso e/ou a altura, procedimento este que torna inviável verificar concretamente a matematização das suas formas. Afinal, não foi explicitado quando, como e em que condições essa regra será levada a efeito. Outro ponto a ser discutido diz respeito às condições de produção e os argumentos que ancoraram a criação desse percentual mágico.

Essas discussões despontam ainda em 2005, e, nesses quatro anos passados desde a sua produção, não houve qualquer esclarecimento advindo da IFBB acerca do tema. Todavia, o que se observa nos campeonatos desde aquela época é que as equipes de arbitragem têm operado com essa regra, buscando privilegiar nas suas avaliações aquelas atletas que possuem uma arquitetura corporal menor, mais enxuta e compacta.

A determinação da IFBB para diminuir em 20% o volume muscular das mulheres está valendo muito, principalmente, lá fora. Ano passado [2007] eu fiquei em segundo lugar numa competição internacional por causa disso. A menina que ganhou estava bem menor do que eu, e, entre todas as 24 concorrentes do mundo inteiro, nós éramos as menores e as mais definidas entre todas. A *figure* não pode mais caracterizar o fisiculturismo, se a *figure* ficar um pouco mais avantajada, podendo estar definida tanto quanto ou com músculos simétricos como elas, mas você não pode ter o volume muscular agigantado.

Fonte: Silvia Finocchi – atleta *figure* - Entrevista realizada com a pesquisadora em 07 de abril de 2008.

A exigência da diminuição do volume muscular movimentou o interior dos espaços esportivos, pois produziu rupturas e solicitou adequações aos treinamentos e dietas utilizadas há muitos anos pelas atletas. Desde 2005, é preciso produzir músculos comedidos e investir

mais e mais na definição dos desenhos musculares. Vejamos se é possível visibilizar essa diferença analisando duas imagens da atleta Andréa Carvalho, registradas quando venceu a categoria *Figure II* do Miss Universe, promovido pela NABBA em 2005 e 2007, respectivamente:



Imagem 23 - Andréa Carvalho 2005
Disponível em: www.nabba.com.br
Capturado em 03/03/2006.

Imagem 24 - Andréa Carvalho 2007
Disponível em: www.nabba.com.br
Capturado em 12/12/2007.

Analisando meticulosamente essas imagens, pode-se observar que elas enunciam as mutações que a atleta produziu em sua arquitetura corporal, diminuindo o volume muscular; ao mesmo tempo, os desenhos dos seus músculos parecem estar mais definidos e evidenciados. Esses registros imagéticos e o depoimento de Silvia Finocchi apontam os efeitos da regra colocada em operação pelas equipes de arbitragem, porém, nas buscas que fiz, não encontrei registros que deem conta de estabelecer relações, ainda que lineares, entre a diminuição do volume muscular e o aumento do número de mulheres atletas nas competições, melhorias nos investimentos de patrocinadores e aumento no número de espectadores.

Tenho observado, nas imagens que registram os campeonatos, que possivelmente a categoria *toned* possa ter maior poder de penetração e interpelação junto às mulheres que

praticam a musculação, em razão de a arquitetura dos corpos afastar-se da representação de uma atleta de fisiculturismo “clássico” e aproximar-se da representação da mulher que produz um corpo com suaves contornos musculares. Afinal, é preciso levar em conta que as posições de sujeito ocupadas pelas atletas e pelas mulheres que potencializam os seus corpos, seja na cultura ou no interior de práticas esportivas determinadas, envolvem a aparência dos seus corpos. Louro (2003, p.01) sugere que, “ao longo dos séculos, os sujeitos vêm sendo examinados, classificados, ordenados, nomeados e definidos por seus corpos, ou melhor, pelas marcas que são atribuídas aos seus corpos”. Posicionando a aparência do corpo no centro das discussões, podemos ver emergir representações diferenciadas elaboradas pela comunidade esportiva e pelos outros sujeitos sociais. Se, no âmbito das competições de fisiculturismo, interessava às mulheres crescer e crescer cada vez mais, na esfera social, essa aparência hipermusculosa incomodava e desassossejava representações que identificavam e posicionavam as mulheres em alguns lugares e não em outros.

A aparência é, pois, algo que se apresenta ou que se representa. Vê-se o que se mostra, o que aparece; e ao que se vê se atribui significados. Pele, pêlos, seios, olhos são significados culturalmente. Muitos são os significados ao formato dos olhos ou da boca; à cor da pele; à presença da vagina ou do pênis; ao tamanho das mãos e à redondeza das ancas (LOURO, 2003, p. 1).

A presença e a ausência de músculos num corpo, assim como um corpo masculino e um corpo feminino potencializados ao máximo e, ainda, um corpo feminino com mais ou menos músculos, também são significados diferentemente em nossa sociedade. Diuturnamente circulam discursos que posicionam o corpo musculoso masculino como representante de poder, força e virilidade, e as medidas infladas dos seus músculos produzem, reforçam e reafirmam a sua masculinidade. Em relação às mulheres, músculos volumosos rompem com as noções de fragilidade, delicadeza e beleza representadas naquilo que social e culturalmente se construiu como atributos próprios das mulheres. A aparência musculosa, além de romper com as representações historicamente produzidas e socialmente partilhadas do feminino, ainda produz novas representações, embaralhando e confundindo antigas e novas referências acerca dos corpos das mulheres. Essa mistura parece incomodar também alguns homens, que não somente praticam o fisiculturismo, como também produzem discursos que circulam nesse contexto, a tal modo que se manifestam completamente favoráveis à decisão da IFBB em exigir que as mulheres diminuam o volume muscular dos seus corpos.

Acredito que esta é uma regra muito bem-vinda, pois as atletas estavam chegando a um nível bizarro de desenvolvimento, ficando cada vez mais remotas de qualquer semelhança com a imagem do sexo feminino.

Fonte: Christiano Galbraith – Seção *The Iron News*, colaborador do JMF, n. 58, p. 18, 2005.

O sujeito que produziu essa afirmação é um fisiculturista brasileiro que colabora com o JMF elaborando textos em que registra e comenta os principais campeonatos internacionais masculinos, posicionando no centro das suas enunciações os atletas que possuem os maiores corpos, nomeando-os de gigantes e monstros do esporte, focalizando os seus poderosos e incomensuráveis músculos. Se ele enuncia os corpos masculinos desse modo, que condições de possibilidade permitem que produza essa afirmação sobre os corpos femininos? Penso que essas enunciações emergem em meio a discursos e representações que segundo Goellner (2003, p. 01) “tomam as bases biológicas como determinantes na justificação das diferenças entre homens e mulheres”, a partir das quais os sujeitos são generificados, inscrevendo em seus corpos representações fixas e polarizadas acerca daquilo que é, social e culturalmente, permitido às mulheres e aos homens fazerem com os seus corpos em determinados tempos e lugares.

Dobbins (s/d), em um dos seus artigos, destaca que o fisiculturismo feminino se produziu como um espaço que desafia as representações convencionais de aparência e de desenvolvimento físico dos corpos das mulheres, uma vez que

(...) esse esporte se constitui em torno da criação do máximo desenvolvimento estético dos músculos do corpo. O esporte exige a construção de grandes músculos, mas também envolve aspectos estéticos, como as formas, simetria, proporção, definição e evidentemente beleza da linha e estrutura [corporal]⁹⁸.

Mas as representações acerca da potencialização muscular feminina são múltiplas e mutáveis, constituídas por diferentes vozes, imagens, discursos e enunciações. Nesse sentido, não me surpreende que, em meio ao calor das discussões que envolviam a medida do músculo nos anos 90, Courtine (1995) analisava o “músculo espetáculo”, apontando as disputas em campeonatos como “duelos da aparência”, uma vez que essa modalidade rompia com a lógica esportiva que associa “músculo e movimento”. No caso, esses corpos não são produzidos para correr, saltar, arremessar, lançar, pois não são as aptidões e habilidades físicas que estão em disputa. A centralidade está em a atleta fazer aparecer e visibilizar em seu corpo cada grupo

⁹⁸ Tradução livre.

muscular que ela pacientemente potencializou; por meio de uma gestualidade específica, ela movimenta e infla cada fibra muscular.

Gostaria de chamar a atenção para os distintos significados atribuídos ao músculo, seja por Jean Jacques Courtine, ou por Bill Dobbins. Ambos falam de lugares específicos: enquanto o primeiro elabora a sua crítica ao esporte ambientado numa universidade americana, o segundo o faz do interior do esporte. Todavia, também olhando da perspectiva esportiva, surpreendeu-me o modo jocoso com que se referiu Christiano Galbraith às mulheres que desejam levar os seus músculos ao máximo da sua potencialização. Tais discursos e significações díspares produzem “verdades” sobre os sujeitos e seus corpos e resultam em saberes que marcam os corpos das mulheres e dos homens. Sob essa perspectiva, esses sujeitos são hierarquizados, nomeados e posicionados em certos lugares e não em outros. Esses diferentes posicionamentos indicam que, no sistema classificatório de uma cultura, algumas marcas têm maior “validade” do que outras e que algumas significam mais e outras menos. Em suma, “uma marca valorizada permite antecipar as possibilidades e os limites de um sujeito, em outras palavras, pode servir para dizer até onde alguém pode ir, no contexto de uma cultura” (LOURO, 2003, p. 02).

Tomar as medidas do músculo como uma das marcas que constituíram e constituem o fisiculturismo exige também apontar vozes de insatisfações produzidas no interior do esporte e advindas desse ilimitado investimento no volume corporal. Além das respostas negativas do público, patrocinadores e mídia que acompanhavam o esporte, algumas mulheres atletas também demonstraram insatisfações com os rumos que tomava o campo esportivo. Acerca desse tema, comentou uma das atletas:

Eu competi com mulheres que competiam há anos e eu levava muito jeito para posar, eu tinha uma desenvoltura no palco muito boa, e a linha era boa. Aí, eu comecei a ver que elas estavam ficando muito grandes, isso lá pelos anos de 1994, 95. Aí, eu vi que elas estavam ficando enormes, e eu não queria, já naquela época, eu visualizava outro tipo de fisico. Eu queria o que as pessoas querem hoje, [isso] é o que eu sempre quis.

Fonte: Silvia Finocchi – atleta *figure* - Entrevista realizada com a pesquisadora em 07 de abril de 2008.

Diferentes discursos, interesses e disputas envolveram os ajustes produzidos no fisiculturismo feminino, e seus efeitos não incidem somente na diminuição do volume muscular das atletas, mas também na criação de novas modalidades esportivas, as quais exigiram alguns ajustes nas arquiteturas corporais. Tais ajustes tiveram as condições de possibilidade de serem enunciados a partir da multiplicação das fontes de pesquisa aqui

reunidas, as quais produziram as condições materiais para focalizar alguns momentos, certas dizibilidades e visibilidades que enunciam a potencialização muscular feminina no fisiculturismo brasileiro.

Aponteí, a partir de imagens de Rachel McLinsh e Íris Kyle, que abriram este enunciado, que a matematização do músculo atravessa a história do fisiculturismo, determina a sua constituição, o movimenta, o multiplica e faz do corpo e do esporte um rascunho, um projeto em constante construção e reconstrução. Essa incompletude produziu e produz transformações, criando modalidades no interior do fisiculturismo e, dentro delas, categorias classificatórias, conforme a altura e/ou o peso. Assim, para cada modalidade do fisiculturismo, produziu-se uma arquitetura corporal equivalente.

Atualmente, um campeonato feminino de nível internacional é constituído pelas seguintes modalidades: *physique*, ou culturismo; *figure*, ou *body-fitness*; *miss fitness*, ou *fitness-coreográfico*; *toned*, ou *wellnes*⁹⁹. Enquanto que a primeira modalidade assume o lugar de constituição do esporte, a última ainda está em processo de construção e divulgação. A multiplicação das modalidades e as transformações que foram acontecendo no interior do fisiculturismo indicam o quão parecem ser infinitas as possibilidades de mutação desses corpos femininos, uma vez que é na vertente feminina que os corpos, as representações e as tensões pulsam mais intensamente e movimentam, transformam, rompem e apontam novas direções ao esporte¹⁰⁰.

As quatro modalidades que desde 2008 compõem os grandes e médios eventos do fisiculturismo e mais os seus desdobramentos em categorias podem ser adaptadas e simplificadas segundo as instituições que regem o esporte no Brasil, com vistas a adequar as

⁹⁹ Essas denominações representam aquelas adotadas pela NABBA/Brasil e pela CBCM, respectivamente. Objetivando simplificar a nomenclatura e considerando a grafia explicitamente diferenciada para as modalidades, escolhi utilizar as designações utilizadas pela primeira, visto que palavras diferentes dizem respeito a modalidades fortemente similares. Ainda sublinho que as organizações esportivas possuem uma categorização diferenciada, a qual reproduzo. 1) A NABBA/Internacional utiliza a seguinte categorização: a) *Physique* feminino - única, atletas de musculação feminina; b) *Figure class 2* - atletas femininas com estatura até 1,63m; c) *Figure class 1* - atletas femininas com estatura acima de 1,63m; d) *Miss fitness* - categoria feminina única; e) *Toned* - categoria feminina em elaboração. 2) A CBCM utiliza a seguinte categorização: a) culturismo feminino master única; b) culturismo feminino acima de 55 kg; c) culturismo feminino até 55 kg; d) *body fitness* master única (acima de 35 anos); e) *body fitness* mais de 1,68m; f) *body fitness* até 1,68m; g) *body fitness* até 1,63m; h) *body fitness* até 1,58m; i) *fitness* coreográfico acima de 1,63m; j) *fitness* coreográfico até 1,63m; l) garota *wellness* acima de 1,68m; m) garota *wellness* até 1,68m; n) juvenil *body fitness* única.

¹⁰⁰ O Ms. Olympia também se transformou. Atualmente conhecido como Olympia Weekend, começa na quinta-feira e finaliza no domingo, com competições de fisiculturismo, artes marciais e halterofilismo, incluindo feiras de equipamentos esportivos, nutrição esportiva, roupas, etc. As competições de fisiculturismo são divididas em masculinas (desde 1965) e femininas, que abrigam três modalidades: *Ms Olympia* (desde 1980), *Figure* (desde 2003), *Fitness* (1995). Em 2008, houve uma nova competição, denominada “Bikini Model Search”, patrocinada pela revista *Flex’s Magazine*. Não há indicações se essa última é uma modalidade nova, se está em fase de constituição ou se permanecerá no evento anualmente.

características das competições às atletas inscritas nas disputas. Exemplo disso ocorre nos campeonatos que acontecem em pequenas cidades brasileiras e em lugares em que o esporte ainda não possui tradição. Nesses eventos, é comum encontrar as modalidades femininas restritas a *Figure* e a *Fitness* – agora a *wellness* também está produzindo seus espaços de inserção. A NABBA/Brasil, em nível nacional, excluiu a modalidade *physique* das suas competições, embora esporadicamente ela possa constituir o quadro de modalidades, enquanto que a CBCM ainda a mantém em seus eventos. As competições exigem não só a construção de uma determinada arquitetura corporal para cada modalidade, como também requerem uma preparação singular e a aprendizagem de um conjunto de gestualidades produzidas especificamente para visibilizar a potencialização muscular.

No próximo enunciado, dedico-me a detalhar as diferentes arquiteturas corporais exigidas em cada modalidade. Destaco também que os enunciados produzidos a partir do exame das imagens e textos apontam que as atletas intensificam as intervenções nos seus corpos, tendo em vista a sua participação no calendário anual das competições de fisiculturismo.

2.3. As arquiteturas corporais



Imagem 25 - Ângela Debatin
Disponível em: <http://www.angeladebatin.com>
Capturado em: 25/08/2008



Imagem 26 - Larissa Cunha
Disponível em <http://larissacunha.com>
Capturado em: 12/05/2008.

“Um corpo não é só um corpo, o que dele se vê. Um corpo é também o que dele se diz” (Goellner, 2003, p.1). Essas palavras e imagens instigaram-me a analisar as fontes de pesquisa com o propósito de olhar para as distintas arquiteturas corporais, artesanalmente potencializadas no fisiculturismo, o que constitui o foco deste enunciado. Percorrer as singularidades desses corpos exigiu-me atentar para a intimidade de cada modalidade, esmiuçando os seus detalhes em busca de semelhanças, diferenças, rupturas, transbordamentos e comedimentos.

A primeira modalidade que apresento é a *physique*, ou culturismo, disputada pelas mulheres que possuem os corpos mais volumosos do fisiculturismo. Essa modalidade é considerada por algumas atletas como o topo do esporte, uma vez que são necessários muitos anos de treinamento e investimentos de todos os tipos para produzir esses corpos; outras

tomam essa modalidade como representação de uma construção extrema, indesejável e exacerbada do volume muscular. Embora a Nabba Brasil tenha excluído das suas provas nacionais essa arquitetura corporal, a CBCM promove competições nacionais, enquanto a NABBA/Internacional e a IFBB organizam as internacionais. Nas imagens¹⁰¹ que abrem esta seção, estão as atletas brasileiras Ângela Debatin¹⁰² (esquerda) e Larissa Cunha¹⁰³ (direita). Mas há muitas outras: Mônica Martins, Claudia Peçanha, Ana Cláudia Macedo, Valéria Cordeiro, Roberta Toth, Gianni Almeida, Betty Tessuto, Valéria de Jesus, Danusa Marques, Mirian Neves, entre outras.

As regras e procedimentos que enunciam essa modalidade aparecem discretamente nas fontes analisadas. Mais precisamente, foi no *site* da NABBA/Internacional e no da CBCM que encontrei algumas pistas que posicionam a categoria *physique* no mesmo território do fisiculturismo masculino, razão pela qual a primeira é julgada a partir dos mesmos critérios utilizados no segundo, ou seja, as mulheres são avaliadas em relação ao volume, à definição, à proporção e à harmonia da arquitetura corporal, tal qual os homens. Em relação aos seus corpos, um dos exíguos excertos que encontrei nas fontes rapidamente sugeri:

A ênfase precisa ser nos contornos femininos, sem o volumoso desenvolvimento muscular desejável no masculino. São desejáveis o balanceado desenvolvimento e separação muscular, mas não precisa ser carregado ao extremo o que representaria um físico assexuado ou competitivo em termos igualitários com o fisiculturista masculino.

Fonte: Disponível em www.worldfitnessfederation.de/nabba/frame1/na_int3.html, capturado em: 10/05/2008.

Ao aproximar as fontes de pesquisa, notei que há dissonâncias em relação aos critérios que avaliam a modalidade e aquilo que as normas sugerem como adequado e desejável para

¹⁰¹Disponíveis em: www.femalemuscleshow.uaivip.com.br/bodybuildersnacionais.htm e em www.bodybuildingbrazil.com/main.html?src=%2Findex2.html#4,0, capturadas em 20/10/2008.

¹⁰² Ângela Debatin é a única atleta brasileira qualificada para Ms. Olympia, participando dessa competição em várias edições. Mudou-se para os EUA no final dos anos 90 com o propósito de investir no *bodybuilding* profissional e, desde aquela época, participa desses e de outros eventos. Em 2008, a atleta ficou em 10º no New York Pro Show (NY/USA) e no IFBB Atlantic City Pro (Atlantic City, NJ). Fonte: www.angeladebatin.com, capturado em 25/08/2008.

¹⁰³ Larissa Cunha é atleta filiada à IFBB, coordena a academia Planeta Corpo, em Curitiba, e lá atua como *personal trainer*. Em 1998, venceu o Campeonato Paranaense e sucessivamente ganhou outros campeonatos estaduais, nacionais e internacionais. Nos últimos anos, merece destaque o 2º lugar no Campeonato Mundial de Santa Suzanna/ES, em 2007; em 2008, no 39º Campeonato Brasileiro, obteve o 1º lugar (Cat. acima de 55 kg); no XXXIV Campeonato Sul-Americano, o 2º lugar (Cat. acima de 55 kg) e, ainda, no Campeonato Mundial - Santa Suzanna (Espanha), 6º lugar (Cat. acima de 55 kg). Larissa é apontada no meio esportivo como uma das atletas de maior potencialidade em sua modalidade. Fontes: www.larissacunha.com, capturado em 12/05/2008, e www.bodybuildingbrazil.com, capturado em 05/10/2008.

produzir corpos femininos ajustados às novas orientações esportivas. Advindos da vertente masculina, os critérios são submetidos a uma nova representação, uma vez que as medidas que eles significam nas competições masculinas perdem em intensidade quando aplicadas nas avaliações em provas femininas. Para eles, vale o máximo, o volumoso, o superlativo; para elas, vale o equilíbrio, a contenção, a medida certa.

Ao colocar em cena o fragmento retirado das fontes, percebo que o atravessa o enunciado que envolve o receio de o músculo apagar, embaralhar e confundir as marcas daquilo que foi normalizado na mulher e no homem, colocando sob suspeição os atributos da feminilidade e da masculinidade que foram a um e a outro associados. Se as mulheres, ao produzirem corpos volumosos, colocam sob suspeição a sua feminilidade, desconfio que também acionem dúvidas em relação à masculinidade produzida nesse esporte. O que observo faz-me pensar que a relação músculo e virilidade pode ser desestabilizada em meio a essas suspeições.

Embora os corpos das atletas de *physique* impressionem pelas suas arquiteturas, relações de poder produzidas em meio a interesses econômicos – como já mencionei no enunciado anterior – atravessam e constituem esse esporte, produzindo transformações na modalidade e operando incisivamente na diminuição da massa muscular das atletas. As imagens das brasileiras Ângela Debatin e Larissa Cunha, apresentadas no início deste enunciado, foram capturadas em eventos realizados em 2007, quando as atletas já representavam, em seus contornos corporais, o impacto da medida da IFBB que determinava a diminuição em 20% do volume muscular. Essas imagens têm o propósito de visibilizar atletas brasileiras e, concomitantemente, apresentar as suas arquiteturas corporais para que possamos compará-las com os volumes corporais produzidos nas outras modalidades.

Os corpos de Ângela e Larissa marcam em seus contornos um detalhado processo de produção corporal. A expressão facial brinca com a postura contraída da musculatura e faz parecer simples e fácil o que possivelmente precisou de uma década ou mais para ser construído e visibilizado no volume e nos desenhos musculares artesanal e milimetricamente produzidos para estarem ajustados às exigências esportivas. No interior do esporte, o rastro dos efeitos produzidos pelos seus corpos pode ser medido em função dos lugares que ocupam nos campeonatos de que participam, pela admiração, palmas, elogios, assovios e galanteios que recebem no momento em que se exibem num palco e também pelo número de alunos e atletas que orientam nos trabalhos de *personal trainer*. Fora do contexto esportivo, seus músculos inquietam, misturam e rasuram algumas representações historicamente construídas sobre as mulheres, seus corpos e os limites de suas possibilidades.

Ao buscar elementos para discutir a modalidade, além de dissonâncias, encontro também silenciamentos nas fontes de pesquisa. Isso fica evidente, por exemplo, quando a documentação que normatiza o *physique* aparece em pequenos excertos apensados às regras e procedimentos utilizados nas disputas masculinas. As indicações às mulheres, na maioria das vezes, restringem-se ao título e à vestimenta a ser utilizada nas etapas das provas. Os discursos que esmiúçam as normas acerca daquilo que é exigido, permitido ou proibido ao/às atletas falam nos procedimentos que apoiam e orientam a participação masculina. Observei que a autoria desses documentos é masculina; quem escreve o faz da sua perspectiva acerca do esporte para informar aos atletas homens aquilo que lhes interessa. Em outras palavras, fala-se dos homens e para homens. São essas as instruções a que as mulheres têm acesso, e é delas que se apropriam para fazer, numa categoria feminina, aquilo que se espera dos homens.

Ao se apropriarem desses saberes, as mulheres adentram um espaço em que os corpos masculinos são tomados como a norma, a referência, o centro do espetáculo; estes corpos aparecem descritos, nomeados e classificados em algumas fontes de pesquisa¹⁰⁴ por meio da representação da adjetivação superlativa. Exemplos desse modo de apontar os atletas podem ser observados em expressões como estas: “os atletas são gigantes, os corpos absurdamente grandes, e os músculos são colossais”. Todavia, quando as mulheres da categoria *physique* são enunciadas, os discursos apontam suas representações em direção oposta e podem ser lidos em expressões como: “músculos exagerados, hipertrofia excessiva, ausência de feminilidade”. Como indicam algumas vozes produzidas do interior do fisiculturismo:

No Miss Physique, a vitória ficou para a simpática russa Olga Tikhonova, enquanto a atleta dos Estados Unidos, por seu padrão muscular exagerado, perdeu pontos, ficando em 6º lugar, mas em termos de sensacionalismo cativou o público.

Fonte: Anna Maria Garcia, redatora do JMF, p. 11, n. 59, 2005.

A atleta alemã Simone Erlich está parecendo outra pessoa. Ela era uma *bodybuilder* que pesava em torno de 85 a 90 kg, e era tão monstruosa quanto o seu namorado!!! Ela venceu o campeonato nacional alemão, *overall*. Depois, ela se aposentou das competições e voltou ser “normal”.

Fonte: Christiano Galbraith, colaborador do JMF, p.15, n. 58, 2005.

¹⁰⁴ Os artigos veiculados no JMF na seção The Iron News, escritos por Christiano Galbraith, têm o propósito de trazer notícias sobre “tudo o que acontece no maravilhoso mundo do fisiculturismo”, destacando imagens, campeonatos e atletas que participam do esporte ao redor do mundo. Em suas reportagens, o autor relata exclusivamente os eventos masculinos e utiliza expressões como: “ombro espetacular”, “excelente definição”, “*shape* digno dos heróis das revistas em quadrinhos”, “magnífico atleta”, etc. para nomear, classificar e identificar os atletas mencionados.

Representações discursivamente construídas marcam nos corpos dessas mulheres a anormalidade, uma vez que eles aparecem desajustados em relação aos atributos que social e culturalmente foram produzidos e naturalizados para sua construção. A adjetivação, em ambos os casos, produz sentidos e significados que constroem representações dos corpos e posicionam homens e mulheres em determinados espaços do fisiculturismo mundial, posições que envolvem, primordialmente, relações de poder – nesse caso, o poder de determinar que as mulheres diminuam o seu volume muscular, enquanto os homens continuam a crescer incomensuravelmente.

Mas lembremos que Foucault (2004b) ensinou que o poder é uma relação de forças, não algo imposto e posicionado de cima para baixo, mas forças que se movimentam em distintas direções. O poder circula e está em toda parte, ou seja, não há nada fora das relações de poder. Tomando-o como algo que se movimenta em meio às diferentes disputas e lutas travadas no campo esportivo, homens e mulheres exercitam as suas forças buscando fazer valer os seus significados. Nessas relações de força, enquanto alguns discursos, práticas e representações estão acentuados, outros tantos estão sendo gestados, criando outras condições de possibilidade e, por que não dizer, de resistências aos discursos hegemônicos. Afinal, Foucault insistiu, onde há poder há resistência. Possivelmente, tal resistência não se constitui numa grande e revolucionária recusa, “mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas (...), por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder” (Foucault, 1988, p. 91-92).

Inseridas num contexto esportivo que envolve relações de poder, as mulheres reagem e respondem de diferentes modos às insistentes intervenções dos órgãos diretivos na produção dos seus corpos. Algumas aceitam e incorporam determinações, outras defendem o crescimento muscular feminino, outras ainda abandonam o esporte ou aderem a uma nova modalidade esportiva. Nessa perspectiva é que se pode pensar o esvaziamento da categoria *physique*, mapeado na escassez de fontes sobre a modalidade, visto que raros são os eventos nacionais, estaduais e mesmo nas pequenas cidades, em que atletas se inscrevem para competir nessa modalidade. Por outro lado, percebi, nas análises que fiz, um crescimento no número de mulheres que competem nas modalidades *figure* e *fitness*, o que me possibilita pensar que os efeitos dos volumosos corpos produzidos no fisiculturismo fizeram emergir as configurações corporais produzidas nessas outras modalidades, as quais ainda pouco lembram aqueles corpos produzidos quando da constituição do esporte na vertente feminina.

As análises das fontes de pesquisa sugerem que as competições de *figure* foram introduzidas no Brasil em 2002, mas desde 1986 as disputas acontecem nos campeonatos

internacionais promovidos pela NABBA. Sua emergência possui uma íntima relação com os corpos produzidos no fisiculturismo feminino no decorrer das décadas de 80 e 90, cujo volume desagradou algumas mulheres atletas. Assim, a possibilidade de competir em outra modalidade abriu espaços para ampliar o interesse e acesso destas atletas ao esporte. Na entrevista que realizei com uma atleta, ela ressaltou que, em meados da década de 90, havia abandonado o esporte, pois não desejava construir a arquitetura corporal em voga naquela época. Nas suas palavras:

A Cory Everson é a minha musa inspiradora e ela já não era tão grande como a Anja Langer e outras que já eram agigantadas. Mas a Cory não era e, para mim, era o tipo físico da Cory. Aí, eu desisti, eu não queria ficar agigantada, parei e não queria mais. Porque eu percebi que eu teria que usar certas coisas que iam me tirar da linha em que eu estava. Aí, parei e não quis mais.

Fonte: Silvia Finocchi – atleta *figure* - Entrevista realizada com a pesquisadora em 07 de abril de 2008.

Em 1998, a atleta retornou ao esporte na modalidade *fitness*, mas, como o seu corpo possuía uma arquitetura próxima daquela produzida e exigida no *figure*, ela foi incitada a competir nessa modalidade por um treinador de atletas. Assim, em 2000, retornou aos palcos dos eventos internacionais e protagonizou conquistas até então pouco atingidas pelas atletas brasileiras. Apesar de a modalidade ainda ser relativamente nova no país, várias atletas investem na produção de arquiteturas corporais ajustadas àquelas que o *figure* privilegia. Entre essas atletas, estão: Andréa Carvalho, Flavia Crisos, Viviane Romanguera, Dalvaniza Aquino, Patrícia Mello, Simone Moura, Lílian Okubo, Dora Rodrigues, Noemia Abreu, Sheila Vieira, Jane Oliveira, Tais Oshita, Maeme Lacerda, Vanessa Oliveira, Marina Martins, Roberta Aragão, Raquel Almeida e Roberta Gomes.

No campo das competições internacionais amadoras, nomeadamente no Ms. Universe¹⁰⁵, competição promovida em países europeus pela Nabba/Internacional, as atletas brasileiras do *figure* I e II estão, desde 2002, entre as seis finalistas premiadas e algumas vezes ainda ganharam o *overall*¹⁰⁶. Entre tantas mulheres atletas, escolhi as imagens de Silvia

¹⁰⁵ A modalidade é dividida em duas categorias: Figure I (abaixo de 1,65m); Figure II (acima de 1,65m). Mapeei as finalistas brasileiras nos respectivos anos de competição do Ms. Universe, realizado pela Nabba Internacional: a) 2002: Silvia Finocchi, Simone Moura e Patricia Mello; b) 2003: Flavia Crisos; c) 2004: Flavia Crisos, Luciane Vieira, Patrícia Mello e Jane Oliveira; d) 2005: Andréa Carvalho, Luciane Vieira, Flavia Crisos, Claudia Francis; e) 2006: Silvia Finocchi, Andréa Carvalho, Flavia Crisos; f) 2007: Andréa Carvalho, Silvia Finocchi, Viviane Santos, Jane Oliveira; g) 2008: Jane Oliveira, Dora Rodrigues, Silvia Finocchi, Viviane Romaguera, Simone Souza.

¹⁰⁶ O *overall* é uma disputa realizada no final do evento, entre as atletas vencedoras da *figure* I e II, representando a perfeição corporal desejada pelo esporte. A atleta que vencer o *overall* passa automaticamente a

Finocchi e Juliana Malacarne para visibilizar a potencialização muscular exigida nessa modalidade. As atletas têm horizontes profissionais diferenciados, uma vez que a primeira faz a sua preparação e reside no Brasil e a segunda mora e faz o seu treinamento nos EUA, o que, de algum modo, permite e facilita a sua participação em competições naquele país.



Imagem 27 - Silvia Finocchi
Disponível em: www.nabba.com.br
Capturado em 25/04/2007



Imagem 28 - Juliana Malacarne
Disponível em: www.hardfitness.com
Acesso em 31/06/2008

As imagens de Silvia¹⁰⁷ e Juliana¹⁰⁸ não deixam dúvidas de que se trata de corpos de atletas. Assim como na categoria que a antecede, o foco da *figure* está na potencialização

compor o Hall da Fama da NABBA/Internacional. As modalidades *physique* e *fitness* não participam dessa escolha.

¹⁰⁷ Silvia Finocchi foi a única atleta que entrevistei na produção de fontes para esta tese. Ela começou a competir na em 1989. Na década seguinte, abandonou o esporte porque as mulheres estavam produzindo corpos excessivamente grandes. Pouco tempo depois, retornou na modalidade *fitness*, mas foi no *figure* que conquistou muitas vitórias. Silvia disputa na categoria *figure* II e já possui índices que lhe permitem representar o Brasil em eventos da NABBA/Internacional. É *personal trainer* em academia na cidade de Joinvile, treina atletas, apresenta-se em campeonatos pelo país fazendo performances esportivas e nos cursos de formação profissional em musculação promovidos pela Nabba/Brasil. Venceu 10 vezes o Campeonato estadual catarinense. Destacam-se também: 2006 - Campeonato Mundial - 1º lugar; NABBA UNIVERSE - Campeã Overall; 2007 - NABBA UNIVERSE - 2º lugar; 2008 - NABBA UNIVERSE - 4º lugar. Fontes campeonatos: www.bodybuildingbrazil.com, capturado em 05/10/2008.

muscular, mas a sua arquitetura corporal é construída e matematizada em função daquela produzida no *physique*, ou seja, a modalidade *figure* deve privilegiar um corpo em que:

A ênfase deve ser dada à forma e proporção feminina, enquanto treinada e com moderado nível de gordura, não podendo levar a definição ao extremo. A atleta não deve ter o grau de desenvolvimento, definição, separação e estriação de uma competidora do *physique* feminino. As brasileiras que desenvolveram os suaves contornos da musculatura sem exagero praticando musculação nas academias agora poderão competir. O *figure* está destinado a ter um brilhante futuro neste país de mulheres belas, que cultivam hábitos saudáveis e a perfeição do corpo.

Fonte: www.nabba.com.br capturado em 19/05/2005.

Em outras palavras, as mulheres precisam mostrar músculos potencializados que não podem ser tão volumosos, nem tão estriados quanto os requisitados na modalidade *physique*. Na *figure*, os discursos que reforçam a manutenção da feminilidade são insistentes. Tais discursos afirmam que, ao ser trazida ao Brasil, essa modalidade trouxe também novos ares e possibilidades ao fisiculturismo feminino ao capturar atletas e ampliar a inserção das mulheres no esporte, com isso movimentando a organização do campo esportivo.

Os enunciados que atravessam esses excertos apontam que a representação de corpo na *figure* se afasta da ideia que relaciona a perfeição dos contornos corporais e o seu delineamento marcado antecipadamente no desenho genético de todas as mulheres, para se aproximar da noção de que o corpo que esse esporte deseja é um corpo produzido detalhadamente por meio de exercícios de musculação, construído pela minuciosa intervenção em cada milímetro corporal em que houver fibras musculares que possam ser potencializadas. Afinal, os músculos não serão visíveis se não passarem por um processo de intumescimento, seja através de exercícios específicos e detalhados, ou mesmo em atividades cotidianas¹⁰⁹ que envolvam alguma sobrecarga muscular.

¹⁰⁸ Juliana Malacarne competiu na categoria Miss fitness por quatro anos. Em 2005, estreou na *Body Fitness (Figure)*, conseguindo bons resultados. Em 2006, estreou no circuito profissional americano, pois, na América do Sul, não há competições desse nível promovidas pela IFBB. A atleta destaca que é preciso conquistar espaços e reconhecimento no mundo do *bodybuilding* para ter a possibilidade de vencer competições importantes. É por isso que luta no momento. Nos últimos campeonatos, competiu em: 2007 IFBB Colorado Pro/Am Classic Bodybuilding And Figure Contest, IFBB California Pro Figure Championships, IFBB Pittsburgh Pro Figure Championships; 2008 Arnold Classic Bodybuilding, Fitness and Figure Contest. Disponível em: <http://www.julianamalacarne.com.br/>, capturado em 28/08/2008.

¹⁰⁹ Dificilmente os músculos serão desenvolvidos com tamanha precisão em qualquer outro esporte e atividade de trabalho como acontece no fisiculturismo, onde cada músculo é requisitado e minuciosamente trabalhado. Se observarmos o corpo de uma ginasta ou o de uma mulher agricultora que tem atividades rotineiras que envolvem força e potência muscular, também veremos uma musculatura potencializada. O que as aproxima é a potencialização muscular, e o que as diferencia é o minucioso processo de detalhamento de cada grupo muscular.

Se, no Brasil, o volume muscular exigido na modalidade *physique* afastava muitas mulheres desse campo esportivo, na *figure* isso parece não ser mais um problema. Os enunciados sobre a última que circulam no esporte sublinham os suaves contornos da musculatura e não mais aquilo que se apontava como um exagero produzido outrora, o que, como já mencionei, afastou mulheres dessa prática esportiva.

A tendência no julgamento das categorias *Figure* daqui para a frente é de valorizar linhas mais femininas do que musculosas. Essa preferência foi mencionada no NABBA World 2005, em Natal, e mais uma vez neste Universe, e isso explica por que o Brasil tem tido tanto sucesso.

Fonte: Loana Muttoni – publicado no JMF, p.35, n. 61, 2006.

No entanto, o minucioso processo de preparação da atleta pouco lembra a suavidade dos contornos corporais, uma vez que o treinamento busca uma arquitetura corporal em que os músculos estejam visibilizados em cada ínfima porção e definidos nos mais íntimos detalhes. Esse corpo não é produzido em brandas sessões de musculação, sendo necessários intensos treinamentos, muita disposição, dedicação e disciplina. Enfim, qualquer modalidade do fisiculturismo exige aquilo que Courtine (1995, p. 87) chamou de “uma gestão rigorosa do corpo”.

Outro enunciado que merece atenção menciona a beleza da mulher brasileira como algo naturalizado, uma vez que, ao considerar que a mulher nasce bela sob o sol dos trópicos, o esporte teria a função de modelar a arquitetura corporal por meio de exercícios e hábitos saudáveis. Débora Leitão (2007) sugere que circula no Brasil e é alimentada no exterior a representação da beleza da mulher brasileira vinculada à exuberante natureza do país e à sua miscigenação étnica. Dessa mistura resultaria um jeito natural, espontâneo e sensual de se comportar, bem como de vestir e produzir o corpo. Para ressaltar os atributos dados àquelas que nascem em clima tropical, emergem os exercícios físicos, os quais se multiplicam em academias e parques no país. A autora aponta que a vestimenta utilizada para a prática de exercícios físicos transbordou os espaços voltados a esse propósito, emergindo, principalmente, no vestuário cotidiano das mulheres, o que sugere que, em alguma medida, isso pode representar o valor das práticas corporais e esportivas e o cuidado investido nos corpos por aqui.

Outra modalidade que emergiu no contexto do fisiculturismo foi o *fitness*. Os discursos que circulam sobre essa arquitetura corporal e os modos de exibi-la nas *homepages*

das instituições que estruturam esse esporte no Brasil constituem superficialmente essa prática corporal esportivizada. De qualquer modo, indicam que, em 1984, Wally Boyko propôs essa modalidade por ter percebido que havia poucas oportunidades de competição direcionadas às mulheres: havia os concursos de Miss, alguns em que as mulheres se apresentavam de biquíni nas praias e aqueles campeonatos em que a potencialização muscular feminina era o centro da competição. Ao misturar esses três modos de exibir o corpo, Boyko produz o *fitness*. Apontam as fontes¹¹⁰ que as primeiras provas consistiam de desfiles em trajes de gala, quando as mulheres se dirigiam ao público falando ao microfone. Havia ainda provas de resistência com obstáculos; ao som de uma música, as participantes também apresentavam uma coreografia com elementos de equilíbrio, força e flexibilidade. Por fim, os contornos corporais das mulheres eram avaliados.

Bill Dobbins (2002, p.02) aponta outros detalhes que tratam de motivações não tão altruístas como essas apontadas acima. Lembra que Wally Boyko promovia, nos anos 80, algo semelhante a uma grande feira de produtos da indústria *fitness*. Nesses eventos, convidava os expositores para assistirem a uma competição que ele chamava de *fitness*, em alusão ao foco da feira. Esse acontecimento nada mais era do que um “concurso de beleza em que jovens mulheres apresentam suaves contornos corporais”. Percebendo o potencial financeiro que a veiculação dessas disputas poderia gerar em rede de televisão, Boyko fez germinar o Ms. Fitness¹¹¹. Contudo, para manter os/as espectadores atentos/as ao programa, era preciso algo mais do que um desfile de beldades – era necessária uma performance que seduzisse o público e tivesse a capacidade de entretê-lo pelo período de uma hora. Como muitas mulheres que participavam dessas competições eram ginastas, Boyko decidiu centralizar nas habilidades utilizadas nessa modalidade o foco das competições de *fitness*. Abaixo, apresento um fragmento retirado do material empírico acerca desse tema:

Boyko queria que existisse uma forma de competição que escolhesse a mulher com perfeição física/atlética [...] e que apresentasse aptidão física com relação a força, flexibilidade, coordenação, ritmo e outras qualidades, que seriam avaliadas em uma apresentação coreográfica com música.

Disponível em: www.nabba.com.br, capturado em 19/05/2005

¹¹⁰ Fontes disponíveis em: www.nabba.com.br e www.cbcm.com.br, capturadas em 23/08/2005.

¹¹¹ Em 1989, Wally Boyko fundou a NFSB (National Fitness Sanctioning Body) e, em 1991, a IFSB (Internacional Fitness Sanctioning Body), que normatizam e controlam a marca do Ms. Fitness. As competições atuais ainda guardam parte do formato precursor, e as atletas se apresentam em três rodadas: vestindo traje de gala, vestindo biquíni e, por fim, vestindo um traje de uma personagem que é incorporada em sua coreografia. Veja fotografias de atletas em campeonatos da NFSB no site: <http://www.msfitness.com>, capturado em 02/09/2008.

O que singulariza o *fitness* é a inserção de movimentos que incidem sobre a aptidão física, afastando-o e diferenciando-o das modalidades que exclusivamente se apoiam na visibilidade do músculo potencializado.

Mas não foi somente Wally Boyko que disseminou a modalidade. Naquela mesma época, Lou Zwick, um produtor de *shows*, gostou da ideia de Boyko e simplesmente decidiu reproduzi-la em parte, ajustando-a ao seu modo de ver a exibição dos corpos, o que resultou na produção do Fitness America¹¹². Segundo Dobbins (2002), a diferença entre o Ms. Fitness e o Fitness America estava na visibilidade da potencialização muscular, uma vez que Zwick não gostava de corpos femininos com musculatura evidente. O efeito disso aparecia na exibição de corpos minimamente muscularizados participando deste último evento.

Desde aquela época, duas décadas transcorreram, e o *fitness* popularizou-se. Atualmente, além da produção de campeonatos próprios, a modalidade também foi incorporada ao calendário de eventos da IFBB e da NABBA. No Brasil, apontam as fontes de pesquisa que os primeiros eventos de que se tem notícia foram realizados na cidade de São Paulo e no Rio de Janeiro no ano de 1995. Em pouco mais de uma década, o número de mulheres interessadas aumentou, e, do mesmo modo que acontece nas outras modalidades, algumas atletas brasileiras venceram ou ficaram classificadas nas primeiras posições em campeonatos mundiais. No *fitness*, podemos apontar: Rosana Muller, Luciane Silva, Bianca Bertotti, Luciana Oliveira, Diana Monteiro, Andréa Bisi, Juliana Malacarne, Valéria Aprobato, Larissa Reis, Loana Muttoni, Claudia Gentil, Diana Tyuleneva, Flavia Louzada, Gisele Caricato, Jane Prado, Luciana Cardoso, Luciane Vieira, entre outras. Nas imagens abaixo, Loana Muttoni e Gal Ferreira, duas atletas que também representam o Brasil em eventos internacionais.

¹¹² O Fitness América é um evento que se multiplicou e promove outras modalidades, envolvendo a Figure America, Ms. Bikini, Model America e a vertente masculina, com o Musclemania World. Veja mais em: <http://www.fitnessamerica.com>, capturado em 02/09/2008.



Imagem 29 - Loana Muttoni
Disponível em: www.fibofoto.de
Capturado em: 12/03/2008



Imagem 30 - Gal Ferreira
Disponível em: www.bodybuildingbrazil.com
Capturado em 06/06/2008

Nas imagens de Loana¹¹³ e Gal¹¹⁴, vemos as atletas em momentos diferentes da apresentação. A primeira demonstra sua coreografia, momento que permite que a atleta seja criativa nos movimentos e na vestimenta. Já a segunda cumpre um ritual produzido em meio a

¹¹³ Loana Muttoni era atleta de Patinação Artística no Gelo. Quando a única pista de gelo de São Paulo fechou, ela ficou sem condições para continuar treinando esse esporte, então, buscou a musculação para manter os contornos corporais. Foi numa reportagem veiculada na televisão que conheceu o *fitness* e decidiu investir na modalidade, vencendo o Campeonato de Estreantes em SP em 2003. A vida de empresária e atleta é agitada, com treinos diários de horas em seis dias da semana. O sonho da atleta é competir no Olympia. Fonte: Entrevista publicada no JMF, N 60, 2005, e www.loanamuttoni.com, capturado em 02/08/2007.

¹¹⁴ Gal Ferreira começou a competir em 2007 e imediatamente venceu campeonatos no Brasil e no exterior. Quando adolescente, foi bailarina clássica, atleta de ginástica olímpica e de ginástica aeróbica. Mas a falta de patrocínio a impedia de continuar competindo, mas, mesmo assim, continuava treinando e cuidando do seu corpo. As pessoas elogiavam a sua musculatura e foi numa dessas oportunidades que conseguiu patrocínio para treinar para o *fitness*, cuja modalidade ela pouco conhecia. Com o auxílio do treinador Waldemar Guimarães, venceu disputas e foi apontada como a revelação do esporte em 2007. Nesse mesmo ano, disputou: 2007 - Campeonato Brasileiro - 1º lugar (Cat. até 1,68m); Campeonato Sul-Americano - Quito (Equador) - Campeã Overall; Campeonato Mundial (Santa Suzanna - Espanha) - 1º lugar (Cat. até 1,68m); 2008 - Participação no Arnold Classic Amateur; XXXIV Campeonato Sul-Americano - 2º lugar (Cat. até 1,68m); Campeonato Mundial (Santa Suzanna - Espanha) - 2º lugar. Fonte: <http://www.bodybuildingbrazil.com>, capturado em 04/04/2008 e 05/10/2008.

uma gestualidade peculiar, que consiste na apresentação da sua arquitetura corporal¹¹⁵. Chamo a atenção para a muscularidade dos seus corpos, o que indica que, embora o músculo não seja o foco da avaliação, ainda assim, é imprescindível que ele passe por um processo de potencialização para acentuar, produzir ou apagar determinados contornos corporais. Sobre essa questão, as fontes apontam:

[O objetivo] do *fitness* é selecionar a perfeição do corpo feminino em termos de aptidão física para o desempenho atlético, boa configuração, proporcionalidade, musculatura moderadamente definida e com volume compatível.

Fonte: www.jmfbrazil.com.br/arbitragem.asp, capturado em 12/06/2008.

A arquitetura corporal fabricada nessa modalidade aponta que a sua medida se produz em relação ao *figure* se admitirmos uma taxionomia apoiada na matematização das formas. A noção enunciativa que emerge dos discursos que instituem essa modalidade sugere, em diferentes momentos, que a sua constituição se dá em função de estreitos limites marcados por uma tênue linha posicionada no centro daquelas medidas, produzindo distintas configurações corporais, ou seja, cada modalidade produzida no fisiculturismo requer determinados contornos corporais, ora salientes, ora comedidos, ora sutilmente delineados. Ao se constituir nesse lugar, o *fitness* é produzido em meio aos limites que são ajustados em favor da moderação, do equilíbrio e dos adequados contornos corporais. Essa enunciação advém das vezes que lembram serem os corpos discursivamente constituídos em qualquer modalidade. Afinal, é preciso ajustar os corpos aos discursos que produzem o *fitness*:

[O corpo deve apresentar] baixo grau de muscularidade: seu físico deve denotar treinamento com pesos, ou seja, [...] esta é uma mulher com perfil atlético, musculada, mas não exagerada. [...] os músculos devem ser firmes, consistentes, não deve existir flacidez, moleza, celulite. A musculatura não deve balançar, denotando falta de músculo e gordura em excesso.

Fonte: www.nabba.com.br, capturado em 19/05/2005.

Aparentemente, esse fragmento sugere que o comedimento constitui a modalidade. Todavia, nas minhas garimpagens de fontes de pesquisa, emergiram críticas que me fizeram suspeitar de que o transbordamento dos limites nessa prática esportiva acontece naquilo que

¹¹⁵ As etapas da apresentação e as poses utilizadas são discutidas no próximo enunciado, intitulado: “A teatralização das gestualidades”.

fortemente marca e distingue a modalidade *fitness* e faz dele uma construção mais complexa do que a *physique* ou a *figure*. Explico: a atleta, além de ser avaliada na sua arquitetura corporal, também é mensurada numa série coreográfica de movimentos advindos da dança, da ginástica aeróbica, das lutas e da ginástica olímpica. Isso exige que, além de potencializar o corpo com exercícios de musculação para detalhar os seus contornos, as atletas ainda precisam treinar movimentos que envolvem força, flexibilidade e ritmo, uma vez que essa etapa compõe 1/3 da nota total; os 2/3 restantes advêm da avaliação dos seus desenhos musculares. Porém, conforme aponta Fábio Gianolla (2008), há uma tendência indicando que, em breve, a avaliação consistirá em 50% de um bom corpo e 50% da coreografia, “o que parece mais justo e lógico”¹¹⁶.

A inserção das competições de *fitness* como uma das modalidades produzidas nos eventos do fisiculturismo não teve, nem tem adesão tranquila. Bill Dobbins (2002) é um dos seus críticos e aponta a excessiva valorização, na pontuação, dos movimentos advindos da ginástica olímpica, razão pela qual a modalidade tem sido dominada pelas ginastas, fazendo as atletas não-ginastas abandonar a modalidade ou migrarem para o *figure*. Outra singularidade a ser considerada refere-se ao impacto desses movimentos, produzidos num palco que não possui as condições materiais exigidas para isso, produzindo lesões em ligamentos, articulações, músculos e ossos de algumas atletas. A crítica mais contumaz do autor incide sobre o fato de a categoria *fitness* ter sido incorporada aos campeonatos de fisiculturismo com a mesma configuração criada para impressionar os telespectadores ainda no final dos anos 80, quando o propósito estava centralizado mais na demonstração da aptidão física e menos nas arquiteturas corporais, como é o caso das atuais modalidades *physique* e da *figure*.

Em meio às discussões que envolvem o campo esportivo, e talvez para acirrar as disputas que constituem o fisiculturismo feminino, embora ainda discretamente, aparece uma quarta modalidade esportiva. Escassos discursos têm sido produzidos sobre ela, e poucas imagens e raros textos foram encontrados nas fontes. Refiro-me à modalidade denominada *wellness*, para a CBCM, ou *toned figure*, para a NABBA/Brasil. A *toned figure* emergiu em competições realizadas na Europa, principalmente na Alemanha e Inglaterra. A Nabba/Brasil adianta que, em 2009, introduzirá essa possibilidade de disputa em seus eventos. Por outro lado, a CBCM promove desde 2007 as competições de *wellness*, porém ainda pouco disseminadas nesses eventos. Gisele Teixeira, Renata Guaraciaba, Jaqueline Blandy e Agatha

¹¹⁶ Fábio Gianolla. Avaliando o fitness. Disponível em: www.jmfbrasil.com.br/arbitragem.asp, capturado em: 12/06/2008.

Fernandes são algumas das atletas que têm se projetado. Abaixo, reproduzo um recorte de uma das fontes de pesquisa, o qual enuncia o modo de apresentação e, portanto, de produção dessa modalidade:

Uma categoria para o crescente público feminino das academias. Um corpo malhado, saudável, com visual bem feminino e bom tônus muscular. No palco, a mulher que se cuida praticando atividade física poderá exibir a boa forma conquistada com musculação, sem apresentar a definição e o volume muscular mais acentuado das atletas *Figure*.

Disponível em: <http://www.nabba.com.br/toned.asp>, capturado em: 15/06/2008.

O excerto aponta que essa nova modalidade foi pensada e instituída com o propósito de interpelar o maior número de mulheres¹¹⁷ que frequentam aulas de musculação numa academia, mas ainda não produziram e talvez nem desejem produzir uma arquitetura corporal projetada para disputar competições de *fitness*, *figure* ou *physique*. Os contornos corporais produzidos pelas atletas de *wellness* mais afirmam do que questionam, mais normalizam do que põem sob suspeição os corpos femininos potencializados. Nessa modalidade, caberia posicionar aquelas mulheres que frequentam, quase diariamente, sessões de musculação para hipertrofiar a musculatura das coxas, pernas e nádegas, dedicando-se a apagar todas as marcas de gordura do abdômen, preocupando-se com o volume dos seios, com a aparência da pele, unhas e cabelos (HANSEN & VAZ, 2006). Os contornos corporais em voga nessa modalidade parecem ter recuperado e atualizado a representação que emergiu lá no início dos anos 80, que posicionavam Rachel McLinsh como o símbolo da perfeição corporal. Essas referências estão, em alguma medida, atualizadas, uma vez que os interesses que moviam aquelas mulheres não são os mesmos que hoje as impulsionam a intervir em seus corpos. Todavia, os critérios utilizados nessas competições parecem lembrar, ainda que vagamente, essa aproximação. Vejamos:

[As atletas] serão julgadas pela aparência física que demonstre que pratica musculação ou ginástica, beleza geral, pouco volume e definição muscular, presença de palco e simpatia.

Disponível em: www.ifbbrio.com.br/Noticias.htm, capturado em 04/10/2008.

¹¹⁷ A CBCM criou também o *body shape* para os homens que se encontram nas mesmas condições que as mulheres, ou seja, adeptos da musculação que construíram músculos visíveis e baixo percentual de gordura.

Enquanto que nas outras modalidades do fisiculturismo a construção das arquiteturas corporais privilegia discursos que apontam para o bom volume, a proporção e a definição muscular, aqui se observa que a ênfase incide sobre a beleza da atleta, atentando para a necessidade do “pouco volume e definição muscular”. Com isso, não estou querendo dizer que, nas outras modalidades, a beleza não seja observada, mas sim que ela não é o centro das avaliações, o que parece ser o foco do que se observa na *wellness*. Se essa estratégia emergiu com o propósito de marcar os limites entre as modalidades, também parece que criou um concurso de beleza dentro dos eventos de fisiculturismo. Se atualmente as demais modalidades parecem esquecer, apagar ou silenciar as referências que destacam a beleza das atletas para não incorrerem em perigos que podem desviar a atenção, que precisa estar centralizada na potencialização do músculo, nessa nova modalidade, parece que o músculo tem que ser invisibilizado para fazer emergir a beleza geral da atleta. Olhemos as fotografias de Agatha Fernandes¹¹⁸ e Renata Guaraciaba¹¹⁹.



Imagem 31 - Agatha Fernandes
www.ifbbrio.com.br/images
 Capturado em 03/10/2008



Imagem 32 - Renata Guaraciaba
www.ifbbrio.com.br/images
 Capturado em 03/10/2008

¹¹⁸ Aghata é patrocinada pela Neo nutri e tem participado de competições no Rio de Janeiro, onde se destacou nas seguintes competições: Estadual de Estreantes 2007 (2º lugar), Mr. Rio 1ª fase 2007(Campeã); Mr. Rio 2ª fase 2007 (Campeã); Campeonato Brasileiro 2007 (Campeã); Mr. Rio 2008 (Campeã). Disponível em: www.neo-nutri.com.br, capturado em 04/10/2008.

¹¹⁹ Renata também é patrocinada pela Neo nutri e começou a competir em 2007. Desde então, conquistou algumas disputas, entre elas: 1º lugar Campeonato Brasileiro 2008; 1º lugar Campeonato Estadual Mr. Rio 2008; 1º lugar Campeonato Estadual Mr. Rio 2007; 3º lugar Campeonato Brasileiro 2007; 1º lugar Copa Big Iron; 1º lugar Copa Rei da Praia – Vitória/ES. Disponível em: www.neo-nutri.com.br, capturado em 04/10/2008.

A produção discursiva que atravessa as escassas dizibilidades e as visibilidades em torno dessa nova modalidade possibilita-me pensar que a *wellness* se constitui numa forma de aproveitar a escolha que as mulheres vêm fazendo pela musculação, cujos efeitos nos desenhos musculares são observados em pouco tempo de investimento. Essa produção veloz do corpo interpela e captura as jovens mulheres, que em pouco tempo podem competir nessa modalidade. Ao assumirem o lugar de atletas, possivelmente essas mulheres passam a ampliar e intensificar as intervenções que fazem em seus corpos, aumentando a carga de exercícios e consumindo um maior número de produtos disponibilizados pela indústria do *fitness*. O crescimento no número de academias, de possibilidades de práticas corporais e esportivas, aparelhos e materiais esportivos, vestuário, dietas e suplementação alimentar, entre outros recursos, indicam aquilo que Courtine (1995) apontava ainda na década passada: há uma verdadeira “indústria do músculo” em ação.

Importa apontar que tanto ontem quanto hoje “é no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam. Assim, os corpos são marcados social, simbólica e materialmente – pelo próprios sujeitos e pelos outros” (LOURO, 2004, p. 83). Isso implica considerar que o músculo marca o corpo, mas marca de diferentes modos, posicionando as mulheres em diferentes lugares, tomando como indicador o seu volume muscular. Nessa perspectiva, algumas mulheres potencializam ao máximo a sua musculatura, outras delicadamente definem os seus contornos, há aquelas que moderadamente produzem os seus músculos, e ainda algumas desejam certo tônus muscular. Concomitantemente, essas arquiteturas produzem adjetivações que identificam os corpos femininos como: hipermusculosas, bombadas, saradas, masculinizadas, malhadas, excessivas, gostosas, principiantes, tonificadas, impactantes, entre outras.

A adjetivação inscrita nos corpos envolve os processos e as práticas discursivas que são postas em circulação numa dada cultura e fazem com que o volume muscular se converta, em relação ao lugar que ocupa no esporte ou fora dele, em algo inacabado, adequado, moderado e excessivo. Ao assistir a um campeonato de fisiculturismo, posicionada em meio aos aficionados pelo esporte, ouvi manifestações interessantes para pensar o meu tema. Por exemplo: quando uma atleta da categoria *physique* posicionou no centro do palco, exibindo sua arquitetura corporal milimetricamente detalhada, com músculos volumosos, corpo bronzeado, seios redondos com implantes de silicone, cabelo longo e loiríssimo, vestindo um biquíni branco com detalhes em vermelho vibrante, adornada com colar, brincos, pulseiras e tornozeleira de *strass*, foi aplaudida, elogiada – ouvi alguém (homem) pronunciar: “essa mulher é o meu sonho de consumo”. Já na modalidade *figure*, três mulheres competiam: duas

delas muito magras, musculatura definida e com certo volume, e uma terceira com volume muscular, porém os músculos não estavam tão evidentes e definidos se comparados com os das outras; esta foi chamada por alguns espectadores¹²⁰ de gorda, despreparada, vergonhosa, além de ser mandada para a academia para treinar, emagrecer e se preparar para a competição.

Esses dois exemplos fazem-me lembrar, mais uma vez, das palavras de Guacira Louro (2004, p. 81): “Não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias”. Quando penso na cultura *fitness*, em especial naquela que move o fisiculturismo e privilegia a potencialização muscular, percebo que os corpos são constantemente ajustados e corrigidos para que não escapem das fronteiras que para eles foram traçadas, sejam quais forem os espaços sociais em que se produzam esses corpos. Vejamos um depoimento colhido em uma entrevista de Lílian Okubo¹²¹, atleta *figure* do Brasil:

Acho que melhorei bastante em relação ao ano passado, apesar de notar que as atletas na minha categoria estão cada vez menores nos campeonatos internacionais. Então, agora tenho que ter o cuidado de não aumentar muito, até mesmo as *Physique*, que eram enormes, esse ano estavam bem pequenas. Nos campeonatos aqui no Brasil as atletas são mais fortes e nos internacionais as atletas são bem mais secas, ficando difícil para nós mantermos um certo volume e logo em seguida ter que secar bem para disputar o Universo.

Disponível em: www.diariodoculturismo.com.br, capturado em 15/04/2008.

Soares (2006, p. 81) indica que, “para que exista o esporte, é preciso ‘treinar’ o corpo de um modo específico e inédito”. O corpo, para ser exibido no fisiculturismo, precisa estar ajustado às mínimas exigências de cada modalidade, seja ela: *physique/culturismo*,

¹²⁰ Esses espectadores eram homens, e seus corpos com musculatura volumosa indicavam serem praticantes de musculação e adeptos do fisiculturismo. Alguns deles estavam acompanhando atletas, tinham a permissão de entrar nos bastidores (espaço reservado à preparação de atletas), auxiliavam alguns atletas e indicavam acompanhar as competições pelo Rio Grande do Sul. Eu estava sentada numa linha de cadeiras exatamente na frente deles e acompanhava alguns diálogos. Eles se manifestavam em alto e bom som a todo momento, e não só para apoiar, elogiar ou desqualificar as mulheres atletas; também emitiam opiniões e faziam brincadeiras em relação aos homens que não tinham os músculos suficientemente potencializados, aos que demonstravam dificuldades em realizar as gestualidades exigidas e aos que não estavam com a sunga adequada para a exibição esportiva.

¹²¹ Lílian formou-se em administração de empresas, ramo em que atua até hoje. Aos 25 anos, foi mãe e começou a fazer musculação aos 30 anos, objetivando diminuir a flacidez que observava em seu corpo. De lá para cá, Lílian foi estimulada pelo seu treinador a cuidar da alimentação e a potencializar o seu corpo. Começou a competir em 2002 em Ribeirão Preto/SP e, desde então, tem conquistado vários títulos nacionais e internacionais. Vejamos alguns: 2005 - Campeonato Mundial NABBA - Austrália - 6º lugar; 2006 - Universe NABBA - Inglaterra - 7º lugar; Campeonato Paulista NABBA - Campeã Overall; 2007 - Campeonato Mundial NABBA - Malta - 4º lugar; Campeonato Brasileiro NABBA - 2º lugar; 2008 - Campeonato Mundial NABBA - Grécia - 5º lugar; VII NABBA Brasil - 2º lugar (Cat. Figure II). Fontes: www.diariodoculturismo.com.br, capturado em 15/04/2008; www.bodybuildingbrazil.com, capturado em 05/09/2008.

figure/body fitness, fitness/miss fitness ou *toned/wellnes*. Se, fora do esporte, esses corpos desassossegam e fascinam os olhares de homens e mulheres por aquilo que eles têm de excessivo, belo, dissonante, perfeito e sedutor, no interior do esporte, eles também impactam e seduzem pela mesma medida, porém a adjetivação muda em vista do controle normativo sobre os corpos. Algumas vezes, sai de cena o discurso do excesso; outras vezes, ele é recuperado para limitar as ousadias femininas; emergem, ainda, enunciados que ressaltam o excelente *shape*, bom volume, alegria, boa definição, sensualidade, proporções perfeitas, harmonia dos contornos corporais, entre outros. Também podem ser observados discursos que apontam a necessidade de investir ainda mais na potencialização muscular, ou seja: definir os músculos dos membros inferiores, marcar com maior intensidade os músculos do abdômen, tonificar mais os glúteos, melhorar a definição geral. Essas apreciações sobre as arquiteturas corporais das atletas fazem-me supor que, para o fisiculturismo, o corpo pode parecer inacabado e somente se completar quando levado ao limite da tonificação muscular exigida para cada modalidade disputada no esporte.

As fontes de pesquisa ainda apontam que as atletas produzem mutações nos seus corpos de modo a serem correspondentes ao calendário esportivo da sua modalidade. Em outras palavras, elas projetam a produção dos seus corpos a partir dos períodos e datas antecipadamente estipuladas para competições de que planejam participar. A produção discursiva desses corpos relaciona os seus contornos às fases *pré-contest* e *off-contest*, respectivamente, indicando um período de intensa preparação para determinado evento ou uma fase em que estão em descanso da rígida e disciplinada rotina exigida de uma/um atleta de fisiculturismo.

Em um dos campeonatos a que assisti, havia dois convidados participando do evento: o atleta Edson Prado e a atleta Silvia Finocchi – ele na equipe de arbitragem, e ela para receber uma homenagem e fazer um *show* coreografado no final do evento. Ao subirem ao palco, ambos comentaram não estar em plena forma, e o atleta foi estimulado pelo público a mostrar o tórax potencializado e admirado por muitos ali presentes, mas restringiu-se a subir um pouco a manga da camiseta e contraiu o bíceps para admiração e aplausos da plateia. A atleta, embora mencionasse a sua fase *off-contest*, apresentou um espetáculo que produziu efeitos efusivos nos/as espectadores/as. Ao entrar no palco vestindo um minúsculo biquíni, corpo bronzeado, maquiada, cor das unhas combinando com a vestimenta, fartos cabelos loiros e corpo visivelmente potencializado, ao som de uma música e utilizando a cadeira como um aparato para a sua apresentação, a atleta fez a sua exibição particular chamando a atenção para os evidentes contornos da musculatura em movimentos marcados pela sensualidade,

equilíbrio, força e intensas contrações musculares produzidas em meio a movimentos calculados, sorrisos abertos e olhares instigantes. Ao final da exibição, muitas palmas, assovios e elogios à sua performance.

Inúmeras imagens poderiam ser trazidas ao texto neste momento, imagens que sugerem a multiplicidade dos corpos produzidos numa vida marcada pelo e no esporte. Entre a imagem da esquerda e a da direita, apresentadas abaixo, interpõe-se um minucioso esquadramento do cotidiano, indicando o treinamento, a alimentação e o descanso, regados com dose extra de disciplina, cujo efeito emerge na imagem da direita. Cada minuto do dia, cada movimento, cada ingestão, são calculados milimetricamente e projetados para levar ao limite a preparação da musculatura, a diminuição do percentual de gordura e a automatização das gestualidades exigidas em uma competição.



Imagens 33 - Juliana Malacarne em período de férias e em competição.
Disponível em: www.julianamalacarne.com.br, capturado em 08/08/2007.

Ao marcarem na pele de Juliana a relação volume de músculos e volume de gordura, as imagens assinalam e polarizam, de um lado, a descontração, a rejeição à vigilância, a vitalidade, a espontaneidade do gesto, a alegria revelada; de outro lado, vê-se o corpo calculado, o gesto treinado, a musculatura controlada, o sorriso comedido. Apoiando-me em Goellner (2003b, p. 40), ainda vale ressaltar que, se essas imagens enunciam as ilimitadas

possibilidades de mutação que marcam os corpos, elas também sugerem “um corpo que, ao mesmo tempo em que é único e revelador de um eu próprio, é também um corpo partilhado porque é semelhante e similar a uma infinidade de outros produzidos neste tempo e nesta cultura”.

Tanto hoje quanto ontem, os discursos e práticas que incidem sobre os corpos estão marcados pela transição e pelas mudanças que assinalam os tempos, lugares e propósitos nos quais emergiram, produzindo representações que operam no sentido de limitar e controlar as possibilidades de produção dos corpos. Todavia, as mulheres borram essas fronteiras e criam possibilidades para produzir corpos e identidades múltiplas, indicando que tanto no esporte quanto fora dele, os sujeitos produzem intervenções nos seus corpos, modificando-os conforme o tempo e o lugar. Em síntese: “os corpos, como bem sabemos, estão longe de ser uma evidência segura das identidades” (LOURO, 2003, p. 49).

No próximo enunciado, debruço-me sobre as fontes de pesquisa para examinar as condições de possibilidade de produção das diferentes arquiteturas corporais exibidas no fisiculturismo feminino. Com esse propósito, analiso os discursos que ensinam a intervir nos corpos a partir do treinamento com pesos, dietas restritas, suplementação alimentar e usos de substâncias químicas, o que é cuidadosamente gerenciado pelas atletas no seu cotidiano.

4. O gerenciamento cotidiano do corpo



Imagens 34 - Sessões de treinamento de Juliana Malacarne
Disponíveis em: www.julianamalacarne.com.br, capturadas em 20/12/2007

As imagens de Juliana Malacarne, registradas em diferentes exercícios e dias de treinamento, corroboram seu investimento na potencialização muscular; seus contornos precisamente delineados sugerem que poucos feixes de fibras escapam ao minucioso esquadrinhamento e tonificação corporal. A atleta inscreve no seu corpo discursos que circulam no campo esportivo e, ao mesmo tempo, produz novos enunciados que passam a constituir os saberes produzidos nesse campo.

Márcia Figueira (2008, p. 54) aponta que “o discurso é, ele mesmo, uma prática na medida em que constitui nossas práticas e é, ao mesmo tempo, por elas constituído”. Nesse sentido, as imagens enunciam que a centralidade dos discursos de produção dos corpos está focalizada no treinamento com pesos para fazer o músculo aparecer. Porém, as dizibilidades produzidas nos distintos artefatos fontes desta pesquisa apontam que há outros elementos envolvidos na construção das arquiteturas corporais exigidas e exibidas no fisiculturismo. Além do rígido treinamento, é necessário: controlar a alimentação, fazer dietas extremamente restritivas, utilizar suplementação alimentar, usar esteróides anabolizantes, ter um corpo marcado por uma genética favorável à hipertrofia muscular, não utilizar bebidas alcoólicas e descansar adequadamente.

A produção do corpo exigido pela modalidade é efeito de um intenso, extenso e controlado processo de preparação que precisa funcionar concomitantemente às outras atividades do cotidiano, uma vez que ainda é muito difícil sobreviver desse esporte no Brasil, sendo que, para sobreviver, as atletas necessitam trabalhar em funções relacionadas ao esporte ou mesmo díspares. Acompanhemos um recorte que pincei de uma entrevista de Lílian Okubo, atleta da modalidade *figure*, que narra o gerenciamento da sua vida cotidiana, partilhando o seu tempo entre a sua preparação de atleta, atuação profissional, cuidados com a casa, atenções à família, entre outros. Observemos o que ela nos conta:

Hoje com 40 anos, sempre digo que a cada campeonato disputo comigo mesma, tento me superar a cada ano. Mesmo com tantos sacrifícios, isso tudo é um prazer. Tenho uma vida muito corrida, acordo às 05h45min, tenho uma esteira ao lado da minha cama, onde faço 30 min. de aeróbio em jejum e no outro dia subo e desço os 18 andares de escada de onde moro. Às 7:45 já estou trabalhando, junto com minhas marmitas e *shakes*, que permitem que eu me alimente entre uma reunião e outra. Paro de trabalhar geralmente às 19:30. Às 20:30 estou na academia, onde treino até as 21:30 e faço mais 25 min. de aeróbio. Não é nada fácil, geralmente tenho que fazer supermercado às 11 da noite ou então chegar da academia e estudar com minha filha. Finais de semana, descansar, nem pensar, hora de curtir a filhota, ir junto a alguma festa, cinema, shopping (MESMO DE DIETA), arrumar alguma coisa em casa, ir visitar a minha mãe, por aí vai, e tudo sem preguiça!!! Digo que vou deixar para descansar quando eu morrer!

Lílian Okubo – Entrevista - Disponível em: www.diariodoculturismo.com.br, capturado em: 15/04/2008.

As palavras de Lílian sintetizam muito daquilo que observei nas fontes e analisei. A rotina de vida de atletas é gerenciada da perspectiva de produção da sua arquitetura corporal para determinada competição, uma vez que vivem buscando transpor alguma condição individual que consideram ser ainda desfavorável, seja um músculo específico a ser trabalhado ou um número de calorias a ser perdido. Seu cotidiano é marcado pelo tempo milimetricamente mensurado, afinal, o controle exigido para produzir o corpo também

atravessa e se inscreve no seu dia-a-dia. Não há espaços para o relaxamento. Essa palavra parece não fazer parte do vocabulário de um/a atleta de fisiculturismo, uma vez que representa a antítese daquilo que deve ser seguido à risca a cada dia. Suspeito que deixar-se relaxar pode abrir uma leve fissura no seu disciplinado cotidiano e talvez criar as condições de possibilidade para o corpo escapar, fugir ao rigoroso controle, produzindo outras possibilidades de viver que não respondem às necessidades do fisiculturismo. Portanto, há que se manter a vigília constante, inclusive no *shopping*, onde as tentações alimentares estão em todos os recantos e se apresentam nas mais variadas cores, sabores e aromas.

A atleta Gal Ferreira em uma de suas entrevistas, chegou a afirmar que abandonou até os/as amigos/as em sua fase de preparação para a competição, pois

Tinha que seguir os horários de alimentação rigorosamente. Além disso, o sono e o treino são essenciais. Assim, acabei deixando de sair. Afinal, uma pessoa que não bebe, não pode comer qualquer coisa e tem hora para tudo acaba ficando chata.

Gal Ferreira – Entrevista – Disponível em: www.superesportes.com.br, capturado em 09/10/2007.

Planejar e gerenciar o cotidiano da vida da atleta parece ser fundamental para produzir aquilo que Courtine chamou (1995, p. 105) “tirania do detalhe anatômico”. A rotina diária resume-se em treinar, alimentar-se, repousar adequadamente e trabalhar, geralmente numa academia, preparando outros/as atletas ou atuando como *personal trainer*, a fim de ter as condições necessárias para continuar treinando. Em síntese, a arquitetura corporal produzida no fisiculturismo é efeito do adestramento do corpo e do governo da vontade na vida dos/as atletas. Isso advém da mentalidade das disciplinas constituídas nos séculos XVII e XVIII, que tinham seu foco centrado na decomposição dos gestos humanos para estudá-los separadamente e, assim, treiná-los (SOARES, 2006).

Focalizar a produção do corpo no fisiculturismo a partir dessa perspectiva implica considerar que as relações de poder estão imbricadas nos modos de produzir os corpos e que, nesse esporte, elas encontram um fecundo espaço de produção. Conforme Foucault, “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1991, p. 126). No fisiculturismo, os limites são muito estreitos, e os acentuados disciplinamentos dos sujeitos atravessam e constituem esse esporte. A disciplina é um enunciado produzido, repetido e reafirmado em cada discurso proferido por homens e mulheres atletas, treinadores/as e demais envolvidos/as nesse esporte.

É um desafio diário em que você levanta pela manhã já com tudo traçado, sabendo o que irá fazer durante o dia e sem deixar que nada, nenhum obstáculo, te desvie daquilo que você traçou. É preciso muita garra, porque o desânimo anda rondando à sua volta. É necessário obstinação.

Silvia Finocchi - Disponível em: www.jmfbrasil.com.br/entrevista11.asp, capturado em 20/11/2007.

(...) fui vendo como esse esporte exige extrema disciplina. Você ganha nos detalhes. Eu me concentrei muito, sempre muito motivada e, com a consciência corporal e a disciplina que já tinha das atividades anteriores, tudo contribuiu para eu me desenvolver nessa nova modalidade.

Gal Ferreira – Disponível em www.bodybuildingbrazil.com, capturado em 04/04/2008.

Essa postura firme durante os treinos é o que eu tenho que passar para os alunos. Se você entra na academia querendo treinar comigo, eu tenho que te mostrar uma perspectiva, um objetivo, tenho que fazer aquilo valer a pena para você. Eu tenho que mostrar o meu rigor e a minha disciplina, para que a pessoa veja o caminho para se conquistar aquele objetivo.

Valéria de Jesus - Disponível em www.bodybuildingbrazil.com, capturado em 28/05/2008.

“Garra”, “obstinação”, “motivação”, “concentração”, “controle”, “metas”, “rigor”, “conquistas” são algumas das palavras que acompanham a noção de disciplina, que nesse caso ultrapassa as fronteiras da academia de ginástica, lugar de produção da musculatura potencializada, para espriar-se em todas as instâncias da vida social. Para Foucault (1991, p.128, 126), “a disciplina é uma anatomia política do detalhe” que possibilita “um minucioso controle das operações do corpo, que realiza a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade”. Em outras palavras, quanto mais ajustada é a construção dos corpos aos discursos produzidos no fisiculturismo, maiores e mais intensos são os efeitos do treinamento e da dieta na produção do corpo atlético e mais ajustado este se mostra às exigências do esporte.

Pensar na produção do fisiculturismo a partir da perspectiva foucaultiana implica considerar que a disciplina faz com que os corpos “operem como se quer, com as técnicas segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina assim fabrica corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 1991, p.127). Inspirada nesse aporte, dediquei-me a analisar o material empírico produzido para esta tese, observando que um grande volume de informações acerca do fisiculturismo aborda e divulga modos, estratégias, dicas, procedimentos, técnicas e relatos de investimentos na produção da potencialização muscular. São discursos que emergem em diversos artefatos culturais, cujas análises convergiram produzindo o enunciado foco deste item, intitulado “gerenciamento cotidiano do corpo das atletas”. Reportagens publicadas no JMF e nos *sites* da NABBA e CBCM, participações das atletas em programas de televisão e entrevistas diversas, vídeos de treinamento postados no

youtube, DVDs que registram o processo de produção do corpo, dicas variadas veiculadas em *sites* diversos, livros e revistas constituem-se em dizibilidades e visibilidades que enunciam as estratégias, as técnicas e os procedimentos que as atletas põem em funcionamento no seu cotidiano, com o propósito central de preparar e aprimorar os contornos corporais para as competições.

Registradas essas análises, retomo as imagens de Juliana Malacarne para apontar que os enunciados inscritos na sua arquitetura corporal indicam a convergência de diferentes investimentos na produção da potencialização muscular. Além do intenso treinamento com pesos, também aparecem nas fontes de pesquisa: a propensão genética, os cuidados com a nutrição, o lugar da dieta, a importância atribuída à suplementação alimentar, o paradoxo da sombria permissão do uso controlado de substâncias químicas e a execração desse uso entre freqüentadores/as de academias ou aqueles/as que desejam simplesmente aumentar os músculos sem fazer os esforços exigidos e, por fim, a recomendação de um necessário descanso. Esse conjunto de enunciados é atravessado e constrangido por outro, talvez mais forte e mais implacável, uma vez que age sobre todo o percurso de preparação dos corpos, invadindo e engendrando o cotidiano das atletas, como reafirma Andréa Carvalho: “Disciplina é tudo na vida”¹²².

É a disciplina na sua forma mais rigorosa que marca todo o processo de preparação e treinamento corporal. Foucault (1991) aponta que a política das coerções que se instalou sobre os corpos ainda no século XVIII continua mais viva do que nunca, marcando a sua inscrição nos corpos, de modo a manipular e calcular as minúcias dos seus gestos, valores, hábitos e comportamentos. No fisiculturismo, a disciplina deve ser levada ao seu exponencial máximo para criar as condições de possibilidade para produzir o corpo que esse esporte almeja. Em outras palavras: “a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (FOUCAULT, 1991, p. 127). Vejamos o que dizem as fontes:

Treino atletas desde 1963, muitos deles campeões, e posso lhe afirmar que: se você não tiver uma boa genética; não treinar forte com determinação e disciplina; não repousar o suficiente para manter o anabolismo e chegar à supercompensação; não fizer as suas refeições a cada 3 horas e com suficientes nutrientes; não suplementar adequadamente, e até mesmo não sacrificar uma boa parte da sua vida social, só “turbinando”, nada de excepcional vai lhe acontecer, além dos riscos que você corre e que podem ser graves.

Fonte: Eugênio Koprowski, JMF, p. 26, n. 57, 2005.

¹²² Fonte: Andréa Carvalho – Entrevista - Disponível em www.fibofoto.de, capturado em 12/03/2008.

Entre os vários discursos colhidos acerca da produção dessas arquiteturas corporais, o excerto acima me chamou a atenção, não só pelo fato de ser produzido por um dos protagonistas¹²³ do fisiculturismo masculino no Brasil, como também pela síntese que produz de todo o processo de preparação dos corpos. Essas unidades de saberes, combinadas, indicam modos peculiares de intervir nos corpos femininos e nos masculinos com o propósito de cultivar, aumentar, definir e aprimorar os contornos musculares, a fim de adequá-los e ajustá-los ao que preconiza esse esporte e, em particular, a cada modalidade esportiva. As mulheres produzem músculos exuberantes e hipertrofiados na *physique/culturismo*, densidade e controle na *figure/body fitness*, definição muscular e habilidades de movimentos na *fitness/miss fitness* e suaves contornos musculares na *toned/wellness*. Isso indica que o fisiculturismo opera na construção do detalhe que se institui como diferença entre as modalidades. Silvia Finocchi menciona algumas distinções na potencialização muscular das atletas.

A diferença na construção do corpo para cada modalidade está no treinamento, porque a *figure* prioriza coxas, glúteo, abdominal e ombros. Já o fisiculturismo [*physique*] engloba desde o trapézio até a panturrilha, embora a *figure* também tenha que ter uma simetria, um desenvolvimento igual dos músculos. Geralmente a fisiculturista é maior na parte de cima, tem o trapézio, os ombros e braços maiores. A *figure* não treina tanto os braços, ela trabalha braços quando faz peito e costas, assim, ela antagoniza os movimentos. Eu nem treino os bíceps, isso acontece quando treino os dorsais, ombros e trabalho bíceps e tríceps. Já a fisiculturista enfatiza o trabalho de braços, de bíceps, para ficar grande. A alimentação também é diferente. Nós priorizamos a proteína, enquanto que elas comem também carboidratos, porque elas querem crescer. Nós queremos chegar até um determinado ponto. Se passar disso, já passa para o [corpo construído no] fisiculturismo.

Fonte: Silvia Finocchi – atleta *figure* - Entrevista realizada com a pesquisadora em 07 de abril de 2008.

Esse excerto enuncia a centralidade de um planejamento minucioso da construção do corpo que cada modalidade requer. Os procedimentos seguem o que preconiza o treinamento esportivo, e a musculação é o método capaz de produzir as mudanças morfológicas e fisiológicas desejadas pelo/a atleta. Dilmar Pinto Guedes (2005, p. 08) define a musculação

¹²³ Eugênio Koprowski interessou-se pela musculação em 1956. Quando estagiário no clube E.C. Pinheiros/SP, conheceu o treinamento com pesos que alguns homens realizavam num galpão nos fundos do clube. Em 1963, montou a academia Espártaco, porém, com poucos adeptos da musculação na época, tinha que realizar outras atividades para sobreviver. Treinando à noite em sua academia e estimulado pelos alunos, tornou-se campeão em 1976 na modalidade chamada na época de “modelagem física”, no eixo Rio-São Paulo. No ano seguinte, envolveu-se na gestão da Federação Paulista de Musculação, onde tem atuado desde aquela época. Em 2002, passou a dedicar-se à Nabba/Brasil com o intuito de ampliar as oportunidades de competição internacional aos/às atletas brasileiros/as. Atualmente, Eugênio assina inúmeros artigos e responde aos/às leitores/as na seção de cartas no *Jornal de Musculação & Fitness*; também responde pela Presidência da Nabba Sudeste e pela Federação Paulista de Musculação. Fonte: Eugênio Koprowski, uma paixão de 50 anos pela musculação. Publicado no JMF, n. 56, p. 10-17, 2005.

“como a execução de movimentos biomecânicos localizados em segmentos musculares definidos com utilização de sobrecarga externa ou do próprio corpo [sendo] os exercícios com peso o meio mais utilizado para praticá-la”. O treinamento esportivo tem o propósito de aumentar e melhorar a performance do/a atleta através de uma relação direta entre o impacto de uma determinada carga e um necessário descanso, produzindo efeitos que visam a recuperar e adaptar o organismo à sua nova condição de ser treinado (Jurgen Weineck, 2005).

Estevão (2005), em seu trabalho de doutoramento, narra algumas minúcias do treinamento cotidiano de mulheres atletas de fisiculturismo, destacando que muitas delas treinam há mais de dez anos e incorporaram isso à sua rotina de vida, reservando duas a cinco horas diárias ao treinamento corporal. Entre aparelhos, barras e pesados discos de ferro, as atletas realizam a sua preparação, cuja estrutura parte da fragmentação do corpo, individualizando cada músculo que precisa ser trabalhado e observando a resposta particular desse conjunto de fibras musculares. Cada série de exercícios privilegia um número ininterrupto de repetições realizadas com uma determinada carga de pesos, “e há exercícios para cada músculo, para cada parte do corpo” (p. 80). Para observar parte de um plano traçado para um treinamento esportivo, selecionei um excerto de uma entrevista em que Loana Muttoni, atleta *fitness*, reproduz ligeiramente a sua preparação:

Os meus treinos começam às 15 horas e só terminam às 21 horas. Isso todos os dias, de segunda a sábado, exceto domingo. O treinamento técnico de elementos para a coreografia, como saltos, esquadros, flexibilidade, flexões, leva em torno de duas horas diárias. Logo após vem o treino da coreografia, que dura mais uma hora. Depois gasto quase duas horas entre musculação e aeróbios. Para os grupos como bíceps e tríceps, faço um trabalho com cargas mais leves e repetições altas, a mesma coisa acontece com as pernas, porém, estas eu trabalho com intervalo de 15 dias, pois tenho grande tendência a ganhar massa muscular nessa área e, se não tomar cuidado, corro o risco de ficar desproporcional. No período de *Off Season* realizo pouco ou nada de aeróbios, especialmente se quero ganhar massa magra. Já na fase *Pré Contest* intensifico os aeróbios, mas de forma gradual para que não perca muito os músculos.

Fonte: Loana Muttoni – atleta *fitness* - entrevista publicada no JMF, p. 09, n.60, 2005.

As cargas/pesos utilizados nos exercícios e o número de repetições, associados ao necessário descanso muscular, produzem efeitos na adaptação das condições corporais da atleta, que busca a maximização das suas potencialidades a cada dia. Observando atentamente as reações dos seus músculos aos esforços exigidos nos exercícios, a atleta, juntamente com o/a treinador/a e coreógrafo/a, reestrutura ou mantém o plano de treino, adequando os objetivos do trabalho em relação às repostas do seu corpo. Ainda chamo a atenção para as fases *Pré Contest* e *Off Season*, mencionadas por Loana, que se referem, respectivamente, ao

período de pré-competição e pós-competição. Enquanto que, na primeira fase, a atleta intensifica os treinamentos e a dieta, na segunda, ela suaviza sua rígida disciplina cotidiana. Esse afrouxamento somente é possível quando as datas das competições estão distantes e o tempo necessário à preparação foi calculado e minuciosamente projetado.

As fontes de pesquisa indicam que, na fase pré-competitiva, as atletas não têm dia para descanso, pois, quando não há treino de musculação, elas fazem o treinamento aeróbio em aparelhos como a esteira ou a bicicleta ergométrica. Em conjunto, ambos agem sobre a massa muscular, hipertrofiando-a, e sobre os tecidos adiposos, diminuindo-os – e, preferencialmente, apagando-os dos seus contornos corporais.

O que realmente modela [o corpo] são os músculos. Retirando o excesso de gordura, são eles que dão os contornos arredondados e firmeza geral ao corpo feminino. Portanto, o principal é fazer musculação para aumentar a massa magra e fazer dieta, para acelerar a perda de gordura. Com o relativo aumento dos músculos (mulheres não conseguem hipertrofia acentuada), o metabolismo de repouso é acelerado e isto ajuda na perda da gordura em médio e longo prazo.

Fonte: Eugênio Koprowsky, JMF, p. 17, n. 57, 2005.

A dieta alimentar aparece como um elemento central para fazer o músculo aparecer, uma vez que a gordura é visceralmente rejeitada nesse esporte. Exemplo disso é a pergunta que Schwarzenegger (2006, p. 65) faz em sua *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*: “Afim, por que encobrir todo esse músculo com gordura feia?”. A gordura é rechaçada tanto no corpo quanto na alimentação, uma vez que, quanto menor for a sua ingestão, proporcionalmente irrisória será a sua inscrição nos corpos. Além disso, o corpo feminino é enunciado nas fontes como mais propenso a acumular gorduras na região do abdômen e glúteos¹²⁴ do que o masculino, o que exige que as mulheres façam uma dieta mais rigorosa do que aquela utilizada pelos homens. Lílian Okubo conta que, em época de competições, ferve três vezes os peitos de frango para retirar qualquer vestígio de gordura para só então grelhá-los, sendo que até mesmo as gorduras boas, como do azeite de oliva, são eliminadas da sua alimentação.

Quando a gordura marca os corpos que competem em eventos de fisiculturismo, sua representação beira quase à ofensa e ao desrespeito aos demais competidores e público espectador, pois a representação dos corpos produzida nesse esporte indica que eles não estão suficientemente preparados para serem mostrados ao público. Se no fisiculturismo a magreza

¹²⁴ Fonte: Entrevista com Lílian Okubo, disponível em <http://www.diariodoculturismo.com.br>, capturada em 15/04/2008.

é uma exigência central, na sociedade ela é cultuada em diferentes artefatos culturais. São as marcas do nosso tempo que se distanciam cada vez mais dos corpos arredondados e das sinuosas curvas femininas que um dia representaram a saúde e prosperidade afirmadas na visita a uma mesa farta.

É no início do século XX que “a obesidade começa a tornar-se um critério determinante da feiúra, representando o universo do vulgar, em oposição ao elegante, fino e raro” (DEL PRIORE, 2000, p. 75). No final do século ela desponta, segundo Claude Fischler (1995, p. 77) indicando que a “distribuição social da gordura [evidencia que] os pobres são [potencialmente mais] gordos e os ricos são [potencialmente mais] magros”. Esse discurso encontra ecos numa reportagem publicada no *Jornal Zero Hora*, cujo conteúdo sugere que “a magreza tornou-se sinônimo de beleza, luxo e saúde, já que, quem tem condições, pode contratar profissionais para entrar em forma, vestir-se bem e alimentar-se com comida natural”¹²⁵. Ainda indica a matéria que muitas mulheres consideram o corpo magro e musculoso da cantora Madonna como a representação da perfeição e daquilo que desejam construir em seus próprios contornos corporais. Esses discursos são produtivos e posicionam algumas mulheres como ícones dessa representação, enquanto as que delas se afastam são excluídas de certos lugares e espaços sociais. O mesmo ocorre com as atletas de fisiculturismo quando apresentam contornos corporais ainda não levados ao seu limite, tanto em termos de potencialização, quanto de definição muscular. De qualquer forma, importa apontar que as representações de corpo não são fixas, mas sim transitórias, instáveis e mutantes (GOELLNER, 2003b).

Enfim, o corpo está constantemente em transformação, e não há um corpo natural a ser preservado, uma vez que o próprio treinamento se constitui numa das tantas possibilidades de intervenção no corpo. A construção de uma arquitetura corporal produzida para o fisiculturismo pode ser detalhadamente acompanhada numa das fontes de pesquisa que produzi para esta tese. Trata-se de um diário, uma espécie de registro íntimo do percurso de preparação da atleta Claudia Peçanha¹²⁶ para participar de eventos de fisiculturismo em 2008, onde registrou partes do treinamento, impressões, acontecimentos e sentimentos advindos das fases de construção do seu corpo. A atleta iniciou o percurso em abril de 2008 e o finalizou em setembro do mesmo ano, tendo como propósito a participação no XXXV Campeonato

¹²⁵ Essas palavras foram proferidas pelo consultor de imagem Mario Rosa à repórter Melissa Hoffmann.

¹²⁶ Claudia Peçanha é atleta na categoria Fisiculturismo Feminino até 55 kg. É atleta de fisiculturismo e compete desde 1997. Entre vários títulos, destacam-se: 2006 - Mr. Rio - 1º lugar, Campeonato Brasileiro - 2º lugar, 2007 - Mr. Rio - 2º lugar, Campeonato Brasileiro - 2º lugar, 2008 - Mr. Rio - 2º lugar, 39º Campeonato Brasileiro - 1º lugar; XXXV Sul-Americano de Culturismo e Fitness - 3º lugar.

Sul-Americano de *Fitness* e Culturismo. Entre as impressões, confissões, dúvidas e certezas destacadas pela atleta, selecionei aqueles excertos que advêm do percurso de treinamento e indicam que a ação da disciplina em todo o trajeto é o que mantém a atleta com o foco no seu objetivo.

11 de abril: (...) Esta semana, dei início aos treinos e, principalmente, à dieta. O planejamento foi montado para os quatro meses que antecedem o Mr. Rio (09/08). Conseguindo a vaga em agosto, terei mais três semanas para aprimorar mais a minha qualidade para o Brasileiro (de 03 a 07/09).

19 de abril: (...) Os treinos estão tomando o rumo de uma competição. As cargas são determinadas conforme a força que posso empregar. (...) O objetivo é ir aumentando o peso, mantendo o número de repetições. (...) O trabalho é isolado, visando atingir um grau de definição e de qualidade sempre melhores do que os da última competição. (...) O resultado: é final de semana e estou um pouco dolorida, em virtude de ter aumentado os pesos e a intensidade ter sido maior que na semana anterior. Tudo isso trabalhando em prol da readaptação muscular. A força já está aumentando, e o ritmo também melhorou. Os efeitos da dieta começam a aparecer, porque alunos e conhecidos já comentam. Isso é muito importante, porque mostra que estamos no caminho certo.

24 de maio: UM MÊS DE TREINO (...) Há duas semanas, as coisas tomam o seu curso, conforme planejado. Meu objetivo maior é a redução de peso, preservando a massa magra. E já estou vendo a resposta! O planejamento que fiz está no caminho certo, e é gratificante! O treinamento está mais direcionado também: dois grupamentos por dia, trabalhando equilibrado e estrategicamente, visando tirar o máximo do músculo. (...) A alimentação ainda está tolerável, mas já vamos entrar com um controle maior, observando o volume e a balança.

30 de maio: Estamos entrando na fase em que as dúvidas, o desânimo, e até mesmo a melancolia batem à nossa porta, tudo consequência da dieta e dos problemas do dia-a-dia. A ansiedade de acertar, de estar bem no dia da competição, de ficar igual ou até melhor do que o ano anterior é enorme. Devo isso a mim e ao público, que espera ver um show de simetria, definição e coreografia.

27 de junho: REAVLIAÇÃO DO PROGRAMA (...) Estamos nos aproximando do 1º evento: o Mr. Rio, dia 09/08. (...) Todos que vão competir fazem uma reavaliação de suas dietas e treinos, baseando-se no que foi visto no Estreantes a nível de atletas no campeonato. Eu mesma, no domingo após a competição, me sentei e reestudei minha alimentação e treinos, e me reorganizei. Não posso me desesperar nem errar a essa altura, porque qualquer vacilo, nessas horas finais, é fatal. Creio que estou fazendo as coisas certas, tendo em vista a transformação pela qual estou passando. Minha preocupação é não perder a qualidade, preservando a massa magra.

19 de julho: (...) Estamos entrando em fase de muita concentração. A ansiedade aparece, mas tem que ser controlada; os treinos passam a ser mais concentrados do que pesados; a alimentação será novamente reavaliada; os ensaios da coreografia são mais frequentes; começam as provas do biquíni, pois o corpo está quase pronto.

29 de julho: Bem, estamos a duas semanas do Mr. Rio. As emoções estão à flor da pele. Nesse período, tudo é capital para o evento. Apesar de estar há 12 anos nesse esporte, toda competição parece ser a primeira. Ansiedade, euforia, vontade de fazer bonito. (...)

13 de agosto¹²⁷: Imagem 35 – registro da preparação

¹²⁷ A atleta postou nesse dia somente a sua imagem, que marca e evidencia em sua própria pele os resultados do seu plano de treinamento.



29 de setembro: Bem, como todos sabem, após o Mr. Rio, competi o Brasileiro e o Sul-Americano. Os resultados foram os melhores possíveis! Ganhei o Brasileiro e, posso falar, com muita precisão, que atingi uma qualidade muscular excepcional. Foram três dias muito gostosos, pois fiz novas amizades - as quais também fizeram torcida na hora da competição - e, depois da mesma, o prêmio maior: água e comida rsrs!

Fonte: Diário de uma culturista. Disponível em: www.bodybuildingbrazil.com, capturado em 25/10/2008.

Claudia registrou alguns episódios vividos nesses cinco meses de preparação, e, embora seus relatos envolvam minúcias da sua intimidade, abordando desde as perdas e os ganhos afetivos até os momentos de recolhimento e apreensão em relação ao trabalho e a vida dedicada ao esporte¹²⁸, escolhi trazer ao texto alguns fragmentos que, no meu modo de ver, falam mais dos propósitos, agruras, acertos e incertezas produzidas no percurso da construção máxima do rendimento corporal. Nesses 150 dias, palavras como “aprimorar”, “definir”, “melhorar” e “controlar” atravessam e marcam toda a preparação, indicando que o propósito dessa caminhada é vertical e ascendente, aumentando a intensidade do trabalho para tirar o máximo do músculo e objetivando ficar “melhor”, ou seja, mais definida, mais magra e mais hipertrofiada do que no ano e na competição anterior. Aqui e ali, enuncia o diário que é fundamental seguir aquilo que foi projetado, observando os efeitos produzidos no corpo, seja a partir do olhar da própria atleta, que esquadrinha cada fibra muscular buscando as marcas do seu esforço, seja atentando aos comentários dos/as outros/as atletas e alunos/as da academia

¹²⁸ Claudia registra as suas primeiras impressões quando viu uma atleta de fisiculturismo na televisão e pensou que desejaria ter aquele corpo. Fala das mutações produzidas no seu corpo pela prática do fisiculturismo e aponta o preconceito advindo desses novos contornos corporais. Menciona o nascimento da filha, a separação do marido e o encontro de um novo amor e também companheiro de esporte. Comenta a perda da filha e reflete sobre as vezes que deixou de atendê-la porque estava viajando, participando de competições. Destaca as diversas atividades do cotidiano, relacionando o trabalho na academia da qual é proprietária junto com o marido, os cuidados com os afazeres da casa e o tempo necessário aos treinamentos, entre outras intimidades.

que acompanham a preparação e percebem e apontam os sinais da efetividade do investimento que diariamente Claudia impõe ao seu corpo. Essas observações avaliam o trabalho que vem sendo realizado e indicam os rumos a serem tomados dali em diante, seja adequando, reorganizando ou intensificando os treinamentos e a dieta anteriormente planejados. Claudia ainda menciona que a observação que fez no campeonato paulista dos estreantes auxiliou na condução e reestruturação do próprio planejamento, indicando que a observação dos corpos dos/as outros/as atletas é tomada como uma referência para a avaliação da própria arquitetura corporal. É da matematização das formas que advém o olhar que esquadrinha milimetricamente os detalhes dos corpos adversários e que inspira, aciona e indica os ajustes a serem realizados no projeto do próprio corpo, engendrados na própria carne.

A construção do corpo atlético precisa ser vigiada e mensurada todos os dias. Schwarzenegger (2006) sugere que o espelho, a fita métrica e a balança de pesagem se tornem os companheiros inseparáveis do/a atleta, sendo utilizados para conferir o milímetro que o músculo aumentou e a quantidade de gordura perdida – esses números são utilizados para reestruturar o planejamento da preparação. O modo mais produtivo de forjar os músculos que o/a atleta deseja está relacionado ao “grau em que você foi capaz de utilizar seus próprios instintos e sensações” (p. 67), destaca o autor. Nesse sentido, além de conhecer diferentes métodos de treinar corpos e experimentá-los nos seus próprios músculos, os/as atletas ainda são incentivados/as a investigar minuciosamente as respostas das suas fibras musculares, atentando aos efeitos, que indicam a necessidade ou não de readequar o treinamento. Em síntese: “utilizam o corpo como um laboratório na tentativa de aprimorar técnicas e chegar na mais perfeita forma nos campeonatos” (ESTEVÃO, p. 85, 2005).

A empiria aparece como um dos traços marcantes do fisiculturismo, e as trocas de informações acerca dos efeitos de determinados métodos, exercícios, dietas, alimentos, suplementos, uso de medicamentos e dicas diversas são feitas tanto no ambiente das academias, quanto em campeonatos, em *sites* e, inclusive, no JMF¹²⁹. Estevão (2005) sublinha que, no decorrer da sua pesquisa etnográfica, observou que as mulheres atletas de fisiculturismo não cessam de fazer experiências com o seu próprio corpo. Além disso, os inúmeros anos de experiência e saberes produzidos no percurso da sua potencialização

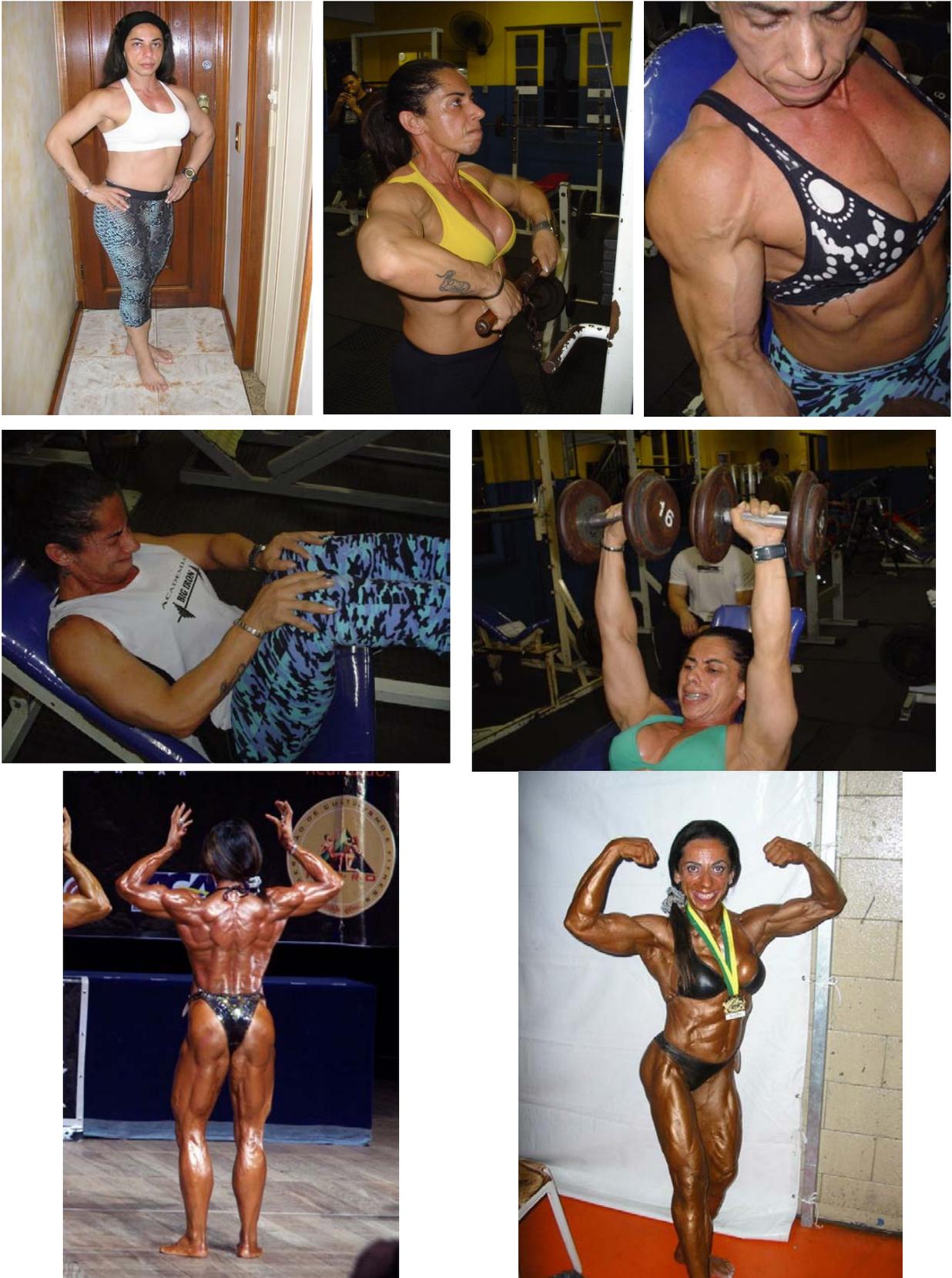
¹²⁹O JMF é um artefato de circulação nacional e responde perguntas de atletas e praticantes de musculação oriundos/as de várias regiões do país. Desde que acompanho as edições da revista, tenho me impressionado com as perguntas acerca do uso de anabolizantes enviadas à revista e fico com a impressão de que o uso indiscriminado está se alastrando. Alguns/algumas usuários/as relatam fazer misturas absurdas de drogas, inclusive de algumas utilizadas somente em animais, objetivando aumentar a massa muscular. A grande maioria envia *e-mails* informando que já utilizou ou está utilizando substâncias e não sabe quais são os efeitos colaterais. Alguns relatam o aparecimento desses efeitos e pedem ajuda, pois não sabem o que fazer. Outros insistem em pedir esclarecimentos sobre a administração de ciclos de esteróides.

muscular autorizam o/a atleta a indicar aos/às demais atletas ou adeptos/as da musculação os caminhos, os atalhos e as possibilidades de burlar determinadas normas com vistas a acelerar a construção da arquitetura corporal. Conforme os estudos realizados por César Sabino (2000, p. 74) em academias do Rio de Janeiro, o prestígio dos/as atletas de fisiculturismo advém “não apenas de sua aparência, mas também do conhecimento prático de séries de exercícios, remédios, anabolizantes e dietas que os jovens professores oriundos das universidades não têm”¹³⁰.

Retomando a preparação que Claudia Peçanha registrou e relendo mais uma vez a sua narrativa, decidi trazer ao texto algumas imagens desse percurso. Empreendendo novas buscas para a produção de fontes que pudessem ser adicionadas, ser postas sob tensão ou mesmo produzir rupturas e apontar discontinuidades naquilo que até então eu havia produzido, encontrei num *site* de relacionamentos o registro do perfil da atleta e, junto dele, 209 imagens e mais 25 vídeos que registravam diferentes momentos da sua vida como atleta. Grande parte desse material destacava a preparação do seu corpo atlético, assim como registrava a sua participação em distintas competições, incluindo aquelas para as quais se preparou e que registrou no diário esportivo do *site bodybuildingbrazil*.

As imagens foram dispostas de modo a registrar os contornos do seu corpo antes de começar o treinamento (primeira imagem da esquerda), seguida por diferentes instantâneos que capturam o esforço que a atleta mobiliza para cumprir o seu planejamento; por fim, duas imagens registram os efeitos do treino e da dieta na sua arquitetura corporal, bem como a sua conquista, comprovada com a medalha que carrega no peito.

¹³⁰ Sabino (2000) aponta os conflitos estabelecidos entre fisiculturistas e professores/as formados/as em universidades. Os/As primeiros/as questionam os efeitos dos exercícios prescritos pelos/as segundos/as e interferem no plano de treino que o/a professor/a elaborou para o/a aluno/a da academia. Diante da legislação, os/as fisiculturistas não são profissionais de educação física, portanto, não podem atuar em academias. Todavia, alguns/algumas proprietários/as de academias os mantêm como *personal trainers*, outros/as ignoram a legislação e permitem sua atuação profissional com o propósito de utilizá-los/as como propaganda; os/as fisiculturistas, como não são formados/as, aceitam receber salários inferiores aos dos indivíduos formados.



Imagens 36 - Claudia Peçanha em diferentes fases do seu treinamento
Disponíveis em: www.orkut.com.br, capturado em 26/10/2008

Escolhi essas imagens para também colocar em cena a dor, o sacrifício e o sofrimento evidentes nas expressões que Claudia produz ao realizar intensas contrações produzidas pela carga que levanta, empurra, puxa e suspende nos seus exercícios. Essas sensações e sentimentos pouco aparecem nos registros fotográficos reunidos nas fontes de pesquisa, o que me fez pensar que as atletas preferem antes teatralizar o treinamento, abrandando as demandas de energia e força, a registrá-lo na sua aspereza, crueza e severidade. Geralmente, representam-no com imagens de um corpo asséptico, inodoro e cosmetologizado. A centralidade da cena está nos cuidados com a escolha das roupas, que sempre devem revelar ao máximo o músculo já potencializado, nos cabelos soltos ou presos em penteados produzidos, na maquiagem leve e no uso de brincos, braceletes, pulseiras, etc., criando uma ideia que foge daquela que se observa numa academia de musculação onde treinam atletas de fisiculturismo e, com isso, produzindo a glamourização do músculo potencializado. Exemplo disso são as imagens de Silvia Finocchi, cujas representações passam ao largo daquilo que esse esporte consome do corpo.



Imagens 37 - Silvia Finocchi em momento de sessão de treinamento
Disponíveis em www.orkut.com.br, capturado em 05/07/2007

Se muitas fotografias escondem o desgaste e o empenho do corpo no percurso da preparação, os vídeos e DVDs registram-nos e acentuam as diferentes manifestações e

expressões corporais. Nesses artefatos, não há espaços para sorrisos e poses. Os exercícios são acompanhados de grunhidos e gemidos de exaustão, dentes cerrados, face retorcida pela dor; o corpo todo, músculo por músculo, é levado ao limite do seu esforço. Do corpo trêmulo e titubeante é exigido sempre mais um movimento, visto que no fisiculturismo se produziu um enunciado que aponta que avançar a fronteira dos seus limites e possibilidades produz uma adaptação vertical no rendimento atlético. Afinal, “tudo que conta é passar para a repetição seguinte, a série seguinte, o exercício seguinte” (SCHWARZENEGGER, 2006, p. 83).

Vale lembrar as reflexões elaboradas por Vaz (1999, p. 102) quando indica que o discurso do treinamento esportivo produz um corpo objeto que é equiparado a uma máquina. Nessa lógica, o treinamento opera manipulando e intervindo nos corpos. “É preciso (re)conhecer o corpo como objeto, ou não se pode treiná-lo”, sintetiza o autor. Na esteira dessas ideias, penso que a representação do corpo como uma máquina enuncia a possibilidade de aprimorá-la e exigir dela o rendimento máximo, ascendente e progressivo.

Nos DVDs de treinamento de Andréa Carvalho, o foco é a exaustiva preparação de cada parte do seu corpo. Ombros, braços, costas, peitorais, abdômen, glúteos, coxas e panturrilhas são fragmentados e exercitados separadamente. Objetivando requisitar o maior número de fibras musculares, privilegiam-se diferentes ângulos, posições e exercícios para cada tecido muscular. Fernando Marques, seu treinador, mantém-se ao seu lado e a estimula, exigindo, a cada série de movimentos, um extenuante gesto a mais. Andréa responde aparentando estar exaurida de suas forças; mesmo assim, alarga seus limites e, num esforço extra, faz o que lhe foi pedido. Imediatamente passa para um próximo exercício, modifica o peso e novamente todo o percurso é percorrido. Os últimos movimentos são acompanhados muito de perto pelo treinador para evitar possíveis acidentes no caso de a atleta não conseguir completar aquilo que lhe foi solicitado.

Além desse, há muitos outros vídeos postados no *youtube*, registrando o treinamento de Silvia Finocchi, Roberta Gomes, Loana Muttoni e Juliana Malacarne, entre outras. As cenas observadas nesses artefatos em nada lembram os sorrisos que assinalam, entre uma gestualidade e outra, a apresentação individual de uma atleta no palco, onde alegria, força, rapidez, sensualidade, olhares e trejeitos faceiros são teatralizados de diferentes modos para exhibir o corpo potencializado. Nos vídeos, emergem suor, esforço, dor, excesso, superação e alargamento dos próprios limites, indicando que a expressão “*no pain, no gain*”, ou “sem dor, sem ganho”, continua circulando nos meios esportivos – e no fisiculturismo produz intensos

efeitos. Além de essa expressão intitular um filme¹³¹ sobre a temática, encontro-a enunciada do seguinte modo:

Todo fisiculturista já ouviu a frase “Sem dor, sem ganho”, mas é importante ser capaz de diferenciar a dor (quase) agradável de um treinamento intenso da dor resultante de uma lesão física. (...) Mas alguns tipos de dor não são apenas inevitáveis no fisiculturismo, são praticamente essenciais. Afinal de contas, são aquelas últimas poucas repetições que você realiza depois que seus músculos estão queimando e dizendo-lhe para parar que muitas vezes significam a diferença entre o progresso e a falta dele.

Fonte: Schwarzenegger, A. *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*, p. 70 e 72, 2006.

Mas não é somente no fisiculturismo que a convivência com a dor é enunciada como efeito de um treinamento que está atingindo os seus objetivos. No campo esportivo, sua representação é normalizada – a dor emerge como sensação comum a todos/as aqueles/as que têm o propósito de alcançar o máximo rendimento esportivo. Vários exemplos poderiam ser aqui citados, uma vez que frequentemente diferentes artefatos culturais registram e enobrecem as dores sentidas pelos atletas em seus corpos em busca de melhores resultados. Estevão (2005) aponta que muitas vezes observou que a resistência às dores musculares representava adquirir certo prestígio entre os/as atletas de fisiculturismo e seu significado tinha um efeito purificador e enaltecedor das qualidades de atleta. Donald Sabo (2000, p. 37) conta que, no mundo esportivo, desde muito cedo aprendeu “a maltratar o corpo, a ignorar as lesões físicas e as questões de segurança; até sacrificamos o corpo se for necessário para ganhar”. Possivelmente, as dores excessivas e consecutivas com as quais aprendem a conviver os/as atletas de diferentes níveis do esporte de rendimento nada mais sejam do que as marcas do excesso e da ultrapassagem dos limites corporais sentidos na própria carne.

Em sua narrativa, Claudia também aponta situações em que sente dores em seu corpo, atribuindo-as à necessária adaptação do corpo às exigências do treinamento esportivo. Menciona, ainda, que as dúvidas, o desânimo, a melancolia e a ansiedade também engendram a sua caminhada, ao que ela responde e reage com maior vigilância, controle mais austero e

¹³¹ O filme *No pain, no gain* foi lançado em 2003, e o seu trailer estreou enquanto os jurados decidiam os vencedores do Mr. Olympia do mesmo ano. Sinopse do filme: “Mike Zorillo é fisiculturista em uma pequena cidade de Ohio. Um homem incomum, que combina um corpo super-musculoso com um QI digno de um gênio. Em busca do sonho de mostrar ao mundo suas ideias revolucionárias sobre desenvolvimento de músculos perfeitos, Mike viaja para a meca do fisiculturismo, Los Angeles, e percebe que a única maneira de atingir seus objetivos é vencer a competição de maior prestígio dessa modalidade, a *Mr. West Coast*. O maior obstáculo no caminho do atleta está num bando de loucos por academias de ginástica que tomam esteróides para aumentar massa muscular. Por causa de suas pesquisas científicas, Mike passa a ser perseguido pela maior companhia de nutrição, mas recebe a ajuda de um gênio da computação e de uma bela lutadora de *kickboxing*. Juntos, vão descobrir o que falta em suas vidas”. Disponível em: www.no-pain-no-gain.com.br, capturado em 20/06/2006.

intensificação da disciplina sobre e no seu corpo. Como ela mesma diz: “não posso me desesperar nem errar a essa altura, porque qualquer vacilo, nessas horas finais, é fatal”.

Courtine (1995) lembra que o “desejo de vencer” no fisiculturismo reforça as “autodisciplinas”. Na fase em que rondam os fantasmas da incerteza e da insegurança, a atleta confia que a parte mais delicada é a da restrição da alimentação. Tudo isso para que o músculo tonificado apareça no máximo da sua definição e sobre ele nada mais reste a não ser apenas uma fina camada de epiderme. Faltando dois meses para a primeira competição, dando mais atenção à coreografia e ainda precisando escolher o biquíni, a atleta deixa de registrar as suas impressões e avaliações acerca dos avanços da sua preparação. Nesse período, limitou-se a postar três imagens e três vídeos no seu diário: as primeiras foram capturadas no meio da preparação, quando competiu no Mr. Santos, e os vídeos trazem registros do treinamento. As imagens inscrevem no seu corpo toda a sua dedicação, esforço e lutas diárias para construir uma arquitetura corporal consoante às exigências do fisiculturismo. Ao mesmo tempo, apontam que é imprescindível perseguir incansavelmente cada fibra muscular infinitamente pequena, “sem que lhe pudesse escapar o mínimo detalhe” (FOUCAULT, 1991, p.129) no controle da produção da sua arquitetura corporal.

O discurso final de Claudia registra a positividade do seu corpo ao esporte, visto que conquistou ótimas posições nos campeonatos de que participou. Tais resultados indicam que os efeitos do seu trabalho foram “os melhores possíveis”. Em síntese, a atleta afirma que participar dessas disputas possibilitou que ela encontrasse pessoas, fizesse novos amigos e entrasse no palco para receber aplausos e o carinho do público. Por fim, alegra-se uma vez mais, pois é o momento de receber o que para ela significa o melhor prêmio: “água e comida”. Após passar meses controlando, selecionando e medindo toda e qualquer ingestão sólida ou líquida, nada mais recompensador do que poder se alimentar sem ficar com a impressão e a culpa de sucumbir e “furar” a dieta. A representação do alimento como um prêmio recebido no final das competições de fisiculturismo não é um significado atribuído exclusivamente pela atleta Claudia. Nos eventos promovidos pela Nabba/Internacional já são esperados os famosos churrascos realizados pela equipe de organização para presentear os/as atletas com uma farta alimentação, além do compartilhamento de experiências e amizades, entre outros.

Nos discursos que focalizam a alimentação das/os atletas de fisiculturismo, duas palavras aparecem insistentemente: “disciplina” e “controle” na dieta alimentar. Elas marcam os enunciados produzidos pelos/as atletas/as e por aqueles/as que ensinam os modos de intervir nesses corpos. A restrição alimentar associada aos exercícios de musculação é posicionada nos discursos como o eixo central na produção da potencialização muscular.

Todavia, a dieta é apontada como a parte mais delicada a ser seguida nesse projeto esportivo, uma vez que é preciso restringir a quantidade de alimentos para cortar calorias e ainda escolher para ingerir aqueles que oferecem os nutrientes que privilegiam o crescimento muscular.

A alimentação realmente é o mais difícil, tem que ter muito objetivo, muita disciplina. É o que sempre digo, não adianta plásticas, lipos, massagens, remédios, se matar de treinar, se não houver uma boa alimentação, nada resolve. Aumentar é fácil, ter 50 cm de braço, mas com um nível de gordura alta, não é mérito nenhum, são os que chamamos de FORDOS (fortes gordos). Mesmo agora em Off faço a mesma dieta para campeonato, somente aumento a quantidade e também me dou o prazer de comer coisas gostosas nos finais de semana, sem grandes exageros.

Fonte: Lílian Okubo – atleta *figure* – Entrevista.
Disponível em: www.fisiculturismo.com.br, capturado em 05/04/2006.

O discurso de Lílian Okubo estabelece uma imbricada relação entre o treino e a alimentação, envolvendo disciplina, restrição, organização e moderação em tudo que diz respeito à nutrição. A boa alimentação que menciona a atleta não significa comer de tudo, ainda que comedidamente, mas sim ingerir reduzida quantidade de alimentos, organizados em seis ou mais pequenas porções diárias, de modo que se coma a cada duas ou três horas, consumindo, fundamentalmente, aqueles nutrientes que auxiliam na hipertrofia muscular.

Arnold Schwarzenegger (2006) diz que é preciso criar um registro do plano alimentar, anotando e planejando minuciosamente aquilo que se ingeriu ou que se vai ingerir no decorrer do dia. Isso representa contar porções, xícaras, colheres, gramas e calorias de proteínas, carboidratos e gorduras. Analisando as fontes de pesquisa, é interessante observar que, quando os/as atletas respondem questões sobre a sua alimentação, o nome do alimento é apagado ou secundarizado em função do seu potencial nutriente. Assim, carne, peixe ou frango transformam-se em proteínas; arroz, batata e massas, em carboidratos. Vejamos um registro diário da alimentação de Luona Muttoni, atleta *fitness* que treina seis horas por dia em seis dias por semana.

Refeição 1 (manhã): Mingau de aveia feito com água + banana + adoçante + clara de ovo
Refeição 2: Atum em água + arroz
Refeição 3 (almoço): Carne magra/frango/peixe + omelete de claras + macarrão sem molho/arroz/batata + salada e legumes + gelatina *diet*
Refeição 4: Atum/omelete de claras + arroz/batata
Refeição 5 (jantar): Frango/peixe + salada e legumes
Refeição 6 (antes de dormir): Frango/peixe + salada

Fonte: Loana Muttoni – atleta *fitness* - Entrevista publicada no JMF, p. 10, n. 60/2005.

A relação entre a ingestão de nutrientes e o balanço calórico negativo tem que ser atentamente observada pelos/as atletas – isso quer dizer que devem gastar mais calorias do que ingerem. Os/as atletas destacam a importância de cada um/a preparar as suas próprias refeições, acondicionando-as em recipientes adequados, anotando os ingredientes e a hora em que devem ser consumidas. Tal procedimento facilita o cotidiano do/a atleta, na medida em que lhe permite levar as suas refeições para o ambiente de trabalho ou para o espaço de treinamento, para que possa cumprir rigorosamente os horários da sua alimentação.

A partir das fontes de pesquisa, pode-se apontar que os alimentos permitidos aos/às atletas são: tubérculos (batata e mandioca), arroz integral, macarrão sem molho, atum, frango ou carne vermelha magra (pouca), banana, clara de ovos, algumas frutas e legumes. O sal, preferencialmente o marinho, deve ser utilizado com muita moderação. Além disso, beber muita água é fundamental, porém, para buscar o balanço eletrolítico, escolhe-se aquela que aponte no rótulo um equilíbrio entre a quantidade de sódio e potássio. Silvia Finocchi indicou que essa composição química “vai permitir reter a água que está dentro do músculo e perder a que está fora”. Se, por um lado, alguns alimentos são considerados saudáveis e devem ser consumidos porque auxiliam na potencialização muscular, por outro lado, alguns têm que ser completamente abolidos das refeições: são aqueles enunciados como “lixos” ou “porcarias”, como todos os tipos de doces industrializados e/ou feitos em casa, os alimentos fritos, as gorduras em geral, os alimentos com molhos, os refrigerantes, qualquer bebida alcoólica e os pães brancos. Silvia Finocchi confessa, em uma de suas entrevistas: “o meu maior pecado é o pão”¹³².

Os suplementos alimentares constituem-se em mais um componente que insistentemente é citado por atletas e treinadores/as no auxílio da produção da potencialização muscular. Segundo os discursos que circulam no fisiculturismo, não é suficiente treinar vigorosamente e controlar rigidamente a alimentação – ainda é preciso a suplementação adequada. A indústria da suplementação alimentar esportiva tem ampliado vertiginosamente a sua produção e inserção nos mercados internacionais e também no mercado brasileiro¹³³. No entanto, não há consenso entre pesquisadores/as, atletas e treinadores/as acerca da necessidade e dos benefícios da complementação aos nutrientes ingeridos na alimentação cotidiana.

¹³² Silvia Finocchi – A guerreira da musculação - Disponível em: www.jmfbrasil.com.br/entrevista11.asp, capturado em 20/11/2007.

¹³³ Marcelo Bella - Diretor de Marketing da Probiótica, apontou que, nos Estados Unidos, em 2008, havia mais de 600 empresas fabricantes de suplementos alimentares, atendendo 40 milhões de consumidores e faturando 3,5 bilhões de dólares anuais com nutrição esportiva. No Brasil, foram contabilizadas 76 marcas de suplementos alimentares, consumidas por meio milhão de pessoas, movimentando 200 milhões de reais. Fonte: BELLA, Marcelo. A profissionalização do bodybuilding, In: JMF, p. 68 e 69, n. 70, 2008.

Guimarães Neto (2003) defende que os alimentos preparados cuidadosamente em casa e em quantias suficientes às necessidades de cada atleta possuem todos os nutrientes que o músculo precisa para adquirir volume e definição, mas recomenda a utilização de alguns suplementos para os/as atletas que fazem uso de esteróides anabolizantes.

Muitos suplementos não possuem no rótulo a especificação detalhada dos seus componentes; isso, mais as dificuldades para controlar e inspecionar a produção, a venda e o consumo desses produtos, constitui-se em indícios suficientes para que eles sejam evitados pelos/as atletas ou utilizados somente com acompanhamento de nutricionista (Eduardo De Rose et al, 2006). O Comitê Olímpico Brasileiro¹³⁴ alerta que um estudo realizado pelo Laboratório de Controle do *Doping* de Colônia (Alemanha) constatou que alguns suplementos não apresentam os compostos anunciados no rótulo e ainda adicionam em sua composição “até mesmo precursores de hormônios e testosterona”, o que caracterizaria um caso de *doping*.

Analisando o material empírico, observei que os suplementos alimentares são anunciados nos artefatos que veiculam informações e são endereçados aos/às adeptos/as da musculação e aos/às atletas de fisiculturismo¹³⁵. No caso do *Jornal de Musculação e Fitness*, os anúncios de página inteira somam 15% do total da revista, e as logomarcas das indústrias que produzem os suplementos aparecem em diferentes páginas, registros e espaços, nas roupas que os/as atletas vestem e no apoio aos campeonatos (oferecendo produtos para a premiação). Conquistar o patrocínio de alguma empresa do ramo da nutrição esportiva é mais que um desejo, é um sonho para muitos atletas, como Larissa Cunha, que diz: “precisamos de apoio. Perto das competições, chegamos a gastar R\$ 2.500 em suplementos”¹³⁶. Silvia Finocchi, Diana Monteiro, Scheila Vieira, Viviane Romaguera, Roberta Gomes, Luona Muttoni, entre outras, aparecem em campanhas publicitárias de algumas marcas desses produtos; em troca, recebem a suplementação que utilizam e, algumas vezes, recursos financeiros para cobrir os gastos com as participações em eventos. Desse modo, os/as atletas

¹³⁴ Disponível em: www.cob.org.br/pesquisa_estudo/pdfs/Livreto_doping.pdf, capturado em 05/11/2008.

¹³⁵ No *site* da Nabba Brasil, encontrei dois *links*, www.corpoperfeito.com.br e www.netshoes.com.br, onde é possível comprar produtos de diferentes marcas: Nutrilatina, Body Size, Body Action, IntegralMedica, Athletica Evolution, Arnold Nutrition, Bodygenics, EAS, Nature's Best, Health Labs, D.N.A., Performance Nutrition, entre outros.

¹³⁶ Larissa Cunha, atleta de culturismo, comentou o gasto em suplementos alimentares numa entrevista concedida a um jornal paranaense. Disponível em: www.bemparana.com.br, capturado em 20/10/2006. Gal Ferreira, atleta *fitness* e *figure*, diz gastar em torno de R\$ 1.000,00 por mês com a alimentação: “Gasto aproximadamente R\$500 para comprar os suplementos alimentares necessários e mais R\$500 para abastecer minha dispensa”. Disponível em: www.superesportes.com.br, capturado em 09/10/2007.

atribuem os suados contornos corporais que produziram também às potencialidades dos suplementos alimentares que consomem.

Andréa Carvalho aparece em uma imagem que ocupa uma página inteira do *Jornal de Musculação e Fitness* como uma das atletas patrocinadas pela Probiótica, empresa brasileira que atende o mercado interno com suplementos alimentares e exporta para alguns países europeus. A propaganda enuncia os ganhos e as vantagens produzidas pelos suplementos nutricionais esportivos, indicando-os como auxiliares no treinamento de atletas, uma vez que sua ação potencializa a absorção dos nutrientes no intestino, tornando a construção de músculos mais eficiente. Em três páginas da revista, são mostradas quatro imagens da atleta. Duas delas de página inteira e outras duas de menor tamanho são utilizadas para fazer uma comparação entre o início da carreira da atleta, quando ela não consumia produtos dessa marca; há, ainda, uma imagem atual, após o consumo dos produtos da referida marca.

Na imagem abaixo, a atleta foi registrada reproduzindo um dos gestos que marcam a história do fisiculturismo. Ao acompanhar cronologicamente as imagens das atletas que venceram o Ms. Universe, promovido pela Nabba/internacional, observa-se que essa é a gestualidade reproduzida pelas mulheres que vencem as competições na categoria *figure* do fisiculturismo. Elas se posicionam de modo a chamar a atenção para a sinuosidade da arquitetura corporal, com braços no prolongamento do corpo e mãos levemente espalmadas, possibilitando ver os contornos da sua musculatura. Aos pés da atleta, o troféu que recebeu como prêmio pela conquista do *overall* feminino do Ms. Universe 2007.



Probiótica, tecnologia construindo campeões.

Desde que iniciei meus treinamentos, já sabia o que eu pretendia em minha carreira de atleta. Minhas sessões de treinos e minhas dietas foram se aprimorando a cada competição e cada conquista. Meu corpo está em constante evolução, com meus músculos ficando mais fortes e definidos. No princípio não confiava nos suplementos nutricionais brasileiros, o que dificultava ainda mais meu árduo caminho e preparação para as competições. Foi aí que eu conheci a linha PROFESSIONAL da Probiótica. Incluí na minha dieta estes produtos e comecei a notar que meus músculos se recuperavam e se fortaleciam mais rapidamente. Como sou mulher, minhas funções de motilidade intestinal e absorção de nutrientes, ficam comprometidas em função da minha secreção natural de progesterona. Este fator agrava-se ainda mais por eu ser uma atleta de alto nível, com baixos teores de gordura corporal. Neste exato ponto é que os resultados com a utilização dos produtos da Linha PROFESSIONAL da Probiótica agiram. Com a fórmula PREBIOTIC+ABSORMAX®, as minhas funções intestinais de absorção de nutrientes (aminoácidos, carbos, vitaminas e sais minerais) e motoras ficaram mais estimuladas e equilibradas, proporcionando ao meu corpo muito mais resultados. Nos últimos três anos, comprovei a diferença na utilização de bons produtos. Quando ganhei o título de Ms. Universo Overall pela primeira vez em 2.005, sabia que para mantê-lo eu teria que ir além. Infelizmente a marca de suplementos que eu usava não ajudou e não me sai bem na competição em 2.006. Com a inclusão de novas técnicas de treinamento e dieta, e os produtos da Linha PROFESSIONAL da Probiótica, reconquistei o lugar que é meu por mérito. Sou a melhor do mundo. Agora quero estar entre as melhores profissionais do planeta. Sei que sou capaz. Sou uma vencedora.

Andréa Carvalho
Ms. Universo Overall '05,
Ms. Universo Overall '05 & '07.

PREBIOTIC+ABSORMAX® FÓRMULA

WHEY PROTEIN
MASSAS
100% PURE WHEY PROTEIN
CARB UP

FIBO
FITNESS EXPO
FDA
NATURAL PRODUCTS ASSOCIATION
PROBIOTICA EUROPE
SAC: 0800-105242
WWW.PROBIOTICA.COM.BR
PROBIOTICA
Tecnologia Construindo Performance

Imagem 38 - Andréa Carvalho
Fonte: Publicidade veiculada no JMFB – p. 57, n. 70, 2008.

Chamo a atenção para o texto posicionado junto à imagem de Andréa, que em letras contrastantes enuncia os benefícios na sua arquitetura corporal advindos da ingestão dos

suplementos alimentares comercializados pela empresa que a patrocina. Ser mulher emerge no seu discurso como um traço distintivo que marca negativamente o bom funcionamento do seu corpo de atleta. O suplemento alimentar é posicionado como um agente que corrige as respostas insatisfatórias do organismo feminino e produz efeitos que são visibilizados nos ganhos extras de “estímulo e equilíbrio”, o que produziu a atleta vitoriosa. Se, nos anos passados, ela fez escolhas que não a colocaram na posição que lhe era devida, isto é, no primeiro lugar e no centro ou no alto do pódio, agora, com o auxílio dos suplementos “corretos”, ela assumiu sua posição e conseguiu “ir além”.

Andréa Carvalho é a única atleta brasileira que deixou registrado por duas vezes o seu nome no Hall of Fame da Nabba/Internacional, e seu corpo é enunciado como um efeito da ingestão dos suplementos alimentares, produzidos especificamente para o contexto esportivo. Ao centralizar a atenção nos produtos utilizados, a atleta oculta todo o seu árduo investimento em treinamento, dieta, alimentação, medicamentos e demais práticas recrutadas para produzir o corpo vencedor. Para vender esses alimentos sintéticos, apagam-se os rastros do suor, das dores, das privações, das tentações e dos perigos a enfrentar no percurso de preparação da arquitetura corporal que estampa página de revistas, recebe patrocínio e é premiada.

Nas fontes de pesquisa, observo que uma positividade colada aos alimentos em cápsulas, tabletes, barras e em pó enuncia a praticidade desses produtos, seja na facilidade de sua preparação e de transporte ou mesmo de consumo. Qualquer um deles pode ser ingerido tanto em ambiente de trabalho quanto nos treinos ou em qualquer outro lugar, substituindo uma refeição. Para exemplificar, recortei um fragmento onde Loana Muttoni narra em que situações utiliza esses suplementos e quais os produtos que consome.

Logo ao acordar, faço um *shake* de *Whey Protein* com L-glutamina, tomo óleo de prímula e linhaça, multimineral e vitamina C. Pelo meio da manhã, se não estiver disposta a comer proteína, tomo novamente *Whey Protein*. Após a coreografia, Designer BCAA e, antes do treino, Hidro-Amino. Após o treino de musculação, Hidro-Amino e Designer BCAA, L-glutamina e *shake* de *Whey Protein*, Maltodextrina e Dextrose. Antes de dormir, mais L-glutamina.

Fonte: Loana Muttoni – atleta *fitness*. Entrevista publicada no JM&F, p. 10, n.60, 2005.

A escolha que a atleta faz indica que, além de buscar repor os nutrientes gastos nos intensos treinamentos, ainda elege outros suplementos, que se convertem em energia e potencializam a sua construção muscular, como é o caso da L-glutamina (GUIMARÃES

NETO, 2003). Loana consome dez produtos diariamente, e os custos¹³⁷ são altos. Como dificilmente os campeonatos premiam com dinheiro, as atletas buscam transformar as suas vitórias em patrocínios para continuarem treinando e competindo.

Em fase pré-competitiva, algumas atletas cortam ou reduzem a suplementação alimentar, uma vez que o investimento central, que estava sobre o aumento muscular, se desloca para a definição dos contornos das fibras musculares – entra em cena com força uma intensa e restrita dieta alimentar. Nesse momento, tudo o que for ingerido se transforma em calorias, inclusive alguns suplementos são contabilizados na ingestão diária. Se o/a atleta seguir cuidadosamente o seu planejamento, na fase final de preparação, seu foco estará centrado na manutenção do volume muscular até então construído e na diminuição da gordura corporal, uma vez que é ela que impede o músculo tonificado de aparecer. Através das palavras de Lílian Okubo, vamos conhecer as mudanças realizadas em sua dieta para esse momento:

Quando estou em dieta para campeonato, cortamos todas as frutas, lácteos e farináceos. Um mês antes, corto também o Whey, ficando assim somente com frango cozido e batata, desde a hora em que acordo até a última refeição. Mudamos as quantidades a cada dia da semana, um dia subimos a proteína e baixamos o carbo, no outro dia aumentamos bastante o carbo e diminuimos a proteína, no outro fazemos isométrico, ou seja, a mesma quantidade de proteína e carbo. Dia que eu não treino, aumentamos bem o carbo.

Fonte: Lílian Okubo – atleta *figure* – Entrevista.
Disponível em: www.fisiculturismo.com.br capturado em: 05/04/2006

A variação na quantidade de batata cozida na água e do frango grelhado ou assado indica que esse é o cardápio que antecede as competições em torno de um mês. Combinando-se carboidrato e proteína, consumidos em seis refeições diárias, produz-se a energia necessária para continuar treinando e observando desaparecer a gordura que esconde o músculo, objetivando defini-lo.

Considerando que a dieta tem importância crucial na visibilidade da potencialização muscular, o JMF criou uma seção intitulada “Culinária do Bodybuilder”¹³⁸, onde atletas e treinadores/as ensinam as suas receitas com o propósito de mostrar que é possível preparar pratos saborosos com ingredientes pouco calóricos. Exemplos disso são as receitas de panqueca de bananas com *Whey Protein* ou *mousse* de morango com *Whey Protein*, sugeridas

¹³⁷ Somente no site www.corpo perfeito.com.br estão disponibilizados mais de 70 tipos de suplementos alimentares. No do *Whey protein*, há uma oferta de produtos com preços que variam de acordo com a marca e a quantidade: o mais barato custa em torno de R\$ 30,00, e os mais caros, R\$ 200,00.

¹³⁸ Essa seção compõe a de Nutrição e começou a ser publicada no JMF n. 71/2008, objetivando oferecer aos/às atletas sugestões de pratos nutritivos, mas de baixo valor calórico.

por Silvia Finocchi, da pizza de berinjela ou do quibe ao forno, recomendadas por Eugênio Koprowski. Em outro artefato, Lílian Okubo também contou algumas estratégias que utiliza para tornar os ingredientes das suas refeições atraentes ao paladar.

Realmente essas dietas não são fáceis. Procuo variar bem meus frangos para não desanimar, um dia faço assado ou o filé em tirinhas grelhado com tomates, ou então o filé enrolado com *blanquet* de peru no meio. Gosto de fazer almôndegas com carne moída (patinho) e troco a farinha por aveia, fica muito bom. E para melhorar o gosto uso um monte de temperinhos como ervas finas, colorante para mudar a cor, açafrão. Mas procuro sempre olhar a tabela para conferir se o tempero em questão não tem muito sódio. Faço também omeletes de clara de ovo em forma de panquecas, gelatina *light* batida com *Whey* fica bem cremosa, aí você come imaginando que é um *mousse* de chocolate.

Fonte: Lílian Okubo – atleta *figure*. Entrevista.
Disponível em: www.diariodoculturismo.com.br, capturado em 15/04/2008.

Nos discursos, a disciplina e a determinação são enunciadas como centrais, visto que nesse esporte, em fase de preparação para a competição, não é permitido cair em tentação ou, como dizem, “furar a dieta”. Não há espaços para se cometer um pequeno deslize sequer, uma vez que tal “pecado” pode comprometer toda a preparação. Nesse sentido, para que não tenham que fazer dietas ainda mais severas para baixar o peso até chegar aos valores de 3 a 5% do seu percentual de gordura corporal, enunciado como o limite ideal para as atletas de fisiculturismo, homens e mulheres atletas devem permanecer numa constante semi-dieta, com um percentual de gordura que não exceda os 6% (GUIMARÃES NETO, 2005). Seguindo essa recomendação, não haverá necessidades de a dieta ser fortemente restritiva, pois o/a atleta não precisará “secar” para as competições, uma vez que ele/a se mantém consideravelmente magro/a.

Edílson Cyrino et al (2002) fizeram um estudo com atletas mulheres do fisiculturismo brasileiro que estavam disputando o XXVII Campeonato Brasileiro de Culturismo e Musculação. Apoiando-se em estudo que sugeria que altos níveis de potencialização muscular feminina são observados em corpos que possuem entre 8 e 14% de gordura corporal, os autores mediram as dobras cutâneas das atletas brasileiras e indicaram que elas possuíam em torno de 8%. Consideram que esse percentual é indicativo de sucesso na modalidade, porém sugerem também que as dietas restritivas podem produzir efeitos em médio e longo prazo que podem comprometer a saúde das atletas. Assim, penso que, se 8% já é um percentual perigoso, imaginemos os efeitos que podem produzir em longo prazo nos corpos femininos os 3% sugeridos por Guimarães Neto (2005). Esse baixo percentual não é uma ficção. Larissa

Cunha¹³⁹ contou em entrevista que, em época de competição, ela já ficou com 3% de gordura em seu corpo, baixando de 80kg para 67kg no dia da competição. Essa extrema magreza tem um único propósito, que é produzir a máxima definição muscular. Esse tema é enunciado em um dos discursos:

A definição extrema que as atletas apresentam não é saudável e, por esta razão, elas ficam assim por poucos dias, apenas para as competições, depois voltam ao teor de gordura e água subcutânea. Alguns fármacos podem até ajudar, mas não pegue atalhos arriscados nem acredite em “milagres”.

Fonte: Seção de cartas e consultoria, JMF, n. 56, p. 21, 2005.

Modos adequados de intervir nos corpos para potencializar a definição muscular são apontados por Guimarães Neto (2005, p. 70) no livro *Anabolismo Total*, onde sugere, entre outras questões, alguns meios “seguros e efetivos de drenar a água subcutânea extracelular para dentro do músculo”. Isso porque não é somente a gordura acumulada sobre o músculo que compromete a sua definição – a água também pode encobri-lo. Por esse motivo, alguns/algumas atletas, em período de competição, utilizam alguns recursos para fazer o músculo aparecer em cada ínfimo detalhe. Entre esses recursos, estão: alterar o equilíbrio de sódio e potássio, dieta da supercompensação de carboidratos, beber água, diuréticos à base de ervas, cafeína e vitaminas hidrossolúveis.

Para diminuir a gordura e a retenção líquida e, assim, também definir os músculos, muitas vezes os/as fisiculturistas utilizam substâncias farmacológicas que podem produzir riscos à saúde. Alguns medicamentos são utilizados para fins aos quais não são prescritos, e, apesar de seu uso ser condenado em qualquer instância esportiva, são largamente utilizados no fisiculturismo. Entre os medicamentos, estão: laxativos, uma combinação de efedrina-cafeína-aspirina, clenbuterol, *fat burners*, diuréticos e insulina¹⁴⁰. Esses medicamentos não

¹³⁹ A entrevista com Larissa Cunha, intitulada “Paranaense disputa sul-americano”, está disponível no <http://www.bemparana.com.br>, capturada em 20/10/2006.

¹⁴⁰ Conforme Guimarães Neto (2005). Laxativos: utilizados pelos/as fisiculturistas com o objetivo de “limpar o sistema digestivo com a esperança de obter um visual mais sólido e denso” (p. 73); Efedrina-cafeína-aspirina: Utiliza-se no fisiculturismo para aumentar o efeito da queima de gorduras no corpo humano; Clenbuterol: medicamento utilizado no tratamento da asma e, no fisiculturismo, atua aumentando o volume muscular em alguns atletas, porém ainda é desconhecido o seu mecanismo de ação; Fat Burners: agem no metabolismo das gorduras; Diuréticos: “estes são os mais perigosos de todos, podendo ocasionar a morte pelo mau uso” (p. 75), agem estimulando os rins e podem desequilibrar o balanço eletrolítico entre o sódio e o potássio nas células, provocando severas câibras no corpo, podendo afetar o coração e levar o/a atleta à morte; Insulina: medicamento indicado a pessoas diabéticas, porém é utilizado pelos/as fisiculturistas para “levar nutrientes para dentro da célula (...) produzindo corpos mais fortes e definidos”. Todavia, quando administrada junto à ingestão limitada de carboidratos, a insulina pode levar à “hipoglicemia e até à morte” (p. 78).

devem ser utilizados sem receita médica, já que podem causar sérios danos à saúde dos/as atletas (GUIMARÃES NETO, 2005).

Silvia Finocchi mencionou em sua entrevista que o uso indiscriminado de diuréticos¹⁴¹ é uma das causas mais frequentes de mortes entre os/as atletas de fisiculturismo, por isso, a Federação Brasileira de Musculação e *Fitness* passou a adotar o exame *antidoping* para o uso de diuréticos por considerá-los mais perigosos ao organismo humano do que os esteróides anabolizantes. Entretanto, não há clareza acerca dos procedimentos de escolha dos/as atletas que são submetidos ao exame, tampouco sobre as condições em que são realizados, como é feita a coleta dos testes, o laboratório que analisa, nem sobre o que acontece com o/a atleta que apresentar resultado positivo para essas substâncias. Além disso, os testes ainda são muito caros, o que inviabiliza que todos/as os/as competidores/as façam o exame antes das disputas. Vale ainda destacar que, embora a CBCM e a NABBA/Brasil condenem a utilização que atletas fazem dos diuréticos e esteróides anabólicos, parece que o uso desses fármacos nesse campo esportivo ainda tem um longo caminho a ser trilhado. Afinal, tanto os/as atletas, treinadores/as e admiradores/as desse esporte quanto a equipe de arbitragem e os/as espectadores/as esperam ver num campeonato homens e mulheres disputando o primeiro lugar em sua melhor forma, o que representa exibir no palco um corpo que tenha sido levado ao máximo do seu rendimento, independentemente dos riscos produzidos à sua vida, assim como apontam as linhas abaixo:

O atleta [sério é aquele que mantém a] consistência no que diz respeito ao seu *shape* e definição em todos os campeonatos em que entra, sempre apresentando um físico mais do que rasgado, cuja pele apresenta uma textura próxima à de papel!!!

Fonte: Christiano Galbraith – colaborador do JMF p.40, n. 63, 2006.

Nos discursos que circulam nos textos e imagens analisados, os/as adeptos/as da modalidade produzem a representação do corpo perfeito como sendo aquele que tem um bom *shape*, é um corpo riscado ou trincado, com efeito rasgado, com a pele apresentando uma “textura próxima à do papel”, parecendo estar colada sobre os músculos. Esses são alguns modos de enunciar o corpo atlético que se posiciona – discursos que o posicionam no centro dessa modalidade esportiva.

¹⁴¹ Segundo Guimarães Neto (2005), os efeitos colaterais do uso de diuréticos são: tontura, dor de cabeça, palpitação e severa câibra muscular. Além disso, a extrema desidratação, seguida de restrição de líquidos e uso de diuréticos, pode causar severas câibras cardíacas, levando o/a atleta à morte.

Os discursos são produtivos e incitam os/as atletas a buscarem uma definição muscular a qualquer preço. De acordo com as análises, é importante que a definição seja observada em cada mínima porção muscular, e ela deve permitir à equipe de arbitragem a identificação clara e inequívoca dos precisos contornos de cada grupo muscular, como veremos no fragmento reproduzido abaixo, acompanhado de imagens de atletas do Brasil que participaram de importante campeonato internacional. Nessas fontes, as palavras e as imagens se complementam, apontando a extensão e a materialização da definição muscular inscrita nos corpos das atletas.

Na definição deve-se poder observar a separação entre os diversos grupos musculares, onde começa e termina cada músculo, bem como dentro dos músculos, aquele aspecto estriado, possibilitando muitas vezes observar a direção que seguem as fibras. Isto fica evidente no quadríceps, nos glúteos, no grande dorsal com a fáscia tóraco-lombar. Devemos poder ver a separação entre o peitoral e o deltóide, entre o deltóide e os músculos do braço, bíceps braquial e tríceps, as diversas cabeças do tríceps, os músculos do antebraço, os diversos ventres (gomos) do abdominal, os músculos oblíquos, o serrátil anterior (grande denteado). Devem ficar evidentes também: a divisão entre os diversos músculos das costas (trapézio, grande dorsal, redondos, deltóide posterior); a separação entre os músculos do quadríceps (vastos e reto femural); a divisão dos posteriores da coxa (semis e bíceps femural); a marcação dos gastrocnêmios com o óleo.

Fonte: Fábio Gianola – Arbitragem – Disponível em: www.jmfbrasil.com.br/, capturado em 12/02/2008.



Imagem 39 - Silvia Finocchi
Disponível em: www.nabba.com.br
Capturado em: 07/04/2008



Imagem 40 - Andréa Carvalho
Disponível em: www.nabba.com.br
Capturado em: 07/04/2008

As imagens de Silvia e Andréa foram registradas num campeonato internacional realizado em 2007; as atletas conquistaram, respectivamente, o segundo e o primeiro lugares na categoria Figure II. Seus corpos enunciam um grau máximo de definição muscular, que fica ainda mais evidente quando nos detemos a perscrutar os contornos dos seios da primeira atleta, onde se observa que nada mais que uma fina camada de pele recobre as próteses de silicone, assim como os profundos sulcos em sua face indicam que, tanto a gordura quanto a água que fica depositada entre a pele e o músculo foram apagadas dos seus contornos corporais. Do mesmo modo, o corpo de Andréa representa na própria carne a inscrição da definição muscular. Observando as suas costas e braços, fico com a impressão de que a atleta reproduziu no seu corpo o delineamento dos músculos sugeridos nas palavras de Fábio Gianola, apresentadas na página anterior.

O conteúdo daquele fragmento aponta que o olhar que avalia os corpos é esmiuçador e esquadrinha cada ínfimo contorno corporal, desejando visualizá-lo profundamente marcado na carne e medi-lo minuciosamente, ainda que à distância e a olho nu. Cada músculo do corpo tem que ser observado na sua intimidade, identificando-se os seus encontros, separações, divisões e estriações como as que observamos na musculatura dos braços e das costas de Andréa Carvalho. Fico com a impressão de que o corpo é milimetricamente fatiado e cada mínima porção é mensurada para que nada escape ao olhar dos/as avaliadores/as. O biquíni minúsculo vestido pelas atletas não pode encobrir qualquer contorno muscular, afinal, a musculatura é a própria vestimenta, como assinalou Courtine (1995, p. 96) ao enunciar: “um corpo de homem [ou de mulher], se é musculoso, não está jamais verdadeiramente nu”.

Além da utilização de substâncias produzidas em laboratório para desidratar o corpo e fazer o músculo aparecer, também é comum no fisiculturismo a adesão àquilo que genericamente chamo de meios físico-químicos, que intensificam o emagrecimento e agem diretamente na potencialização do volume muscular. Guimarães Neto (2005, p. 06) admite que mulheres atletas de fisiculturismo “normalmente tomam esteróides anabólicos¹⁴² (testosterona) e outros medicamentos para que possam ter ganhos em massa muscular otimizados”. Esse conjunto de “benefícios” seduz as/os atletas, e os efeitos produzidos por esses medicamentos os/as ajudam a suportar os intensos exercícios musculares, as lesões e as dores, sentindo que a musculatura está apta a mais um dia de forte exercitação, e ainda a

¹⁴² É proibida a comercialização de esteróides anabolizantes no Brasil. A Delegacia de Repressão aos Crimes contra a Saúde Pública apreendeu em 27/11/2008 uma quadrilha que vendia anabolizantes e medicamentos falsificados para clientes e academias da zona sul do Rio de Janeiro. Estima-se que o grupo faturava em torno de 2,4 milhões ao ano. A quadrilha possuía ramificações em quase todos os estados brasileiros, e seus fornecedores eram da Espanha, Portugal, Paraguai e Argentina. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br>, capturado em 27/11/2008.

observar que a gordura corporal desaparece do seu corpo na mesma velocidade em que aumentam os seus músculos. Ana Claudia Pires¹⁴³, há algum tempo, sintetizou: “adoro ver minhas coxas ou meu bíceps crescendo”.

Administrados na forma oral ou injetável, esses medicamentos também produzem efeitos colaterais diversos, que aparecem conforme a resposta genética de cada organismo ao produto. Nos homens, seus efeitos podem ser: calvície, hipertrofia prostática, acne, agressividade, hipertensão, limitação do crescimento, aumento do colesterol, dor de cabeça, impotência e esterilidade, insônia, hepatotoxicidade, problemas nos tendões e ligamentos, ginecomastia. Nas mulheres, a virilização aparece no crescimento de pelos na face, engrossamento da voz, hipertrofia do clitóris e amenorreia (GUIMARÃES NETO, 2005). A inscrição genética aparece em discursos imbricada não só com a administração de esteróides anabolizantes, mas também na própria produção da potencialização muscular. Vejamos dois fragmentos de discursos em que o traçado genético é mencionado:

Se as drogas não existissem, os campeões seriam os mesmos, porém um pouco menores. Isto porque o fator determinante de sua vitória foi seu potencial genético e não as drogas, que no máximo teriam acelerado o processo. Tomemos como exemplo as Competições Mundiais, onde todos têm o mesmo acesso aos melhores centros de treinamento, aos melhores suplementos e a todos os demais recursos, mas onde apenas UM é o campeão – aquele que tem o melhor potencial genético”.

Fonte: Fábio Gianola – Arbitragem, www.jmfbrasil.com.br/ 12/02/2008.

Um ciclo médio de decaturabolin¹⁴⁴ para você pode ser assimilado tranquilamente, enquanto que para o seu companheiro de treino metade do ciclo poderia ser letal. Ou, ainda, para o seu camarada que treina em uma outra academia, o seu ciclo, caso fosse utilizado por ele, não daria nem pro cheiro - pois, de acordo com a genética da pessoa, ele necessitaria de doses maiores”.

Fonte: Christiano Galbraith – Debate antidoping, JMF, p. 18, n. 71, 2008.

¹⁴³ Ana Claudia Pires - entrevista disponível em: www.veja.abril.com.br, capturada em 02/05/2005. Nascida no Rio de Janeiro, professora de Educação Física e campeã *bodybuilder*. Trocou o ballet pela musculação. Malha desde os 15 anos, inspirada pela atleta americana Cory Everson, competindo pela primeira vez em 1993 e desde aquela época venceu diferentes campeonatos, entre os quais: hexa-campeã estadual no Mr. Rio, penta-campeã do brasileiro e bi-campeã de fisiculturismo (categoria pesada) do sul-americano. Fontes disponíveis em: www.femalemuscleshow.uaiVIP.com.br/anaclaudiapires.htm e www.orkut.com.br, capturados em 10/11/2008.

¹⁴⁴ Decaturabolin é um esteróide anabolizante desenvolvido pelo Laboratório Organon nos anos 60. Atualmente, vários laboratórios produzem variações desse medicamento, cujo mecanismo age aumentando o “ganho de massa muscular em pré-competição, porém, alguns atletas tendem a reter muito líquido com esta droga. A Deca é muito usada como uma droga de base para todo o ciclo de esteróide (desde que fora de temporada) para evitar inflamações e dores articulares que podem ocorrer devido à realização de treinamento pesado” (GUIMARÃES NETO, 2005, p. 112).

“A genética constituiu um conjunto de predisposições e de probabilidades que permitem prever os comportamentos futuros de indivíduos aparentemente saudáveis e normais. O corpo genético é então o corpo [esquadrinhado] da população, corpo atravessado por normas e regularidades, lugar do controle e da formação do eu” (KECK; RABINOW, 2007, p. 85).

No fisiculturismo, os genes são enunciados como um traço distintivo central para os/as atletas desse esporte. Sua inscrição não só incide no corpo de cada homem ou de cada mulher, como penetra em cada grupo muscular, marcando-o com a representação da boa ou da má genética. Silvia Finocchi comentou em sua entrevista que exercita os braços uma única vez na semana, pois tem facilidade de aumentar o volume dos bíceps; como é uma atleta *figure*, não necessita ter essas partes potencializadas no seu limite, por isso, restringe o treinamento desses grupos musculares. Do mesmo modo, contou que começou a competir no fisiculturismo porque o seu professor de musculação observou que as suas pernas adquiriram, em pouco tempo, um bom delineamento, e isso nada mais é do que efeito da sua genética privilegiada para a potencialização do volume muscular. Nesse sentido, Keck e Rabinow (2007, p.89) apontam que “a aparência visível do corpo humano fica assim ligada a uma estrutura invisível cujas ínfimas modificações produzem corpos radicalmente diferentes: fenótipos diferentes, genótipo análogo”.

É possível pensar que o uso de esteróides anabolizantes poderia compensar a frustração do/a atleta que “treina pesado” e não observa os ganhos musculares que deseja. Todavia, não é isso que sugerem os excertos recortados das fontes de pesquisa. Neles percebo que o uso de substâncias químicas para o aumento do volume das fibras musculares é posicionado como um efeito coadjuvante na potencialização muscular. A inscrição genética, o treinamento sério, a alimentação e a suplementação adequadas despontam como centrais na produção do corpo atlético. Como enfatiza uma atleta, “o anabolizante completa o treino porque chega num estágio em que a musculação não dá tanta resposta” (ESTEVÃO & BAGRICHEKY, 2004, p. 20). Em outras palavras, os esteróides anabolizantes são enunciados como aceleradores da construção dos contornos corporais desejados pelos/as atletas, uma vez que a potencialidade da hipertrofia muscular já está inscrita no seu mapeamento genético. Contudo, os discursos ainda enunciam que, se a marca genética falhar, frustrando os sonhos daquele/a que desejava se tornar atleta de fisiculturismo, é possível apagá-la do corpo posicionando a preparação da potencialização muscular no centro das preocupações, acompanhada pela determinação. É fundamental treinar intensamente, incansavelmente, e mais, assumir que será preciso um tempo de preparação maior do que o

daquele/a premiado/a geneticamente. Uma preparação planejada em cada ínfimo detalhe e seguida à risca pode suprir a falta e mudar o “destino” carregado pelos genes. Ou, como lembra Loana Muttoni, “nem sempre os bem dotados geneticamente são os que vencem, mas sim aqueles que superam todas as barreiras até conseguir o que almejam” (JMF, n. 60, 2005).

O uso de esteróides anabolizantes¹⁴⁵ e demais recursos ergogênicos¹⁴⁶ é um tema que gera debates e críticas sobre o fisiculturismo, mas também é controverso em qualquer esporte e espaço social. Utilizar substâncias físico-químicas para manipular o corpo humano com o propósito de melhorar o rendimento esportivo caracteriza aquilo que comumente é conhecido como *doping*¹⁴⁷ no esporte. Méri Rosane Santos da Silva (2005) aponta que instâncias políticas, sociais e econômicas estão envolvidas e movimentam a utilização do *doping* no esporte. Sobretudo, destaca que essa problemática deve ser enfrentada a partir da perspectiva ética e bioética, com preocupações focalizadas na vida humana em todas as suas dimensões. Importa colocar em questão não só o uso de substâncias físico-químicas para potencializar o corpo, mas também o excesso de cargas de treinamento, que “muitas vezes, deixa sequelas para o resto da vida de seus praticantes” (SILVA, 2005, p. 20), sendo que tanto um quanto o outro pode levar à morte.

A abreviação das vidas de atletas do fisiculturismo dificilmente aparece noticiada na mídia. Quando isso acontece, geralmente tem a sua causa relacionada ao consumo de substâncias químicas e aos efeitos colaterais produzidos por elas. Em consulta aos diferentes artefatos desta pesquisa, encontrei um único registro que menciona a morte da atleta brasileira Lucia Helena de Jesus Gomes, de 33 anos, apontando como causa uma hepatite tóxica provocada pelo consumo excessivo de medicamentos. Seus colegas de academia comentavam a utilização que a atleta fazia de medicamentos para emagrecer, os conhecimentos que ela tinha sobre a utilização de hormônios de crescimento e substâncias utilizadas em animais e

¹⁴⁵ Guimarães Neto (2005) apresenta uma lista dos esteróides mais usados pelos/as fisiculturistas, tanto no Brasil quanto no exterior. A seguir, aponto o nome comercial da droga, marcando com um asterisco as substâncias indicadas e utilizadas pelas mulheres e sublinhando as que não são indicadas às atletas: Anabolic Vister*; Anabol, Anavar*, Androxon, Deca-Durabolin, Deposteron, Durateston, Gabormon, Halotestin, Hemogenin, Parabolan, Primobolan*, Proviron*, Testosterona suspensão, Propionato de Testosterona*, Testoviron DEPOT, Winstrol, Equipoise*(droga de uso veterinário), Esiclene (droga injetada no músculo para efeito cosmético).

¹⁴⁶ Outros recursos farmacológicos são utilizados no fisiculturismo para combater os efeitos nocivos dos anabolizantes: Novaldex*, Serofene, Pregnyl ou Profase HCG, Cynomel, GH (hormônio do crescimento), Melatonina (Guimarães Neto, 2005).

¹⁴⁷ O *doping* refere-se à utilização de substâncias ou métodos capazes de aumentar artificialmente o desempenho esportivo, sejam eles potencialmente prejudiciais à saúde do atleta ou à de seus adversários ou contrários ao espírito do jogo. Quando duas dessas três condições estão presentes, pode caracterizar-se um *doping*, de acordo com o Código da Agência Mundial Antidoping (2008, p. 21). No livreto que informa acerca dos usos de medicamentos no esporte, há uma lista de substâncias e métodos proibidos tanto em época de competição quanto fora da temporada. O livreto apresenta também as substâncias que, devido ao uso terapêutico, podem ser permitidas aos atletas, desde que devidamente solicitadas e atestadas por profissionais da medicina. Fonte: www.cob.org.br/pesquisa_estudo/pdfs/Livreto_doping.pdf, capturado em 05/11/2008.

também o uso que ela fazia de insulina para potencializar a sua musculatura¹⁴⁸. Possivelmente o uso concomitante de diferentes substâncias foi o que provocou o óbito da atleta.

Em diferentes momentos da análise das fontes de pesquisa, deparei-me com enunciados que apontam não ser o uso de anabolizantes o único vilão e responsável pelos efeitos colaterais que levam os/as atletas ao óbito. Christiano Galbraith Oliveira indica, em uma matéria publicada no JMF (p. 20, n. 71, 2008), uma escala dos medicamentos utilizados no fisiculturismo, partindo do “pior aos menos pior”. Ele informa que a mais perigosa de todas as substâncias é o diurético, seguido pela insulina, drogas psicotrópicas, analgésicos fortíssimos, o GH e, em último lugar, os esteróides anabolizantes. Nas leituras que fiz de outras matérias publicadas pelo mesmo autor e fisiculturista no JMF, observei que o atleta se posiciona de modo favorável ao uso dos esteróides anabolizantes. Assim como Guimarães Neto, busca em seus discursos atenuar a centralidade que os anabolizantes ocupam no terreno das substâncias proibidas no campo do rendimento esportivo, enunciando esta complexa situação:

Muitos pros (atletas) da IFBB nos EUA e Europa não levam uma vida que podemos chamar exatamente de “limpa” ou regrada. Muitos deles fazem uso em larga escala de psicotrópicos, analgésicos fortíssimos de diferentes tipos, derivados de opiáceos e morfina, drogas recreativas de várias ordens, inclusive bebidas alcoólicas. Então, quando você fica sabendo que fulano de tal, profissional que venceu vários campeonatos, de repente “sumiu do mapa”, o que não se divulga é que o cara se injetava dubáina no banheiro da academia, um dopante para suportar as dores do treino e poder treinar com intensidade; não se divulga que caras como Tom Prince se entupiam de ADVIL para aguentar as dores nas juntas; não se comenta que vários caras são usuários de maconha, cocaína, *ecstasy*, GHB e mais trocentos mil psicotrópicos... e aí, quando o sujeito tem uma cirrose hepática ou falência renal, a culpa recai no abuso de esteróides”!!!

Fonte: Christiano Galbraith Oliveira – Debate antidoping, JMF, p. 19, n. 71, 2008.

As palavras de Christiano indicam o quão complexa é a situação que envolve o uso de medicamentos no esporte, não só para potencializar o volume do músculo, mas também para suportar as intensas e extenuantes sessões de treinamento. Essas preocupações passam ao largo dos discursos que enunciam as representações do corpo no fisiculturismo, em síntese, uma arquitetura que pode ser construída a qualquer preço, não importa os riscos. O corpo nada mais é do que um objeto moldável, efeito dos desejos, da disciplina e dos investimentos que o/a atleta se dispõe a fazer, e é nesse conjunto de possibilidades que o *doping* marca o fisiculturismo. Simultaneamente, o uso de substâncias químicas atravessa as mais diversas

¹⁴⁸ Fonte: O corpo é o limite: morte de campeã de fisiculturismo expõe os riscos do consumo de anabolizantes. Disponível em: www.terra.com.br/istoe/politica/156330.htm, capturado em 21/05/2005.

modalidades esportivas, e mais: além dele, violências e corrupções financeiras acompanham a história dos esportes. Todavia, essas transgressões ocupam lugares de sombra, os quais são protegidos, desviados, ocultados, silenciados e dissimulados por todos/as aqueles/as que, de um ou outro modo, se envolvem com o esporte. Vigarello (2008, p. 477) assinala que

Os membros da sociedade esportiva e seu público tendem, logo, a proteger essas áreas de sombra para melhor protegerem o mito da perfeição do esporte, ou mesmo reforçá-lo. Os incidentes ganham com a notoriedade do esporte, exatamente como ganham os esforços maquiadores para salvaguardar a pureza sobre a qual o esporte pretende fundar-se.

O uso de substâncias para potencializar o rendimento esportivo é uma temática polêmica e complexa que, ao emergir no fisiculturismo, põe em cena diferentes discursos, cujos enunciados polifônicos ora condenam o uso desses medicamentos, ora ensinam a utilizá-los, ora apontam que esse é um problema de todos os esportes, ora destacam o uso controlado dos esteróides. Perscrutando esses discursos, notei que alguns afirmam que, já no século XIX, foi possível produzir corpos volumosos como o de Charles Atlas e Eugene Sandow, sem recorrer a medicamentos; hoje os recursos e aparelhos disponíveis para treinar arduamente, a boa alimentação, a adequada suplementação e a inscrição genética são os meios “naturais” que garantiriam os ganhos musculares necessários aos atletas de fisiculturismo. Há outros enunciados que lamentam o uso que jovens e praticantes de musculação fazem dos esteróides, mas argumentam que, em muitos outros esportes, os recursos ergogênicos também são utilizados e que o fisiculturismo é apenas mais um deles¹⁴⁹. Talvez seja o mais visado socialmente, porque “o culturista carrega o esporte no corpo” (Guimarães Neto, 2008). Por fim, emergiram discursos ressaltando que o uso que atletas de fisiculturismo fazem de esteróides anabolizantes e demais recursos químicos pode ser seguro, desde que utilizem doses e façam ciclos prescritos por endocrinologistas. Daí a necessidade de ensinar o modo correto de utilizá-los, exigindo que os/as atletas tenham pleno conhecimento acerca dos perigos, efeitos produzidos e procedimentos de aplicação ou ingestão¹⁵⁰ dessas substâncias.

¹⁴⁹ Neste outro grupo de pessoas, estão Eugênio Koprowski, José Maria Santarém e Alexandre Mello, que através do JMF têm promovido debates antidoping (ns. 56, 57, 58, 59 e 60 e outros), posicionando-se contrários ao uso dessas substâncias pelos jovens e praticantes de musculação, porém admitindo que alguns/algumas atletas de fisiculturismo fazem o uso controlado de certas substâncias sintéticas. Além disso, o JMF possui uma seção aberta às perguntas de leitores/as sobre o uso de esteróides anabolizantes cujo conteúdo me impressionou diversas vezes pela abordagem despreocupada com que muitos jovens se manifestam acerca do uso desses medicamentos.

¹⁵⁰ Waldemar Guimarães Neto é professor e treinador de atletas. Ensina em alguns dos seus livros, principalmente no *Anabolismo Total* (2005), cuidados a serem tomados pelo/a atleta ou praticante de musculação que deseja utilizar alguma substância sintética para potencializar a musculatura, abordando os tipos e combinações de medicamentos que podem minimizar os efeitos colaterais produzidos por determinados

Todo atleta tem que usar os ergogênicos de forma racional. Tem que ter um profissional específico para orientar. É uma coisa séria, na academia não deve ser usado. Ele é somente um auxiliar para alcançar o objetivo e, às vezes, não precisa.

Fonte: Gal Ferreira – atleta *fitness figure*. Videochat – outubro de 2007.

(...) não aprovo o uso indiscriminado de nenhuma droga, nem desejo incentivar ninguém a fazê-lo, mas eu pessoalmente posso afirmar que utilizo ciclos de esteróides anabólicos há quase vinte anos e ainda não morri.

Fonte: Waldemar Guimarães Neto – treinador de atletas. Disponível em: www.animalbombado.com capturado em 04/11/2008.

Uma coisa me incomoda, me entristece muito e, ao que parece, não tem solução. É o uso desenfreado das drogas no meio esportivo, principalmente entre os não atletas. São meninos que morrem, se mutilam ou transformam-se em aberrações, acreditando na falsa promessa de transformar os seus corpos à custa de pílulas, comprimidos e seringas.

Fonte: Eugênio Koprowski, JMF, p. 20, n. 56/2005.

A atleta Simone Moura apontou uma questão-chave que fortemente relaciona o fisiculturismo à manipulação dos limites do corpo quando disse: “(...) se a metade dos esportes profissionais envolve drogas, no fisiculturismo está muito na cara. Este é o problema¹⁵¹”. César Sabino (2002) produziu um estudo acerca do uso de anabolizantes por homens e mulheres fisiculturistas, apontando que os esteróides foram introduzidos nessa modalidade esportiva na década de 1950, passando a ser utilizados por atletas dos demais esportes nos anos 60. Desde então, o número de drogas tem aumentado, assim como o seu uso tem ultrapassado os limites esportivos e adentrado outros espaços sociais, não só para melhorar o rendimento do corpo, como também para potencializar a própria aparência. Nessa perspectiva, não há como negar o lugar central que essas substâncias assumem na construção do corpo do/a atleta do fisiculturismo, e talvez a ênfase dos discursos esteja mais na profanação desses usos e menos na necessária aprendizagem para utilizá-los adequadamente, atentando aos riscos para a saúde e aos testes antidoping, como sugere o fragmento abaixo:

É um fato que muitos atletas utilizam recursos como drogas elevadoras do metabolismo e diuréticos, na fase próxima às competições. A advertência a fazer é que tomem cuidado com a saúde e com os exames antidoping.

Fonte: Fábio Gianola – Arbitragem – Disponível em: www.jmfbrasil.com.br/, capturado em: 12/02/2008.

esteróides no organismo humano. Além disso, o *site* www.animalbombado.com.br também oferece informações e dicas acerca dos procedimentos e uso dessas substâncias.

¹⁵¹ Simone Moura – atleta *Figure* - Debate sobre o tema antidoping – JMF, n. 60, 2005.

Essas palavras lembraram-me de algumas linhas escritas em nota de rodapé por Fraga (2001, p. 66), sublinhando que um atleta surpreendido no exame antidoping é “tratado como um vilão por burlar a ética do jogo: preparar-se inadequadamente para o exame *antidoping*”. Guimarães Neto (2005) adverte sobre a importância de saber “ciclar”, isto é, utilizar as substâncias adequadamente em cada fase de preparação.

O uso de esteróides anabolizantes está dividindo espaços com outras substâncias que foram introduzidas no fisiculturismo, entre as quais estão a insulina, os diuréticos e óleo para aplicação intramuscular¹⁵². O uso desta última substância indica que os limites das intervenções realizadas no corpo já foram há muito tempo ultrapassados. Ao finalizar esta seção, concordo com as ideias de Alexandre Vaz (2005, p. 34) quando enuncia:

O doping parece ser, sobretudo, uma questão técnica para o esporte de alto rendimento. Não parece fácil responder por que é lícito fazer cirurgia plástica para aumentar a beleza, mas não intervir cirúrgica ou quimicamente para aumentar a performance esportiva, sobretudo se for considerada a tolerância da violência contra o corpo, as agressões somáticas e psicológicas dos treinamentos e competições. Podemos seguir sem resposta, mas seria interessante se nos ocupássemos da pergunta, ou talvez tenhamos que reconhecer que a vida humana nem sempre poderá ser defendida como um valor supremo.

As discussões acerca do *doping* são complexas e envolvem diferentes instâncias. Pelo que observei nos discursos produzidos no fisiculturismo, os embates entre aqueles/as que são favoráveis e aqueles/as que são contra o uso de substâncias para potencializar a musculatura estão distantes de chegar a um ponto consensual. Todavia, penso que a perspectiva da ética e da bioética, discutida por Santos da Silva (2005, p. 20), pode indicar um caminho a essa delicada questão, onde acima de tudo importa que o esporte de rendimento “respeite o próprio homem e não busque superá-lo ou transcendê-lo”.

A seguir, as imagens e os textos analisados indicam o modo de exibição dos corpos femininos nas quatro modalidades de disputa nos campeonatos de fisiculturismo. Para dar conta desse propósito, apresento a teatralização das gestualidades e examino as poses e as dramatizações que as atletas produzem para visibilizar as suas arquiteturas corporais potencializadas.

¹⁵² “Atualmente existem drogas que são aplicadas em locais específicos, como bíceps braquial, tríceps braquial, vasto lateral, deltóides e gastrocnêmios, comercializadas com nomes como Synthol, ADE, Esicleine, etc. Elas causam um inchaço local, aumentando o músculo onde são aplicadas. Desconhecem-se seus efeitos a longo prazo, mas há suspeita de poderem vir a gerar uma necrose local. O que sabemos é que existem muitos atletas que estão abusando desta prática pela ganância de vencer”. Fonte: Fábio Gianola – Arbitragem. Disponível em: www.jmfbrasil.com.br/, capturado em 12/02/2008.

2.5. A teatralização das gestualidades



Imagem 41 - Registrada no campeonato da NABBA/Internacional na categoria Figure II.
Disponível: <http://www.nabba.com.br/fotos2a.asp>, capturado em 20/03/2008

“Gestos medidos, gestos pensados, gestos contidos” (SOARES, 2001, p. 60) constituem e marcam a construção da gestualidade produzida para exibir, de um modo muito peculiar, os corpos no fisiculturismo. A imagem acima sugere que cada ínfimo instante emerge assinalado em posições e posturas corporais que buscam assegurar no gesto uma representação singular, no caso, da vitória. Com troféus aos pés e braços ao alto, a imagem dessas seis mulheres enuncia mais do que uma conquista, e seus gestos significam mais do que pensam falar. Se, por um lado, essa imagem traduz a representação do esporte moderno, que desponta como “um campo de disputa e de reafirmação de um corpo que, pelo seu esforço pessoal, atinge a glória” (GOELLNER, 2005, p. 66), por outro, representa as lutas e as resistências das mulheres à produção da naturalização da sua fragilidade, docilidade, fraqueza e recato. A imagem de consagração dos corpos femininos muscularmente potencializados posiciona as mulheres como sujeitos da sua história. Mas, simultaneamente, silencia os sofrimentos, dedicação, sacrifícios, lesões, ingestão de substâncias nocivas ao organismo e investimentos de diferentes ordens que também constituíram a preparação dos corpos e a pedagogização das gestualidades aprendidas para fazer aparecer o músculo tonificado.

Essa imagem registra a finalização de um árduo trabalho, muitas vezes, fruto de um investimento de muitos anos, às vezes de mais de uma década, principalmente na modalidade *physique*. Os campeonatos organizados pela CBCM e pela NABBA/Brasil, as duas entidades que representam e movimentam o esporte no país, nas competições que promovem utilizam regras e procedimentos que, em muitos momentos, se assemelham e se aproximam, mas que, em alguns aspectos pontuais, se afastam. Considerando as regularidades e as dissonâncias, este enunciado examina a teatralização das gestualidades produzidas pelas atletas no momento em que se apresentam no palco, com o propósito de visibilizar as suas arquiteturas corporais construídas conforme as exigências das modalidades que constituem o fisiculturismo feminino.

Essa exibição dos corpos exige a aprendizagem de um minucioso processo que implica conhecer cada milímetro da musculatura potencializada, buscando utilizar gestos, movimentos, expressões e contrações musculares que melhor visibilizem os contornos de cada feixe de fibras musculares, minuciosamente fabricados no período de preparação para as competições. Como bem lembra Carmen Soares (2003, p. 16),

Para ser exibido, o corpo precisa ser educado, e esta educação percorre caminhos múltiplos e elabora práticas contraditórias, ambíguas e tensas. Educar o corpo para ser exibido significa prescrever, ditar, aplicar fórmulas e formas de contenção, tanto de necessidades fisiológicas – contrariando, assim, a “natureza” -, quanto de velhos desejos. São distintos atos de conhecimento e não apenas a palavra o que constitui esta educação diuturna e intermitente.

Esse excerto auxilia-me a pensar que a produção da atleta do fisiculturismo, em qualquer modalidade, exige um duplo investimento na educação corporal. É preciso, primeiramente, aprender os processos que envolvem a construção da potencialização muscular – por exemplo, aprender os movimentos utilizados nos aparelhos de musculação para exercitar cada músculo; uma segunda etapa envolve a gestualidade que faz o músculo aparecer e que, por sua singularidade, identifica o esporte. Essas duas etapas constituem um mesmo processo e se complementam, pois de nada adianta produzir o músculo se ele não for mostrado da melhor maneira possível. Essa dupla aprendizagem marca fortemente os corpos e produz sobre eles diferentes representações.

Nesse sentido, acolho as reflexões produzidas por Courtine (1995, p. 82) quando aponta que os fisiculturistas se destacam em meio à multidão, com um modo peculiar de se deslocar: “braços afastados, cabeça enfiada no pescoço, peito abaulado, rigidez, balanço

mecânico. [...] O músculo marca. Ele é um dos modos privilegiados de visibilidade do corpo no anonimato urbano das fisionomias”. Não há dúvidas de que o músculo potencializado, evidente, volumoso, se constitui numa assinatura singular em meio à multiplicidade nas grandes e pequenas cidades. Mas interessa-me pensar esse corpo no campo esportivo, num contexto em que as disputas não são decididas em performances marcadas pelo mais alto, mais longe, mais rápido, maior número de pontos e gols.

Inspirando-me em Christian Pociello (1995), sublinho que os gestos de força e energia comuns a muitos esportes, no fisiculturismo, são substituídos pela singularidade das gestualidades, posturas e breves movimentos, nos quais a contração muscular faz o músculo aparecer. Argumento que em todo e qualquer esporte há algum tipo de investimento – num sentido amplo - para potencializar o corpo; assim, o fisiculturismo constitui-se também pelo modo peculiar de mostrar, no passado e no presente, os efeitos dos diferentes investimentos na construção da arquitetura muscular. A respeito da exibição, as fontes apontam:

A apresentação é mostrar de forma vantajosa a habilidade de posar, postura, projeção e presença de palco. São partes importantes da apresentação: tom de pele, preparação e traje de poses.

Fonte: www.nabba.com.br, capturado em 19/05/2005

Quanto mais envolvente, dinâmica e intensa for a sua presença no palco, melhor. Fazer o show é característica dessa modalidade e é isso que diferencia de uma atleta de ginástica olímpica ou aeróbica, não basta ser uma “máquina de fazer elementos difíceis”, tem que transmitir emoção para as pessoas, e esse é o encanto.

Fonte: Entrevista com Loana Muttoni, publicada no JMF, p. 11, n. 60, 2005.

A análise desses excertos chama a atenção para os cuidados e os efeitos que uma atleta precisa ter e produzir em sua apresentação, o que exige transbordar o gesto técnico e mecânico e produzir significados no seu modo de exhibir o corpo. Para transmitir emoção, vale surpreender, envolver, capturar e aprisionar os olhares dos espectadores. Afinal, a atleta não está somente exibindo o seu corpo – ao mesmo tempo, ela se comunica por meio dele e de sua gestualidade, ou seja, seu corpo é o próprio espetáculo. Goellner (2003) sugere que, de uma perspectiva histórica, múltiplos foram e são os discursos e as intervenções cultural e socialmente produzidas com vistas a educar os corpos femininos de modo a “atrair sobre si o olhar do outro”. No fisiculturismo, as mulheres, assim como os homens, apropriam-se da gestualidade produzida no esporte e buscam marcar fortemente a sua apresentação com tonalidades singulares a fim de individualizar a sua exibição.

Não é só o seu físico que está sendo avaliado; é o seu físico como você o apresenta aos juízes. [...] Posar pode ser uma ferramenta para chamar a atenção para os seus pontos fortes e para esconder as suas fraquezas. Poses diferentes para a mesma parte corporal tendem a enfatizar diferentes qualidades de todo o corpo. Por exemplo, certas poses chamam a atenção para a massa, outras para a simetria; uma pode exibir os tríceps mais eficazmente, outras o seu deltóide.

Fonte: Schwarzenegger, Arnold. *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*. 2006, p. 568.

O corpo precisa ser educado para produzir essas “curiosas posturas”, como chamou Courtine (1995). Nesse processo, as fontes insistem que o/a atleta precisa conhecer intimamente o seu corpo para aprender a fazer as poses básicas e então escolher aquelas que causam maior efeito visual na sua exibição. O/A atleta tem que controlar a sua musculatura e aprender a posar utilizando o melhor ângulo para expor publicamente aqueles grupos musculares que estão ajustados às exigências do esporte. Para isso, vale procurar o auxílio de outro/a atleta que tenha experiências em competições para avaliar e escolher as poses de melhor efeito. Schwarzenegger (2006) ainda recomenda que os/as atletas assistam ao maior número de disputas possível e que analisem fotografias de outras pessoas posando, pois isso pode inspirar boas ideias. A partir desses materiais, seja individualmente ou na companhia de outros/as atletas, é preciso posicionar-se em frente ao espelho e reproduzir exaustivamente essas gestualidades, tal qual se faz com um gesto técnico de uma modalidade esportiva qualquer. Silvia Finocchi também destacou a produção das poses em sua entrevista:

Eu tenho uma facilidade grande para posar, eu acho que veio da dança, já fui professora de *street* e axé, já fiz *ballet* e capoeira. Quando eu comecei a posar lá no início, as pessoas falavam que eu posava bem, então eu escolho pelas fotos e revistas. Ou então, ao assistir aos campeonatos, procuro melhorar os ângulos para mim, porque uma pose que fica bem para mim pode para outra não ficar bem. Então, a gente vai vendo o que fica melhor.

Fonte: Silvia Finocchi – atleta *figure* - Entrevista realizada com a pesquisadora em 07 de abril de 2008.

A IFBB e a NABBA/Internacional sugerem que a estrutura das competições seja adaptável às condições materiais e humanas de cada país e evento, levando em consideração o número de competidores/as e o nível do campeonato. A primeira indica uma avaliação preliminar quando houver mais de 15 competidoras em cada categoria; a segunda sugere que as disputas sejam divididas em provas prévias e finais. Isso acontece em campeonatos nacionais ou internacionais, onde uma avaliação mais detalhada implica distintas classificações das atletas. De qualquer modo, as atletas das quatro modalidades fazem três

entradas no palco, exibindo-se em conjunto, individualmente e em grupos, confrontando-se. Essas três etapas são assim identificadas: a) etapa 1: as atletas fazem o quarto de voltas; b) etapa 2: as atletas fazem a sua rotina individual com poses e/ou coreografia; c) etapa 3: as atletas são chamadas ao palco para fazer poses de comparação entre elas. Há pequenas diferenças nas etapas entre as modalidades. Possivelmente a mais marcante seja o volume muscular, conforme apontou em sua tese Adriana Estevão, (2005). De qualquer modo, essas diferenças serão chamadas ao texto toda vez que se mostrarem produtivas às descrições e análises.

A abertura das disputas acontece com uma apresentação geral das atletas, em que elas exibem sua arquitetura corporal. Dependendo do número de inscritas, essa exibição pode ser em pequenos grupos. As regras que orientam esses procedimentos indicam que as participantes devem entrar no palco em ordem numérica e em fila única. Posicionadas no centro do palco, elas são instruídas pelo/a presidente da equipe de arbitragem a realizar uma série de movimentos que compõem o chamado “quarto de voltas”. A visualização do grupo de atletas permite aos avaliadores fazerem uma análise geral das competidoras, atentando para as arquiteturas corporais que mais se aproximam daquilo que a modalidade exige, observando a simetria dos seus contornos corporais de frente, de costas e de ambos os lados. As gestualidades realizadas em cada $\frac{1}{4}$ dessas voltas sugerem que a posição seja relaxada. Para essa apresentação, as atletas vestem biquíni e usam salto alto, com exceção daquelas da modalidade *physyque*, que não utilizam calçados durante a sua apresentação. Estevão (2005) aponta que essa disposição lembra fortemente um desfile de beleza, evento semelhante aos concursos de Miss, em que diferentes etapas são cumpridas para que seja escolhida a mulher que reúna predicados como: beleza, simpatia e desenvoltura. Nas competições de fisiculturismo, elege-se aquela que possui uma boa simetria muscular, proporção e harmonia corporal e que sabe exibir dramaticamente as suas qualidades.

No *site* da Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação, há uma descrição desses movimentos. Desse lugar pincei o detalhamento que constitui parte de tal movimentação.

Quarto de Volta para a Esquerda: Em posição ereta e relaxada, cabeça e olhos voltados para a mesma direção do corpo, tornozelos unidos, pés inclinados para fora em ângulo de 30°, joelhos unidos e não arqueados, “barriga para dentro”, “peito para fora”, ombros para trás, braço esquerdo relaxado e levemente atrás da linha central do corpo e uma semi-flexão do cotovelo, dedos unidos, palma da mão voltada para o corpo, mão levemente côncava, braço direito relaxado e levemente a frente da linha central do corpo e uma semi-flexão do cotovelo, dedos unidos, palma da mão voltada para o corpo, mão levemente côncava. O posicionamento dos braços irá causar uma leve rotação da parte superior do corpo para a esquerda com o ombro esquerdo mais abaixado e o ombro direito mais levantado. Isto é normal e não deve ser exagerado. Esta é uma posição relaxada. Flexionar os músculos é proibido. As competidoras que errarem em adotar a posição apropriada receberão um aviso e pontos serão retirados de sua pontuação.

Fonte: www.cbcm.com.br/regras, capturado em 20/04/2007.

Tanto o excerto acima quanto as imagens reproduzidas na próxima página sugerem um minucioso esquadramento corporal em que cada mínimo movimento é calculado e requer a aprendizagem de um modo específico e correto de execução. Aplica-se à gestualidade utilizada nas diferentes modalidades do fisiculturismo o que Soares (2001, p.60) assinalou em um dos seus trabalhos: “O não-esbanjamento das forças e a sua distribuição adequada no tempo e no espaço são aprendizagens ditadas pelo lugar (...) ocupado”. Assim como qualquer sujeito em qualquer função, os corpos das atletas “aprendem a gestualidade que lhes é permitido [e exigido] aprender”.

Observemos abaixo o registro dessa etapa, capturado numa sequência de três imagens produzidas numa competição de atletas da categoria Figure II, no Miss Universe da NABBA/Internacional, realizado em 2007 em Southport/Inglaterra. Entre as atletas, destaco, da direita para a esquerda, as brasileiras Viviane Romaguera e Andréa Carvalho.



Imagens 42 – As fases do quarto de volta realizado no Ms. Universe da NABBA em 2007.
Fonte: www.nabba.com.br, capturado em 12/12/2007.

Para essa exibição, as atletas partem de uma exposição frontal e giram para a direita até retornarem à posição inicial. As normas da competição ensinam que os corpos, após movimentar $\frac{1}{4}$ do giro, devem assumir uma posição relaxada, e a contração que avoluma o músculo é proibida. Todavia, não é isso que essas imagens ilustram. Com a competição entre as atletas já instalada, o que se observa são anatomias retesadas e avolumadas, cujo posicionamento e desenhos musculares afastam a produção de sentidos que pudessem inscrever, ainda que levemente, o descanso e o abrandamento nesses corpos. Olhar uma arquitetura corporal em que os músculos foram exaustivamente treinados para hipertrofiar já antecipadamente exclui representações que lembrem o repouso, a suavidade, a amenidade. Nas disputas esportivas, não há espaço para atenuar a musculatura, como querem as normas. No esporte de alto rendimento, principalmente, o que vale é avançar os limites das regras. Como diz Vigarello (2008, p. 478), “o mundo esportivo, para responder às expectativas [do espetáculo] deve ir até o extremo (...) para provocar excitação, deve beirar o excesso (...) flertar com a trapaça, o abuso”.

Essa dissonância entre as imagens e as normas, assim como a expressão facial das atletas, que parece querer disfarçar o enrijecimento do corpo, aponta que os limites que o esporte impõe estão sendo alargados a todo momento e que suas fronteiras são elásticas, pois os interesses que o movem são distintos. O fisiculturismo, como uma modalidade esportiva, também é constituído em meio a relações de poder e atravessado pelas instâncias econômicas, políticas e culturais. Numa competição em que os músculos – cujas medidas são comparadas e disputadas – são matematizados a olho nu, parece não haver tempo a perder. Burlar e silenciar as regras do jogo, essa é a jogada.

A aproximação dos discursos textuais e imagéticos aponta para a constituição da primeira etapa das disputas, portanto, todas as atletas precisam incorporá-la. No entanto, surpreenderam-me alguns desencontros no que diz respeito à pedagogização dessa gestualidade. Explico: enquanto o excerto pinçado das regras e acima reproduzido indica que a movimentação que aciona o quarto de voltas é realizada para o lado esquerdo, nas imagens que prescrevem o detalhamento dessa exibição e nos campeonatos a que assisti, encontrei esse deslocamento realizado para a direita. Aos olhares distanciados desse tema, isso pode parecer apenas um mero lapso que passa despercebido, dada a irrelevância que possui num contexto geral da competição. Porém, ao assistir a alguns campeonatos, observei a dúvida que os/as atletas manifestam nesse momento: titubeiam para um lado e para outro, fazem a movimentação para o lado oposto ao solicitado, alguns fazem uma volta de 360° , às vezes parecem confusos/as e olham para os/as outros/as atletas. Essas distintas manifestações

produzem efeitos diversos na plateia. Enfim, tendo em vista que a aprendizagem dessa movimentação é central para a exibição dos/as atletas, observa-se que as instituições que estruturam o esporte pouco se preocupam com essas questões. Assim, a educação do corpo fica sob responsabilidade do/a atleta, que o educa a partir das referências de outros/as atletas que possuem experiências na modalidade, conforme aponta o excerto abaixo.

Até me lembro que, quando comecei a treinar as poses compulsórias, os quartos de volta (eu não tinha nem noção!) a primeira pessoa a me ajudar foi a Flavia Crisos, atleta Figure, da NABBA. Ela me passou uma vez, e eu peguei de cara, graças à bagagem que já tinha da dança.

Fonte: Entrevista com Gal Ferreira.

Disponível em: <http://www.bodybuildingbrazil.com>, capturado em: 04/04/2008

Quando há mais de 15 concorrentes na primeira etapa, é necessário fazer uma seleção de atletas. Essa classificação acontece por meio da associação entre uma avaliação coletiva e uma avaliação individual, esta última realizada a partir de confrontos de poses entre as atletas. Nessas disputas, elas são chamadas em grupos de cinco ou seis ao centro do palco e realizam o quarto de voltas, quando a equipe de arbitragem avalia a simetria corporal, os contornos e a proporção de cada desenho muscular. Por fim, a equipe observa a aparência geral do corpo, dirigindo o olhar ao tom de pele e à vestimenta utilizada¹⁵³. Retirei um fragmento da entrevista de Gal Ferreira, atleta de *fitness*, quando fala dessa seleção, realizada num campeonato internacional:

Aí, no primeiro *round*, já começou a surpresa: existem os confrontos para classificar as quinze. E a gente sabe que, quanto mais vezes você é chamada para confrontos, mais possibilidades você tem de se classificar. E eu fui praticamente a todos os confrontos. Quando, enfim, acabou aquela hora e meia - eu já saí derretida e desidratada do palco (risos) - eu tinha esperança de ficar entre as quinze. Não seria por nada aquela quantidade de confrontos. Na hora mesmo, nos bastidores, o fiscal já vem e fala quem fica, quem sai, já te dá os parabéns, já dispensa as outras... E eu fiquei na fila das quinze.

Fonte: Entrevista com Gal Ferreira.

Disponível em: <http://www.bodybuildingbrazil.com>, capturado em: 04/04/2008

Ao analisar as fontes de pesquisa, percebi ainda que, no fisiculturismo, os longos anos de experiência se constituem como uma marca que dá credibilidade e reconhecimento aos/às atletas para a exibição de sua gestualidade. Dez, quinze ou vinte anos de imersão no esporte

¹⁵³ Os discursos que envolvem a aparência das atletas serão examinados no enunciado intitulado “As feminilidades produzidas no fisiculturismo”.

representam a mesma medida em potencialização muscular, produção de um saber-fazer a construção do corpo e incorporação de habilidades para posar que envolvem não só a aprendizagem do repertório de gestualidades, mas também dizem sobre como se portar no momento das disputas no palco. Esse tempo autoriza atletas a instruírem os/as demais acerca do “como fazer” e também quanto ao que valorizar e como tirar proveito nessas disputas.

Essa ideia estampa as imagens acima registradas no quarto de voltas. Percebe-se que, enquanto aquelas que ocupam a frente e o centro do palco se posicionam assumindo a gestualidade da etapa, as que estão ao fundo se mantêm atentas, esperando o seu momento chegar. Aguardar na linha de fundo não significa que este seja um espaço para relaxar, mas sim para continuar mantendo a postura, visto que é do conhecimento das atletas que elas estão em fase de avaliação, e manter a pose representa o domínio do controle muscular, algo fortemente observado pela equipe de arbitragem. Estar no palco representa posar durante todo o período que compreende a etapa, por isso as/os competidoras/es devem se preocupar em manter o corpo reto e não permitir que a postura corporal “desmorone” e que a linha abdominal possa se salienta¹⁵⁴.

Arnold Schwarzenegger comenta que é fundamental que as/os atletas não só saibam executar os movimentos com perfeição, como também aprendam a sustentar suas poses diante da equipe de arbitragem. Ele insiste que o/a atleta precisa ter resistência para ficar posando por vários minutos em pré-julgamentos que podem levar horas. Para isso, ensina:

No seu treinamento de poses, não só execute as poses alguns segundos e relaxe. Sustente-as até que doa, depois sustente um pouco mais – este é o momento da fadiga, de ter câibras musculares, de sofrer de modo que as suas poses na competição sejam suaves, competentes e poderosas. Mantenha-a por pelo menos 1 hora a cada dia, até mais quando se aproxima da competição. Você vai ficar feliz de ter feito isso quando estiver no palco.

Fonte: Schwarzenegger, Arnold. *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*, 2006, p. 590 e 593.

Manter a postura no decorrer de todas as etapas competitivas também exige uma detalhada preparação, uma vez que no palco não há espaços para anatomias desalinhadas (Soares e Fraga, 2003); quando elas ousam emergir, são punidas com perda de pontos ou desclassificações, e seus desajustes são utilizados como critério de desempate. No

¹⁵⁴ Essa alusão refere-se às protuberâncias abdominais, produzidas pelo hormônio do crescimento, que, mesmo sendo proibido no esporte, é utilizado por atletas que desejam incrementar sua potencialização muscular. Segundo Guimarães Neto (2005), o GH, como é conhecido, é um dos medicamentos mais comentados no interior do fisiculturismo, porém acessível a poucos em decorrência da dificuldade de obter a substância e do alto custo produzido pelos procedimentos de seu armazenamento. O medicamento age ao estimular o desenvolvimento ósseo e da massa magra, além de queimar gorduras.

fisiculturismo feminino, constituem anatomias desalinhas: flacidez, gordura, magreza excessiva e volume muscular exacerbado. Mas há outras marcas corporais que também precisam ser evitadas, escondidas, corrigidas, amenizadas e maquiadas. Uma das fontes de pesquisa assinala:

Defeitos de coluna, como escoliose (desvio lateral da coluna); hipercifose (corcunda, acentuação da região torácica); hiperlordose (acentuação da região lombar); problemas posturais de joelho, como geno valgo (joelho em X) e geno varo (joelho em O); manchas, tatuagens (considera a tatuagem como um defeito de pele); cicatrizes, varizes, ginecomastia, tom de pele muito branco.

Fonte: Prof. Fábio Gianolla. www.jmfbrasil.com.br/arbitragem.asp, capturado em 05/08/2007.

Esses discursos resultam num saber que opera não só ensinando como produzir corpos para cada modalidade esportiva, como também sugerindo estratégias para camuflar aquilo que diferencia e classifica negativamente os corpos. Em busca da perfeição corporal, faz-se necessário disfarçar tatuagens, evitar posturas que visibilizem os problemas de coluna, fazer bronzeamento artificial, remover manchas e varizes. Enfim, a potencialização muscular emerge como uma das ações constituídas de uma série de outros investimentos necessários para produzir determinada arquitetura corporal em que não é só o volume, a definição e a simetria corporal, reunidos num só corpo, que podem ou não posicionar o/a atleta no centro da hierarquia esportiva.

A segunda etapa nessa escalada constitui a rotina individual, ou poses livres, oportunidade em que os/as atletas exibem ao seu modo a sua arquitetura corporal produzida. Ao som de uma música preferida, o/a atleta pode utilizar entre 60 e 90 segundos para exibir a sua coreografia. Com novos trajes e descalças no *physique* e *figure*, calçando tênis no *fitness*, as atletas exibem os seus melhores ângulos corporais e abusam de movimentos de força e energia ou sensuais e graciosos. Esse é o momento em que a atleta imprime a sua autoria na visibilidade da sua potencialização muscular. Um excerto extraído de uma das fontes indica:

Nessa rodada, você executa a sua própria rotina de poses com a sua escolha musical. Você executa as poses que são mais elogiadas, do modo que melhor exiba o seu corpo, enquanto ao mesmo tempo disfarça estar evitando mostrar alguma parte do seu corpo. Na própria rotina de poses, você pode executar qualquer pose que deseje – poses com giros, poses ajoelhadas e com afastamento das pernas, belas poses estéticas ou eminentemente musculares. [...] Aqui é onde você deixa a sua personalidade e criatividade brilharem. Você pode parecer potente, confiante, energético e imaginativo – ou apagado, previsível e cansativo. Tudo depende de você.

Fonte: Schwarzenegger, Arnold. *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*, 2006, p. 579 e 580.

A rotina individual constitui-se num momento aguardado pelos espectadores, tendo em vista que as atletas que competem se esmeram em produzir efeitos na sua exibição, medindo cada gesto e calculando a mínima expressão singela. Colhi singularidades acerca do gestual utilizado no *physique*, *figure* e *fitness*; sobre as modalidades *toned* ou *wellness* ainda não há regras, apenas fontes imagéticas registrando as disputas. Ao analisar as orientações esportivas produzidas para cada modalidade, percebi, mais uma vez, um silenciamento no que diz respeito àquilo que individualiza a modalidade *physique*. As fontes insistem em dizer que, nas competições femininas, se utilizam os mesmos procedimentos que orientam as disputas masculinas.

Para pensar essas e outras questões, trouxe para o texto recortes que instruem as atletas de cada uma das modalidades. Primeiramente, reproduzo a pedagogização em torno da constituição da *physique*.

Physique: Na segunda etapa, o atleta deve buscar realizar suas melhores poses para criar uma boa impressão para os árbitros. Não esquecendo que é norma e que a rotina deve conter as sete poses de confronto. O competidor deve direcionar a rotina de poses para o corpo de arbitragem.

Disponível em <http://www.nabba.com.br>, capturado em 19/05/2005.

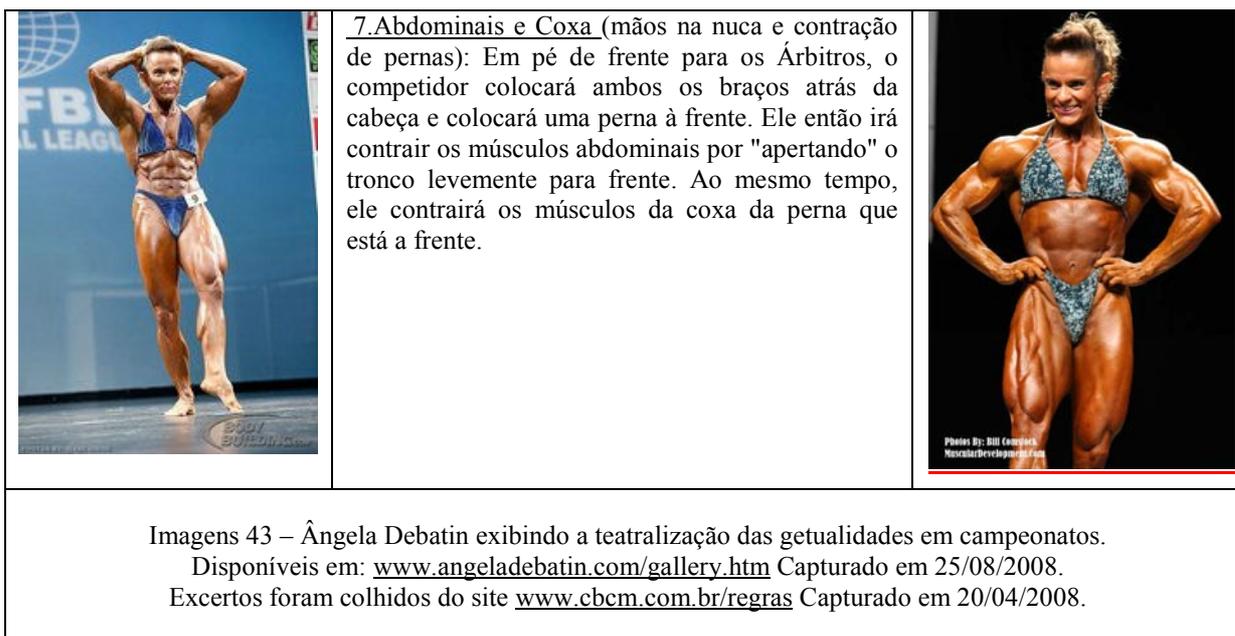
Esse excerto sugere que o referente é o homem nessa modalidade e que a mulher precisa, nesse caso, tomar para si o que para ele está dito. Isso acontece em muitas fontes pesquisadas. Exemplos disso são os fragmentos colhidos da *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*, elaborada por um fisiculturista e marcada pela representação masculina. No entanto, ao investigar atentamente as especificidades de cada modalidade, percorrendo os seus rastros, observo que a *physique* é a menos falada, enquanto que a *figure* e a *fitness* são discursivamente produzidas e melhor posicionadas na hierarquia esportiva. Percebo que, em alguns casos do fisiculturismo brasileiro, o volume muscular das atletas do *physique* marca a modalidade, inscrevendo-a como um espaço marginal, visto que a sua exclusão de algumas competições parece sinalizar esse lugar “fora do centro” que ela ocupa. Inspirando-me em Louro (2003), penso que a centralidade da potencialização muscular superlativa é masculina e, quando a mulher se aproxima e põe em questão essa representação, desacomoda e desorganiza aquilo que os sujeitos (homens) que estão no centro se esforçam para unificar e estabilizar. Em outras palavras, as mulheres podem potencializar os seus corpos, desde que não perturbem ou roubem o lugar ocupado pelos homens. Afinal, “a posição central é

considerada a posição não problemática; todas as outras posições de sujeito estão de algum modo ligadas – e subordinadas – a ela” (LOURO, 2003, p. 44).

O excerto acima foi produzido com uma linguagem direta e sintética, indicando que a atleta deve buscar valorizar, através de suas poses, aquelas que melhor exibam a sua potencialização muscular. Nas imagens registradas abaixo, apresento, na coluna da esquerda, as poses obrigatórias; na do meio, a sua descrição; e, na da direita, parte do gestual criado pela atleta.

	<p><u>1. Duplo bíceps frontal</u> (de frente): Em pé de frente para os Árbitros, com as pernas e pés alinhados e uma curta distância entre eles, o competidor levantará ambos os braços até o nível dos ombros e vai contrair [a musculatura] até os cotovelos. As mãos devem estar cerradas e voltadas para baixo de modo a causar uma contração dos músculos do bíceps e antebraço, que são os principais grupos musculares que serão avaliados nesta pose. Além disso, o competidor deve tentar contrair os outros músculos tanto quanto possível para os Árbitros examinarem todo o físico, da cabeça aos pés.</p>	
	<p><u>2. Expansão Dorsal Frontal</u> (de frente): Em pé de frente para os Árbitros, com as pernas e os pés ligeiramente distantes, o competidor posicionará as mãos abertas ou punhos cerrados, contra, ou presas, na parte inferior da cintura ou abdominal oblíquos e irá expandir os músculos grande dorsal (latissimus). Ao mesmo tempo, devera tentar contrair o tanto quanto possível os outros músculos frontais.</p>	
	<p><u>3. Peito Lateral</u> (melhor lado): O competidor pode escolher um lado para esta pose, além de mostrar o "melhor" braço. Ficará em pé com seu lado direito ou esquerdo voltado para os Árbitros e dobrará o braço com o punho cerrado e com a outra mão, segurar o punho. A perna mais próxima dos Árbitros será flexionada no joelho e repousará sobre os dedos. O competidor então irá expandir o peito, mas sim pela pressão para cima do braço flexionado contrairá o bíceps tanto quanto possível. Também contrairá os músculos da coxa, em particular, o grupo bíceps femoral, e pela pressão para baixo nos dedos do pé, mostrar os músculos da panturrilha contraídos.</p>	

	<p>4. Duplo Bíceps Posterior (de costas): Em pé de costas para os Árbitros, o competidor flexionará os braços e os punhos como na pose Duplo Bíceps Frontal, e colocará um dos pés para trás, repousando sobre os dedos. Ele então contrairá os músculos dos braços como também os músculos dos ombros, parte superior e inferior das costas, coxas e panturrilhas.</p>	
	<p>5. Expansão Dorsal Posterior (de costas): Em pé de costas para os Árbitros, o competidor colocará as mãos no quadril com os cotovelos mantidos abertos e um dos pés repousando sobre os dedos. Ele contrairá o grande dorsal (latíssimos dorsal) tão aberto quanto possível e mostrará uma contração da panturrilha por pressionar a parte de trás dos dedos no solo. O competidor deve fazer um esforço para mostrar a panturrilha oposta que foi mostrada durante a pose de Duplo Bíceps Posterior assim o árbitro poderá avaliar ambas as panturrilhas igualmente.</p>	
	<p>6. Tríceps Lateral (melhor lado): O competidor pode escolher um lado para esta pose para assim mostrar o "melhor" braço. Em pé com seu lado esquerdo ou direito voltado para os Árbitros, colocar ambos os braços para trás, ou unir os dedos ou segurar na frente do braço pelo punho com a parte posterior da mão. A perna mais próxima dos Árbitros estará flexionada no joelho e com planta do pé repousando no solo. O competidor exercerá pressão contra a parte frontal do seu braço, causando uma contração do músculo tríceps. Ele irá também levantar o peito e contrair os músculos abdominais como também os músculos da coxa e da panturrilha.</p>	



Numa apresentação de até 90 segundos, a atleta realiza a sua rotina de poses ao som de uma música ou uma mistura de som, que é acompanhada pela sua teatralização das gestualidades. As imagens colhidas nos registros das competições de Ângela Debatin, atleta brasileira que compete desde a década de 1990 nos Estados Unidos, ilustram as posições obrigatórias e também me possibilitaram trazer ao texto os gestuais criados pela própria atleta. Aproximando as dizibilidades e visibilidades, percebo que cada movimento é detalhadamente pedagogizado. Tal minúcia indica que cada feixe muscular tem que ser precisamente exibido. Observo, ainda, nesses instantâneos e em tantos outros que colhi, esmero das atletas em mostrar tranquilidade, segurança e domínio da gestualidade no momento em que exibem a sua sequência de poses. Sorrisos abertos, olhares faceiros ou compenetrados acompanham a produção do gesto, visto que o efeito da pose é tanto mais impactante quanto mais dramatizada for a sua exibição, e, nesse sentido, a expressão facial acompanha aquilo que o movimento se propõe a deixar em seus rastros. Vale lembrar que, entre um gesto e outro, a atleta imprime as suas marcas, não só ao criar novas posturas, como também ao investir fortemente na elaboração de gestos de transição entre um movimento obrigatório e outro. Considerando que são escassas as exibições públicas dessa modalidade no Brasil e com o propósito de visualizar a teatralização dessas gestualidades, recorri ao *site* de vídeos *youtube*

(www.youtube.com)¹⁵⁵, onde encontrei inúmeros registros dessa etapa em competições produzidas em vários países.

Os discursos que produzem e são produzidos pelo *physique* pouco mencionam a utilização das diversas possibilidades de mostrar o corpo na apresentação, tampouco adjetivam as exibições. Ao observar detalhadamente alguns vídeos, percebi que as atletas mesclam as poses obrigatórias e novos modos de exibir os grupos musculares. Esfumaçam as fronteiras entre os gestos, balançando os quadris, fazendo movimentos com os ombros; apontam o indicador para a plateia, instigam o acompanhamento do público com palmas, contraem os seus músculos e ao mesmo tempo sorriem, de modo de modo a dramatizar aquele momento. A apresentação da rotina individual emerge matizada de movimentos realizados em plano baixo, médio e alto, associando giros diversos, movimentos laterais e de costas e exibições de frente para o público e a comissão julgadora. As atletas buscam explorar os espaços do palco, deslocando-se em distintas direções e combinando movimentos rápidos, ondulados, intensos e suaves. Podem apresentar passos de dança, movimentos da ginástica artística e ginástica aeróbica, entre outros, criados para diferenciar a sua apresentação. A exibição é marcada pelo som de uma música que indica o ritmo da teatralização das gestualidades.

Arnold Schwarzenegger (2006) sugere que, numa apresentação, o/a atleta precisa parecer confiante, irradiar energia e competência ao posar com perfeição. Aquilo que ensina o autor parece ser expresso nas palavras de Soares (2006, p. 81) quando diz: “talvez seja o esporte a atividade humana que mais revela um conjunto de conhecimentos, técnicas e discursos legitimados e desejados para o controle do corpo; talvez seja a atividade mais impregnada de logro, mais encantatória”. É essa perspectiva que atravessa a obra e discursivamente produz um fisiculturismo constituído no detalhe anatômico, ensinando as estratégias e técnicas de produção da arquitetura corporal exigida pelo esporte, mostrando os modos de melhor exibi-lo e instituindo um conjunto de saberes produzidos no interior dos discursos e práticas esportivas.

Muito daquilo que constitui os saberes que produzem a modalidade *physique* também vale e constitui o *figure* e o *fitness*. Os constrangimentos submetidos ao corpo variam em intensidade e volume e envolvem gestualidades que buscam marcar em detalhes as suas

¹⁵⁵ É possível encontrar nesse *site* o registro da apresentação da brasileira Larissa Cunha, realizada em evento internacional, misturando movimentos de capoeira e de samba, entre outras gestualidades. Esse *site* também hospeda apresentações de Íris Kyle, Oaxique Oriquem e Lenda Murray, entre tantas outras.

distinções. Vejamos o que diz um dos excertos produzidos acerca da *figure*, colhido no *site* da NABBA/Brasil ligado à Federação Brasileira de Musculação:

Figure: Cada competidora terá 90 segundos para exibir sua forma, condição física, carisma e habilidade de apresentação através da etapa de poses livres. A rotina deve ser uma criação artística, hábil e graciosa e deve incorporar algumas das poses obrigatórias de exposição do *Figure*. A apresentação não deve ser de *Fitness*, nem conter movimentos de aeróbica, nem poses de *Physique*. O *Figure* não permite poses com punhos fechados, as mãos devem estar abertas nas poses. Durante a apresentação da rotina, a atleta deve usar biquíni e estar descalça.

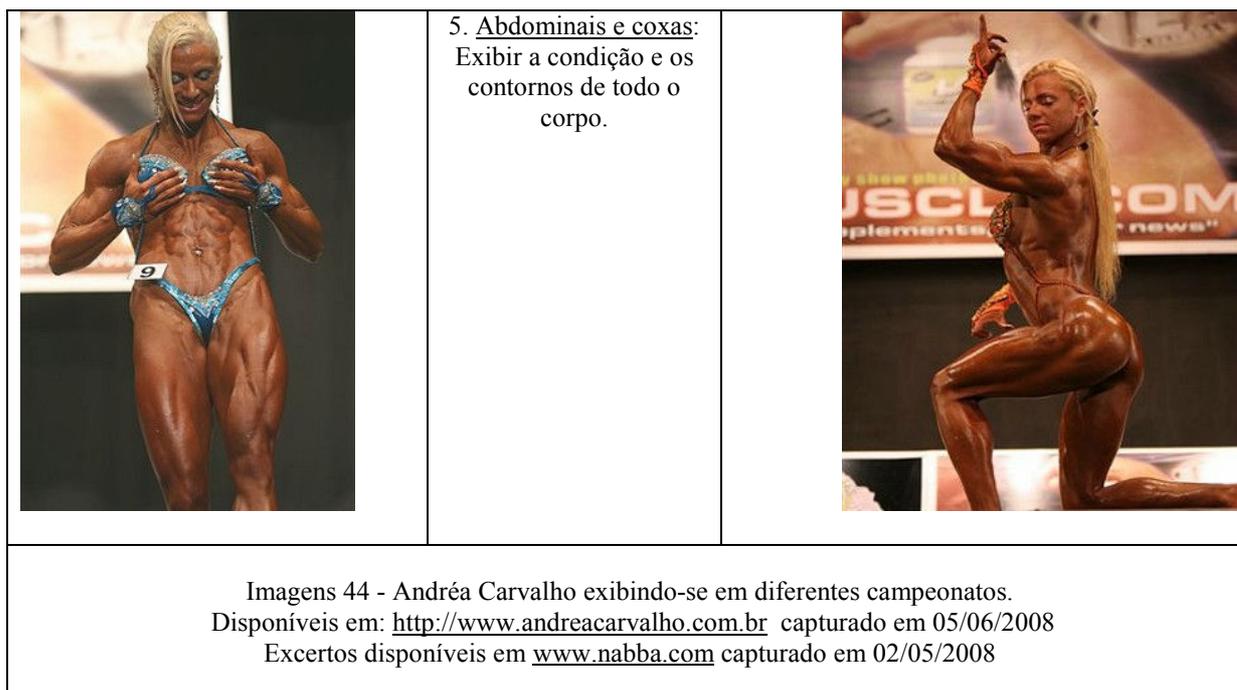
Disponível em: www.nabba.com.br/regras, capturado em 19/05/2005.

Para além da gestualidade, educa-se com adjetivações múltiplas o comportamento dessa atleta no palco, e o investimento incide na graciosidade como marca dos seus gestos. Em consulta ao dicionário, “graciosidade” lembra benevolência, delicadeza, elegância e certa fragilidade, atributos que historicamente emergiram mais ligados ao universo feminino do que ao masculino. Ao mesmo tempo, lembro que ainda podemos encontrar algumas dessas qualidades utilizadas em relação ao homem, por exemplo, para falar da sua elegância e benevolência. Todavia, no fisiculturismo, esses adjetivos emergem imbricados no ensino do modo de exibição das arquiteturas corporais femininas e dificilmente aparecem para instruir a apresentação masculina.

Os discursos que produzem essa modalidade preocupam-se em diferenciá-la tanto da *physique* quanto da *fitness*; afinal, é preciso que a *figure* tenha uma identidade própria para ampliar os seus espaços de inserção no fisiculturismo nacional e internacional. A sua recente constituição e a restrita visibilidade na instância social geram efeitos que envolvem o atravessamento e a confusão das suas fronteiras com as das outras modalidades.

Na segunda etapa, as atletas do *figure* também possuem até 90 segundos para imprimir a sua singularidade à exibição, não esquecendo as cinco poses obrigatórias e atentando para a posição das mãos, que devem estar espalmadas para diferenciá-las das mãos fechadas utilizadas na *physique*. Observemos as imagens, lembrando que as colunas da esquerda e a do meio remetem aos gestos obrigatórios e que a da direita se refere àqueles elaborados pela atleta.

	<p>1. <u>Duplo bíceps (frente)</u>: Para enfatizar a melhor condição corporal. As mãos devem permanecer abertas durante a exibição. Lembrar em manter uma “boa” posição das pernas.</p>	
	<p>2. <u>Peitoral lateral</u>: Exibir um lado para mostrar a parte superior e o desenvolvimento peitoral.</p>	
	<p>3. <u>Tríceps lateral</u>: Exibir um dos lados para mostrar a parte superior dos braços e ombros.</p>	
	<p>4. <u>Duplo bíceps posterior mostrando panturrilhas</u>: Enfatizar as costas e a condição dos braços. Também exibir as panturrilhas.</p>	



Ao centralizar o meu olhar nas imagens e textos reproduzidos acima (veja a coluna do meio) que enunciam a gestualidade, observo que pouco se fala no detalhamento das poses, no modo de mostrar a minuciosa construção do músculo, mencionando-se mais as qualidades que se deseja observar na mulher ao exibir a sua rotina de movimentos e posturas. “Carismática”, “hábil” e “graciosa” são adjetivos colados à teatralização das gestualidades e insistentemente repetidos nas fontes analisadas. Essa repetição tem o propósito de afastar o perigo que ameaça essa modalidade esportiva – o fantasma da masculinização da mulher precisa ser afastado de qualquer modo. Possivelmente, nada parece ser mais eficaz para dirimir essa suspeição do que recomendar a projeção de alguns atributos que há tempos marcam e naturalizam aquilo que na sociedade e na cultura foi representado como próprio à mulher. O perigo que ameaçou e ameaça o fisiculturismo feminino também produziu restrições, proibições, silenciamentos e interdições à inserção das mulheres em diferentes esportes, conforme tempo e lugares também múltiplos.

Olhar essas imagens implica considerar, entre outras questões, que não há limites para criar modos e gestos para visibilizar o corpo potencializado. Cada imagem registra uma nova possibilidade, e cada atleta imprime a sua marca, apontando que os jeitos de mostrar o corpo parecem ser infinitos. Assistir a alguns campeonatos permitiu-me observar que o público é receptivo a uma apresentação que se assemelha a uma dança, misturando e combinando o ritmo da música com as poses obrigatórias e outras tantas criadas pelas atletas. Na modalidade *figure*, a passagem de um movimento a outro é produzida por gestos que sugerem

sensualidade, delicadeza, graça, mas também força, energia e alegria. Essa mistura reúne no mesmo instante a leveza de um movimento associada a uma vigorosa contração muscular. Os discursos que circulam nos artefatos analisados ensinam que é preciso construir uma coreografia envolvente e empolgante.

A inspiração para a rotina de movimentos provém de vários espaços, culturas e situações, o que pode ser desde a movimentação de quadris realizada nas danças havaianas, o minucioso movimentar das mãos na coreografia que provém da cultura espanhola, a gestualidade da danças da cultura árabe, os passos de samba e de capoeira provenientes do Brasil. O som de uma música clássica ou daquela que é o *hit* do momento produz o ritmo que, entre uma pose obrigatória e outra, requer a movimentação dos ombros, braços e mãos, insinuando-se aqui e ali. As participantes viram-se de costas para o público e multiplicam as ondulações dos quadris e/ou tronco, exploram todas as possibilidades e planos de movimentação, algumas vezes mais delicadamente, e outras mais efusivamente. As atletas capturam e envolvem os/as espectadores, mesclando movimentos provenientes dessas múltiplas situações. Elas imprimem nessas gestualidades novos significados ao produzirem mais do que uma exibição muscular. Elas teatralizam essa combinação de movimentos com o propósito de apresentar um espetáculo em que o modo de mostrar o seu corpo é o próprio *show*.

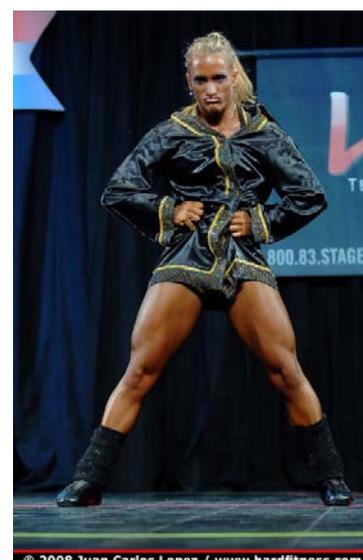
Você pode escolher poses que são criativas em dois níveis, tornando-as tão estéticas e dramáticas quanto possível, quase uma dança; e manipulando o foco de atenção dos juizes de modo que eles notem o que você quer realçar e ignorem o que você quer que eles ignorem. Isto não é fácil de aprender e leva algum tempo.

Fonte: Schwarzenegger, Arnold. *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*. 2006, p. 568.

Mesmo não constando das normas que orientam as competições, a teatralização das gestualidades ganha cada vez mais espaço nas coreografias das atletas. O efeito dramático é potencializado não só pela combinação de uma música contagiante, movimentos sedutores, contrações musculares, carisma, delicadeza, sensualidade e elegância da atleta, como também pelo impacto que produz na apresentação a incorporação que a atleta faz de uma personagem. Ela entra em cena vestindo roupas que caracterizam e lembram aquilo que inspira a sua coreografia e vai despindo-se dessas vestes até ficar com o biquíni de duas peças, que é o traje oficial dessa etapa nas competições. Lembro que essas suposições estão apoiadas nos eventos e vídeos a que assisti e, portanto, não podem ser generalizadas para a modalidade *figure*. Ainda assim, permitem-me apontar que os campeonatos de pequeno porte simplificam e

flexibilizam as regras do esporte, abrindo espaços de modo a permitir que maior número de atletas participem. Também suponho que o evento tenha ampliadas as suas condições de possibilidade de captura de mais espectadores/as e patrocinadores/as.

Se, nas competições de *figure*, parece emergir um incentivo à multiplicação nos modos de produzir e singularizar a teatralização das gestualidades, na modalidade *fitness*, essa possibilidade é aprimorada em relação à complexificação e multiplicação de movimentos, gestos e dramatização das performances. Embora as orientações prescritivas da modalidade pouco mencionem esse efeito, é nas imagens que ele eclode com maior evidência. Paula Botelho (2008) sugere que é preciso “evidenciar as evidências”, porém não as tomo como certezas, mas sim como familiaridades, e é nessa direção que apresento algumas imagens registradas numa das apresentações de Loana Muttoni que considero um fabuloso exemplo de como operar com a dramatização numa exibição.





Imagens 45 – Exibição da coreografia de Loana Muttoni.
Disponíveis em: www.hardfitness.com capturadas em 01/03/2008.

Olhar essas imagens quadro a quadro e deixar-se invadir e capturar pelos significados que as atravessam possibilita conjecturar em torno de sua produção. Observar o primeiro e o último instantâneos isoladamente talvez nos faça supor que não se trata de registros de um mesmo evento. Todavia, nesse interstício, uma história é contada em movimentos, aparentemente narrando uma mudança de perspectiva ou talvez de vida. Considerando que a apresentação de Loana Muttoni foi no Arnold Classic 2008¹⁵⁶, realizado em Columbus,

¹⁵⁶ Para fazer a análise, escolhi somente 11 imagens, colhidas a partir do registro original da rotina individual de Loana Muttoni (a fonte possui 63 fotografias). Essas e outras imagens capturadas nas outras duas etapas da competição também podem ser consultadas no *site* acima mencionado. Loana conquistou o 4º lugar nesse que é um dos campeonatos mais importantes no universo competitivo do fisiculturismo. Além disso, Gal (Glauce) Ferreira, outra atleta brasileira, também pode ser encontrada nesse *site*, porém agora disputando a modalidade *figure*. Disponível em: www.hardfitness.com/arnold2008.html.

Ohio/EUA, penso que a atleta se inspirou na série de filmes *Rocky*¹⁵⁷ para construir a sua rotina de movimentos. Suponho que represente o sombrio e árduo trabalho inicial de um/a boxeador/a, quando retira as luvas, despe-se do clássico roupão, jogando-o longe, e decide assumir uma nova posição em relação ao boxe, ou seja, treinar, treinar e treinar. Sugere uma exaustiva preparação e mostra em sua coreografia movimentos de grande impacto visual, envolvendo agilidade, flexibilidade, força, habilidade, equilíbrio e potência. Mas a atleta também demonstra alegria, energia, sensualidade, carisma e uma entrega total à sua exibição. Finaliza a sua narrativa coreográfica aludindo talvez ao esforço, superação e conquistas interpretadas por Sylvester Stallone nessa série de filmes. Goellner (2005) lembra que um filme (e, no caso do *fitness*, uma coreografia) é pensado para “dizer certas coisas”, interpelar os/as espectadores e capturá-los/as, produzindo reações e chamando-os/as a viverem junto o próprio espetáculo.

A autora recorre a Elizabeth Ellsworth (2001) para mencionar os modos de endereçamento, o que, no caso deste texto, cabe muito bem, uma vez que a rotina individual do *fitness*, assim como um filme, um livro, um *show* e um espetáculo, se constituem numa produção pensada para atingir determinados grupos de sujeitos, de modo a fazer emergir tensões, reafirmar e atualizar valores, comportamentos, representações, atitudes, significados. Pensando nessas questões, a escolha da atleta brasileira foi cuidadosa e endereçada à equipe de arbitragem e ao público americano, de modo a produzir sentimentos de vinculação e talvez homenagear, em sua apresentação, uma figura que por lá e também por aqui ainda é lembrada pelos filmes que protagonizou.

Observando as imagens acima, ainda penso que vale considerar que esses instantâneos interpelam de diferentes modos os sujeitos que sobre eles deitam o olhar e que os significados e representações¹⁵⁸ que elaboram poder ser diferentes daquilo que foi projetado para essa coreografia. Enfim, penso que essas imagens possam

...movimenta[r] sentimentos agregados a desafios, conquistas e superação de limites, sejam eles esportivos ou não. [...] provocam no espectador sensações diversas, uma vez que cada um lê, sente e vive o filme [imagens/coreografia] a partir daqueles significados que ficaram colados na sua memória; que fizeram e fazem sentido na sua própria história e na

¹⁵⁷ Série de seis filmes protagonizados por Sylvester Stallone, sendo o primeiro deles filmado em 1976 e intitulado *Rocky – o lutador*. Os outros filmes giraram em torno do mesmo tema, focalizando lutas que desafiavam a performance do atleta, exigindo intensos processos de preparação e treinamento.

¹⁵⁸ Vitor Melo publicou uma resenha em que analisa os filmes de Rocky Balboa, em especial, o último (VI). O autor produz relações entre o filme e a própria sociedade americana, sugerindo que ambos apontam o fim do velho herói norte-americano. MELO, Vitor. Rocky Balboa 6: o último suspiro do velho herói norte-americano? In: Recorde: Revista de História do Esporte: vol1, n. 1, julho 2008.

história do seu tempo. Lê, também, a partir do que se apreende da relação temporal entre o narrado no passado e o vivido no presente (GOELLNER, 2005, p. 68).

Reflexões como essa fazem-me pensar que a educação dos corpos, nessa modalidade, requer um profundo mergulho na teatralização da gestualidade. Mais do que em qualquer outra modalidade, no *fitness*, a dramatização opera no sentido de marcar e intensificar não só os gestos do corpo, mas também tudo aquilo que emana de cada poro epidérmico ao contar uma história. Parte dessa dramatização, a expressão facial chama minha atenção ao aparecer inexoravelmente envolvida em cada movimento e, nessas imagens, ela amplifica o impacto da narrativa em meio a velozes e habilidosas ações atléticas, como aponta o excerto abaixo:

Coreografia *Fitness* não é executar saltos espetaculares e incríveis acrobacias com descontrolado dos braços e caindo pesadamente no chão, preocupando o público com a possibilidade de aterrissar indevidamente fora do palco. Como num ballet, [ela] é leveza e graça, sorriso natural, mesmo ao executar a mais difícil parada ou salto mortal.

Fonte: Prof. Fábio Gianolla. Arbitragem.
Disponível em: www.jmfbrasil.com.br/arbitragem.asp, capturado em: 12/06/2008.

Essa noção atravessa a apresentação de Loana, que entra em cena tal qual uma atriz, encarnada em sua personagem, e desta somente se desfaz ao finalizar a apresentação. Saltos e giros em diferentes direções, rodas, rondadas, parada de mão, spacet de frente e lateral e apoio sustentando o corpo com uma das mãos foram alguns dos movimentos realizados pela atleta em meio a sorrisos e expressões diversas. Os discursos que marcam os artefatos culturais insistem na prescrição dos movimentos desejados numa rotina individual de uma atleta e ignoram, silenciam e se esquecem de mencionar o forte investimento na dramatização coreográfica. Como indica o excerto que segue:

Fitness: Cada árbitro avaliará a rotina com vista para estilo, personalidade, coordenação atlética e desempenho total. Os Árbitros irão olhar também para as competidoras que desempenham movimentos de força e flexibilidade, como também movimentos ginásticos. A rotina pode incluir demonstrações aeróbicas, danças, [movimentos] ginásticos ou outras demonstrações de talentos atléticos. Não há movimentos exigidos. O uso de suportes é proibido. Os Árbitros são lembrados, durante esta Rodada, que eles estão julgando apenas a rotina *Fitness* e não o físico.

Disponível em: www.cbcm.com.br/regras, capturado em 20/04/2008.

As atletas são insistentemente lembradas, nos diferentes artefatos culturais, que os contornos do músculo potencializado e visibilizado nas arquiteturas corporais não importa nessa etapa. Os árbitros focalizam a avaliação nos movimentos por elas produzidos, dando especial atenção ao grau de dificuldade atribuído a cada movimento. Pareceu-me interessante anotar que, embora a modalidade ainda não tenha a exigência de determinados movimentos - o que, segundo as fontes, dificulta a avaliação -, eles são esperados não só pela equipe de arbitragem, como também pelo público que acompanha o espetáculo, conforme assinalado nas fontes de pesquisa. Nessas apresentações, as atletas trocam os saltos altos por confortáveis tênis e, apesar de as regras da IFBB proibirem o uso de suportes, como enchimentos ou algum objeto nas mãos, elas burlam essas restrições e estão cada vez mais incorporando objetos e elementos de efeito visual em suas coreografias. Exemplo disso pode ser observado no registro de imagens realizado em campeonatos internacionais¹⁵⁹ e em apresentações nacionais, como foi o caso de Loana Muttoni, que entrou em cena portando uma sombrinha cor-de-rosa no XXXIV Campeonato Sul-americano de Culturismo e *Fitness*, realizado em setembro de 2008 na cidade de Suzano/SP. E mais, a utilização de objetos em cena está tomando lugar também nas competições de *figure*, como na imagem de Silvia Finochi no Miss Universe de 2008.

¹⁵⁹ Veja o *site* www.harfitness.com e também <http://contests.ironmanmagazine.com>, que trazem imagens das competições realizadas nos EUA. No Brasil, acesse www.cbcm.com.br, com fotografias do recente XXXIV Campeonato Sul-Americano.



Imagem 46 - Loana Muttoni
Disponível em: www.cbcm.com.br
Capturado em: 12/10/2008



Imagem 47 - Silvia Finocchi
Disponível em www.nabba.com.br
Capturado em: 17/11/2008

Os discursos examinados operam com o propósito de instruir as atletas acerca daquilo que a equipe de arbitragem leva em conta na avaliação da exibição. Sugerem que a atleta tem que se preocupar em projetar uma apresentação envolvendo movimentos de força e flexibilidade, elaborados com criatividade e projetados com vistas aos efeitos produzidos na apresentação. Nesse sentido, colaboram a escolha de cada mínimo gesto relacionado ao grau de dificuldade que cada um possui, a escolha da música, o ritmo afinado entre os elementos da encenação, a precisão dos movimentos, o deslocamento em distintas direções, um amplo domínio do palco e uma exibição marcada pelo entusiasmo – tudo convergindo para a produção de uma afinada e perfeita apresentação.

As instruções apontam que há incentivo para tornar a coreografia cada vez mais complexa e com maior peso na avaliação – atualmente, conta 1/3 da nota total, e os outros 2/3 incidem sobre os contornos corporais. Esse movimento, de certo modo, parece incompatibilizar-se com as arquiteturas corporais mais “*soft*” desejadas para o corpo das atletas. Isso se explica do seguinte modo: quanto mais exigentes se tornam as coreografias,

maior a intensidade do treinamento e maior a produção dos músculos para realizá-las, como sugere o fragmento abaixo:

Há incoerência ao aumentar o grau de dificuldade das coreografias e querer atletas *Fitness* menos musculosas, de aparência "soft". Tanta força requer músculos e vai ser bem difícil uma atleta *Fitness* corresponder a exigências cada vez maiores no grau de dificuldade da coreografia e manter-se "soft".

Fonte: Prof. Fábio Gianolla. Arbitragem.
Disponível em: www.jmfbrasil.com.br/arbitragem.asp, capturado em: 12/06/2008.

Essa dissonância entre movimentos e músculos incentiva a migração de atletas para outra modalidade: o *figure*. Isso aconteceu com Gal Ferreira, que no ano passado apareceu meteoricamente no *fitness* e em 2008 já estava competindo nos EUA no *figure*. Também Juliana Malacarne acabou migrando, após alguns anos de permanência na primeira. Bill Dobbins (2003) já apontou suas críticas acerca dos caminhos que a modalidade está produzindo ao privilegiar os movimentos oriundos das ginásticas. Resta acompanhar a produção e os efeitos dessas práticas discursivamente construídas, cujos sinais sugerem manter vivas as discussões que constituem o *fitness*.

Por fim, ainda há uma terceira etapa a ser disputada pelas atletas tanto no *physique* quanto no *figure* ou no *fitness*. Trata-se de um momento de disputa face a face em que as atletas realizam as poses de comparação. Geralmente, um grupo de cinco atletas posiciona-se no centro do palco e, ao comando do presidente da equipe de arbitragem, realiza as poses obrigatórias de cada modalidade, a saber, *physique*: duplo bíceps frontal, expansão dorsal frontal, peito lateral, duplo bíceps posterior, expansão dorsal posterior, tríceps lateral, abdominais e coxa; *figure*: duplo bíceps, peitoral lateral, tríceps lateral, duplo bíceps posterior mostrando panturrilhas, abdominais e coxas; no *fitness*, as atletas repetem o quarto de voltas, já apresentado na primeira fase. Em algumas competições internacionais, principalmente aquelas vinculadas à IFBB, as atletas de *figure* também fazem o quarto de voltas. É preciso assinalar que essas etapas não são fixas em todas as competições, tampouco podem ser observadas nos eventos promovidos pela IFBB, NABBA/Internacional ou naqueles de nível estadual ou regional. De qualquer modo, importa apontar que muitos eventos utilizam essas três etapas. Para ilustrar, apresento uma imagem registrada num momento de confrontos no *figure*.



Imagem 48 - Luciane Vieira, Flavia Crissos e Andréa Carvalho no Campeonato NABBA 2005.
Disponível em: www.andreacarvalho.com.br/fotos.asp, capturado em 05/03/2006.

Em alguns eventos, e dependendo da equipe de arbitragem, as seis finalistas de cada modalidade ainda podem disputar as chamadas poses livres. Nesse momento, as atletas apresentam livremente as poses que cuidadosamente elaboraram para mostrar cada detalhe da sua musculatura, visibilizando aqueles músculos que elas consideram os mais desenvolvidos e evitando aqueles tomados como pontos fracos. Essa é uma etapa difícil, tendo em vista as acirradas disputas e as estratégias que algumas atletas põem em funcionamento para se sobressair no palco. Vejamos um fragmento de entrevista da atleta brasileira Gal Ferreira:

É praticamente um ringue no palco: as mulheres te atacam mesmo! Dão ombradas... Cada uma quer aparecer mais que a outra. Eu entrei na onda e fui aprendendo ali em cima mesmo. Elas atacavam, iam para a frente, eu também ia; fui acompanhando o que estava vendo e o que estava sentindo ali, naquele momento.

Fonte: Entrevista com Gal Ferreira.
Disponível em: <http://www.bodybuildingbrazil.com>, capturado em: 04/04/2008

Adriana Estevão (2005) também evidencia que, segundo suas entrevistas com atletas, essa etapa da competição é uma das mais estressantes, já que as disputas são produzidas no

modo de chamar a atenção para si no palco. Para fazer destacar o seu corpo, algumas atletas buscam ofuscar a presença das outras, posicionando-se em frente delas, copiando as poses e buscando dificultar a visibilidade que a equipe de arbitragens deveria ter de todas as atletas. Aparece como estratégia também posicionar-se ao lado das atletas concorrentes mostrando o seu melhor ângulo e possibilitando aos árbitros uma comparação direta. Essa movimentação põe sob tensão as disputas, uma vez que algumas atletas não desejam ser confrontadas e fogem, buscando outros espaços para se exhibir no palco¹⁶⁰.

Por fim, ainda interessa-me discutir a teatralização das gestualidades utilizadas nas competições de *wellness*. Entretanto, vale apontar que dadas as recentes competições nessa modalidade, há uma escassez de fontes para indicar a produção dessa disputa. Embora a ausência de discursos que normatizem a modalidade dificulte as análises, nada impede que eu examine os gestos produzidos pelas atletas em pleno palco. Recorrendo-se a imagens registradas em campeonatos realizados, principalmente, em São Paulo e no Rio de Janeiro, pode-se observar que as atletas se posicionam de modo a mostrar o corpo à equipe de arbitragem. Vestindo um biquíni, elas desfilam inspiradas nos antigos concursos de Miss, ou seja, realizam uma exibição em conjunto, de modo a permitir que os/as julgadores/as tenham condições de visibilizar o seu corpo tanto de frente quanto de costas. Apesar de a gestualidade não exigir uma contração dos feixes de fibras musculares para visibilizar os seus contornos, é evidente que se trata de um corpo potencializado, ainda que minimamente, como vemos na imagem abaixo.

¹⁶⁰ Essas tensões, confrontos e estratégias de visibilidade foram visualizadas em campeonatos a que assisti, mas também podem ser acompanhadas em alguns fragmentos postados nos *sites* de compartilhamento de vídeos, principalmente no www.youtube.com.br.



Imagem 49 - Exibição das atletas da modalidade *wellness* no Mr. Rio 2007.
Disponível em: <http://www.ifbbrio.com.br> capturado em 06/06/2008.

Resta-me acompanhar a inserção da *wellness*, atentando para a construção dos corpos e os ajustes produzidos na e pela modalidade ao constituir o campo esportivo do fisiculturismo. Comparando as imagens que registraram os campeonatos Mr. Rio 2007 e 2008, observei um aumento no número de mulheres disputando. Além disso, em 2009, a Nabba Brasil pretende promover a modalidade *toned figure* - equivalente à *wellness* - nas suas competições. Possivelmente, há um novo cenário em construção para o fisiculturismo feminino no Brasil.

Na próxima seção, examino discursos produzidos e que produzem as feminilidades que marcam as arquiteturas corporais. Também analiso os investimentos que as atletas fazem em seus corpos com o propósito de normalizar as suas feminilidades.

2.6. As feminilidades e a produção da potencialização muscular no fisiculturismo



Imagem 50 - Larissa Cunha – posicionada ao centro da imagem disputando campeonato mundial. Disponível em: <http://larissacunha.com/imag/fotos.php?IDAlbum=11>, capturado em 20/11/2008.



Imagem 51 - Iara Vieira, Patrícia Biaggioni, Renata Escudeiro e Roberta Gomes . Disponível em: www.nabba.com.br/camp_paulista08.asp, capturado em 12/12/2008.

As imagens acima apontam que a potencialização muscular e a produção de distintas feminilidades mantêm uma intrincada relação que constitui, atravessa e marca de diferentes modos a vertente feminina no fisiculturismo. Este enunciado foi produzido com o propósito de analisar discursos e representações produzidos acerca dessa relação, apontando as intervenções e as estratégias que as atletas põem em funcionamento para feminilizar seus corpos de determinados modos.

Junto com a potencialização muscular feminina, também desponta uma relação linear que envolve o volume muscular e as marcas da feminilidade normalizada ou referente. Essa vinculação horizontal produziu e constantemente faz renovar a seguinte questão: “quão musculosa a mulher pode estar e ainda ser feminina?”¹⁶¹ (BOLIN, 2001, p. 149). Tal pergunta poderia ser olhada e respondida de diferentes perspectivas. Todavia, nesta investigação, uma resposta consensual sobre esse tema perde importância, uma vez que me interessa deslocar o foco da replicação para buscar entender em que condições de possibilidade foi e é produzida essa questão. Penso que essa temática adquire importância quando examinamos as históricas relações produzidas entre os homens, as mulheres e os esportes. Acerca disso, Silvana Goellner traça as seguintes considerações:

Ao corpo feminino excessivamente transformado pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo são atribuídas características viris que não apenas questionam a beleza e a feminilidade da mulher, mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo (GOELLNER, 2003c, p.4).

Em suma, a presença das mulheres no campo esportivo questiona a “representação do esporte como um território masculino”, assim como “ameaça o próprio discurso da naturalização das diferenças corporais. Talvez por isso mesmo [a presença das mulheres no esporte] seja quase sempre intolerável” (GOELLNER, 2006, p. 02). Dessa perspectiva, podemos pensar que diferentes períodos históricos valorizaram e produziram sujeitos distintos que, num jogo de disputas e poder, constituíram e exaltaram representações que nos falam de uma época, de um modo viver e de um esporte. Mas, enquanto alguns discursos e representações se sobressaem, outros tantos estão sendo gestados, como uma fala complementar, questionadora, inquietante, dissonante. Como efeito desses discursos, produzem-se diferentes posições de sujeito, corpos, masculinidades e feminilidades.

Nesse sentido, os textos e as imagens reproduzidos e analisados nesta tese argumentam que, assim como há múltiplos corpos, também há modos plurais de viver e

¹⁶¹ Tradução livre.

produzir as feminilidades – e as masculinidades – em qualquer espaço da vida em sociedade, e o esporte se constitui e é constituído como uma dessas instâncias e

(...) opera atuando de forma detalhada e minuciosa na educação dos corpos e na construção das representações de masculinidade e feminilidade. Apesar de essas representações não serem fixas, marcam os corpos, generificando-os; não porque eles assim o sejam em sua essência, senão que são construídos no interior de discursos, saberes e práticas sociais. Portanto, o ser homem ou mulher não é um estado adquirido, é, antes, uma apropriação, uma condição em permanente construção ativa, que envolve tensões e ambiguidades e que pode levar à resultados instáveis, visto que as marcas culturais que modelam as representações do masculino e do feminino são históricas, mutantes e provisórias¹⁶² (GOELLNER, 2008, p. 04).

O fisiculturismo, como prática esportiva, constitui-se como um espaço generificado e, ao mesmo tempo, generificador de discursos, práticas e representações que posicionam, classificam e nomeiam os sujeitos atletas mulheres e homens. Bolin (2001) menciona que, desde a emergência dos primeiros campeonatos de fisiculturismo feminino na década de 1970, as mulheres atletas já viviam dilemas que envolviam a tonificação da potencialização muscular e a produção de uma dada feminilidade, sendo constantemente assombradas pelo perigo da masculinização, que ameaçava as representações e as posições de sujeito que ocupavam os seus corpos potencializados, tanto no esporte quanto fora dele.

Em diferentes momentos da cena esportiva, as mulheres fisiculturistas posicionavam-se a favor da potencialização dos seus corpos, ao mesmo tempo em que defendiam sua feminilidade. Lisa Lyon afirmou em 1979 que: “a mulher pode ser forte, musculosa e ao mesmo tempo feminina”. Tal discussão ainda se mantinha pulsante em 1998, quando a Ms. Olympia Kim Chizevsky declarou: “as pessoas precisam começar mudando suas visões sobre a mulher fisiculturista. Nós somos mulheres musculosas, mas nós também somos bonitas mulheres femininas”¹⁶³ (BOLIN, 2001, p. 149). Essa discussão acalorada não ficou restrita ao século passado, sendo renovada com outras tintas e novos tons quando Bill Dobbins (2004, p. 01) apontou, em um dos seus artigos, que o fisiculturismo enunciava outros modos de representar o que era “atraente, sexy e feminino nos corpos das mulheres”. Dizia ainda que a grande maioria das pessoas não percebia essas transformações culturais porque essas representações marcavam somente a elite do moderno fisiculturismo feminino. No entanto, no final daquele ano, advém da instituição que estrutura o fisiculturismo mundial uma

¹⁶² Tradução livre.

¹⁶³ Tradução livre.

declaração endereçada às atletas de *physique, figure e fitness*, exigindo que elas diminuíssem seu volume muscular – duro golpe para aqueles que, como Dobbins, cultivavam a ideia de que essas mulheres poderiam alargar de modo ilimitado as representações construídas acerca de seus corpos e de suas feminilidades no esporte¹⁶⁴.

Esse feixe de enunciados fez-me pensar que as atletas de fisiculturismo colocavam em dúvida uma “imagem ideal de ser mulher”, ao mesmo tempo em que “pareciam desestabilizar um terreno criado e mantido sob o domínio masculino e cuja justificativa assentada na biologia do corpo e do sexo deveria atestar a superioridade deles [homens] em relação a elas” (GOELLNER, 2004, p. 363). Os volumosos corpos de algumas dessas mulheres desassossejavam representações hegemônicas de feminilidade. Dessas tensas relações, desponta a recusa e a interdição à potencialização muscular feminina ilimitada. Sobre essa questão, algumas fontes enunciam:

Todas as mulheres que competem devem reduzir a sua massa muscular em 20% do estágio individual atual, além de uma busca pelo máximo de feminilidade possível, sob pena de perda de pontos na classificação geral em campeonatos.

Fonte: Christiano Galbraith - Seção The Iron News, JMF, n. 58, 2005.

Talvez porque as novas regras demandam feminilidade sobre músculo, muitas das ‘pros’ [atletas profissionais] pagaram por atenção extra para melhorar a sua aparência. Algumas delas tinham ajuda profissional.

Fonte: Gary Bartlett, In: *Musclemag International*, p. 60, aug/2005.

A partir de 2005, as atletas são convocadas a fazer sobressair, afirmar e reafirmar em seus corpos os códigos convencionais de uma dada feminilidade. Ameaçadas de perderem pontos em suas disputas se não inscrevessem a pretensa verdade indubitável do seu sexo nos seus corpos, as atletas são coagidas a enfraquecer o volume muscular. Nesse processo, potencializam a definição dos contornos de cada músculo e, sobretudo, investem no requinte da toalete para a exibição pública, que a cada ano se produz mais sofisticada e abrangente. Isso porque os cuidados meticulosos com a aparência atingem todas as modalidades femininas do fisiculturismo e também porque tenho observado que, paulatinamente, as atletas se esmeram mais e mais para apagar a ambiguidade dos seus corpos, acentuando os atributos que constituem uma feminilidade normalizada. Se, naquela época, a determinação da IFBB

¹⁶⁴ Vimos em enunciado anterior que, quando a ilimitada potencialização muscular feminina deixou de render frutos à instituição que coordena o fisiculturismo mundial, mesmo após alguns arranjos, negociações e ajustes entre corpos e esporte, a própria IFBB traçou novos rumos ao fisiculturismo feminino ao exigir que as mulheres purchassem os seus músculos, determinação não extensiva aos homens atletas.

constituía-se aqui no Brasil como um horizonte distante, nos Estados Unidos, ela já estava em plena ação, visto que as atletas não se preocupavam somente com a potencialização muscular em suas disputas. Elas também reservavam espaços para que cabeleireiros e maquiadores acentuassem na sua exterioridade os traços, as cores e as características de uma dada feminilidade, discursivamente construída a partir das representações dominantes que indicam como se apresenta uma “verdadeira mulher”.

Há mais de uma década atrás e muito antes da determinação da IFBB, Courtine (1995, 112) apontava, ainda que em nota de rodapé, que “a supercosmetização das candidatas” constituía um conjunto de “estratégias ‘narcísicas’ [que] preenchem aqui uma função paradoxal: os signos convencionais da feminilidade previnem sua emergência possível”. Esses investimentos possuem uma íntima relação com os lugares ocupados pelos sujeitos em sociedade, uma vez que, ao longo do tempo, homens e mulheres vêm sendo classificados, nomeados e definidos pela “aparência dos seus corpos; a partir de padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura” (LOURO, 2004, p. 75). Atendendo às exigências e ameaças da instituição esportiva, com o tempo, as atletas vêm intensificando a incorporação de uma representação padronizada e pretensamente segura de sua feminilidade e acoplando-lhe novos detalhes.

A feminilidade que emerge como fonte de representação que interpela e captura com mais ou menos intensidade as mulheres fisiculturistas é aquela que se posiciona e é posicionada como a referente em nossa cultura. É a que aparece circulando em múltiplos artefatos culturais, cujas imagens produzem modos de ser e parecer, indicando que as normas de feminilidade emergem cada vez mais intrincadas com a superfície daquilo que parece ser feminino. Em outras palavras, “julga-se o quão feminina é uma mulher também pela exterioridade do seu corpo” (GOELLNER, 2003 a, p.123).

Nesse sentido, nada mais convencional do que valer-se de uma toalete cada vez mais requintada, investindo na cosmetologia do corpo – com atenção especial à maquiagem da face e à tonalização da pele do corpo –, na preparação dos cabelos, nos trajes e demais adereços. Também na composição da exibição, principalmente, na coreografia individual, acentua-se cada vez mais a sensualidade e a beleza das mulheres. Esse conjunto de investimentos sugere uma tentativa de produzir uma hiperfeminilidade normalizada das atletas.

O acompanhamento que fiz nesses quatro anos possibilita-me apontar que circulam, no interior do fisiculturismo, discursos e práticas que incentivam as mulheres a abusar no uso de cores, brilhos, formas, gestos, olhares e movimentos, inscrevendo nos seus corpos a

representação normalizada. Entretanto, não estou afirmando que todas as atletas reagem e aderem do mesmo modo a essas práticas e intervenções. Insisto que esse enunciado atravessa a constituição da exibição dos corpos no fisiculturismo, posicionando as atletas na hierarquia esportiva, interpelando-as e fazendo com que algumas delas incorporem e extravasem completamente essas referências, que outras as assumam em parte e que ainda outras as ignorem. Em suma, essas distintas adesões possibilitam-me apontar que há múltiplas feminilidades produzidas no fisiculturismo, mas sugiro que muitas atletas têm aderido à cosmetologização dos seus corpos, meticulosamente preparando sua apresentação pública.

A imagem abaixo ilustra, ainda que de modo reduzido, os efeitos desses investimentos. Pelo que se pode observar na fotografia, Fernando Maradona, também atleta de fisiculturismo e esposo da atleta *fitness* Diana Monteiro, está finalizando a tonalização do corpo dela. Sobretudo, chamo a atenção para a esmerada maquiagem que colore a face bronzeada da atleta, destacando a sobrancelha delineada e o uso de sombra, rímel e delineador para realçar o olhar, lápis e batom para demarcar os contornos da boca e *blush* para salientar suavemente as maçãs do seu rosto.



Imagem 52 - Diana Monteiro – Preparando-se para o campeonato Sul-Americano
Disponível em: www.flickr.com/photos/monticelli/2905606170/, capturado em 20/10/2008.

Os cabelos de Diana estão cuidadosamente penteados e arranjados de modo a não esconder as expressões de sua face. A meticulosa preparação ganha mais um elemento:

adornando sua orelha um grande brinco pingente cravejado de *strass* constitui-se em um destacado detalhe a compor a feminilização da atleta. Essa esmerada preparação da aparência corporal não se observa com tal intensidade desde a emergência do fisiculturismo feminino. Analisando principalmente as imagens registradas no decorrer dessas quatro décadas, chamo a atenção para um maior investimento nos atributos socialmente tomados como próprios da mulher; nesse espaço, o artifício da maquiagem ocupa lugar central. Vejamos algumas imagens¹⁶⁵:



Imagens 53 – Os cuidados com a maquiagem das atletas

¹⁶⁵ Na primeira imagem à esquerda, Zivile Raudoniene e a brasileira Larissa Reis (direita). Ao lado, Dayana Cadeau. Disponíveis em: www.hardfitness.com. Na outra linha, à esquerda, Iara Vieira Caio; ao centro, Silvia Finocchi. Disponíveis em: www.nabba.com.br. Ao lado, a imagem de Larissa Cunha, disponível em: www.cbcm.com.br. Todas as imagens foram capturadas entre os dias 20/10/2008 e 25/01/2009.

Ao escolher essas fotografias, tomei o cuidado de trazer para o texto imagens que indiquem que há no fisiculturismo modos diversos de cosmetologizar a face, assinalando que as mulheres respondem de diferentes maneiras aos discursos dominantes acerca de suas feminilidades. Aponto, ainda, que as cores e os modos para maquiar as faces das atletas se afastam, por exemplo, daqueles utilizados por personagens que podem, por exemplo, levar à acentuação de determinadas características utilizadas em espetáculos. Examinando esses instantâneos, observo que algumas atletas ora destacam os seus olhos, ora os seus lábios; algumas combinam as cores da maquiagem com os seus trajes, sugerindo às vezes que poderiam estar se preparando para um evento social, talvez uma festa requintada. Chamou-me a atenção que, nas competições realizadas no EUA, as atletas se esmeram mais em suas produções e observo que essa estratégia está penetrando também nas competições realizadas no Brasil. Essa suspeita apoia-se nas observações de inúmeras imagens colhidas. Aquelas acima registradas representam algumas das possibilidades selecionadas do material empírico colhido nestes quatro anos.

Essas imagens também sugerem que há diversidade nos modos de as atletas ressaltarem os seus traços faciais. Enquanto algumas optam por maquiagens mais fortes e destacadas, outras preferem cores de tons suaves e algumas parecem não usar maquiagem, privilegiando a homogeneização da tonalidade da pele do corpo inteiro, incluindo a face, como indica a imagem de Larissa Cunha. Esse modo de colorir também o rosto tem sido cada vez menos usado, e muitas atletas têm privilegiado a maquiagem facial em detrimento do tom bronzeado da pele. Tal estratégia assinala que o discurso da feminilidade normalizada atravessa e constitui também a modalidade *physique* ou culturismo, onde são construídos os corpos femininos mais volumosos do fisiculturismo, produzindo efeitos que podem ser observados na imagem da Dayana Cadeau, assim como em inúmeras outras registradas na última competição do Ms. Olympia¹⁶⁶. Cada vez mais, são raras as atletas que dispensam qualquer intervenção para acentuar determinados detalhes faciais, esconder outros e construir artificialmente mais alguns – sobancelhas bem delineadas, cílios longos, a cor e o formato dos olhos destacados, as maçãs da face salientadas, a boca volumosa, que pode ser destacada com cores fortes ou delicadas. Em suma, há inúmeras possibilidades de intervir nos traços faciais, e a maquiagem é apenas uma delas, talvez a menos incisiva, na construção de um conjunto de detalhes que representam um dado modo de ser feminina. Assim como a maquiagem ocupa lugar central, a preparação dos cabelos também constitui esse feixe de

¹⁶⁶ Veja imagens de Iris Kyle, Betti Adkins, Yaxeni Oriquen, Cathi LeFrancois e Betty Pariso, entre outras. Disponíveis em: www.hardfitness.com/olympia2008.html.

investimentos que apontam a requintada produção da aparência das atletas de fisiculturismo, como sugerem as imagens¹⁶⁷ abaixo e outras tantas que podem ser perscrutadas ao longo do texto.



Imagens 54 – A produção dos cabelos das atletas

Muitas atletas esmeram-se em arranjar os cabelos de modo especial para as competições, estratégia mais observada em eventos realizados no exterior, porém cada vez mais presente nas disputas promovidas no país. A preparação dos cabelos é esmerada.

¹⁶⁷ À esquerda, no alto, Ângela Debatin e, ao seu lado, a atleta de *bodybuilding* americana Sherry Smith. À direita, Loana Muttoni. Na outra linha, na esquerda Íris Kyle e, ao lado, a brasileira Patrícia Mello. Essas imagens estão disponíveis em: www.hardfitness.com. Todas as imagens foram capturadas em 15/01/2009.

Algumas atletas chegam a mudar o penteado entre a apresentação coletiva, quando preferem prender os cabelos para facilitar a exibição do quarto de voltas, depois soltando-os para a coreografia individual. Quando prendem os cabelos ou parte deles, utilizam pequenas presilhas coloridas ou com *strass*, ou elásticos coloridos, combinando com a cor do biquíni, para fazer rabos de cavalo, tranças, entre outros. Algumas participantes fazem penteados mais sofisticados, utilizando apliques de cabelos, fazendo diferentes desenhos e formas que comumente são utilizados por algumas mulheres em festejos e solenidades tradicionais, onde o penteado acompanha o traje, também requintado. Outras atletas preferem os cabelos totalmente soltos, sejam lisos ou levemente encaracolados; para tanto, costumam utilizar aparelhos para modelar os cabelos. Além disso, tenho observado que, com o passar do tempo, muitas atletas que eram morenas foram clareando os cabelos de modo a transformarem-se em loiras.

Entretanto, os cuidados com a preparação dos cabelos e a maquiagem não são avaliados nos campeonatos. Observemos o excerto abaixo:

Os principais fatores observados em campeonatos de musculação são: volume, proporção (simetria) e definição, que objetivamente definem o vencedor. O chamado “shape”, ou seja, o fato de ser agradável à vista, é apenas um critério de desempate. O rosto não conta, mas pode ser considerado no conjunto, o tamanho da cabeça pode eventualmente influenciar no quesito simetria.

Fonte: Eugênio Koprowsky, Presidente da FEPAM/NABBA Brasil – Considerações sobre a arbitragem – JMF, n. 62, p. 16, 2006.

Esses cuidados extremados com a aparência parecem, muitas vezes, dissonantes de uma situação esportiva em que o volume, a definição e a simetria corporal são pontuados. Além disso, a beleza facial não se constitui num requisito, embora possa partilhar da avaliação geral da atleta. Examinando esse peculiar contexto esportivo, penso que, em muitas competições, cada vez conta menos a potencialização muscular e mais se avalia a reafirmação das representações da feminilidade normalizada, pois essas estratégias estão naturalizadas como constituintes do universo feminino. Diante dos discursos e ameaças da IFBB, a toalete requintada tem ganhado cada vez mais espaço nas competições nacionais e, pelo que tenho observado, também nas internacionais e no Ms, Olympia, principalmente.

O uso de cores no fisiculturismo não fica restrito ao rosto das atletas, uma vez que os seus corpos também passam por um processo de tonalização, observemos algumas imagens.



Imagens 55 - Silvia Finocchi em dois momentos distintos, com o corpo tonalizado e ao natural. Disponíveis em: www.orkut.com.br, capturadas em 23/11/2008.

Imagem 56 - Larissa Reis e Juliana Malacarne nas laterais, posando nos bastidores de um evento realizado no EUA. Disponível em: www.larissareis.com.br, capturada em 27/12/2008.

Essas imagens indicam que as atletas tonalizam os seus corpos para o momento da exibição, seja com bronzamento, que pode ou não ser artificial, seja com corantes cutâneos específicos para dar a cor bronzeada à pele. Acerca disso, Schwarzenegger (2006) aponta que um corpo de pele branca tende a perder a definição dos seus contornos quando estiver sob intensa luz, disputando com outras/os atletas no palco a atenção da equipe de arbitragem. Recomenda a tonalização porque ela facilita a visualização dos contornos musculares; além dela, é preciso depilar todo o corpo para que os pêlos não encubram ou dificultem a minuciosa visualização da potencialização muscular. Quando as normas de campeonatos permitem, algumas/alguns atletas ainda utilizam óleo ou cremes com pigmentos dourados para deixar o corpo mais brilhoso, pois acreditam que assim os desenhos musculares ficam ainda mais destacados. Por fim, ainda percebi que algumas atletas costumam tonalizar o corpo e a face, enquanto outras preferem privilegiar o corpo e deixar a face com uma cor mais clara, para evidenciar as cores utilizadas na maquiagem.

Outro investimento que cada vez tem merecido maior atenção das atletas e que colabora na acentuação da feminilidade diz respeito à meticulosa preparação das unhas, tanto das mãos quanto dos pés. Observemos:



Imagens 57 – A preparação das unhas das atletas

As unhas das mãos geralmente são longas, possivelmente postiças, pois desconfio que o comprimento maior impediria as atletas de empunhar adequadamente e com segurança os aparelhos de musculação. As cores escolhidas para colorir as unhas podem acompanhar a cor utilizada no traje – maiô ou biquíni. Algumas competidoras utilizam o vermelho, que é ao mesmo tempo uma cor clássica e está em voga no momento. O modo mais utilizado para pintar as unhas, que pode ser observado também nas imagens abaixo, é o “francesinha”, que cobre a unhas com um suave tom esbranquiçado, com as pontas realçadas pela cor branca puríssima. O comprimento das unhas e o modo de embelezá-las, seja em cores clássicas, vibrantes ou delicadas, constituíram-se numa prática socialmente naturalizada como mais uma estratégia utilizada pelas mulheres na composição da sua beleza.

Goellner (2006, p. 02) aponta que as mulheres muitas vezes são estimuladas a participar do “espetáculo esportivo, desde que não deixem de lado a beleza e a graciosidade, atributos colados a uma suposta ‘essência feminina’”. No caso do fisiculturismo feminino, esses atributos assumem uma dimensão ainda não vista em outras modalidades esportivas, e acentuá-los constituiu-se parte da produção dos corpos para fazerem o espetáculo.

Esses meticulosos detalhes na produção do corpo para ser exibido constituem-se em mais um elemento adicionado àquilo que venho chamando de hiperfeminilidade normalizada, que opera na insistência e sobreposição de cuidados na produção da aparência dos corpos, afirmando e reafirmando a feminilidade padronizada. Esse investimento acaba quase que deixando em segundo plano a centralidade que o músculo definido e tonificado historicamente assumiu no fisiculturismo, embaralhando, desviando e direcionando o olhar

também para as marcas socialmente naturalizadas como femininas. As análises que produzi apontam que está em processo de constituição um novo centro, cujo foco mistura a potencialização muscular e a hiperfeminilidade normalizada, produzida em meio a músculos, maquiagem, cabelos arrumados, corpos cuidadosamente tonalizados e unhas pintadas. Assim, é possível dizer que, quanto mais os corpos femininos potencializados saem do centro e da referência, movimentando-se para as margens, mais intensos e amplos são os investimentos no sentido de remetê-los novamente ao centro.

Além de todos os investimentos mencionados, outros elementos, como joias ou bijuterias e a pedraria dos trajes, estão cada vez mais acentuados em tamanho e número na produção das atletas, como se pode ver abaixo.



Imagem 58 - Cathy LeFrancais e Betty Adkins em momento de confronto no Ms. Olympia 2008.
Disponível em: www.hardfitness.com/olympia2008.html, capturado em 13/10/2008.

Nesta imagem, chamo a atenção para a escolha de adereços para os cabelos, orelhas, punhos e dedos das atletas. Muitas delas, além desses enfeites, ainda utilizam cordões, gargantilhas, *piercing*, braceletes e tornozeleiras. Esse conjunto de adereços está ganhando

cada vez mais atenção na minuciosa escolha da composição da aparência das atletas, destacando-se nos seus corpos. Enquanto algumas escolhem poucas peças, outras utilizam muitas delas. Essas distinções acontecem em grande medida em vista das regras da IFBB, que proíbem o uso de muitos desses adereços. Todavia, parece que essa normativa está se mostrando mais elástica, uma vez que as atletas têm usado cada vez mais esses adornos.

Se o músculo pode produzir dúvidas acerca do sexo, pois são os sinais exteriores que identificam os sujeitos, nada mais produtivo do que insistir e acentuar os outros componentes da aparência, uma vez que “o gênero adquire vida através das roupas que cobrem o corpo, dos gestos, dos olhares, de uma estilística corporal e estética definida como apropriada” (Berenice Bento, 2003, p. 03). Acompanhemos o depoimento de algumas atletas acerca dessa produção e observemos, na próxima página, algumas imagens¹⁶⁸ de suas escolhas estéticas:

Já iniciamos a escolha das músicas; definimos cor, modelagem e tecidos para os biquínis; e já me pergunto também o que fazer com o cabelo. Estranho? Mas é a pura verdade! É necessário mostrar que, apesar de ter optado por ser uma mulher com músculos, não deixo de ser feminina e não perco a sensualidade.

Fonte: Cláudia Peçanha. Disponível em: www.bodybuildingbrazil.com, capturado em 25/10/2008.

As roupas e os produtos estéticos exigidos pelos concursos representam mais gastos. As vestimentas, todas bordadas e trabalhadas, são caras e fazem diferença na exibição. A tinta que usamos no corpo, exigida nos eventos para realçar e destacar os músculos, também pesa [no orçamento].

Fonte: Gal Ferreira. Disponível em: www.bodybuildingbrazil.com, capturado em 25/10/2008.

Nem hipertrofia excessiva, nem movimentos acrobáticos de extrema dificuldade; apenas uma FIGURA de mulher com sua beleza valorizada por todos os acessórios femininos de sua preferência, como saltos bem altos, muitos brilhos e muitas cores, cabelos longos, biquínis no modelo fio dental valorizando a musculatura dos glúteos; desfilando no palco sua consciência de mulher segura e confiante.

Fonte: Roberta Gomes. Disponível em: <http://www.orkut.com.br>, capturado em 12/12/2008.

¹⁶⁸ Na primeira linha, as atletas de culturismo; à esquerda, Larissa Cunha, disponível em: <http://tour.ftvideo.com>. No centro, Cláudia Peçanha, disponível em www.orkut.com.br. À esquerda, Ângela Debatin, disponível em www.harditness.com. Na segunda linha, à esquerda, Patrícia Mello, disponível em www.harditness.com. Ao centro, Jane de Oliveira e Andrea Carvalho. Na última linha, à esquerda, a atleta Roberta Gomes. Estas três disponíveis em: www.nabba.com.br. Ao centro, *close* do salto de Juliana Malacarne, que também ilustra a imagem da esquerda, disponível em: www.hardfitness.com. Imagens capturadas entre os dias 20/10/2008 e 25/01/2009.



Imagens 59 – A requinte dos trajes utilizados pelas atletas para a exibição pública.

Nos fragmentos e imagens acima reproduzidos, busquei destacar as escolhas que as atletas fazem e aquilo que move as suas decisões. A análise dessas fontes assinala a produção de discursos que reafirmam a necessidade de eleger peças, cores e formas que destaquem as feminilidades. Essas escolhas constituem-se em modos de assegurar que, mesmo com a potencialização muscular, os atributos que correspondem a uma dada feminilidade não escapam às atletas, tampouco podem ser perdidos. Como se pode observar, a feminilidade e a sensualidade são representadas e discursivamente construídas como algo constitutivo e próprio da mulher. Assim, mais uma vez desponta a representação que naturaliza as características e o modo de ser e parecer mulher. Nesse sentido, percebo que as mulheres fazem cuidadosas escolhas e muitas vezes confeccionam os próprios trajes utilizados na exibição, envolvendo a eleição do biquíni e/ou o maiô, decidem acerca do uso ou não de luvas e outros artefatos para a apresentação, assim como selecionam os calçados de saltos altos – utilizados pelas atletas de *figure*, *fitness* e *wellness* na apresentação coletiva e nos confrontos.

A CBCM, ligada à IFBB e à Nabba/Brasil, que possui elos com a Nabba/Internacional, reproduz normativas produzidas pelas instituições internacionais, as quais orientam o modo de montar o corpo para ser exibido. Todavia, não há linearidade entre os discursos dessas instituições, o que possibilita que os eventos assumam as características dos lugares e níveis em que são produzidos. Analisando as regras¹⁶⁹ que orientam a realização das competições e, sobretudo, as imagens capturadas nesses eventos, percebi que há um movimento no sentido de minimizar e fazer desaparecer essas distinções. A IFBB determina que, nas competições que funcionam sob as suas normas, as mulheres devem vestir biquíni de cor sóbria, sem bordados e brilhos, e que ele cubra 2/3 dos glúteos.

Apesar da existência dessas regras, percebo que elas tem se tornado cada vez mais flexíveis, especialmente no que diz respeito ao uso de adereços culturalmente definidos como pertencentes à feminilidade normalizada. Os maiôs e os biquínis estão cada vez mais bordados, em cores contrastantes e, principalmente, com motivos florais ou geométricos, sugerindo delicados desenhos. Muitas atletas escolhem cores fortes, como o preto – muito usado –, o vermelho e o azul, de modo que os bordados produzidos na cor prateada se destaquem no tecido. Tanto alguns biquínis quanto maiôs possuem um delicado tramado nas costas, geralmente composto por dois fios prateados que se entrecruzam, formando o desenho de um X. Ainda percebi que, nos eventos vinculados à Nabba, as atletas utilizam somente

¹⁶⁹ Disponíveis em www.cbcm.com.br, www.nabba.com.br, <http://contests.ironmanmagazine.com>, entre outros.

biquínis do tipo fio dental, que deixam os músculos dos glúteos totalmente à mostra. Por fim, muitas atletas dessa federação também utilizam pequenas luvinhas que combinam com a cor e os bordados dos biquínis e cobrem o dorso das mãos.

Os calçados para a apresentação coletiva têm saltos altos – com exceção da modalidade *physique*, ou culturismo –, geralmente com plataforma para aumentar a altura. Muitos saltos são incolores, de acrílico e silicone; alguns são prateados, dourados, vermelhos, etc., desde que combinem ou contrastem com a cor do biquíni. Algumas mulheres têm escolhido modelos de prender na perna, algumas deixam as amarrações restritas ao tornozelo, e outras fazem as tiras subirem até as panturrilhas.

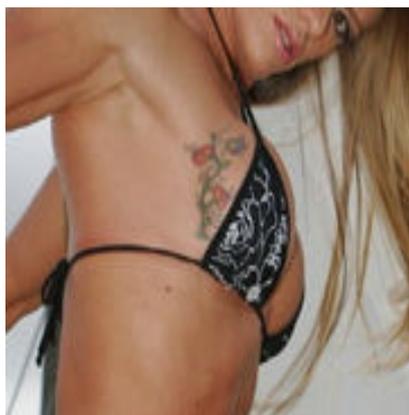
Louro (2001, p. 15) salienta que “investimos muito sobre os nossos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos”. Nesse sentido, percebi que muitas atletas têm colocado próteses de silicone, e isso ocorre em todas as modalidades do fisiculturismo. Os efeitos dos intensos treinamentos, das dietas extremamente restritas e do uso de substâncias químicas para potencializar os músculos reduzem a gordura que dá a forma às mamas, levando as mulheres a aderirem aos seios artificiais. Também não é possível desconsiderar que os seios femininos volumosos foram e são discursivamente posicionados em sociedade como um dos atributos centrais da representação da beleza e da sensualidade femininas. As atletas acabam sendo interpeladas por esses discursos e recorrem às cirurgias estéticas para recuperar uma das características corporais centrais para a mulher, que faz ruir certas suspeições acerca do seu corpo, marcando nele os códigos convencionais da feminilidade normalizada. Silvana Goellner (2003a, p. 107) explica que

O temor que a mulher rompa algumas barreiras que delimitam as diferenças culturalmente construídas para cada sexo torna imperiosa a sua feminização, caso contrário, diz o discurso dominante, ela estará se masculinizando. Feminizar a mulher é, sobretudo, feminizar a sua aparência e o uso do seu corpo.

Acompanhando parte da trajetória de algumas atletas, observei também que muitas delas mudam a cor dos cabelos, de modo a deixá-los cada vez mais claros, até se tornarem loiras. Contrastando a tonalidade da pele com a dos cabelos, cria-se a impressão de que o volume muscular é suavizado com o tom claro do cabelo.

Além disso, algumas atletas tatuam os seus corpos em lugares em que não há grandes grupos musculares e em pequenos espaços que ficam escondidos sob o biquíni ou maiô. Pode ser na lateral dos seios, pescoço, lateral dos tornozelos, lateral do quadril, região lombar,

entre outros. Esses espaços são escolhidos por não oferecerem riscos às avaliações da sua arquitetura corporal, uma vez que, segundo as normas da IFBB, a tatuagem é tomada como um defeito corporal. As atletas marcam os seus corpos com figuras tribais, flores, borboletas e pequenas inscrições. No entanto, para as competições, elas buscam cobrir o máximo possível esses desenhos, para que não ameacem a avaliação de seus contornos musculares. Abaixo, algumas imagens¹⁷⁰ das tatuagens:



Imagens 60 - Tatuagens que marcam os corpos de algumas atletas.

Tanto nos eventos produzidos pela IFBB quanto naqueles ligados à Nabba, as perspectivas que incentivavam a potencialização muscular feminina levada ao máximo de suas potencialidades estão abrando essas possibilidades infinitas. Cada vez mais, a produção da feminilidade toma espaço nas competições, e vencem as disputas aquelas mulheres que possuem músculos definidos de acordo com a modalidade e que não deixam dúvidas acerca das marcas que as identificam como mulheres e feminis.

Para produzirem a potencialização muscular e a aparência que o fisiculturismo exige, as atletas fazem um conjunto de investimentos nos cuidados com a aparência. Para terem condições de dedicar tempo a esses aspectos, algumas delas contam com patrocínios não só de fabricantes de suplementos alimentares, como também de clínicas de estética e cabeleireiros. Para obter esses patrocínios, importa, sobretudo, manter o corpo forte, porém de modo comedido e evitando o excesso muscular. Há uma espécie de linearidade entre o volume muscular e a manutenção ou produção da feminilidade. Isso significa dizer que, quanto maiores os músculos, mais dúvidas emergem acerca desses corpos e que, quanto

¹⁷⁰ Andréa Carvalho, disponível em: www.andreacarvalho.com.br/fotos.asp capturado em 12/03/2008. Larissa Reis, disponível em: www.larissareis.com.br, capturado em 20/10/1006.

menores são os músculos, menos se questiona a construção desses corpos. Vejamos o que enuncia uma atleta acerca desse tema:

A feminilidade tem importância fundamental nesses julgamentos. Uma pessoa de um grande grupo ligado ao esporte me falou que eles não querem mais vincular o produto a mulheres muito fortes, porque as mulheres que consomem os produtos deles não querem ficar tão fortes. Elas querem um corpo bem trabalhado, musculosinho, mais definido, saradinho. Elas falam fulana de tal é muito grande, e eu não quero ficar igual, então, não vou tomar aquele negócio ou comer aquilo. Então, eles acham que é uma propaganda negativa.

Fonte: Silvia Finocchi – atleta *figure* - Entrevista realizada com a pesquisadora em 07 de abril de 2008.

Examinando *sites*¹⁷¹ de empresas que patrocinam atletas, observei que não há apoio para aquelas que disputam a modalidade culturismo/*physique*; os investimentos estão concentrados principalmente nas atletas de *wellness* ou de *figure*. A primeira constitui a mais nova categoria criada pela CBCM, enquanto a segunda é enunciada como a modalidade mais feminina do fisiculturismo.

As fontes ainda indicam que há uma taxionomia produzida pelas próprias atletas, envolvendo a dualidade feminilidade/masculinidade acerca dos corpos das competidoras, relacionada ao volume muscular, porém não somente a ele, mas também aos adereços e ao entorno que constitui a produção do corpo montado para ser exibido. Nessa taxionomia, as atletas de *figure* posicionam-se e, em parte, são posicionadas pelas atletas das outras modalidades como mais femininas, visto que não possuem corpos potencializados tais quais os das atletas da modalidade *physique*; sobretudo, investem na acentuação de adereços que enunciam a feminilidade normalizada, como seguem alguns depoimentos:

Nós valorizamos muito a parte feminina, e a *figure* é muito feminina. Ela tem que estar uma boneca no palco, uma Susi musculosinha. Nós priorizamos muito a maquiagem, o cabelo, a tonalidade da pele, cuidar da pele para que não fique áspera, não tenha espinhas. A gente está sempre se cuidando, e isso faz parte do treinamento, faz parte da preparação, também, ter a unha comprida e bem pintada.

Fonte: Silvia Finocchi – atleta *figure* - Entrevista realizada com a pesquisadora em 07 de abril de 2008.

A tendência no julgamento das categorias Figure daqui para a frente é de valorizar linhas mais femininas do que musculosas. Essa preferência foi mencionada no NABBA World 2005, em Natal, e mais uma vez neste *Universe*, e isso explica por que o Brasil tem tido tanto sucesso.

Fonte: Loana Muttoni vê o Universe 2005, publicado no JMF, p. 12, n. 61, 2006.

¹⁷¹ A NeoNutri Suplementos Alimentares patrocina sete mulheres atletas; destas, quatro disputam na modalidade *wellness*, uma na *fitness* e duas na *figure*. Disponível em: www.neo-nutri.com.br, capturado em 22/12/2008.

As atletas do *figure* afirmam e reafirmam em discursos, textos e imagens a centralidade que ocupam no esporte, uma vez que enunciam que o músculo e a feminilidade podem constituir de modo harmonizado um corpo de mulher, sem produzir suspeitas acerca dos seus corpos, tendo em vista o comedido volume muscular e a acentuada feminilidade. Por isso investem nos cuidados com a aparência e nos usos dos seus corpos, educando a sua postura, a tonalidade da sua voz, as expressões faciais, os modos de vestir, os seus gestos e comportamentos (GOELLNER, 2003a).

Dessa perspectiva, a gestualidade também possui um lugar privilegiado nas exibições das atletas. Neste momento, não me refiro aos gestos obrigatórios, mas sim àqueles que são pensados como movimentos de transição entre uma pose obrigatória e outra, os quais são marcados pela delicadeza, suavidade e sensualidade na condução e exibição das arquiteturas corporais, mostrando-se mais fortemente nas coreografias individuais. São movimentos ondulatórios com os ombros e quadris, a finalização de movimentos com a ponta dos pés, delicados gestos com as mãos, modos de olhar para os espectadores, movimentar a cabeça, posicionar pernas, mãos e pés – todo um conjunto de pequenos detalhes que convergem à representação da feminilidade normalizada, porém, pela sua peculiaridade, muitas vezes escapam a uma descrição. Alguns podem ser visualizados nas imagens que apresento na próxima página.





Imagens 61 – As gestualidades utilizadas pelas atletas na exibição.

Os detalhes na composição dos gestos também são pensados como mais um elemento a compor o feixe de enunciados produzidos, que também produzem certo modo de parecer mulher. Essas prescrições e investimentos que educam os corpos a representar uma dada feminilidade apontam, sobretudo, que as feminilidades são construídas e marcadas pela multiplicidade, o que me faz lembrar que “não existem corpos livres de investimentos e expectativas sociais” (BENTO, 2003, p. 1).

Os discursos produzidos no interior do fisiculturismo ainda apontam à produção de corpos desviantes, representados por aqueles que não buscam incorporar em suas arquiteturas e aparências corporais as referências da feminilidade padronizada e referente. A análise das fontes indica em fragmentos colhidos em distintos artefatos que, enquanto algumas atletas se sentem interpeladas para potencializar ao máximo uma dada feminilização nos seus corpos, para outras, esse investimento importa menos, o que faz delas, segundo aquelas representações, sujeitos fora das normas, conforme aponta a voz de uma das atletas de *figure*:

A *figure* e a *fitness* têm muito cuidado. A fisiculturista não tem muito isso, elas nem põem silicone. (...) Por isso é que a *figure* está aparecendo mais e começando a ficar mais conhecida, porque está começando a puxar o interesse do público. O público está começando a achar bonito. Não é como aquelas fisiculturistas que entravam descalças no palco. Nós não, temos que entrar de salto, toda cheia de brilho, fica mais feminino, mais bonito. Nós fazemos a coreografia sem salto, mas, para posar com o salto, a gente acaba aprendendo, treinamos bastante e acostumamos.

Fonte: Silvia Finocchi – atleta *figure* - Entrevista realizada com a pesquisadora em 07 de abril de 2008.

Tomando a perspectiva do feminismo pós-estruturalista para pensar as feminilidades, Figueira (2008, p. 219) aponta que

(...) as feminilidades que são designadas como anormais são exemplares para definir e estabelecer uma feminilidade normalizada, padronizada ou hegemônica. Ao se falar daquilo que foge da norma, se está a reiterar a norma de forma a parecer ser perfeitamente natural. Esse processo se dá através de práticas e discursos que conformam uma dada representação de feminilidade como a mais aceita e, por ser reconhecida como tal, torna-se a mais desejada.

Ao potencializarem ao máximo os seus músculos, algumas mulheres infringem as normas e, nessa lógica, produzem-se como sujeitos desviantes, cujos corpos volumosos perturbam e ameaçam as representações de feminilidade que estão no centro da cultura e também do próprio fisiculturismo. Quando outras feminilidades passam a ser admitidas e posicionadas como sujeitos, mais do que colocar em suspeição a representação primeira, produz-se uma mobilização que desacomoda todo um sistema de valores, e “o que passa a ser questionado é toda uma noção de cultura, ciência, arte, ética, estética, educação, que, associada a esta identidade, vem usufruindo, ao longo dos tempos, de um modo praticamente inabalável, a posição privilegiada em torno da qual tudo gravita” (LOURO, 2003, p. 42).

Na esteira dessas ideias, percebo que as atletas, tanto do *physique* quanto do *figure* e do *fitness*, desafiam e desassossegam certas representações de feminilidade e a todo momento são posicionadas como alvo de discursos e práticas que investem em diferentes estratégias para capturá-las e, de algum modo, interpelá-las para que marquem no seu corpo a feminilidade normalizada. Contudo, como argumentei anteriormente, elas reagem de modos diversos – algumas aderem totalmente a esses discursos, práticas e representações, outras, em parte, e algumas os ignoram.

Estas últimas palavras indicam que os discursos que enunciam a normalização dos corpos das mulheres são recrutados para abrandar a ameaça da anormalização desses mesmos corpos quando muscularmente potencializados; como efeito, espera-se evitar o perigo de uma suposta masculinização e das dúvidas sobre suas identidades. Tal perigo toma forma e amedronta quando assumimos representações de feminilidade uníssona e produzida a partir de uma suposta essência feminina, vinculada ao determinismo biológico inscrito na anatomia dos corpos. Contudo, importa destacar que, apesar de os discursos e práticas colocarem o volume muscular feminino sob constante suspeição, tanto no próprio esporte quanto fora dele, ainda assim, as mulheres ousaram borrar as fronteiras da muscularidade, indicando o

quão elásticas são as construções dos seus limites. Essa reflexão leva-me à ideia exposta por Louro (2003a, p. 4) onde diz

É indispensável admitir, ainda, que o sujeito não é um mero receptor de pedagogias exteriores a ele, mas sim que ele participa, ativamente, deste empreendimento. Os discursos produzidos e veiculados pelos institutos oficiais de saúde, pelas revistas e jornais, pelo cinema, pela Internet ou pela moda certamente têm efeitos sobre seus corpos e mentes, mas seus efeitos não são previsíveis, irresistíveis e implacáveis. Os sujeitos não somente respondem, resistem e reagem, como também intervêm em seus próprios corpos para inscrever-lhes, decididamente, suas próprias marcas e códigos identitários e, por vezes, para escapar ou confundir normas estabelecidas.

Ao analisar a construção das diferentes feminilidades que o fisiculturismo produz, penso que está em curso uma tentativa de atenuar a potencialização muscular feminina, produzindo corpos ajustados aos discursos e representações que assumem o músculo num corpo de mulher, desde que ele seja comedido, e mais, que o seu invólucro chame mais atenção do que ele. Isso significa dizer que a preparação dos cabelos, a maquiagem, os cuidados com as unhas, o tom da pele, os trajes em cores e os bordados destacados, os brincos, os anéis, as pulseiras, os saltos altos e os gestos precisam sobressair-se ao músculo; no mínimo, precisam deixar esses corpos marcados pelo uso excessivo de artifícios que sugerem sua hiperfeminilidade normalizada.

Finalmente, argumento, junto com Bolin (2001, p. 144), que as atletas da potencialização muscular desmontam as justificativas biologicistas que ancoravam as diferenças entre homens e mulheres. Sobretudo, concordo que as arquiteturas corporais das atletas se constituem numa “declaração de rebelião contra essa visão e contribuem para alargar a redefinição de masculinidade e feminilidade corrente em sociedade”¹⁷².

¹⁷² Tradução livre.

2.7 Epílogo

A tessitura desta tese constituiu-se num desafio que não só marcou minha formação profissional, como também e acentuadamente implicou minha própria vida. Percebi, ao longo deste trajeto, que a escrita tem vida própria e, muitas vezes, escapa das nossas possibilidades. Assim, esta investigação leva consigo aquilo que para mim foi possível enunciar neste tempo e deste modo e deixa comigo um outro modo de perceber o mundo, as mulheres, os homens, os esportes, as disputas e a vida. Muito mais do que um texto escrito, esta tese representou uma dupla e mútua constituição, produzida e produtora de tensões e afetos que não cessam neste momento, visto que este pode ser um ponto de partida ou de chegada, escolhido como um lugar para se deixar ficar ou um trajeto a perseguir.

Estudar a potencialização muscular feminina em textos e imagens colhidos em diferentes artefatos culturais produzidos num campo esportivo marcadamente masculino representou para mim um mergulho num contexto assinalado por disputas, interdições e silenciamentos femininos, mas também atravessado pelas resistências e lutas de muitas mulheres que borram fronteiras e transbordam os limites produzidos em função da sua constituição corporal. As mulheres que competem nas diferentes modalidades do fisiculturismo afirmam e reafirmam, no seu próprio corpo, o desmoronamento das distinções, hierarquias e classificações entre mulheres e homens ancoradas nas diferenças biológicas. Ao intervirem nos seus corpos e produzirem diferentes arquiteturas corporais, elas comprovam que, tanto hoje quanto ontem, o corpo não é um destino, tampouco uma linha divisória e um território limitante, mas uma possibilidade e uma escolha em favor de um ponto de apego móvel e momentâneo, passível de distintas transformações.

Ao historicizar algumas relações produzidas entre os corpos femininos e o fisiculturismo, percebi que os corpos se ajustavam e se ajustam às exigências esportivas, assim como o próprio fisiculturismo, nas suas distintas modalidades, se acomoda às arquiteturas corporais femininas. Esses ajustes sugerem que, mesmo no esporte, os corpos não se constituem em materialidades prontas e acabadas, estando em constante aperfeiçoamento e, cada vez mais, recorrendo à ciência e à tecnologia para alargar e potencializar ao máximo as suas possibilidades. Nesse contexto, observei que, quando as mulheres que potencializam seus músculos escolhem essa prática esportiva, muitas vezes, sem se dar conta, acabam fazendo uma escolha por um modo de vida que é marcado por privações, dores, sofrimentos e

distintos riscos que pouco aparecem nos discursos produzidos do interior desse campo esportivo.

Nesta investigação, assumo que o fisiculturismo é um esporte controverso, porém interessou-me, sobretudo, apontar que não é uma modalidade esportiva homogênea – como sinalizam alguns discursos e representações – em que todos os corpos exibem volumes musculares levados ao limite de suas potencialidades. Para colocar em questão essa perspectiva, privilegiei as análises dos discursos e representações que apontam as distintas arquiteturas corporais femininas construídas no fisiculturismo, cujas distinções se apóiam em quatro projetos arquitetônicos que combinam volume, simetria e definição muscular.

Sobre os corpos, incidem discursos e representações produzidos pela instituição esportiva que pressionam e interpelam as atletas para que elas inscrevam e acentuem em si uma feminilidade normalizada, lançando mão de uma toailete requintada que beira ao exagero e sugere uma produção superlativa de uma dada feminilidade. Apesar desses investimentos, essas mulheres afirmam e reafirmam em seus corpos, não um modo de ser feminina, mas distintas possibilidades de ser e viver as feminilidades. Mesmo desejando inscrever nas suas arquiteturas representações naturalizadas do que parece ser próprio das mulheres, elas produzem justamente o dismantelamento dessa suposta essência feminina. Embora não se posicionem como sujeitos de suas ousadias, as atletas da potencialização muscular acenam e marcam nos seus corpos uma multiplicidade de modos e jeitos de se constituírem e parecerem mulheres.

Nos artefatos culturais visitados, a análise de imagens e textos sugeriu que as arquiteturas corporais foram e são exibidas tal qual uma instalação artística. Os corpos, muitas vezes revelados nos mínimos detalhes, parecem desconcertar a matemática das suas formas, constituindo-se no próprio espetáculo. Dessa perspectiva, discursos apontam que esses corpos também escapam do território esportivo – foco deste estudo –, emergindo em espaços em que a potencialização muscular feminina se produz, se exhibe e é exibida de modo erotizado. Nesse contexto, os discursos, práticas e representações enunciam a pluralidade dos corpos e assinalam que corpos produzidos para fins esportivos podem ser recuperados em outros espaços, produzindo novas representações, desejos e fantasias. Em suma, sugerem novos vestígios e rastros que apontam ser esse um tema pulsante e talvez mais um trajeto que se constitui no horizonte do meu caminho.

3. Referências

ADELMAN, Mirian. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. In: **Revista de Estudos Feministas**, vol. 11, nº 2, jul/dez 2003.

_____. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. In: **Movimento**. Revista da Escola de Educação Física. Porto Alegre, maio/2006.

ALMEIDA, Milton J. Prefácio. In: SOARES, C. **Imagens da educação no corpo**. Campinas: Autores Associados, 2002.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 2006.

BARTLETT, Gary. 20% less 100% better: Ms international 2005. In: **MuscleMag International**. USA, aug., 2005.

BENTO, Berenice. Transexuais, corpos e próteses. In: **Labrys: Estudos Feministas**, n. 4, ago/dez 2003. Disponível em: www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/berenice1.htm capturado em 20/12/2005.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BOLIN, Anne. Bodybuilding. IN: CHRISTENSEN, K.; GUTTMANN, A.; PFISTER, G. (Org.). **International encyclopedia of women and sports**. v. 1, New York: Macmillan Reference, 2001.

CORAZZA, Sandra M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. (Orga.) **Caminhos investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CORBIN, Alan. Bastidores. PERROT, M. (Org.) **História da vida privada**, vol 4: da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

COSTA, Marisa Vorraber. Velhos tempos, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. (Orgas). **Caminhos investigativos III: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, M. V. (Orga.). **Caminhos investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a.

_____. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, M. V. (Orga.) **Caminhos investigativos II: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b.

COUTO, Edvaldo S. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007.

COURTINE, Jean-Jaques. Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D. (Orga). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

CRUZ, Isabel; SILVA, Paula; BOTELHO-GOMES, Paula. **Deusas e guerreiras dos Jogos Olímpicos**. Coleção fio de ariana. Lisboa: 2006.

CYRINO, Edilson; MAESTÁ, Nailza; REIS, David; NARDO JUNIOR, Nelson; MORELLI, Mônica; SANTARÉM, José Maria; BURINI, Roberto C. Perfil antropométrico de culturistas brasileiras de elite. In: **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, n. 16, v. 1, jan/jun 2002.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac, 2000.

DEPARTAMENTO MÉDICO. Informações sobre o uso de medicamentos no esporte, **Comitê Olímpico Brasileiro**, 7 ed., Rio de Janeiro, Brasil, 2008. Disponível em: www.cob.org.br/pesquisa_estudo/pdfs/Livreto_doping.pdf Capturado em 05/11/2008.

DE ROSE, Eduardo H; FEDER, Marta; PEDROSO, Paulo; GUIMARÃES, André. Uso referido de medicamentos e suplementos alimentares nos atletas selecionados para o controle de *doping* nos Jogos Sul-Americanos. In: **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 16, n. 5, set/out 2006.

DOBBINS, Bill. **The first Ms. Olympia: Birth of a tradition**. Disponível em: <http://www.bodybuilding.com/fun/billdobbins3.htm> Postado em 14/04/2003. Capturado em: 18/08/2008.

_____. **Women's Bodybuilding: A revolution in progress**. Disponível em: <http://www.bodybuilding.com/fun/billdobbins8.htm> Postado em 08/04/2004. Capturado em 20/05/2005.

_____. **Modern Amazon**. EUA: Taschen, s/d.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

ESTEVÃO, Adriana. A política no corpo: mulheres fisiculturistas, corpos hiperbólicos. São Paulo: PUC, 2005. 280f. **Tese de doutorado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

_____. BAGRICHEVSKY, Marcos. Cultura da “corporlatria” e *Body-Building*: Notas para uma reflexão. In: **Revista Mackenzi de Educação Física e Esporte**. Ano 3, n. 3, 2004.

FERREIRA, Gal. **Entrevista**. Disponível em: <http://www.bodybuildingbrazil.com>, capturado em: 04/04/2008.

FIGUEIRA, Márcia L. M. Skate para meninas: modos de se fazer ver em um esporte em construção. **Tese de doutorado** apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS, 2008.

FISCHER, Rosa Maria. **Televisão e educação: Fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

_____. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. (Orgas). **Caminhos investigativos III: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. A paixão de trabalhar com Foucault. **Caminhos investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Foucault e a análise de discurso em educação. In: **Cadernos de pesquisa**, n. 114, p. 197-223, nov/2001.

FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, D. (Orga). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2004a.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004b.

_____. A escrita de si. In: **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. Verdade, poder e si mesmo. In: **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS H.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. São Paulo: Vozes, 1991.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRAGA, Alex B. Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa. **Tese de Doutorado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

_____. Anatomias emergentes e o Bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, C. (Orga). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. Anatomias de consumo: investimentos na musculatura masculina. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 25, n. 2, jul/dez 2000.

GALBRAITH, Christiano. *The Iron News*. **Jornal de Musculação e Fitness**, n. 58, p. 18, 2005.

_____. Colaborador do **Jornal de Musculação e Fitness**, n. 63, p.40, 2006.

_____. Debate antidoping, **Jornal de Musculação e Fitness**, n. 71, p. 18, 2008.

GARCIA, Anna Maria. Músculos e definição sem drogas, com força e saúde. **Jornal de Musculação e Fitness**, n. 58, p. 71, 2005.

_____. **Jornal de Musculação e Fitness**, n. 59, p. 11, 2005.

_____. Músculos e definição sem drogas, com força e saúde. **Jornal de Musculação e Fitness**, n. 60, p. 20, 2005.

_____. Músculos e definição sem drogas, com força e saúde. **Jornal de Musculação e Fitness**, n. 61, p. 73/74, 2006.

_____. As grandes competições. **Jornal de Musculação e Fitness**, n. 64, p. 80, 2006.

GIANOLA, Fábio. **Arbitragem**. Disponível em: www.jmfbrasil.com.br/, capturado em 20/05/2008.

GOELLNER, Silvana V. Deporte y cultura fitness: la generización de los cuerpos contemporâneos. In: **Revista Digital Universitária**. Jul, vol. 9, n. 7, 2008.

_____. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. In: GOELLNER, Silvana V.; JAEGER, A.A. **Garimpendo memórias**: esporte, educação física, lazer e dança. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007a.

_____. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. In: **Movimento** – Revista da Escola de Educação Física, Porto Alegre, v. 13, n. 2, maio agosto, 2007b.

_____. Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness. In: **Revista de Estudos Feministas**, dezembro de 2006.

_____. Gênero. In: **Dicionário crítico de Educação Física**. GONZÁLES, F.; FENSTERSEIFER, P. (Orgs.). Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2005a.

_____. Jogos Olímpicos e desafios: Carruagens de Fogo. In: MELO, V.; PERES, F. (Orgs.). **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Editora Senac, 2005b.

_____. Mulher e esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, A. C. ; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: Comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. **Bela, Maternal e Feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003a.

_____. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.; NECKEL, J. e GOELLNER, S. (Org^{as}). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003b.

_____. O esporte e a espetacularização dos corpos femininos. In: **Labrys: Estudos feministas**, nº 4, ago/dez, 2003c.

_____. Gênero, Educação Física e Esportes. In: VOTRE, S. (Org.). **Imaginário & representações sociais em educação física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.

_____. FRAGA, Alex. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos na sobras inaugurais de Fernando de Azevedo. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.25, nº 2, Jan, 2004.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.) **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Editora RECORD, 2002.

GUEDES, Dilmar P. **Musculação: estética e saúde feminina**. São Paulo: Editora Phorte, 2005.

GUIMARÃES NETO, Waldemar. **Um pesadelo que vira sonho**. Disponível em: www.animalbombado.com. capturado em 04/11/2008.

_____. **Anabolismo total**. São Paulo: Editora Phorte, 2005.

_____. **Técnicas de execução dos exercícios**. São Paulo: Editora Phorte, 2003a.

_____. **Musculação para mulheres**. São Paulo: Editora Phorte, 2003b.

HALL, Ann. How should we theorize gender in the context of sport. In: SABO, D.; MESSNER, M. (org.) **Sport, men, and the gender order: critical feminist perspectives**. USA: Human Kinetics, 1990.

HALL, Ann. From pre- to postfeminism: a four-decade journey. In: MARKULA, P. (Orga). **Feminist sport studies: sharing experiences of joy and pain**. USA: State University of New York Press, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre F. “Sarados “e “gostasas” entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. In: **Movimento** – Revista da Escola de Educação Física, Porto Alegre, v. 12, n. 01, jan/abr 2006.

HARGREAVES, Jennifer. **Heroines of Sport: the politics of difference and identity**. London and New York: Routledge, 2000.

HASSE, Manuela. O processo de apreensão e de re-criação do mundo. In: **Revista Proposições**. Faculdade de Educação UNICAMP, v.14, nº 2 (41), maio/ago, 2003.

JAEGER, Angelita A. Quando o músculo entra em cena: fragmentos históricos da potencialização muscular feminina. In: GOELLNER, S. V.; JAEGER, A. A. (Orgs.)

Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

JESUS, Valéria de. Entrevista. Disponível em www.bodybuildingbrazil.com, capturado em 28/05/2008.

KECK, Frédéric; RABINOW, Paul. Invenção e representação do corpo genético. In: CORBIN, A., COURTINE, JJ e VIGARELLO, G. **História do corpo 3:** As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis; Vozes, 2008.

KOPROWSKI. Eugênio. **Jornal de Musculação e Fitness**, n. 56, p. 20, 2005.

_____. Considerações sobre a arbitragem. **Jornal de Musculação e Fitness**, n. 62, p. 16, 2006.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo:** Antropologia e sociedade. São Paulo: Papirus, 2003.

LOURO, Guacira L. Feminilidades na pós-modernidade. In: **Labrys, Estudos Feministas**, junh/dez, 2006. Disponível em: www.unb.br/ih/his/gefem/labrys10/riogrande/guacira.htm

_____. **Um corpo estranho:** Ensaio sobre sexualidade e teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a.

_____. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 2004b.

_____. Corpos que escapam. In: **Labrys: Revista de estudos feministas**. no. 4, ago/dez, 2003. Disponível em: www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/guacira1.htm . 2003a.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G.; NECKEL, J. e GOELLNER, S. V. (Orgas). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003b.

_____. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. In: **Coletânea Gênero Plural**. ADELMAN, M; SILVESTRIN, B. (Orgas). Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. (Orga). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Corpos, Escola e identidade. In: **Educação & Realidade**. v.25, nº2, Faculdade de Educação/UFRGS, 2000.

MALACARNE, Juliana. **Entrevista**. Disponível em: www.hardfitness.com, capturado em 22/10/2007.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, M., BUJES, M. (org^{as}). **Caminhos investigativos III:** riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Teorias e políticas de gênero: fragmentos de história e desafios atuais. In: **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, nº1, 2004.

_____. Gênero e educação: teoria e política. LOURO, G.; NECKEL, J. e GOELLNER, S. V. (Orgas). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. As mamas como constituintes da maternidade: uma história do passado? In: **Educação & Realidade**. v.25, nº2, Faculdade de Educação/UFRGS, 2000.

McKAY, Jim; MESSNER, Michael, SABO, Donald. **Masculinities, gender relations, and sport**. USA, California: Sage Publications, 2000.

MIRZOEFF, Nicholas. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.

MUTTONI, Loana. Entrevista. **Jornal de Musculação e Fitness**, n. 60, p. 11, 2005.

_____. **Jornal de Musculação e Fitness**, n. 61, p.35, 2006.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: **Revista de Estudos Feministas**, n. 11, 2000.

NUNES, Cláudio R.F., GOELLNER, Silvana V. O espetáculo do Ringue: o esporte e a potencialização de eficiente corporais. In: COUTO, E.C. e GOELLNER, S. V. **Corpos mutantes**: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

PEÇANHA, Claudia. Disponível em: www.bodybuildingbrazil.com, capturado em 25/10/2008.

PINTO, Celi R. J. **Com a palavra o Senhor Presidente José Sarney ou como entender os meandros da linguagem do poder**. São Paulo: HUCITEC, 1989.

Revista Músculos e Força, p. 38-40, agosto de 1988.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies – an introduction to the visual interpretation of visual materials**. London: Sage Publications, 2001.

SABINO, Cesar. O peso da forma. Cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas. **Tese de doutorado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2004.

_____. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In: **Coletânea Gênero Plural**. ADELMAN, M; SILVESTRIN, B. (Orgas.). Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

SANT'ANNA, Denise. A insustentável visibilidade do corpo. In: **Labrys: Estudos Feministas**, nº 4, ago/dez de 2003.

_____. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. **Descobrir o Corpo: uma história sem fim**. In: **Educação & Realidade**. v.25, nº2, Faculdade de Educação/UFRGS, 2000.

SCHWARZENEGGER, Arnold. **Enciclopédia de fisiculturismo e musculação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCHWENGBER, Maria Simone V. **Dona de si? Educação de corpos grávidos no contexto da pais e filhos**. **Tese de doutorado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SILVA, Méri Rosane S. **Doping: consagração ou profanação**. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 27, n.1, set. 2005.

SILVA, Paula. **A construção/estruturação do gênero na aula de Educação Física no ensino secundário**. **Tese de doutorado** apresentada as provas de doutoramento em Ciências do Desporto da Universidade do Porto, Portugal. 2005.

SILVA, Paula; GOMES, Paula B.; GRAÇA, Amândio; QUEIRÓS, Paula. **Acerca do debate metodológico na investigação feminista**. In: **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, vol. 5, nº 3, set/dez 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. **Teoria cultural e educação: Um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Carmen L. **Pedagogias do corpo: higiene, ginásticas, esporte**. In: RAGO, M. e VEIGA-NETO, A. (Orgs). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. **Práticas corporais: invenção de pedagogias?** In: SILVA, A. M. e DAMIANI, I. (Orgas). **Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo na Educação Física**. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005.

_____. **Apresentação**. In: **Revista Pro-posições**. Faculdade de Educação UNICAMP, v.14, nº 2 (41), maio/ago, 2003.

_____. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa do século XIX**. Campinas, sp: Autores Associados, 2002.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VAZ, Alexandre. Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 27, n.1, set. 2005.

_____; HANSEN, R. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 6, n°1, set/2002.

_____. Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. In: **Caderno Cedex**, ano XIX, n° 48, ago/1999.

VEIGA-NETO. Alfredo. Olhares... In: Caminhos investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação. Marisa Vorraber Costa (org.) Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VIGARELLO, Georges. O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, A.; COURTINE, JJ.; VIGARELLO, G. (Orgs). **História do corpo 3**: As mutações do olhar. O século XX.. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WEIR, Matt. **A look at the Ms Olympia History and 2006 Ms Olympia preview**. Disponível em: <http://www.bodybuilding.com/fun/weik24.htm> Capturado em 15/08/2008.

Outras referências:

<http://www.maxalding.co.uk>

<http://www.iol.ie/~webfoto/maple7j.htm>

www.hardfitness.com

<http://www.bodybuilders.com/cory.htm>

www.ifbb.com/halloffame

<http://www.fitnessmodelworld.com>

www.bodybuilding.com/fun/weik24.htm

<http://www.bodybuilders.com/murray.htm>

www.worldfitnessfederation.de/nabba/frame1/na_int3.html

www.nabba.com.br

www.cbcm.com.br

<http://www.msfitness.com>

www.fibofoto.de

www.bodybuildingbrazil.com

www.jmfbrasil.com.br

www.ifbbrio.com.br

www.neo-nutri.com.br,

www.diariodoculturismo.com.br

www.superesportes.com.br

www.orkut.com.br

www.fisiculturismo.com.br

www.corpoperfeito.com.br

www.animalbombado.com

www.flickr.com/photos/monticelli/2905606170/

www.fsclub.com/strength/steel-e.shtml

www.femalemuscleshow.uaivip.com.br
<http://www.maxalding.co.uk>
<http://www.iol.ie/~webfoto/maple7j.htm>
<http://contests.ironmanmagazine.com>.
www.andreacarvalho.com.br/;
www.normafitness.com.br/;
www.monicamartin.net/;
www.julianamalacarne.com.br;
www.loanamuttoni.com.br/;
www.valeriaaprobato.com/;
www.rosanamueller.com/;
www.patriciamello.com;
www.larissacunha.com.br;
www.angeladebatin.com/;
www.larissareis.com.br/index.php;
www.larissa-reis.com/.